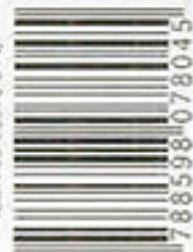


BUBBLE GUM LOLITA PILLE



ISBN 85-29078-04-2



9 788598 078045



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*



Sinopse

Dois personagens se encontram e se confrontam em *Bubble Gum*. Manon, uma jovem provinciana, bonita e entediada, que sai do sul da França para tentar a vida como modelo em Paris, começando como garçone; e Derek Delano, herdeiro de uma multinacional do petróleo, aristocrata *blasé* cujo maior prazer é comprar e manipular as pessoas em jogos cruéis. Atraído por Manon, Derek é seduzido pela ideia de corrompê-la, de estragar seu destino. Afinal de contas, numa vida esvaziada de sentido, a destruição de um ser inocente é um projeto de vida que faz tanto sentido quanto qualquer outro. Graças a ele Manon realiza o sonho de brilhar como modelo e atriz, mas ao preço da dependência de antidepressivos, cocaína e outros vícios. Mas logo se dá conta da armadilha em que caiu e planeja uma vingança.

O segundo romance de Lolita Pille, polêmica autora de *Hell*, combina assim dois temas clássicos da literatura: o da inocência ultrajada e o do pacto faustiano com o mal. Manon, 21 anos, entrega sua alma - e também seu corpinho, naturalmente - a Derek, em troca do brilho enganoso dos refletores. Mas, como em seu romance de estréia, Lolita Pille constrói uma mais complexa do que parece, avessa a clichês e permeada por uma crítica sutil aos valores da sociedade contemporânea. A relação com o pai e a negação das origens - tudo o que Manon que é se desligar do passado - permeiam os conflitos vividos pela protagonista. Quando a existência tem a profundidade de um pires, até as angústias são pré-

fabricadas. Não é à toa que volta e meia Derek esbarra num contrarregra, como se sua vida fosse um filme.

Manon é uma espécie de Emma Bovary do século XXI: se a personagem de Flaubert foi uma vítima dos romances açucarados, a de Lolita Pille sofre na pele as consequências de uma formação feita à base de televisão e revistas sobre celebridades. Não se pode sequer dizer que Manon está iludida, pois, num mundo feito de aparências, as fronteiras entre a realidade e a ilusão se diluem: as pessoas só valem pelo que parecem, e ela se sabe bonita demais para não tirar partido disso. Se os valores supremos são a fama e o consumo, em nome de que ela deveria preferir continuar trabalhando como garçonete num vilarejo a frequentar festas fechadas, ao lado de Nicole Kidman, Britney Spears e Quentin Tarantino? Em nome de que preferir o metrô superlotado de Paris às viagens de jatinho a Nova York, Monte Carlo e St. Tropez?

As fotos de seu rosto nas capas da revista são o atestado de que Manon existe e é vencedora. A imagem é tudo, e a verdade está no brilho da noite da cidade grande. Pelo menos até que Derek decida terminar com a brincadeira. O tombo se confunde com a paranoia, a alucinação, o alcoolismo. A decadência, tão rápida quanto a ascensão, só é compensada pelo desejo de vingança, que fará Derek se tornar a vítima de sua própria maquinação e também da dissipação dos limites entre o real e o virtual. *Bubble Gum* é um romance sobre a manipulação e Lolita Pille não poupa seu leitor. Imediatamente o livro entrou nas listas dos mais vendidos da França.

Luciano Trigo

Lolita Pille nasceu em 1982, em Sèvres. Dois meses depois de entrar na universidade, abandonou o curso de Direito para se dedicar exclusivamente à literatura. Em 2002 lançou seu romance de estréia, Hell, na França e que foi lançado no Brasil pela Intrínseca.

A Jonathan Alhandery

1 Terminus

MANON - Era só fome o que eu sentia, fome. Uma fome horrível, que poderia chamar de carência, necessidade, impotência, frustração, vazio, a qual me obcecava, roendo-me, e que logo iria me engolir.

Era ela que arruinava meus dias, que corrompia minhas noites, mantendo-me acordada por longas e malditas horas, longas horas de tortura, nas quais eu poderia encontrar algum alento, mas que descoloriam o amanhecer e o céu, que contaminavam as músicas mais alegres, transformando as melodias para dançar em marchas fúnebres, filmes cômicos em tragédias gregas, natureza em deserto e meus sonhos em pó.

Era como uma febre, uma *bad trip*, uma crise de abstinência, essa fome impossível de ser saciada que me possuía. Eu detestava minha vida.

Eu detestava Terminus, lugar que conheci a vida inteira e onde a minha certidão de nascimento, com a declaração de meu pai, no grande e desativado cartório da prefeitura, esperava simplesmente que fosse escrita em seguida a palavra "falecida", sem ter sido necessário mudar meu nome de solteira, nem endereço, apenas a data, com desleixo, antes de encerrar. Terminus, este retalho de asfalto abandonado pelos homens, com seu chafariz e seus bancos na praça, sua cabine com telefone de fichas, seus plátanos centenários como seus moradores, essa luz caolha do poste de rua em frente à janela do meu quarto, seu bistrô, seu bistrô que me viu crescer, e que me verá envelhecer vestida do mesmo jeito, com a mesma postura, com o mesmo pano de prato na mão que serve para limpar as mesas desde que completei doze anos, que viu morrer

minha mãe, e a mim tomar seu lugar no bar, para servir os mesmos cafés infectos, os mesmos *pastis* com água da bica para os babacas do vilarejo, até que eu vá me encontrar com ela, no paraíso das garçonetes.

Eu detesto a luz ofuscante do dia lá fora, o sol impiedoso que reverbera na terra batida, o calor sufocante, o canto imbecil das cigarras que não me deixa dormir, e que me lembra o tempo todo, quando consigo me desligar, que estou em Terminus e que aqui permaneço. Eu detesto a penumbra e o frescor da minha casa velha, o térreo para os clientes e o andar que divido com meu pai na sobreloja, o chão de lajotas, as venezianas sempre fechadas, as flores artificiais, o relógio quebrado, a banheira com pés, e meus desenhos de criança no banheiro, asquerosos de tão inocentes, presos com fita adesiva em cima do espelho, já muito desbotados pelo vapor e o tempo, que meu pai se recusa a tirar.

Eu detesto meu quarto, e a viga no teto, e as rachaduras na viga, as quais poderia desenhar de olhos fechados, o armário de madeira envernizada, que encerra minhas roupas, portanto quase vazio, a tábua sobre cavaletes que serve de escrivaninha para mim, as cortinas floridas rasgadas, o rádio-gravador que funciona uma vez em duas, os pôsteres de estrelas de cinema que nem sonham que eu existo, minha cama estreita, e o abafamento, sobretudo o abafamento: esse pé-direito baixo, esse espaço entulhado, essa janelinha ridícula, essa janelinha, quase uma fresta, que é sozinha minha única abertura para o mundo, e tudo que vejo do mundo é a praça de Terminus e a velha defronte que agoniza lentamente diante da sua tevê até o amanhecer, é o meu sol particular, meu reflexo caolho.

Eu detesto esses velhos que moram em frente à minha casa, esses velhos que se entregam à morte, sentados no banco, suas feições alinhadas, como numa galeria de retratos ruins pintados pelo mesmo fracassado, seus traços

corroídos de preocupações, amargura e pobreza, e que só abrem a boca a tarde inteira para ficar perguntando uns aos outros o que foi que comeram na véspera, e o que vão comer amanhã, ou maldizer tudo que não conseguem entender, tudo o que não viram, não tiveram, deste vasto mundo, do qual desconfiam como da peste, de tudo que se manda dali, e eu também quero me mandar, e eles me detestam por isso, detestam minha silhueta, meu rosto, porque as filhas deles são pesadas e feias, tudo o que não sou, porque as filhas deles estão lá, em Terminus, e nunca sairão de lá, e eles se arrogam o direito de criticar-me, julgar-me, esmagar-me, com o pretexto de que me viram crescer e de que, nesse espaço de tempo, aparentemente, eu teria "mudado", e eles zombam disso por entre os dentes que lhes sobraram, sempre forçando a primeira sílaba, como se eu tivesse cometido um crime, e é verdade que é um crime mudar, aqui em Terminus.

Eu detesto a estrada que atravessa o vilarejo, com seus carros que se mandam em disparada para outros horizontes, e me deixam plantada lá, inerte e despenteada, em meio a uma nuvem de poeira em cima da porra da minha sarjeta, onde seguro uma revista gelada na qual o mundo inteiro toma banho de sol em Saint-Tropez, enquanto eu, eu fico limpando mesa o dia inteiro com a tevê do bar, única televisão da casa, cinza e bamba em cima de seu móvel de rodinha, emoldurada pelo papel de parede florido que está descolando nos cantos, porque ela me mostra mais ainda todo dia um mundo imenso, e que este mundo imenso eu nunca vou conhecer.

Eu detesto esses apresentadores pontificantes e bem-vestidos, que ganham uma grana preta em retribuição pelo talento deles em decodificar o teleprompter, falar com microfone e puxar o saco, e essas brincadeiras babacas em que gente igual a mim banca a idiota todo dia errando a resposta de perguntas tão difíceis do tipo "Qual destes

homens era um compositor surdo: a) Mike Tyson, b) Ludwig van Beethoven, c) Vincent van Gogh, d) Rain Man?", com aquele pseudo-suspense, música de filme de terror, silêncio na sala, as sobrancelhas franzidas do apresentador e o telefonema apavorado para a mãe velhinha que a gente tira da sesta para ela confirmar que era Mike Tyson, foi ele quem cortou a orelha durante um filme com Tom Cruise, e que apesar da surdez que resultou mesmo assim compôs a *Sonata ao luar*, além daquela ópera genial sobre girassóis, mas não, resposta errada, decreta o pastel do apresentador, o único aqui que ganha milhões, resposta errada, agora está na hora de você se mandar, volta para o seu guichê na rodoviária, para o seu guichê no pedágio, para a sua barraca, para o seu caminhão, para o seu bordel, e o perdedor fica arrasado de ter quase conseguido uma viagem para o Peru, e não fica com um tantinho sequer de vergonha pela sua ignorância crassa, ele sai do palco titubeante, meio maluco, diante da França aflita, e vai procurar a barraca dele e a mãe inculta, a qual será insultada por ele até que morra porque foi tudo culpa dela, ele teria dito Beethoven, sabia que era isso, tinha certeza, e vai passar a vida inteira ruminando seus quinze minutos de glória, batendo na mesma tecla até o bando não aguentar mais, afundando no alcoolismo para esquecer que não soube aproveitar sua sorte.

Eu detesto essas publicidades que se desdobram para que a gente fique com vontade de comprar um produto idiota do qual a gente não precisa, que firam tratando a gente com intimidade para vender Fanta limão, que chamam a gente de você porque a gente é jovem, e os jovens são retardados descontraídos e se não tratá-los assim eles não conseguem entender o que se diz, e a voz em *off* das gatinhas no cio em anúncio de desodorante, de batom e de creme de depilação, porque todas as garotas dos quinze aos vinte anos são, de qualquer jeito, galinhas

no cio, históricas e maníacas pela resistência dos seus desodorantes e vão dar pulinhos de alegria ao saberem que estão sendo fabricados cremes de depilação em *spray* que fazem o serviço em três minutos sem irritação, quer dizer, tempo suficiente para que o rapaz que elas trouxeram de um embalo qualquer descole uma Fanta limão e comece a ficar de pau duro enquanto elas pelam as pernas e a boceta com *spray* trancadas no banheiro, de maneira a poder entrar em ação assim que saírem, imberbes e prontas, portanto, para dar, e ganhar um orgasmo mal-ajambrado de golpes bruscos malfeitos, mas sem aquelas doenças venéreas feias que dizimavam as prostitutas de antigamente, mas que não dizimarão vocês, você e as suas iguais, as jovens gatinhas no cio, graças ao tal do preservativo, o tal do preservativo: você pode transar com o mundo inteiro, chupar os paus, praticar surubas e a sodomia ao ar livre, nos estacionamentos, por exemplo, uma vez que é só isto que interessa a você. O tal do preservativo: mais nada vai impedir que você seja uma puta.

Eu detesto as rádios locais com seus *jingles* fora de moda que pretendem ser atuais, os "*hits*" com três meses de atraso, piadas sem graça de locutores sonolentos, anúncios locais para o restaurante árabe da esquina, para a quinzena de descontos no supermercado Intermarché da esquina, com descontos no quilo de tomate, o pacote de rolos de papel higiênico e o garrafão de vinho barato, as notícias locais, com as entrevistas de pequenos artesãos em via de extinção, e, suprema vergonha, meu pai que se presta já faz três anos a uma visita guiada ao bar, fazendo louvações a favor dos *pastis* e eu, no pano de fundo, tentando tarde demais me esconder, as quermesses locais, antiguidades de fórmica, rifas fabulosas com toda a região aos trancos para ganhar magníficas almofadas bordadas e magníficos seixos pintados, os arrasta-pés locais com orquestra itinerante,

animador gaiato, bufês de linguiça frita e toda a região se esbarrando em família, com trajes domingueiros, saias compridas floridas, estivadoras encarquilhadas de pelancas brancas e gordos braços nus rubicundos para matronas usadas, para seus esposos muito queridos, sapatos Birkenstock, bermudas e camisetas cinzentas, e a prole hiperexcitada que dança a quadrilha, e os companheiros de minha infância, saídos de suas escolas técnicas de bombeiros, plantados nos cantos escuros esvaziando latas de Heineken vendidas a um euro e cinquenta, fumando baseados de má qualidade, isso quando não estão tomando pico, com seus sotaques meridionais misturados com o acento suburbano que eles aprendem em Skyrock como se fosse um curso de inglês, arfando discursos repisados de rebelião de cara espinhenta descolados aqui e ali nos refrãos tolos dos *rappers* enfurecidos por não possuírem uma mansão em Miami com piscina turquesa, Ferrari escarlata e porto-riquenhas que se esfregam contra a colunata, convencidos de que a sociedade está *devendo* a eles, e os meus ex-parceiros de esconde-esconde também estão convencidos de que a sociedade está devendo a eles, e os meus ex-parceiros de esconde-esconde também estão convencidos de que a sociedade está devendo a eles, mas Terminus fica longe, muito longe de Miami, eles então fumam, bebem, e não acontece milagre algum.

Eu detesto as garotas do vilarejo, as quais recusei por amigas e que me detestam também pela rejeição, e pelas nossas diferenças, porque eu não saio do meu quarto durante esses bailes, não saio do quarto e fico escutando P.J. Harvey bem alto para encobrir a Macarena, enquanto elas ficam se contorcendo imitando a coreografia da televisão, dando pulinhos em cima de suas solas molengas de borracha, agitando seus braços tatuados, suas mãos de dedos cheios de anéis, barrigas de fora, umbigos com *piercing* na mais pura tradição *working class* americana com

dez anos de atraso, e lançam olhadelas lúbricas carregadas com a sombra violeta nas pálpebras aos nossos antigos parceiros de esconde-esconde que vão acabar trepando com elas como prêmio de consolação porque não existe nenhuma porto-riquenha no cio à vista, que vão acabar trepando com elas em qualquer lugar e de qualquer jeito, antes que todo este mundinho feliz vá vomitar em coro em cima do sol nascente.

E eles vão se casar, e vão ter muitos filhos desajustados, eles vão cobri-los de porrada da mesma maneira que foram cobertos de porrada, e eles vão parar de estudar da mesma forma que seus queridos pais antes deles, e vão se drogar como eles se drogaram, para finalmente encontrar, por sua vez, o futuro parceiro vomitando numa valeta de estrada vicinal às sete horas da manhã, eles vão se consumir no mesmo lugar, para depois se casarem e terem muitos filhos desajustados e assim por diante, até o fim. Nada de milagre, isso eu garanto a você. Eu detesto meu pai com aquela cara dele de Jean Gabin rústico, seu cheiro de aguardente e de tabaco escuro, suas unhas sujas e quebradas, seu francês inaudível, e a maneira que ele tem de me levar à loucura, para que eu o insulte, para que eu fique me torturando tentando encontrar as piores coisas que uma filha pode dizer a seu pai, para que ele fique ferido, ferido de morte, e se feche na sua dignidade babaca, e saia para sofrer em silêncio enquanto eu me arrependo de todo o coração não por ter-lhe dito as coisas que pensava, mas por ter pensado aquilo que eu disse, uma vez que ninguém pode pensar uma coisa assim do próprio pai.

No verão dos meus dezessete anos, encontrei um cara no videoclube, um cara de Paris que não parava de falar de Paris. Ele estava passando as férias na casa da esquina. Fazia dez anos que a casa estava à venda. Os antigos proprietários haviam matado um ao outro. Ela era imensa, tinha uma piscina. Os pais deste cara tinham acabado de se

divorciar e a mãe dele tinha comprado uma propriedade aqui porque não queria ver ninguém, ela estava "deprimida". Ele "não aguentava mais", detestava aquela casa, detestava este lugar, preferia "la Côte", ele sempre passara suas férias na "Côte". "Qual delas?", perguntei. "La Côte" foi o que ele me respondeu. Ele era bonitinho, este cara, parecia uma menina com seus cabelos louros e os jeans apertados. Ele tinha dois anos a mais do que eu. Eu tinha mandado meu pai se danar com o bar dele, e vinha todos os dias ver este cara. Em Terminus, o pessoal não parava de falar. Eles tinham razão de falar. Aconteceu na piscina. Eu não gostei daquilo. Ele me disse que foi porque nós fizemos dentro d'água, que não era nunca grande coisa dentro d'água, que a gente ficaria mais confortável no quarto dele, na torre. Eu não quis recomeçar. Eu não gostava daquilo. Mas continuei a ver este cara, por causa da piscina dele.

No final do verão, quando ele foi embora para "la Côte", para se encontrar com o pai, me deu de presente um perfume que se chamava Dolce Vita. Ele disse que ia me telefonar de Paris, mas eu não fiquei perdendo tempo à espera do telefonema: sabia que ela não ia me ligar. Sabia também que ele ia voltar no ano que vem, e que uma ano não era grande coisa. Eu usei o perfume e meu pai me chamou de puta, então eu guardei o frasco no fundo de uma gaveta, com as bugigangas de minha mãe, à espera de dias melhores.

E, então, o cara voltou no verão seguinte. Eu soube pela filha do caseiro. Mas ele não veio me ver no bar e quando cruzei com ele no videoclube, com sua namoradinha, que dizia que este videoclube era uma porcaria, que não tinha nada para escolher, ele não me cumprimentou e ela me olhou de soslaio, da cabeça aos pés, como ninguém nunca me olhou. Eu devolvi meus vídeos e, quando voltei para casa, tirei o frasco da gaveta e o joguei na lixeira.

Eu detesto os caras que vêm passar suas férias perto da minha casa.

Eu detesto meu aniversário, pelo qual ninguém se lembra de me felicitar, uma vez que não tenho amigos, que a única pessoa que me felicita é meu pai, e todo ano que acaba é um ano passado em Terminus, de vida a menos, de juventude desperdiçada, e cada aniversário futuro assistirá a minha testa ficar mais sombria, meus olhos enrugarem, minha boca cair, até que eu fique feia, até que eu fique velha e possa me olhar no espelho e fazer a conta dos vestígios desta pobre beleza que não adiantou de nada, e perguntar-me quem sou eu, aonde cheguei, o que foi que eu fiz, e as respostas serão: "Ninguém, lugar nenhum, nada".

Em uma semana, vou fazer vinte e um anos e vou festejá-los na sombria sala dos fundos do bar, cara a cara com meu pai. Estarei com o meu olhar apontado para o vazio. O dele estará fixado em mim. Ele irá encher trêmulo nossas taças de plástico com um espumante vagabundo. Eu não vou tocar no meu prato. Depois de quarenta e cinco minutos, os quais passará falando de minha mãe e das preocupações que o bar provoca sem que eu solte um pio, ele vai se levantar um pouco bêbado e, excitado com sua boa ação, dirá que tem uma surpresa para mim, indo até a cozinha buscar o bolo que ele mesmo escondeu de manhã atrás de duas caixas de Ricard.

Acenderá apressado as velinhas, apressado porque uma ausência prolongada seria feia e estragaria o efeito-surpresa, para em seguida soltar um "tantarantã" ressonante trazendo o bolo como se estivesse tirando um coelho da cartola, colocando tudo sobre a mesa ao mesmo tempo que digo com o ar mais sério possível: "Oh, um bolo, ora essa, que surpresa", e ele vai me segurar as bochechas enquanto eu sopro as velinhas.

Passaremos em seguida a noite juntos assistindo por exemplo à final de um show de perguntas para chegar a um

campeão, ou talvez a um velho filme de Lino Ventura, se eu conseguir fazer o videocassete funcionar. Vou sair da sala bem no meio do programa para evitar um boa-noite constrangido e vou me deitar, mas não durmo. A fome vai me manter acordada. A fome e a luz irritante do poste na frente da minha janela. Vou olhar a velha da frente sem vê-la de verdade e, quando meu pai entrar no meu quarto como faz toda noite, para checar se tudo está bem e afagar meus cabelos, vou fingir que estou dormindo.

Ele fechará suavemente a porta e, alguns minutos depois, escutarei sua cama estalando debaixo dele, e saberei que está dormindo. Vou poder levantar-me e sentar-me perto da janela, vou poder fumar alguns cigarros e escutar um pouco de música: uma antiga melodia de Legrand de que minha mãe gostava muito. Vou poder respirar. Somente durante a noite consigo respirar, sentada na minha janela, fumando meus cigarros e escutando *Les moulins de mon coeur*. Fecho meus olhos e deixo-me levar. Eu sobrevoio Terminus como num sonho até uma outra vida...

Faz duas semanas, meu pai e eu fomos visitar meu tio que trabalha num hotel quatro estrelas a uma hora de estrada daqui. É um castelo muito bonito com um grande jardim. Meu tio é o jardineiro. Enquanto meu pai e meu tio tomavam o aperitivo, eu fui dar uma volta. Tinha uma piscina, mas eu não levava o maiô. Em volta da piscina, havia pessoas enfadadas nas espreguiçadeiras. Eu disse para mim mesma que não iria incomodar ninguém se fosse me sentar ali.

Pedi uma Coca, tinha um pouco de dinheiro na minha bolsa. Bebi minha Coca olhando a água da piscina escurecer à medida que o sol recuava na direção dos morros. Então um cara me perguntou se uma cadeira estava desocupada. Eu disse que sim, imaginando que fosse pegá-la e levá-la consigo, mas ele sentou diante de mim. O sujeito usava

uma camisa pólo branca, um calção de banho azul-marinho e um enorme relógio de prata. Eu daria cinquenta anos para ele, mas estava tão bronzeado que não tinha certeza. O nome dele era Georges e ele estava passando uma semana com a filha ali. A filha acabara de tentar suicídio, de forma que a levou para que relaxasse um pouco ali. Ele morria de tédio, mas o *spa* era muito bom. O que é que eu achava do *spa*? Eu não fazia a menor ideia do que era isso. O sujeito fez uma cara de surpresa. Ele me perguntou se eu estava no hotel. Disse que não, que tinha ido visitar meu tio que era jardineiro ali.

Ele ficou com ar espantado e eu me senti magoada, mas ele explicou que não via uma garota beber uma Coca que não fosse *light* desde os anos 80. Depois perguntou quanto eu tinha de altura. Eu disse que media um metro e setenta e dois. "Quer dizer um metro e setenta", disse, zombando, e eu não gostei da sua zombaria. "E quanto é que você pesa?" Eu disse: "Quarenta e oito quilos". Ele me perguntou se eu já havia sido fotografada e meu coração começou a bater. Disse que não, mas que gostaria muito, que na verdade esse era o meu sonho. "É claro, é claro, e você tem que idade?" Disse que tinha vinte anos, e ele achou isso muita idade. Eu não disse que era o roto rindo do esfarrapado: eu sorri e o sujeito me perguntou se eu estava pensando em ir a Paris um desses dias. Se eu fosse a Paris, ele faria com que eu fizesse testes, testes de fotos. Se os testes fossem bons, eu poderia fazer parte de sua agência de modelos: a agência Vanity. Era um pouco tarde para começar, mas valia a pena. Valia realmente a pena. Eu disse que estava pensando em ir a Paris um dia desses. Ele me deu seu cartão de visitas. Levantou-se e foi ao encontro de uma loura que chorava numa espreguiçadeira, provavelmente a filha dele. Quando pedi a conta, me disseram que já havia sido paga. Fui procurar meu pai para ir embora.

...O tilintar da prataria balançando na bandeja do café-da-manhã seria o bastante para me acordar. O despertar seria fácil, abriria os olhos sem esforço, estaria descansada. Vestiria um roupão e me sentaria à mesa giratória. Beberia primeiro meu suco de laranja, servindo-me depois de uma xícara de chá. Pegaria um croissant antes de assinar a nota, enquanto o rapaz do serviço de quarto abriria as cortinas. O sol invadiria o quarto, com o clamor de Paris. O garçom iria embora, eu abriria os jornais, passaria os olhos um pouco rapidamente. Seria uma segunda-feira, e a revista Elle estaria enfiada debaixo dos jornais. Descobriria com naturalidade meu rosto na capa. E, logo abaixo do meu nome profissional, em grandes tipos em caixa-alta, seria possível ler: "NASCE UMA ESTRELA".

Eu estaria sorrindo e, antes de ligar para o jornalista e agradecer, afastaria a bandeja e pegaria um cigarro. Eu o acenderia e jamais teria sentido um prazer semelhante ao acender um cigarro.

2 Solidão

DEREK - ...meu pesadelo que acaba e abro os olhos para o pior. Minha cabeça está sendo apertada por tenazes, e o sol poente é filtrado pelas cortinas, eu estou ofuscado, viro-me, levanto-me, vacilo, tenho sede, levo à boca um copo largado ali, para cuspir imediatamente, é vodca, porra, estou com vontade de vomitar, onde está o banheiro, não estou no meu quarto, dormi numa poltrona, quem me despiu? Têm corpos em tudo quanto é canto, a gente poderia pensar que está num necrotério, avanço até o quarto tentando evitar as garotas e os raios de luz, estou com as pernas moídas, enfio a cabeça debaixo d'água, têm sobras de cocaína em volta da pia, e uma colher imunda, que certamente não foi usada para raspar o fundo de um copo de iogurte *light*, que eu limpo porque é nojento e porque quero acordar, a água corre sobre minha nuca, tenho que botar todo mundo para fora. Eu me sento de roupão na *jacuzzi*, acendo um cigarro, e mostro a língua para a minha cara descomposta que vejo mostrando a língua de volta para mim, a menor vontade de tomar banho, vontade de fazer porra nenhuma, só de ficar horas e horas dormindo, até que tudo tenha sumido, as garotas, a zona, o filtro cinzento diante dos meus olhos, até que a minha dor de cabeça tenha desaparecido, até que o tempo volte a funcionar de novo. Não vou conseguir dormir, isso eu sei, que merda vou fazer agora, não tenho mais idade para essas babaquices, ainda estou muito louco ou o quê? Engulo dois, três comprimidos, saio do banheiro, dou uma volta no campo de batalha, virando os corpos para ver se pelo menos um deles consegue se mexer.

Toco a campainha para pedir um café, permaneço de pé diante da janela, olhando a coluna, depois me sento, para

me levantar de novo, alguém toca no meu ombro e dou um pulo, acho que é a polonesa, ela se senta na minha frente e quer saber se estou OK, eu não estou nada OK mas não tenho a menor vontade de argumentar com uma polonesa com quem eu já transei, e sobre a qual começo a ter dúvidas, algo arrepiante, se ela não é menor de idade. Eu seguro seu rosto e examino seus dentes: "How old are you?", pergunto. Ela responde: "Sixteen" e eu digo que está na hora de ela ir embora. Acendo mais um cigarro, chega meu café, eu sacudo Mirko, que dorme com os braços cruzados, um sorriso beato na cara dele de babaca, e digo a ele para botar todo mundo na rua e arrumar esta zoa, mas, como isso não é atribuição dele, eu ligo para a recepção, ou para a portaria, ou para a arrumadeira, não tenho a menor ideia, só digo "Derek Delano" e desligo, me deu vontade agora de tomar um banho, mando Mirko encher a banheira... "*Call me?*", gemeu a menor... "*No way*".

As cinco mijonas vão embora cambaleantes, a porta bate, elas desaparecem do meu quarto e da minha memória: "E esse banho aí?", dou uma bronca enquanto ligo o som, o volume está no máximo, *Waiting for the miracle*, essa mania de escutar Leonard Cohen quando estou de ressaca, escuto o barulho dos motores lá fora, o sol está se pondo, ele está nascendo. Droga. Que merda vou fazer agora? Volto para o banheiro, escovo três ou quatro vezes os dentes, e a minha dor de garganta diminuiu, essa banheira está enchendo com uma lentidão exasperadora, só me resta esperar, vou dar uma volta na sala, as duas portas se abrem para a arrumadeira, é uma novata, apavorada com a zona, ela começa a recolher as garrafas, e a noitada de ontem vai aparecendo aos poucos... patética, como todas as outras, tempo perdido, teria sido melhor eu dormir, sempre me dou conta disso uma vez a coisa feita, é claro, a gente estava festejando o fim das coleções, nada demais para festejar, a gente vai festejar daqui a dois meses o

começo delas em Milão, a eternidade está forrada de coleções que começam e acabam, para recomeçarem e acabarem de novo, e assim por diante, ou o lançamento de uma garrafa de champanhe redesenhada, de um celular na última moda com funções acopladas de fax, consolo-de-viúva, câmera fotográfica, mais uma inutilidade divertida, a menos que seja o caso da inauguração de um outro lugar *in*, será que vai durar duas semanas, um mês, três meses, as apostas estão abertas, e tudo isso me pertence, é claro; feliz homem que sou: e todo mundo, todo mundo chupando o meu pau, os homens simbolicamente, as garotas em fila, e isso acabou para mim, a cheiração e as putas, como de hábito, o barulho do aspirador me é insuportável, a banheira está transbordando, eu me protejo mergulhando, bem-estar, mas, na minha cabeça, o negócio continua martelando, onde está o controle remoto: "*The maestro says it's Mozart, but it sounds like bubble gum when you are waiting for the miracle*"*, a voz de Leonard faz os espelhos tremorem, eu desejo a Itália, mas se eu for para lá vou desejar Nova York e, em Nova York, Paris, desejo uma história de amor, só rindo disso, se eu largasse tudo para virar pianista de hotel? Disso também só rindo, uma vez que eu toco mal como uma mula. Mirko bate na porta, não respondo bato mais uma vez e me chama: "Derek, Derek", eu pergunto se ele está maluco de ficar batendo assim, se não consegue me deixar em paz, responde que estava preocupado; e eu fico um pouco irritado com a ideia de que ele possa imaginar que eu esteja morto visto que só faz cinco minutos que me tranquei digo para ele se mandar até nova ordem, e em seguida afundo estou com as bolhas em cima da cabeça e isto muda um pouco as bancas idiotas e o azul decepcionante do céu, que porcaria tenho para fazer hoje?

* Frase extraída de *Waiting for the miracle*, Leonard Cohen, ed. Sharon Kobinson.

Olho o meu relógio, não são mais de três horas, por que está tão escuro lá fora? Saio do banheiro está tudo arrumado, tenho a sensação de que armaram uma emboscada para mim, minha cama impecável zomba de mim, não resta mais nada de humano nesta suíte retilínea. As cortinas estão abertas para a tempestade. Preparo uma bebida que largo em seguida: que porcaria vou fazer com o meu dia? Dormi duas horas. Ligo para o escritório: de fato, estou mais rico hoje que ontem, uma sucessão de números; desligo, preciso me mandar daqui, abro o *closet*, enfio sem olhar um *jeans*, uma camisa de gola rulê, botas, uma capa de chuva, bato as portas, é engraçado, mas faz tanto tempo que eu não saio sozinho e sem saber de antemão aonde estou indo, sempre cercado por um bando de amigos que não são de verdade, minha reserva já feita em um lugar idiota, "Boa-noite, monsieur Delano", enfio automaticamente a mão dentro dos bolsos, esqueci o dinheiro. Saio do elevador: nada de gorjeta, lacaio: sinto seu olhar indignado atravessar minhas costas, "Monsieur Delano, o senhor tem umas notas para assinar", "Mais tarde!", os batentes da porta se abrem rápido demais sobre a agitação da praça Vendôme, o manobrista corre para pegar o meu carro, faço um sinal para ele parar: eu quero caminhar debaixo da pancada de chuva, me afasto com grandes passadas, sinto uma estranha euforia tomar conta de mim, saio da praça para me perder, quase não percebo as vitrines iluminadas, sufocantes, ofuscado pelas trombas-d'água que me isolam do mundo, as calçadas estão quase desertas, as vitrines vão ficando cada vez mais raras, silhuetas decapitadas e pedaços de rostos irreais emergem, como num pesadelo, das águas, sombra longilínea de mulher, desvertebrada, escorada sobre seus saltos altos, que faz em vão sinal para os táxis cheios que passam, um adolescente encapuzado enche o saco no terminal

eletrônico mergulhando em seguida no metrô, meu reflexo bagunçado na vitrine de uma joalheria fechada, o rosto pingando cortado por uma tarja "LIQUIDAÇÃO TOTAL", eu me viro e zás, a luz nociva de um farol branco, uma droga de carro oscilante com uma placa de fora, farol de milha no meio de Paris, e me pergunto por que as pessoas não sabem dirigir, de que adianta a democratização dos luxos. Ofegante, xingando, recomeço minha caminhada na direção de sei lá onde, com a sensação desagradável de que estou andando em círculos, mas não foi isto o que fiz minha vida inteira, caminhar sem objetivo, andar em círculos? E será que a vida não é isso? Eu me questiono de verdade e seriamente sobre isso, mas outra voz dentro de mim caçoa e faz calar minhas questões existenciais, e, como toda vez em que caio em melancolia, sinto vontade de ligar para Stanislas em Nova York, mas com certeza ele deve estar dormindo, já que está trabalhando agora num bar perto do banco, e de qualquer forma saí sem o meu celular, e, de qualquer forma, toda vez que ligo para ele para fazer confidências as palavras não saem, e eu acabo falando da última puta que tracei, ou minha última porrada, e ele deve pensar como me tornei assombrosamente superficial desde o colégio. Saio do centro e entro no subúrbio. Não ando tanto assim desde o dia em que meu jipe enguiçou num deserto que já não sei onde fica, tinha saído sozinho, para desfrutar a solidão, e evidentemente acabei a pé, como um babaca a mil milhas de qualquer terra habitada, e devo minha salvação a um casal de alemães, amigos de meu pai, que por acaso estavam passando por ali num jipe cujo modelo era mais novo que o meu, e que me cumprimentaram como se tivéssemos nos encontrado na saída da ópera e me levaram de volta para o hotel. De forma que não faz muito o meu gênero sair sozinho, sobretudo porque não tem nenhum táxi livre, e estou ficando ensopado com essa caminhada idiota e com essa chuva idiota.

Entro no primeiro boteco, e foi só sentar para eu começar a paquerar a garçonete que não vê a hora de agradecer o patrão atrás do bar, que se parece, em versão francesa e como duas poças d'água, com a ideia que tenho dos *barmen* de Bukowski, os quais busquei como o Santo Graal em bares fajutos e em ruelas de assassinos nos bairros de Los Angeles para dar algum sentido ao meu alcoolismo, e foi preciso descobrir a pérola rara, cinco anos depois, quando eu até já havia me esquecido da ideia, a alguns passos do meu hotel, num *café-tabac* francês, à primeira vista de uma banalidade mortal.

— A gente não serve almoço aqui.

A abordagem é agressiva e também inadequada, uma vez que não somente a ideia de ingurgitar um alimento sólido me provoca náuseas terríveis, como, ainda por cima, eu não manifestei de maneira alguma a intenção, e me pergunto o que foi que deu nele — mais um maluco.

— Melhor assim. Queira, por favor, fazer a gentileza de me trazer, ou pedir a alguém que me traga, a carta de bebidas, caro senhor.

Ele chama a empregada dele com um gesto tão autoritário que, se fosse a garota, eu teria obedecido mais rápido do que isso. O bistrô está naquele instante tão vazio quanto a minha cabeça, e eu me pergunto se não estou sonhando com a cena. Foi nessa hora que percebi que a garçonete paquerada por mim já devia ter ultrapassado com folga os sessenta anos, mas continua esbelta, e sua maquiagem exagerada, a penumbra, os vestígios da minha farrá de véspera, tudo isso junto a tinha aliviado de três boas décadas, enfim, agora que se fez luz sobre a verdade e que a verdade poderia ser minha mãe, quem sabe minha avó, de um ponto de vista exclusivamente biológico, decido nem tentar disputá-la com o senhor dos aposentos, que espero o perceba claramente, e cujo ciúme parece, afinal, após observação, legitimado pelos laços sagrados do

matrimônio. Em seguida, um sujeito tão molhado quanto a própria chuva enfia a cabeça na porta e pergunta:

— Com licença, vocês servem almoço?

— Não! — respondem, em perfeita sincronia e com um fastio que me intriga, tanto o homem quanto a mulher.

O homem decide então se ocupar do meu caso, e se aproximando da minha mesa quase me joga o cardápio na cara, o que me encanta.

— Um conhaque e um chocolate quente, por favor — digo eu — , e teria preferido, visto que o senhor está sendo tão deliberadamente agressivo comigo, e de uma maneira, aliás, totalmente gratuita, que, nesse caso, no momento em que o senhor me jogou esta carta de bebidas na cara como uma bofetada, o senhor fosse completo em sua atitude e me tivesse gratificado ao mesmo tempo com não sei bem que epíteto desagradável do gênero bundão, bosta ou babaquinha, o que teria por mérito dado uma integralidade a sua atitude, uma vez que, saiba o senhor, não há nada que me irrite mais do que algo pela metade.

— Se você está procurando fazer novos amigos, é melhor cair fora daqui, porque aqui está longe da sua praia.

— Monsieur está criando caso? — pergunta ameaçadoramente a digna esposa do bicho-papão, e quase me dá vontade de chorar quando percebo que a minha boa vontade em relação a eles não está sendo retribuída.

— Com licença, mas... o senhor ainda serve almoço aqui? Um sujeito em tudo parecido com seu precedente acaba de fazer a pergunta fatídica pela porta entreaberta.

— NÃO! — latem os dois numa sincronia que me provoca inveja.

— E você, vai ficar, vai insistir? — o tom está mais alto.

— Acho que vou insistir.

— Lullaby, um conhaque e um chocolate quente para o senhor desagradável.

— Não tem mais conhaque.

— Como assim, não tem mais conhaque?

— Albert, faz cinco minutos que você acabou de entornar todo o conhaque!

— Eu me chamo Derek, que se dane o conhaque, um bourbon serve.

— Lullaby, você escutou?

— Um bourbon! — ela grita o pedido para trás do balcão, o que me deixa levemente inquieto, já que estou convencido de que não tem mais ninguém além dela no bar.

— Obrigado, Albert — digo eu.

Ele dá imediatamente uma pirueta e me fulmina da cabeça aos pés, tremendo.

— Como você sabe... como você sabe o meu nome?

— O senhor está gozando com a minha cara?

— Você está proibido de falar comigo desse jeito — diz ele fora de si, pouco antes de se sacudir com uma gargalhada histérica.

— Monsieur, recomecei, o senhor está subestimando minhas boas intenções a seu respeito, permita-me que lhe diga que o senhor me lembra de uma maneira deliciosa um personagem recorrente na obra de um grande escritor alemão e Livros nos Estados Unidos e falecido em 94, e que, por esta razão, voto-lhe um interesse que pode lhe parecer insólito, mas que não deixa de ser sincero.

— Aqui está o bourbon!

Foi Lullaby quem pôs o copo na mesa, com uma energia que dá prazer em ver.

— A sua saúde — digo eu, antes de virar o copo numa talagada —, não vou lhe oferecer um copo, uma vez que o

senhor já entornou, faz pouco tempo, todo o conhaque.

— Monsieur tem razão, Albert, você já bebeu demais, vai parar com isso agora senão vai ver o que daqui a pouco...

— Cale a boca, Lullaby, isso é entre mim e monsieur.

Ele se planta na minha frente, os punhos nas cadeiras, sua voz ficou mais grave, ele franze os olhos e eu poderia jurar — o que aliás me deixa assustado, no que diz respeito ao bom funcionamento do meu nervo óptico, meu estado mental ou talvez as duas coisas juntas (de qualquer jeito, com o que eu ando virando goela abaixo todos esses anos, só ando funcionando nela metade) — que ele cresceu.

Ele me segura pela gola, destruindo no processo a trama de um *cashmere* do qual já não gosto tanto desde que soube que não foi Julie, mas o motorista dela, enviado na última hora a Bergdorf na véspera dos meus vinte e cinco anos, que o escolhera no lugar dela, e tenho um pensamento amargo em relação a Julie e seu egocentrismo no momento em que o punho fechado de Albert levantado acima da minha cabeça ameaça descer sobre mim num lapso de tempo compreendido entre uma fração de segundo ou vários minutos se eu conseguir negociar.

— Você não faz o meu tipo — berra ele.

— Você também não — digo eu fazendo desesperadamente eco, e acho Albert bastante presunçoso —, meu interesse pelo senhor é absolutamente... literário. — Literário? Percebo pelo relaxamento dos dedos dele que eu acertei uma, será que é porque ele não consegue estabelecer uma correlação entre a literatura, que não deixa de ser uma arte, com a sua figura, cuja produção é à primeira vista de um objetivo menos estético? De qualquer forma, do alto da minha experiência, rica em matéria de contendas, sinto nele algo como uma hesitação de melhor augúrio.

— Vocês ainda estão servindo almoço?

Um terceiro oportunista acaba de provocar distração — e eu sei que não vão me quebrar a cara — e nos viramos os três, exacerbados pela interrupção:

— NÃO! — gritamos juntos, como uma só voz.

Alguns instantes mais tarde e como previsto, Albert está sentado à minha frente, e é a vez de Lullaby de se sentir excluída.

— As pessoas mimadas demais pela vida não têm amigos... Sou eu, obviamente, quem está falando.

— Se existe alguma coisa que a gente não perdoa em alguém, é ele ser dotado de tudo aquilo a que qualquer um aspira.

— E dizer que achei que você estava me paquerando.

— Porque, veja bem Albert, ter tudo de tudo acaba com o tudo? Você está me acompanhando?

— É por causa dessas suas histórias de interesse insólito, está entendendo, qualquer um teria entendido como eu.

— O comum dos mortais resume a felicidade a três ou quatro ideias, são elas saúde, beleza, riqueza, sucesso etc.

— Mais um uísque?

— Quando a gente pode perfeitamente ser feio, modesto, fracassado e feliz do momento *em que a gente não percebe isso*, e preste atenção que eu pronuncio "em que a gente não percebe isso" em itálico.

— O quê?

— A solidão, Albert, a solidão e o tédio, e a consciência da solidão e do tédio.

— Ah, a solidão! A so-li-dão cabe na minha cueca!

— Tudo não passa de derivativos!

— Vamos parar de choramingar com bobagem, garotão, o que é que está querendo dizer?

— Eu sou infeliz.

— Não, isso não é possível! Por quê? Por quê?

— Sim — respondo, antes de perceber que ele está falando com a garrafa vazia.

"E tenho eu o direito de me queixar?"

— Espere aí, repita isso, garotão!

Ele leva a mão até a orelha direita e inclina a cabeça como se ouvisse mal, depois concorda três vezes olhando para o vazio e fico convencido de que ele escuta vozes.

— Então, garotão, repita o que disse, eu não entendi direito.

— E tenho eu o direito de me queixar! — berro eu, as mãos na frente da boca como um megafone.

— Perfeito — diz ele, para depois mudar totalmente de expressão e voltar a ser ele mesmo, e desta vez estou convencido de que ele sofre de uma espécie de personalidade múltipla — Você é uma rocha.

— O que disse?

— Sem dúvida, você é uma rocha. Agora pare de ficar choramingando.

Eu estou um pouco desconcertado com esta saída, em seguida percebo que Albert, com a sua fineza, sua percepção exata das nuances, seu conhecimento exaustivo e delicado dos sentimentos humanos, deve ter compreendido que uma relação contínua seria impossível entre nós, simplesmente por causa das nossas diferenças: diferença de idade, de geração, de centros de interesse, de meio, de estado civil (faz trinta anos que Albert está casado, em regime de comunhão de bens, ainda por cima, eu sou sozinho, e por muito tempo ainda). De forma que essas amizades grudentas, criadas em volta de uma garrafa, devem acabar com a própria garrafa. E mesmo sentindo, nesta hora avançada de uma tarde, uma vontade quase dolorosa de ligar meu destino ao de Albert e Lullaby, naquilo

que ele tem de previsível, de certo e de coletivo, levantei-me mecanicamente, vesti meu casaco, fiz minhas despedidas felizmente encontrei algumas notas num bolso, pouca coisa, mas ao menos o bastante para honrar minha conta —, saído bar, e juraria, mas devo ter o cérebro e os sentidos mais prejudicados do que pensava, que escutei o grito de "Corta", e aplausos, o que me deixou um pouco preocupado, mas decidi não prestar atenção nisso e voltei para o hotel, ainda mais bêbado e mais só de que quando saí.

3 À nossa, Paris

MANON - Eu saí que nem maluca essa manhã sem olhar para trás. Não preguei olho essa noite. Não trouxe nada comigo. Apenas uma muda de roupa, um livro poeirento, um maço de cigarros e o cartão de Georges numa velha sacola de viagem. O primeiro ônibus passava às seis e meia, um pouco mais estrada acima, ao norte de Terminus. Eu tinha medo de perdê-lo, era tão cedo quando me mandei que ainda estava escuro e o dia amanheceu durante a minha fuga. Eu estava adiantada e esperei o ônibus recontando as notas. O horizonte estava arroxeadado, cor de malva, e soube que seria um belo dia. Não havia nada que eu lastimasse, nem meu pai, nem meu quarto, nem o silêncio da alvorada no campo. Nada de mim ficava para trás em Terminus.

Entrei no ônibus, paguei minha passagem. Pela cara do motorista no espelho retrovisor, disse para mim mesma que meu *short* fosse talvez um pouco curto, e meus óculos rosa um pouco rosa demais. Eu disse para ele: "Contenha-se um pouco, não são nem seis e meia da manhã". Fui me sentar no fundo do ônibus, era a única passageira. Olhei o campo desfilando na minha frente, contando os marcos da estrada, cada marco colocando um quilômetro a mais entre Terminus e mim.

Peguei o trem em Montpellier. Encontrei na estação uma garota da minha idade que me pediu dinheiro. Ela trazia um bebê a tiracolo. Tinha o braço nu sulcado de cicatrizes. Eu disse para ela: "Para fazer o quê?". Ela me disse: "Para comer". Eu lhe dei uma nota de dez. Ela foi embora sem agradecer e, ao se virar para partir, esbarrou em mim com a cabeça do bebê, a cabeça se soltou e foi rolar no chão, ela era de plástico. A garota sumiu da estação. Comprei um

sanduíche e jornais para a viagem, e depois peguei meu trem, mas não conseguia ler.

Revia a expressão no rosto de meu pai quando ele me mostrou o dinheiro, escutava-o dizer: "Três mil euros, não é grande coisa, mas estão aqui, pertencem a você. Pense bem no que quer fazer e, quando souber, eu entrego para você. Pense bem, não é lá grande coisa, mas para uma garota de vinte e um anos, é muito". Eu o escutava dizer: "Minha pobre filhinha, eu não lhe dei uma vida muito fácil, mas agora você vai poder se divertir um pouco, feliz aniversário e dá um beijo no seu papai para dizer obrigado". E, acima de tudo, eu o via na entrada da porta dele à meia-noite, velho, exausto, mas ao mesmo tempo feliz e encabulado pelo presente que me dava, e o escutava dizer: "Até amanhã". Pois sim! A grana estava malocada em cima do bar, eu encontrei na hora. Agora estava malocada numa velha bolsa de couro metida entre as minhas pernas.

Para parar de pensar na cara de meu pai quando ele encontrar a minha cama e o esconderijo vazios, eu escutava Foxy Brown no meu *walkman* e cada cigarro que eu acendia tinha o gosto de uma noite em claro. Peguei uma goma de mascar. O sol batia e atravessava o vidro, eu ia contando as estações, lendo e relendo o endereço e o número de telefone no cartão de George. Eu os sabia de cor e salteado. Já tinha ligado para a agência e uma garota atendeu e disse: "Vanity Models, bom dia!". E eu desligara porque ainda não era a hora, mas ia me aproximando a cada minuto, até que finalmente adormeci, com o cartão entre os dedos.

O trem chegou às catorze horas em ponto. Às catorze e alguma coisa, eu descia na plataforma da estação de Austerlitz e, às catorze horas e alguma coisa, havia afinal chegado a Paris.

— À nossa — disse eu, em voz alta enquanto pegava minha bolsa, e alguém se virou e perguntou:

— Falou comigo?

Eu cuspi meu chiclete e disse:

— Nada disso, você não, Paris.

Diante da estação, o ar estava cinzento esfumaçado entre os raios de sol, garotos insultavam as mães que vieram pegá-los, elas por sua vez xingavam os maridos que haviam perdido os tíquetes do estacionamento, e eles agora insultavam o responsável do estacionamento, uma questão de um fazer o outro calar a boca.

Os motoristas fumavam cigarros e comiam sanduíches debaixo do abrigo, com seus *ray-ban* pesados, eles se pareciam a ponto de enganar com os canas californianos nos seriados classe B, deduzi que eram portanto os típicos motoristas de táxi parisienses. Entrei na primeira cabine telefônica e disquei o número do Georges. Um bando de jovens desocupados me olhou com maldade. Os vidros da cabine estavam cobertos de anúncios: "Alma danada procura caubói armado para encontrar um barato no outro mundo". Quase escorrego numa poça de cerveja. Georges atendeu.

— Alô — disse ele.

— George — disse eu —, é Manon.

Seguiu-se um silêncio.

— Você vai bem? — perguntou Georges.

— Estou em Paris. Acabei de chegar.

— Ah?

— A gente pode se encontrar?

— Ehhh, desculpe, mas... Manon quem?

— Manon, vinte anos, um metro e setenta e dois, portanto um metro e setenta, quarenta e oito quilos.

Silêncio de Georges.

— Morena. Olhos azuis.

Silêncio de Georges.

— Que bebe Coca-Cola... sem ser *light*.

Então, abracadabra:

— Ah, Manon! Como vai você, Manon? Você veio, finalmente?

— Finalmente.

— Você tem parentes aqui?

— Não.

— Onde é que você vai dormir?

— Não sei.

— E o que foi que você veio fazer aqui?

— Arrumadeira. Florista. Assassina de aluguel. Modelo.

— Está livre para almoçar?

— Pode-se dizer que sim.

Georges marcou encontro comigo às três horas no Trying So Hard, algum lugar perto da praça de l'Alma. Desliguei e saí da cabine. Perguntei qual era a direção para o bando de jovens e o bando de jovens me disse:

— Que porra você estava fazendo dentro da cabine?

— Ninguém telefona mais das cabines.

— Está pensando que está onde?

— Suma daqui, pegue o metrô, é direto.

— Sua puta escrota de cabine.

No metrô, primeiro eu me perdi, mas um camelô de rabo-de-cavalo, em troca de dois euros e a mão na minha bunda, me mostrou finalmente qual era a estação certa.

Eu saí em frente ao Trying So Hard com menos de vinte minutos de atraso e a sensação de ter atravessado duas galáxias. Eu esperava que achassem que minha sacola de viagem fosse bolsa de mão. Georges estava à minha espera folheando uma revista chamada *Esquire*, ele estava ainda

mais bronzeado que da última vez. Eu fiquei plantada na frente da varanda. Ele levantou-se, estendeu-me a mão e ofereceu um lugar defronte a ele.

— Bonito *short* — disse ele.

— O que é que você está lendo? — perguntei.

— Eu não leio, só dou uma espiada.

— Ah é? — respondi.

Ele me mostrou a publicação.

— Olhe essa, ela é boa, parece com a minha filha.

— Talvez seja ela — disse eu.

— Espero que você esteja brincando, minha filha não precisaria ser retocada.

— Retocada?

— Você fez boa viagem? Veio de quê?

— De trem.

— São as suas coisas? — disse ele, apontando para minha bolsa.

— É isso aí.

— Vai ficar quanto tempo?

— Estou de mudança.

— Para onde?

— Para onde você quiser.

— Eh, calma aí, sou eu quem faz as propostas aqui.

— Eu vi na tevê que eram as agências que hospedam os modelos.

— Para isso é preciso ser modelo. Fique em pé.

Eu me levantei.

— Vire.

Eu girei em volta de mim mesma.

— O que é que o senhor está olhando, o senhor aí? Isto é um encontro estritamente profissional — rugiu ele para o sujeito do lado.

— E então? — perguntei.

— Bom, bom, nada mau. Você quer um pouco de vinho?

— Não, obrigada.

Ele me serviu um copo de vinho.

— Beba — disse ele.

Eu bebi e pedi uma salada, não estava com muita fome.

— Por que você escolheu esta profissão?

— Eu quero trabalhar em cinema.

— Mais uma? Mas vocês todas não desistem? Escute aqui, eu não sou nenhum produtor, não é comigo que você deve transar!

— Mas eu não quero transar com você!

— Ainda por cima? Então o que é que você está fazendo aqui?

— ...

— Preste atenção, minha filha. Você é uma gracinha e tanto, mais bonita até que as outras, e, acredite, eu vi muitas. Só que eu... eu tenho cinquenta anos, uma agência para tocar, e não perco tempo com cerimônias. Nada é de graça neste mundo, e para entrar na minha casa é preciso ajoelhar e rezar. E mesmo depois disso quero avisá-la de que não vai se livrar das provações. Alô?

Enquanto ele atendia o telefone, eu acabei com a garrafa.

— Meu bem, o que aconteceu? Como? Não, Sybille, largue esta faca. Solte a faca. Sybille, meu bem, você sabe muito bem que não vai conseguir e vai acabar com umas cicatrizes feias nos punhos. É muito feio ter cicatriz. Sybille, por Deus, são três horas da tarde, o que foi que deu em

você? O papai está tendo um encontro de negócios. Ora, querida, isso... isso se chama chantagem, você não sabe nem se deve cortar na transversal ou no comprimento. Não tente me dar aulas sobre suicídio, por favor, Lembro a você que fui casado com sua mãe durante dez anos. OK, OK, já estou chegando aí. Não saia daí. Estou chegando. Exatamente, assim você pode me matar antes. Estou chegando. Até já.

Ele desligou o telefone e eu sentia sinceramente muito por ele.

— Mas esta garrafa está vazia? — disse ele antes de pegar o meu copo, que esvaziou de um gole — Preciso ir — acrescentou —, um probleminha de família. Pense no que eu lhe disse e me ligue de volta. OK? Você é perfeita, não mude nada. E sobretudo nada de tirar esse *short*, hein? Até loguinho.

Ele jogou as notas em cima da mesa e se mandou correndo. Um sujeito de terno apareceu para pegar o dinheiro.

— Ei — disse eu —, tem um emprego aí?

E ele me empregou, porque eu era uma amiga de Georges, e porque o meu *short* era bem bonitinho. Um cara gentil, esse gerente, "Um cara gentil", era assim que eu o chamava. Ele não só me deu um emprego, encontrou também um apê, por intermédio de um amigo que trabalhava com "imóveis". O amigo alugava estádios mobiliados por preços que desafiavam qualquer concorrência.

Duzentos e cinquenta euros por mês, o que não era muito caro, mesmo para mim. Os móveis também desafiavam qualquer concorrência. Eu estava morando no IXème, num quarto debaixo do telhado. Eu gostava das vigas e da vista. Menos da privada no vão da escada. Menos

da água fria. Menos dos interruptores, que ora funcionavam, ora não. O prédio era velho e imponente. Não fica muito longe do restaurante. A aurora era meu despertador. E minha rotina se transformou naturalmente, de meu quarto parisiense até o Trying So Hard, um tiquetique de trajetos de metrô, Saint-Lazare, Miromesnil, Saint-Philippe-du-Roule, e quando eu saía na estação Alma-Marceau, o saxofonista estava sempre tocando *La vie en rose*, as vitrines da Channel sobre as quais minha mãe falava o tempo todo, as mesmas horas de trabalho, os mesmos pratos servidos para as mesmas pessoas, pontuados de observações elogiosas de minha chefe de grupo: "Manon, faz meia hora que a mulherzinha da mesa dezesseis está esperando o tinto dela, então vê se mexe essa sua bundinha, idiota!", Às vezes descolava um cinema depois do trabalho, folheava uma revista numa varanda no Champs-Élysées, fustigando os turistas com o olhar, meu olhar de parisiense. Quando juntava muitas gorjetas, me dava de presente um par de escarpins, ou um pouco de maquiagem. Eu economizava para comprar uma tevê. Tomei um café com uma outra garçonete do Trying, mas ela era um pouco imbecil: ela se achava a reencarnação de Sissi, a imperatriz, e achava que isso iria abrir as portas do cinema para ela. Eu não dei corda, uma pena, era agradável ter alguém com quem falar. Pediram-me uma dúzia de vezes o número de meu telefone na rua e, quando eu respondia que não tinha, me xingavam. Isso não tinha importância, mesmo assim eu chorei. Felizmente, descolei um celular, largado atrás de uma divisória no restaurante, e comprei um cartão. Agora eu ando sempre com o celular colado no ouvido e digo qualquer coisa, como se houvesse alguém no outro lado da linha.

Quase fui despedida quando recusei o amasso do Cara Gentil na cozinha, eu o rebatizei de "Nojento" e parei na hora de usar *shorts*. De qualquer forma, o outono estava

começando, e arranhei um pouco o meu pequeno tesouro para comprar roupas mais quentes.

Eu amava minha rua no IXème, uma ruazinha, perpendicular à rua de Rome. Um bairro deslumbrante de néons, ensurdecador de tráfego, onde tudo fica aberto aos domingos, onde tudo fica a noite toda aberto. Na minha rua, tem uma padaria, uma mercearia, um sebo, um restaurante chinês, uma cafeteria, um hotel de alta rotatividade e uma livraria. À noite, quando não estou de serviço, passei a comprar meu jantar, e depois ia pegar minha roupa lavada e cigarros para noite, e depois um livro.

O buquinista tinha realmente cara de buquinista: um cara velho e grosseirão de óculos, tão coberto de poeira quanto o sebo. Na primeira vez em que entrei, pedi a ele romances de amor, como aqueles que tinha o hábito de ler em Terminus, mas ele se recusou simplesmente a me vender essas porcarias de romances água-com-açúcar. Recomendou-me alguns livros, eu comprei três, ele me deu outros de presente. Eu fiz a descoberta, atabalhoadamente, de Hemingway, Carson McCullers, *O conde de Monte-Cristo*, e os policiais de Dashiell Hammett. Quando eu voltava ao sebo, a gente ficava conversando por alguns minutos e ele me explicava tudo o que eu não havia entendido. Ele dizia que era preciso me educar do início e, às vezes, ficava literalmente furioso comigo, mas quando ele se empolgava a respeito de um livro, ou de um escritor, eu sabia que estava contente por eu estar lá, escutando-o. Já era noite alta quando saí do sebo, deixei Hugo com o romance dele, o qual fazia anos que ele corrigia e que nenhum editor algum dia quis publicar, peguei *O morro dos ventos uivantes*, uma história de amor que iria acabar de uma vez por todas com meus romances água-com-açúcar, disse-me ele, e eu estava, dessa vez, com pressa de chegar em casa, já que tinha debaixo do braço algo que me faria esquecer meus muros decrepitos, meu teto rachado e minha solidão.

Fazia muito calor naquela noite, como uma última graça do verão antes que outubro e a friagem chegassem para se instalar definitivamente. Eu deixara a janela aberta, escutando o barulho da rua subir aos bocados até em casa, e larguei meu livro que, de súbito, me pareceu bastante enfadonho comparado com a vida do burburinho lá embaixo. Fui ficar de braços no balcão, reprimindo, não sem dificuldade, um arrepio que subia do meu baixo-ventre, e admirava Paris, que queimava diante dos meus olhos.

A cidade ressoava aquela noite uma agitação a que eu assistia pela primeira vez: as sombras violeta longilíneas turbilhonavam sob as luzes dos postes, passos e gargalhadas que se afastavam, o murmúrio de um carro que aumentava diminuindo em seguida, dava a impressão de um vendaval que a tudo levava, tudo menos eu, que permanecia imóvel na minha janela, adivinhando uma festa para a qual não fui convidada. Deixada de lado, desprezada, punida, excluída. Mais ainda que em Terminus. Em Terminus, eu tinha a sensação de que a vida estava em outro lugar. Agora que eu havia conseguido chegar a este outro lugar, a vida continuava a não ligar para mim.

A vida... A vida de verdade; aquela que crestava por trás desses rostos inexpressivos e maquiados em excesso que todo dia pediam a mim seus almoços, atrás das fachadas de pedras brancas que beiravam as calçadas da avenida Montaigne, aquela que marcava os traços familiares das estrelas nas capas das revistas, uma vida boêmia, de festas, de viagens, de encontros, de caviar e de champanhe, na qual a gente dorme tarde, em que se vive a noite, em que os carros andam em disparada, em que se morre cedo demais. Eu tinha de tudo isso uma ideia confusa, aquilo que havia lido nos jornais, visto na tevê, aquilo que fazia três semanas eu assistia no Trying So Hard, incrementado pelo trabalho incessante do meu imaginário, que queria absolutamente acreditar em algo de "melhor", mas, ainda

que não soubesse realmente para onde ia, eu estava indo, porque era isso que eu desejava com todas as minhas forças, com toda a minha alma de pequena provinciana impressionável e frustrada, hei de conquistar um dia esta vida aí.

4 Arcanjo

DEREK - Hoje decidi despedaçar uma existência.

Acordei entediado, ainda mais enfadado do que quando fui dormir, ainda mais entediado do que na véspera, do que anteontem, e todos os dias antes, desde dias imemoriais, quem sabe desde a infância: a felicidade, a esperança de antigamente, delas esqueci as cores e, em seguida, como num túnel, foram decrescendo na direção do não-retorno, um túnel sem fim, nenhuma luz por mais longe que possa alcançar minha vista, eu aperto os olhos, esforço, impotência; não existe mais luz, não há saída, não há solução, nunca mais haverá. Isso é o que a gente chama crise de angústia, início talvez de uma depressão, talvez apenas um despertar difícil... Eu nunca acordo sem ser com dificuldade e, se conservo ainda um último sonho escondido entre a lembrança da minha ex que se suicidou e a convicção de que a vida é absurda, de que a felicidade não existe e de que vamos todos acabar, e eu junto com os outros, comendo capim pela raiz, é este despertar luminoso como uma renascença, emergir de dez horas de sono numa hora decente, o corpo descansado e a vida em seu lugar, os pedestres nas ruas e as butiques recém-abertas, o gosto do café, o cheiro dos jornais, o sol da manhã, o prelúdio de *Mellon collie and the infinite sadness*, os desenhos animados imbecis no café da manhã, e a sensação de que tudo ainda é possível uma vez que tudo acaba de começar. Será a insônia que gera a depressão, ou a depressão que gera a insônia? Eu vivo num horário de Los Angeles em Paris, à hora de Tóquio em L.A. No inverno, quando acordo ainda é noite, e acordo todo dia de ressaca — a ressaca constituindo o meu estado normal, sem vontade de fazer nada, a não ser adormecer de novo.

Felizmente, a chegada do meu massagista, que poderia ser meu confidente se falasse inglês, russo ou até mesmo francês, é prevista para as cinco horas, quer dizer, daqui a quinze minutos, o que é um tempo mais do que suficiente para que eu me sirva de uma primeira bebida, e é com a mão na garrafa que três ideias sucessivas me ocorrem: a primeira: parar de escutar música clássica e voltar para o *rock* da minha juventude; a segunda: no fundo, é babaquice minha não confiar em Gorka, meu massagista catalão, porque afinal de contas o que importa é desabafar e, uma vez que Gorka não vai captar uma palavra traidora sequer, não corro o risco, em primeiro lugar, de ele emitir julgamentos — não suporto que me julguem — e, em segundo, de ele espalhar para o planeta inteiro, do embaixador dos Estados Unidos à minha madrasta, passando pelo meu psicanalista, Kate Moss, Bernard de la Villardière, François Pinault, Rupert Everett, os Grimaldi, Thierry Ardisson, Yves Saint-Laurent, aqueles imbecis dos Beckham, do pai jogador de futebol à putinha retardada, passando pelo pirralho que se veste melhor do que eu, Mouna Ayoub, a totalidade do grupo Coldplay, Leonardo quando vem a Paris e, de uma maneira geral, qualquer um que chega a Paris ou a Londres e que não vai embora sem antes ter as costas pisoteadas por Gorka Lopes, que não é o irmão de Jennifer Lopez, mas está envolvido com massagem experimental e esta última se meteu numa *bad* de nada-vale-a-pena, e eu não quero — eu não quero — que todas estas pessoas com as quais eu mantenho relações corteses, mas distantes, quando me cumprimentam no *hall* do Prince-Maurice, ou do Palace de Gstaad, ou, simplesmente, do Ritz, ou em qualquer um dos Four Seasons ou na Madison, ou no Cipriani Downtown, no P.M., no Lotus, na Caves, ou ainda de barco na Riviera — os barcos deles na minha Riviera — e vice-versa no largo de Saint-Tropez ou de Porto Cervo, nas tribunas do Grand Prix, ou numa porcaria de baile de caridade, incógnito num clube de suruba ou em um bar de

putas moscovita, no lombo de um camelo em um deserto qualquer, nas exéquias de um grande costureiro, ou de um gângster assassinado, ou de uma estrela de cinema, não importa qual seja o banheiro, heliporto, cassino, leilão, *sex shop*, Armani Casa, Armani sem nada, e mesmo numa rua ordinária onde somente o destino poderia tornar possível um encontro assim, eh, bem, eu não quero — eu não quero — que essas pessoas *saibam*. É por isso que fico contente de não gaguejar uma só palavra de espanhol (exceto, é claro, "*agua sin gaz, por favor*", esta é aliás a única frase que domino em todas as línguas existentes, mesmo em sueco, grego moderno ou coreano, senão há muito teria morrido de sede), já que pela primeira vez vou poder falar com alguém. A terceira ideia que eu tive, e as enumero em ordem decrescente segundo a importância delas, é de que vou sair na rua e quebrar a cara de um transeunte, total e injustamente ao acaso, como se eu fosse a própria vida, o destino, essa escrotidão de destino. Sou distraído por um telefonema aflito da recepção que anuncia a chegada de Gorka, e começo a berrar e a esbravejar porque já disse para eles dez vezes que devem deixá-lo subir sem infligir a ele este tipo de formalidade constrangedora; um dia ele vai acabar se chateando, não vai voltar mais e vou acabar tendo de me virar com o massagista do hotel, e eu detesto isso tudo; a cozinha do hotel, a boate do hotel, o motorista do hotel, o massagista do hotel, isso me dá a impressão desagradável de estar num ônibus de dois andares cheio de japoneses no horário sufocante de urna viagem de excursão e de ter que levantar a mão para pedir licença ao guia para dar uma descida e mijar. A porta se abre com os pontapés de Gorka, que está vestido numa réplica dos trajes de Charles Bronson em *Era uma vez, no Oeste*, inclusive o chapéu.

— *Hi.*

— *Hi.*

Um aperto de mão viril e eu me estendo junto com o segundo movimento da retomada do tema de *O poderoso chefão* pelo Guns n'Roses durante um concerto no século passado, nesse instante, enquanto Gorka me cobre as costas de socos, eu faço a transcrição das páginas anteriores, e ele concorda cada vez que eu faço uma pausa. Tudo sugere que estamos perfeitamente de acordo.

— A terceira ideia que eu tive, Gorka, foi de sair na rua e quebrar a cara de um transeunte, completamente ao acaso e injustamente.

— *Sí.*

— Como se eu fosse a própria vida. O destino, essa escrotidão de destino.

— *Sí.*

— Eu nem sequer vou escolher, tem de ser totalmente absurdo. Enfim, se eu o fosse escolher, não o escolheria muito gordo, nem muito grande, nem muito musculoso, nem muito nervoso, porque os caras grandes, gordos, musculosos e nervosos são de alguma maneira predestinados para porrada, e além do mais o objetivo deste artifício não é que me quebrem a cara, não é mesmo?

— *Sí.*

— Nada disso, vou pegar um cara pequeno, magricela, um pouco medroso, não mais em plena juventude, escancaradamente velho, até mesmo caindo aos pedaços, isso é mais original.

— *Si.*

— E por que não uma mulher, ora essa? Por que é que a gente não quebra a cara das mulheres?

— *Sí, sí.*

— Pronto, está decidido, vou quebrar a cara de uma velhota antes do almoço.

— *Sí.*

Em seguida ele subiu em cima de mim e pisoteou as minhas costas durante oitenta minutos, depois eu lhe dei duzentos euros, e ele me saiu com esta frase "*Cria cuervos y te arrancarán los ojos*", da qual não entendi absolutamente nada, é normal, isso é espanhol, em seguida ele saiu para fazer massagem no Osama bin Laden que, na época, estava à socapa num hotel vagabundo perto da estação Saint-Lazare.

Oito horas mais tarde, depois de alguns telefonemas, uma ducha, que ninguém é de ferro, e uma infinidade de coquetéis à base de um pouco de suco de frutas e muita vodka, eu assisto a *Amores perros* na sala arrumada para isso, quando Mirko me liga, confuso e bronquinha, para me perguntar onde eu quero jantar, eu digo então o primeiro nome que me vem à mente: Market, e eu preciso sair de Paris porque começo a não aguentar mais jantar toda noite na Market, enfim... se fosse só isso... Mirko solta um suspiro de alívio uma vez que ele já está no lugar, visto que se antecipara — não é difícil se antecipar na escolha de um restaurante nessa cidade, mas, diz ele para mim, comigo, a gente nunca sabe de onde vem a sacanagem. Prosa de ser imprevisível, digo que vou me juntar a ele em dez minutos. Exausto pelo dia que tive, decido que não vou me arrumar, não vou me barbear, não vou nem me pentear e esses são, acho eu, os sinais que anunciam uma depressão, enfio, então, um *jeans* furado, a primeira camiseta preta que encontro sem saber sequer se é minha, horríveis tênis de basquete e o grande crucifixo de diamantes de minha mãe que uso toda vez que estou deprimido, de forma que o uso todos os dias. Eu sei que não vão largar do meu pé com minhas vestes nojentas, porque, se tenho certeza de não parecer com o jovem milionário franco-argentino que sou, apostaria a minha fortuna (boa ideia) de que vão mais uma vez me tomar por um galã de cinema, visto que nunca tive realmente sucesso em ficar com cara de mendigo. Eu desço

para o *hall* e percebo num dos espelhos da parede que tenho, sobretudo, ar de babaca, já que estou usando uma camiseta do Delano de Miami, e que meu nome está escrito com todas as letras nas costas, o que me faz realmente, realmente parecer um babaca, muito mais que se fosse "FUCK YOU" ou "LIFE IS A BITCH" ou a publicidade de "MAAF ASSURANCES" que estivesse escrito, e puta que o pariu que ar de babaca, mais babaca ainda do que o super-homem, e isso me deixa com um humor de cão.

Por conta disso, eu pego a Maranello, porque ninguém consegue gozar completamente com a cara de um sujeito que dirige uma Maranello, e não ultrapasso nenhum sinal porque não tenho a menor vontade de virar um presunto ridículo numa camiseta Delano.

No restaurante, as pessoas me olham aterrorizadas para logo em seguida mostrarem um interesse que se transforma em curiosidade doentia e, por fim, eu deveria ter vestido um terno, porque todos os *nerds*, os *has been*, os desclassificados usam um para serem notados, o que torna esta a melhor maneira de passar despercebido.

— Ah, pois não, o senhor é Derek Delano, a televisão já nos avisou. Tudo está pronto.

Essa recepcionista deve estar maluca, o gerente, aliás, deve estar achando a mesma coisa que eu, ele lhe deu uma cotovelada que me teria emasculado, se tivesse sido eu no lugar dela, a pontaria também tinha de ser em outro lugar.

— Eu vou acompanhar o senhor.

Ele me acompanhou. Mirko impera, contente e desmazelado, no meio das gatas. Gatas demais, e onde é que está a minha "*entourage*", eu me sinto nu em pêlo sem meu bando completo de lacaios, sem contar que estou com essa porra de camiseta.

— Eles estão todos doentes. Pneumonia rara. Devem ter andado muito de avião para Catai ultimamente.

— Tem mulher demais. Eu me sinto em minoria e detesto isso.

— Você detesta tudo, Derek, e foi você quem me disse uma vez que, quando a qualidade é impossível, a quantidade serve.

— Eu disse isso?

— São as suas próprias palavras.

É impressionante a quantidade de baboseira que a gente diz, e ainda por cima para o Mirko, que vai usá-las contra a gente, como um bom tira californiano.

Eu conheci Mirko faz quatro anos, em Mônaco, estava saindo do cassino. Naquele dia, eu havia tentado me esquecer de Julie perdendo muito dinheiro, não funcionou. Estava voltando para o meu carro — na época, uma Diablo, eu ainda era um pouco gastador — e quem é que eu vejo sentado ao volante? Mirko, no estacionamento, agitado como um belo de um estrupício e produzindo vrrrrum vrrrrum intensos, visivelmente fascinado pelo belo animal:

— Com licença — disse eu —, será que o senhor se incomodaria muito de sair do meu carro?

— Vá tomar no cu, babacão — respondera ele —, seu crápula, opressor, vampiro, chupador de sangue do povo.

Para em seguida fazer o barulho de quem acelera de zero a cem durante quatro segundos e trinta, o que foi bem calculado, era exatamente a performance do motor.

Meus seguranças pularam em cima dele e o encheram de porrada.

Daquele dia em diante, nós nunca mais nos separamos.

— Com licença, alguém já disse que você se parece com Albator, só que mais bonito?

Minha vizinha à esquerda, uma loura angulosa, sotaque impecável, dá para jurar que foi criada na França.

— Eu sou Albator, cocota.

— Mas Albator existe?

Sua amiguinha, morena, angulosa — ao que parece, para ser fotogênico é preciso ser anguloso, e eu sou fotogênico —, sotaque impecável, como se houvesse ela também crescido na França.

— A gente não deve acreditar em tudo o que ouve, cocota.

— *Vat is it "carpaccio"?*

Enfim uma boa e velha russa.

— Bicho morto — responde Mirko.

— Digam-me uma coisa — disse eu, falando com as duas francófonas angulosas —, onde foi que vocês cresceram?

— Na França! — berram as duas em coro, e eu me sinto realmente um idiota.

— *Carpaccio is nojento, I take the "poulet"!*

— O "*poulet*" também é bicho morto.

Mirko está decididamente com um humor sádico esta noite.

— *Oh, no!*

— Eu vou a Milão no próximo fim de semana, será que alguém está indo para Milão no próximo fim de semana?

— *Vat about the "foie gras"?*

— Bicho morto.

— Eu, eu vou. Alguém mais vai para Milão no próximo fim de semana?

— Só tem bicho morto nesse cardápio e você também vai virar um dia bicho morto, e a gente vai *comer* você!

— Eu também vou fim de semana que vem a Milão.

A russa vegetariana sai da mesa correndo. Uma de menos.

— Eu também.

— Eu também.

— Eu também.

— É incrível — diz uma das garotas —, nós todas vamos a Milão no fim de semana que vem.

— Será por causa das coleções? — arrisca uma morena de óculos. DE ÓCULOS?

— Ah, mas é claro, são as coleções! É verdade, é por isso.

— É claro!

— É claro!

— É claro!

Meu Deus, como esses jantares são maçantes.

— Não, na verdade, eu acho que você parece com Gregory Peck. Vivo, é claro.

— Eu sou Gregory Peck, cocota.

— Ah, isso é mentira — intervém a morena, que não gosta *a priori* de estar errada, Gregory Peck está morto, disso tenho certeza.

— E como é que você pode ter certeza? — pergunta Mirko.

— Porque eu tinha o número do celular dele e ninguém mais atende.

— Eu mudei de número, cocota, minha mulher estava cheia de você ligar dez vezes por dia.

— É mesmo?

— O quê, você é casado? — pergunta a morena de óculos.

— Gregory Peck era casado, cocota, considerando que sou Gregory Peck, a gente poderia deduzir que sou casado, mas poderíamos concluir também que estou morto, visto que Gregory Peck está morto.

— Era um grande ator.

— Qual é — fica irritada a morena angulosa —, não estou entendendo mais nada? Quem é você?

— Eu mesmo não sei direito, cocota.

— *Vat is* "cocota"? — pergunta a vegetariana, que tinha simplesmente saído pra vomitar no banheiro.

Mirko está prestes a prosseguir com a sua brincadeira de mau gosto, eu lanço um olhar furioso e ele se segura. A vegetariana está sentada ao meu lado e, mesmo detestando minha camiseta Delano, não tenho a menor vontade de que ela vomite em cima dela.

Meu Deus, como esses jantares são maçantes. Percebo na penumbra a lente de uma câmera fotográfica e abaixo a cabeça no momento em que escuto o *flash* disparando, entro em seguida num estado de surdez enquanto fazem os pedidos, eu tenho essa habilidade estranha de, quando quero, não ouvir nada além da música clássica de fundo (mais precisamente a Sinfonia nº 5 de Mahler), um pouco como se mergulhasse a cabeça na piscina do meu hotel. Acendi depois meu cigarro com uma nota de quinhentos euros, mas não foi nem um pouco por provocação. Meu isqueiro, um Bic ordinário com a figura de Audrey Hepburn, negava fogo, cuspido apenas umas faíscas vagabundas, o eu estava sentado, eta falta de sorte desgraçada, numa maldita mesa de não-fumantes. Nada combustível à vista, revirei meus bolsos e peguei o primeiro pedaço de papel que encontrei, o qual mergulhei no meu conhaque, aproximei de Audrey e consegui inflamá-lo mais do que o suficiente para acender qualquer coisa, poderia até, se quisesse, tocar fogo no restaurante, e confesso que a ideia me passou pela cabeça, no momento mesmo em que afogava o archote no cinzeiro cheio d'água me dando os parabéns por ter resolvido a situação, de maneira, diga-se de passagem, a não desonrar um *homo sapiens*:

— *Are you mad or something?*

O comentário foi feito pela vegetariana.

— O que disse?

Finjo deliberadamente que não entendo inglês.

— Se o senhor não sabe o que fazer com seu dinheiro, deve dá-lo àqueles que necessitam — prosseguiu ela em russo.

Ela está realmente indignada.

— Era só você não ter apagado todas as velas, imbecil.

— *Vat?*

A linha da cabeleira dela forma uma ponta no meio da testa, fazendo com que ela tenha uma cara estúpida de coração.

— Eu poderia comprar catorze Ferraris por ano com a grana que torro em caridade, sua puta escrota — respondi em russo.

— *Vat?*

— E quer saber de uma coisa? Estou cagando para as crianças doentes, faço isso só para pagar menos imposto — prossegui, ignóbil e em inglês.

— *Vat?*

— E assim mesmo compro catorze Ferraris por ano!

— *bdkhruofvkjv.*

— Você sabia que tem uma cara em coração? De coração babaca?

— ...

— Idiota.

E depois comecei a beber, e a partir de então o jantar passou bastante rápido. Parei de responder às perguntas que me faziam, e de qualquer forma elas não eram tantas assim, fiz de conta que não via as palhaçadas de Mirko, nem

a tcheca que caiu de boca dando uma chupadela debaixo da mesa, enquanto ele afastava o garçom, o gerente e todos os empregados do lugar para que o deixassem ser chupado tranquilamente, até a coca que circulava nos pratos, eu quase não comi nada, fora uma meia porção de salada de caranguejo e algumas migalhas de gengibre, e as damas também não comeram muito, no final, a mesa ficou coberta de comida que ninguém tocava e isso me deu vontade de vomitar, depois disse a mim mesmo que isso era por que estava obcecado com a ideia de ir ao Nobu e, cada vez que levava uma garfada até a boca, esperava por um sashimi de salmão "*New style*", ou um sushi tempura, e a cada vez ficava decepcionado, por conta disso pedi saquê quente, que esqueci de beber, a conversa — se é que podíamos chamar aquilo de conversa — rolou sobre assuntos como a moda dos conversíveis, o mau comportamento das agências de modelos em relação aos modelos, em particular em Londres, se a coca é ou não é uma droga, a ausência cruel de aparelhos de ar condicionado na França, as comédias românticas com Mathew McConaughey, as bolsas Marni, o câncer de mama, as práticas sexuais imundas dos políticos e esse cara, chamado Herbert, que comeu todas elas, a morena de óculos gritou duas vezes "*Rock is dead*" e, como se isso fosse uma espécie de senha, todas as garotas mergulharam imediatamente em suas bolsas e extraíram seus pós-de-arroz, seus pincéis, seus batons, seus brilhos, seus pentes, seus *sprays* de óleos bronzadores regeneradores dourados e, por alguns segundo, elas se retocaram em silêncio ardorosamente, depois a morena, levantando a mão direita até o seu ouvido direito disse: "*Okay.. Okay girls... Rock is forever*", e todas esconderam seus equipamentos e a gente recomeçou a jantar e a pirraçar. Eu pus um pouco de coca na ponta do meu dedo, que passei nas minhas gengivas, e não senti nenhum efeito, nem sequer um amargor, de um dos bolsos da pretensa tcheca aparecia um passaporte francês, por várias vezes

surpreendi o clarão de um *flash*, nenhum carro sequer passava pela rua, tinha a sensação de já ter vivido essa situação, Mirko se agitava com seus cacoetes, bem mais intensos que seus tiques habituais: eu estava completamente paranóico. Neste momento preciso, decidi que não iria quebrar a cara de ninguém, sobretudo de uma velhinha coitada, mas que iria a fundo com essa ideia, que iria muito mais longe que uma simples surra: eu decidi destruir alguém, despedaçar uma existência, massacrar um destino ao acaso, e de forma totalmente gratuita, escolher um inocente, alguém que possa ser feliz, que não tenha ainda sido corrompido, que seja totalmente crédulo, com a vida diante de si, com esperança, e desgraçá-lo à minha maneira, alguém que esteja agora dormindo, sonhando com o amor, e o futuro, sem suspeitar por um segundo que eu acabara de decidir seu fim. E neste exato momento deixei de me enfadar.

5 Avant-première

MANON - Sissi transava com todo mundo. Isso não era nenhum problema para mim; o problema era dela. Eu não a julgava. Eu não a desprezava. Na verdade, era quase o inverso.

Viver sozinha — e, quando digo viver sozinha, não quero apenas dizer que moro sozinha, eu quero dizer de manhã à noite, de segunda a domingo, e seja qual for o número de pessoas que se encontram no mesmo cômodo que eu, mesmo que me olhem, que falem comigo, o que quer que me digam, estava só desde que vim ao mundo.

Por isso, eu também gostaria de transar.

Não invejava nem um pouco a Sissi, simplesmente me ressentia por ela, essa espécie de respeito que pode nos inspirar a fazer coisas além dos nossos meios. Entregar-se assim, logo em seguida, a qualquer um, não importa quando, e sem razão alguma. Que consideração tinha ela por si mesma ao se imolar desse jeito? Ficava me perguntando o que é que dava na cabeça dela. Eu esperava que fosse apenas ingenuidade, que ela achasse a cada vez que este era o último, o único: "o homem da vida dela", será que, a cada mão que passavam no traseiro dela, ela se via casada? Ou ela havia chegado àquele ponto sem volta da desilusão sentimental, em que não se acredita em mais nada, quando não se quer mais nada: o questionável prazer de aguentar golpes egoístas dando no couro num quarto desconhecido no qual a gente nunca mais vai pôr os pés.

Infelizmente, acho que não acontecia grande coisa na cabeça dela. Sissi era uma imbecil. A gente perguntava que horas são? Ela dizia as horas. Um café? Ela trazia um café.

Quinhentos paus? Ela emprestava na hora o dinheiro. Uma foda? Bastava pedir.

Às vezes, no Trying, durante o meu turno, mesas inteiras se contorciam às gargalhadas mostrando o dedo para ela. Ela não se dava conta. Ela servia as bebidas, trocava os cinzeiros, limpava a mesa, ria com eles, obrigado, até logo. Eu perguntava se ela conhecia essa gente: "amigos". E era tudo. Quem quer que transasse com ela virava "um amigo".

E ela tinha um montão de amigos.

la desde o cozinheiro do Trying até alguns dos figurões venerados pelo Nojento, que aterrissavam sempre com bandos de quinze, monopolizavam o restaurante e pagavam sozinhos, sem pestanejar, os mil e quinhentos euros da conta, sem que seus convidados também dessem a mínima, como se fosse normal. Sissi era a encarregada deles, ela aguentava as gozações escabrosas, ela aguentava os sarros no traseiro e os olhares condescendentes das mulheres, e em seguida metia a gorjeta no bolso. Uma puta gorjeta.

O Nojento também tirou a sua casquinha, é claro. O *sommelier*. O manobrista. E todos os *habitués*. E, cada vez que uma figura conhecida tinha o azar de passar no pedaço, vocês podem estar seguros de que ela não descansaria até descolar um encontro. E esses "encontros" eram como os "amigos" dela. Ela tinha encontros às duas horas, às três, às quatro da matina, depois de noitadas para as quais não era convidada, depois de deixar a namoradinha oficial em casa. Na casa deles, na casa dela, nos bares de hotel, nos quartos do hotel, nas esquinas, nas boates, nas casas do *striptease*, nas casas de suruba. E ela ia. E chegava atrasada no dia seguinte no trabalho e, é claro, o Nojento não fazia nada. Ela chegava dolorida, com olheiras, cheia de si, e me dizia que foi ótimo, e isso era só o que dizia. Quanto ao "amigo", a gente nunca mais o via. Na mesma noite, ela passava para o próximo.

Ela sabia tirar partido de sua pequena virtude. Dos "bacanas" com quem transava, só conseguia um sentimento muito ilusório de superioridade, quando estávamos presas num engarrafamento, por exemplo, ela buzina com violência, completamente transtornada de que não abrissem caminho para alguém que se impregnara de um filhinho de papai na véspera. Ela nunca ficava tão feliz como nas segundas de manhã, quando um dos *boys* nos trazia os jornais de fofoca com escândalos. Conseguia de imediato uma folga, me arrastava para um dos cantos do Trying e virava avidamente as páginas em busca de um ex de quem pudesse se referir pelo prenome, soltando comentários cujo único objetivo era satisfazer sua vontade de contar vantagem de graça: "Olhe, Fulano está de caso e é aparentemente fiel, é brincadeira, a gente vai ver isso na próxima vez que ele passar por Paris". Pensei que ela fosse morrer de felicidade no dia em que apareceu sentada ao lado de Mick Jagger no Plaza, na seção Noite do jornal. Enquanto isso, ela errava todos os pedidos.

Quanto às vantagens que ela tirava de ser desfrutável, elas estavam longe do virem da fina flor dos seus laureados, mas vinham daqueles que não a valorizavam nem um pouco, seu apartamento, foi um horrível saúdita quem lhe emprestou, cada vez que o carro dela enguiçava, ela sabia a quem procurar para que o conserto ficasse de graça em troca de uma simples chupadinha, o Nojento a deixava na santa paz e lhe pagava um salário de rainha, era vestida por costureiros heterossexuais, a convidavam para restaurantes, ela sempre voltava de um encontro com um telefone novo, com DVDs, maços de cigarros, um pulôver de *cashmere* emprestado três vezes o tamanho dela que não devolvia, uma vez que não pediam de volta, uma garrafa de champanhe, livros que ela não lia, que pegava porque não encontrou outra coisa, para não sair de mãos vazias. A

única coisa que nunca conseguia descolar no colchão era trabalho.

Ela era uma atriz lamentável, quando fingia irritação, parecia simplesmente estar de barato e, quando representava estar triste, parecia mais burra do que nunca. De forma que podia transar com tudo que havia em Paris de produtor, diretor ator, roteirista, agentes de cinema licenciosos, esses, se consentiram transar com ela, nunca se decidiram a comprometer suas carreiras para recomendá-la. Eram os únicos para os quais ela ligava de novo, ela insistia durante semanas nas sempiternas secretárias eletrônicas até desistir, com outra presa em vista.

Posso dizer que aprendi muito ao lado dela: era o melhor dos exemplos a não ser seguido.

De qualquer forma, e como o destino não é muito seletivo na escolha de seus mensageiros, foi ela quem me levou àquela *soirée* onde conheci o homem que deveria mudar minha vida. E fazer de mim o que me tornei.

A conquista mais recente de Sissi, quer dizer a conquista da véspera, era a combinação de uma fisionomia ingrata, uma boa centena de quilos a mais e as funções de diretor da maior empresa de eventos da Europa chamada, acho eu, Really VIP. Era uma empresa especializada em casamentos principescos, concertos privados de Michael Jackson nos aniversários dos filhinhos queridos de chefes de Estado africanos, aluguel de palácios de governo para fazer festas lá dentro, e sobretudo, sobretudo, as *avant-premières* das superproduções americanas, onde se acotovelavam tantas estrelas que o conceito de estrela perdia seu sentido.

Naquele dia, ela chegou ao Trying com os olhos pulando para fora. Pelo seu jeito, disse para mim mesma que desta vez ela tinha tirado a sorte grande, ganhado um monitor de plasma, um colar de diamantes, um carro esporte ou uma

pintura roubada de um grande mestre. Ela tinha feito melhor do que isso, pelo menos aos nossos olhos de deslumbradas; naquela mesma noite tinha ocorrido a *avant-première* de um tal Karénine, cujo elenco tinha nada menos que Leonardo DiCaprio, Viggo Mortensen, Yehudi Maas, Brittany Murphy e Naomi Campbell num papel de surda-muda, a DLD Productions oferecia depois da projeção uma "*party*" gigantesca num local mantido em sigilo até duas horas antes de pipocar a primeira rolha de champanhe, Really VIP tinha arranjado um carregamento de pessoas importantes que iam chegar em avião particular, arregimentado para a noite todos os *chefs* de todos os Nobus do mundo, inclusive o próprio Nobu, encomendou no John Galliano cem camisetas, nas quais foi impresso o cartaz do filme, para oferecer aos convidados, a noite seria quente, elétrica, *rock'n roll* e escandalosa, e inscritos, no preto e no branco, nesta explosão de *glamour*, estavam os nomes obscuros de Simone Bouchard, dita Sissi, e Manon D. na lista de entrada do paraíso.

Quando faltavam dois minutos para as dez, estávamos as duas a postos na casa dela, penteadas, maquiadas, arrumadas, prostradas diante do telefone que imperava exatamente no meio da mesinha de centro, da qual havíamos tirado toda a bagunça para evitar a menor possibilidade de interferência nas ondas sonoras.

Às dez horas e catorze, ele tocou. Era a mãe de Sissi. Bastou ela ter declarado seu título: "Sissi, é mamãe, você vai vir passar o Natal conosco?...", que Sissi, sufocando um grito de ódio, cortou sem mais nem menos a ligação.

Às dez horas e cinquenta e três minutos, Alistair, da Really VIP, finalmente nos alcançou e, com sotaque escocês, nos notificou que a festa após a *avant-première* de *Superstars* aconteceria no Pavillon des Champs-Élysées e iria começar às onze horas em ponto. Ton, ton, ton... Alistair já havia desligado.

Caímos nos braços uma da outra, um abraço do qual nos livramos rapidamente para ir passar uma sétima mão de pintura na cara.

Sissi utilizava produtos surrealistas, do cuja existência eu nunca teria suspeitado, como esse óleo com pedacinhos de ouro, com o qual lambuzava o decote, os braços e as pernas, e que a deixava brilhando como um gladiador na arena, ou aquele instrumento de tortura que servia para revirar os cílios, com o qual por três vezes belisquei minha pálpebra.

Uma última pincelada e nós duas parecíamos dois transexuais, disse isso para ela, mas minhas dúvidas foram dissipadas quando ela me disse que Brittany Murphy estaria sem dúvida muito mais maquiada do que a gente, e que "de qualquer jeito não se vê nada ao escuro".

Nós estávamos prontas. Ela pendurou brilhantes nas orelhas, em volta do pescoço, nos dedos, nos punhos, e em volta do tornozelo direito, por cima da bota. Eu... eu não tinha joia nenhuma, exceto minha pulseirinha de ouro com meu prenome gravado, presente de meu pai. Ela sugeriu que eu a tirasse, achava que era cafona, mas no fundo estava pouco se lixando. Não dei importância, peguei as minhas chaves do carro e fomos embora.

Enquanto ia dirigindo, um silêncio religioso nos envolvia. Não pensamos sequer em ligar o rádio. Sissi, nervosa, abria a bolsa dela, passava em revista seu conteúdo, e a fechava em seguida com um estalo, para abri-la de novo, abaixar o espelho do carro, tirar o pincel e a caixa de pó-de-arroz, retocava, arrumava tudo de volta, fechava de novo a bolsa, a reabria, fazia o inventário mais uma vez do conteúdo, tirava o batom e o brilho, besuntava a boca, e assim por diante.

Eu não havia ligado de volta para Georges. Ele tinha sido claro o bastante e eu não tinha a menor vontade de passar

por aquilo. Sissi nunca quis me inserir nos seus *castings*, eu não sabia muito bem como me virar e estava aos poucos perdendo as esperanças. Simplesmente, esperava. Esperava, aguardava. Dirigi sem farol até o Champs-Élysées. Sissi havia me emprestado para a ocasião um vestido de seda vermelho, decotado até a barriga na frente, e que descia apenas um pouco mais que minhas coxas, combinando com botas de cano longo e salto estilete, com as quais não conseguia pisar nos pedais. Era a primeira vez que eu vestia algo de seda, e era agradável. Era também a primeira vez que eu saía em Paris. Sissi nunca me levou a lugar nenhum, nem às boates onde ela conhecia todo mundo e onde cruzava regularmente com os clientes do Trying, e muito menos aos seus encontros. Eu estava achando que nossa amizade havia progredido, sendo esta a razão do seu convite para acompanhá-la, mas na verdade estava lá apenas para servir de base de apoio, alguém com quem falar no caso de ela ser deixada de lado. Há pouco, quando me viu arrumada, Sissi simplesmente se recusou a me emprestar a bolsa e o casaco que completavam minha roupa e, do assento do carona, ela tinha uma maneira aflita de olhar fixamente para o meu perfil. Foi com grosseria que ela me mandou estacionar o mais longe possível do Pavillon des Champs-Élysées, porque não queria ser vista saindo do meu carro. O dela havia batido as botas naquela exata manhã e, exausta pelos esforços para a noite, ela não se sentia em condições físicas de pagar o mecânico com seus favores. Pegamos o meu e, segundo Sissi, era quase um favor que ela fazia de se sentar nos meus bancos gastos. De forma que estacionei o mais longe possível, numa ruela perpendicular à avenida Franklin-Roosevelt. Deixei meu casaco no carro porque tinha vergonha, enfiei minhas chaves e meu maço de cigarros dentro da botas, e nos pusemos a caminho.

Sissi caminhava alegremente, aconchegada no *vison*, presente de um dos seus "amigos". Pobre de mim, que avançava aos trancos e barrancos, as pernas e os braços nus debaixo de pelo menos dez graus de frio.

Assim que viramos a esquina da Franklin-Roosevelt, eu percebi a multidão. Nunca tinha visto algo assim. Em duas horas, a informação havia se propagado até os penetras, e esses tentavam de qualquer jeito, sozinhos, na esperança de pelo menos ver um pedacinho de Leonardo DiCaprio, ou um fio de cabelo de Brittany Murphy. Eu estava quase na mesma situação que eles, exceto que eles não tiveram a sorte, como eu, de ter uma amiga que transou com um *promoter*.

Sissi me agarrava o braço, e a gente progredia lentamente. Havia uma grade com duas entradas. Na da esquerda, um magricela nanico, com um chapéu de caubói, cercado de cinco gorilas, segurava a famosa lista. Era lá que se triturava a multidão, discutindo que tinham amigos lá dentro, afirmando que eram parentes do *promoter*, do presidente da DLD Productions, até do próprio Leonardo, argumentando que, sim, o nome deles estava na lista, mas o magricela não sabia ler, e este berrava, agitava os braços, mandava as pessoas recuarem, e ninguém recuava, e então chamava um gorila para afastá-las, e todos recuavam e ficavam alguns segundos de tocaia, para logo retomar o assalto à grade que balançava perigosamente. Na da direita, não havia nenhum magricela nanico, nenhuma lista, apenas um gradeamento, e grades, com guaritas, que se estendiam até a rua. As limusines, os carros esporte, paravam precisamente neste local, e seus conteúdos, escoltados pelos seus próprios guarda-costas, desciam rapidamente, com uma agilidade que testemunhava uma longa prática, partindo em disparada pela entrada.

Dois Voyagers de vidro fumê abriram suas portas, "É o Leonardo, é o Leonardo", murmurava a multidão fora de si.

Dez caras em calças *baggy* e camisetas largas saíram dos carros, eu torcia o pescoço procurando pelo perfil conhecido, mas Sissi, bem informada, me deu a dica de que era só o bando de amigos dele, que ele deve ter chegado muito mais cedo por uma outra entrada. Um helicóptero aterrissou no jardim. Só faltavam alguns metros para chegarmos ao objetivo. Eu distinguia as narinas do magricela, a expressão impassível dos leões-de-chácara (que já estavam acostumados) e todas aquelas mãos estendidas, tentando chamar a atenção. À esquerda, ninguém entrava. Eu estava com dor de cabeça e com a sensação de olhar a cena através de um vidro opaco.

Sissi lutava ao meu lado para chegar até o dono da lista, ela deu uma cotovelada excessiva e foi insultada por todo um bando de gente. Ela respondeu no mesmo tom e os aconselhou vivamente a irem para casa já que não tinham a menor chance, a menor chance mesmo, de entrar. Não precisava nem olhar a lista, bastava ver a cara escrota deles para perceber que tinham se enganado de endereço. Isso tudo poderia ter acabado mal, mas me dei conta de que o magricela nanico apontava o dedo em nossa direção. Sissi também se deu conta e calou a boca. E o grupo de beligerantes também.

— Você. Sim, você. De vermelho.

De vermelho, devia ser eu.

— Ande. Ora, ande de uma vez!

Sissi me segurou o punho e me puxou até ele, as pessoas se afastavam à nossa frente. — Qual é o seu nome?

— Manon.

— Entre.

Ele abriu o cordão. Nós passamos, nós entramos, ele não deu uma olhada sequer na lista.

Era um sem-fim no lado de dentro, um sem-fim magnífico. Os alto-falantes tocavam a *Primavera* de Vivaldi. Guardaram o casaco de Sissi, eu... eu não tinha nada, e me olharam como se fosse uma maluca, nos entregaram uma bolsinha e nos conduziram em seguida até o salão. À medida que nos aproximávamos, sons selvagens, baixos capazes de provocar a surdez, iam crescendo, desfigurando a música clássica. No momento em que atravessei a porta, a *Primavera* desapareceu. Mal acabei de identificar *Paint it black*, dos Stones, e Sissi já ia longe. Plantada diante da entrada, descobri o que era a verdadeira vida. Quinhentas pessoas em movimento num espaço projetado para cem, e eu conhecia desde sempre pelo menos a metade da gente que estava ali. Tinha a garota na embalagem do meu batom que conversava com o Homem-Aranha, seres não totalmente humanos, com braços e pernas intermináveis, e os cabelos no rosto, todas com o mesmo sorriso de americanas transbordando felicidade de viver, dançando desvairadas, rejeitando a cada instante as tentativas de aproximação dos homens, que não eram nada menos que o guitarrista dos Red Hot ou George Clooney. Uma bandeja de champanhe passou perto de mim, agarrei uma taça e esvaziei de um gole. Resolvi contar os ex de Sissi, não eram tantos assim, mas havia alguns. Yehudi Maas, por exemplo, que puxava Stella McCartney pela manga, e achei que era bastante patético de Sissi se incrustar numa noite de *avant-première* se prostituindo junto do relações-públicas, quando tinha dado para metade dos convidados. Havia projetores varrendo a multidão e alguns *flashes* furtivos que provocavam a ira das estrelas em cima dos pobres fotógrafos que faziam seu trabalho: "No photo! No photo!", de qualquer forma, estes não eram admitidos no espaço realmente VIP, que abrigava a equipe do filme.

Quase comecei a chorar no banheiro, quando percebi, no espelho, a perfeição em forma de mulher que lavava as

mãos ao meu lado. Escutei minha voz dizendo dentro de mim que aquele não era meu lugar, que elas eram todas belas assim e que eu iria conquistar Leonardo DiCaprio na próxima encarnação, isso se eu reencarnar como uma verdadeira *bombshell*. Foi quando percebi que era Elle McPherson, só existem oito mulheres no mundo iguais a ela. Eu suspirei. Em seguida, como se "*the place to be*" aquela noite fosse o banheiro, Brittany Murphy é quem sai de uma das portas dos toaletes, ela não estava nem um pouco maquiada (Sissi mais uma vez disse uma idiotice) e era muito menos bonita que Elle McPherson. Ela segurou meu pulso para examinar minha pulseirinha de perto e me disse, em versão original sem legendas, que a achava muito bonita e que queria fazer uma igual, mas com "Brittany" escrito nela, não é mesmo, em vez de Manon. Depois me desejou uma boa noite e saiu do banheiro. Brittany Murphy, além de ser uma grande atriz, era um barato de mulher, gentil, simples e, sobretudo, tinha bom gosto. De agora em diante, vou ver todos os seus filmes. Agora fui eu quem saiu do banheiro. De volta ao calor da ação, sentindo-me mais forte com os laços que me uniam a Brittany Murphy, eu olhei para a multidão com segurança. Foi nessa hora que um sujeito com cara de empresário veio falar comigo. Eu nunca havia visto um empresário na minha vida e não sabia, ainda por cima, em que consistiam as funções de um empresário, mas imaginava que tivesse esse tipo de cara. Eu não me enganei, era de fato um empresário, mas não entendi nada do que ele me disse, mesmo assim, ele me levou para o espaço realmente VIP, e fiquei grata a ele por isso. A vida de verdade... A vida verdadeira, era olhar Leonardo em tamanho real num pôster e, bem na frente do pôster, ver o próprio Leonardo.

E tinha alguém, ao lado de Leonardo, que todo mundo tratava com mais deferência ainda. Ele não estava em evidência. Estava sentado, quase escondido, e tinha um

olhar sombrio. À esquerda dele, uma *bombshell*, à sua direita, outra *bombshell*. Sentaram-me na frente dele, perguntaram o que eu gostaria de beber, e não trouxeram em absoluto a Coca Light que eu pedi. Eu mereci um coquetel laranja, cujo gosto de pêssego disfarçava sutilmente o do álcool, em dose maciça, se o estado em que acabei serve como medida. Meu vizinho falava comigo em inglês, com a voz em *off*. Eu... eu olhava para o outro.

— *Lady in red? Do you want something else to drink? Lady in red? I am talking to you. Lady in red? Look at me, please!*

O outro não se mexia. O outro não olhava ninguém. Tinha um copo na mão, o qual levava de tempos em tempos aos lábios, com um ar de querer se afogar dentro dele. E eu tinha a sensação de o espaço estar mergulhado no escuro, com apenas um projetor concentrado no outro. E todas as pessoas presentes estavam animadas por um fio, como marionetes, quase podia ver, esses fios, embaraçados com todo esse movimento, eles acabavam todos na mesma mão, e era a mão do outro.

Eu perguntei a ele se falava francês. Ele deu um pulo. Encarou-me como se eu acabasse de insultá-lo. E todo mundo congelou na mesa. Em seguida, ele assentiu. Olhou para a garota à sua direita, e ela se levantou. Depois olhou para mim, e eu sentei no lugar dela. Marionetes. E eu também era uma. Ele falava com dificuldade, como se houvesse perdido o fôlego, com uma voz rouca, sufocada. Suas frases eram intermitentes. Estava pouco se lixando se o entendia, acho eu.

De onde você veio?... Com seu vestido dos anos 80... Seus cabelos nos ombros... Você nem uma bolsa tem... De onde você fugiu?...

*Simplesmente do campo... Do meu vilarejo... Do interior.
O que veio procurar aqui? Você não estava bem lá?*

Quero trabalhar no cinema.

No cinema... Você vive de quê?

Como posso.

Você é modelo?

Sou garçonete.

Você diz isso... Como se estivesse orgulhosa...

Não sinto orgulho, mas também não sinto vergonha.

Não tenha vergonha... Então você serve aos outros sonhando com a glória, você desaparece nas folgas para tentar descolar um papel nos castings e, à noite, quando sai, tem a sensação de que já é uma estrela?

Eu sirvo aos outros, mas meus sonhos só a mim pertencem, e nunca saio.

O que é que você está fazendo aqui?

É a primeira vez.

No cinema... Por quê? Para ficar rica, famosa, para que amem você?

Não.

Por quê?

Para mudar de vida. A cada papel. Mudar de pele. Mudar de passado. Mudar de nome. Mudar de história. Mudar de rosto. Eu detestei minha vida, quero experimentar outras.

Papo furado... O que você quer é dinheiro fácil, o luxo e as homenagens, que tenham inveja de você, mesmo quando tenham pena de você, o mundo a seus pés, os caprichos de diva... E todo o resto...

Não me importo...

É realmente isso que você quer?

Sim... Eu faria qualquer coisa.

Qualquer coisa... Que tipo de qualquer coisa?

Tudo. Eu venderia minha alma ao diabo...

Mesmo?...

6 É ela

DEREK - Eu a encontrei. Encontrei? Mais ou menos. Digamos que eu a colhi; ela tinha um ar aparvalhado de órfã que olha carros futuristas passarem na beira da auto-estrada, não era nada má, naturalmente graciosa sem ser exagerada, apesar daquela espécie de vestido vermelho que doía nos olhos, algo que Michelle Pfeiffer poderia ter usado em *Scarface* sem destoar, só que, é isso, *Scarface* foi feito em 83. Eu a vi imediatamente, é claro, no gênero "eu a encosto em fogo contra qualquer parede de hotel, já a comi pela metade antes mesmo de chegar ao andar certo, tenho dificuldade em abrir a porta — uma vez que você estará necessariamente me chupando: perdi a cabeça —, você arranca todos os botões da minha camisa, dane-se, devo ter cerca de duas mil, as roupas emboladas no chão, como numa luta livre até a minha cama, sobre a qual só dá tempo de subir antes de ejacular e a gente recomeça" , e qualquer outro detalhe suplementar é excessivo, já que, afinal de contas, é sempre a mesma história de golpes de língua em tudo quanto é lugar, depois a bolinagem com os dedos, o sarro de pica, com arfadas um pouco patéticas, uma expressão demente no rosto, os olhos pulando fora das órbitas, a boca deformada, a mistura de secreções, e tudo isso é, pensando bem, bastante absurdo, pois é repetitivo, e bastante nojento, pois é pegajoso, sinto-me, de qualquer forma, afanado — e isso não é um mau trocadilho —, de modo que entro no banheiro para lavar as mãos, porque não sei, afinal de contas, quem é essa garota, e sou surpreendido ao me ver realmente bonito, bonito de verdade sob essa luz difusa, os traços um pouco esgotados e o robe entreaberto, em seguida, completamente fora de propósito, enfiei óculos escuros de Gucci, os quais, apesar

de todo o esforço criativo que foi preciso para sua elaboração, se parecem simplesmente com um par de *ray-ban* fajuto, e fiz caras, sentindo-me loucamente *rock'n roll* — pouco antes de me achar loucamente patético, com meu roupão, meu abdômen, meus óculos de mulher no escuro, lembrando-me depois que tem gente que se afoga assim e, ao escutar o prólogo de *Roxanne* do Police, irradiado suntuosamente pelos meus *baffles* Apogée nas minhas caixas de som, fui reintegrado ao quarto e à garota e compartilhei com ela, em *play-back*, meus pensamentos profundos a respeito dela, chamando-a de Roxanne como que inadvertidamente, explicando para ela que não deveria ter vestido aquela roupa nesta noite, nem vender seu corpo à noite, hein, Roxanne, mas levando em conta o seu conhecimento aproximativo do inglês, tenho certeza de que não captou a mensagem, por outro lado, ele deve ter achado isso romântico, uma vez que pertence a essa geração de gatas, vinte anos no ano 2000, que acha romântico chupar um pau dentro de um *carwash*, bastando para isso que um "por favor" seja emitido, tudo isso, enfim, para voltar ao fato de que, desde que parei de me drogar, tornei-me muito mais sensível aos efeitos do álcool, ou quem sabe envelheci, e penso no tempo nem tão distante assim, quando esperava crescer, e penso que não há nada pior que este momento quando a gente pára de ter vontade de crescer para começar a recear envelhecer, depois me pergunto se isso é ou não é algo a ser considerado um lugar comum (seria apenas o trigésimo sétimo hoje), e sinto a idade pesar em mim, pesar, vinte e nove anos já, com mais lembranças do que se eu tivesse mil, e Manon quer apagar todas as luzes, e eu tento me opor, quando um barulho surdo no corredor me faz sobressaltar, aperto então o cinto do meu robe e atravesso o quilômetro que separa minha cama da porta de entrada, com tempo de sobra para piscar o olho para Cindy, que desfila Jill Sander, no plasma da sala, pego a guitarra de Mirko, uma velha Gibson Les Paul

collector, que dei de presente para ele na quinta vez que saiu da prisão, bem determinado a quebrar a cabeça de quem quer que me queira mal, e abro bruscamente a porta com a guitarra no ar. Mirko, roncando, se desfaz diante dos meus pés descalços: esse idiota esqueceu de novo o cartão e dormiu mais uma vez encostado na porta ao voltar de não sei que farra, sabendo que sofre de um tique que só se manifesta quando ele capota, ou quando está muito louco, ou as duas coisas juntas, causando movimentos involuntários de extrema violência, como naquela vez no barco, por exemplo, quando, totalmente despirocado de *freebase* que ele fumava havia três dias num ritmo de doze vezes por dia, atirou a minha pobre madrasta por cima do parapeito de bordo ao largo das Caraíbas, bem no meio dos tubarões brancos, aquele dia, enfim, teria sido um ótimo dia se ela conseguisse ter sido devorada, a escrota lipoaspirada até as orelhas, mas aqueles bichos escrotos, infelizmente, não gostavam muito de Botox, ou perceberam talvez — o famoso sexto sentido dos animais — que minha madrasta, num cara a cara com um tubarão, fazia mais o gênero de comer o tubarão do que o inverso, de forma que naquele momento preciso, enfim, com os problemas maníaco-compulsivos de meu amigo Mirko traduzindo-se mais por sua vontade de degradar a socos não apenas a porta do meu quarto, mas também minha paz de espírito e, por conseguinte, meu equilíbrio mental, a palavra-chave sendo ultimamente: paranóia, paranóia, paranóia, eu o acordo com um par de tapas na cara e sugiro que ele passe o fim de semana em Milão, o que faz dócil e imediatamente.

Em seguida, percebendo a cacofonia que sai por baixo da porta defronte, eu penso conspiração, conspiração, conspiração, e então bato na porta, toco a campainha, berro, até que uma morenaça com protetor de ouvido abre a porta e fica alterada ao me ver.

— Eu gostaria de poder dormir esta noite *pelo menos uma vez* — digo para ela —, de forma que a senhora faria uma gentileza se parasse com essa música de selvagens.

— Isto é Mozart, anormal.

Ela bate a porta na minha cara, e ela se parece de forma perturbadora com a morena de óculos sem os óculos, daquele terrível jantar de babacas.

— Não se escuta Mozart com som de *funk* numa porcaria de raiva de plástico de um três em um vermelho de alcinha sábado à noite nos Champs-Élysées.

Silêncio. Porta fechada.

— Isso aqui não é nenhum albergue da juventude.

Porta fechada. Aumento da provocação.

— Você está achando que a sua cara fica um barato com o protetor de ouvidos?

Porta fechada, eu começo a ficar parecendo um babaca. Passa um garçom com um carrinho bastante carregado, considerando o horário e o tamanho dos quartos neste andar.

Eu o interrogo com o olhar.

— Tem uma suruba no quarto dos sauditas do terceiro andar.

— Ah — digo eu, morto de inveja —, as práticas abjetas dos outros hóspedes não me interessam, o senhor, por outro lado, pode fazer um grande favor colocando no olho da rua os ocupantes deste quarto aqui.

—...?

— Eles são... bem... são mal-educados.

— Mas, monsieur Delano, não tem ninguém neste quarto.

— Como? Não é Cristal rosé?

Estou falando da garrafa de champanhe no carrinho destinada aos sauditas surubentos, é simplesmente Cristal,

e de um ano de merda: fico radiante.

— Não, monsieur Delano.

— E o que é que eles comem com isso, criancinhas, carne de criancinha moída com purê de batata?

— Hum, hum.

— Bem... bem... ponha essa gente na rua e a gente fica por isso mesmo.

— Por que... o senhor acha que eles encomendaram criancinhas?

— Não estou falando dos sauditas, mas destes aqui! Você não está escutando a música, isto é inadmissível, as três horas da manhã!

Dou pontapés na porta.

— Que música?

— O *Requiem*, porcaria!

Ele me olha como se eu fosse um maluco, e percebo que reina o silêncio mais absoluto.

— Não tem ninguém neste quarto, monsieur Delano. Boa noite.

Ele some com seu carrinho, e estou quase certo, enfim, de que ele também não existe. Enquanto volto me arrastando para minha cama — aquilo o que parece ser minha cama —, percebo que talvez tenha ficado completamente demente e, entre a morte de minha mãe, de meu pai, de Julie e a solidão, surpreende-me precisamente ter esperado todo esse tempo antes de deixar este vil mundo real no qual as pessoas são feias e más para reencontrar um paraíso povoado de amigos imaginários ou ressuscitados. Pronto, estou esquizofrênico, o que posso fazer a respeito? Minha suíte está na penumbra e silenciosa, dez metros me separam do teto, e sou tão insignificante quanto um ser humano no universo. Manon dorme e eu a olho dormir. Ela tem olhos azuis debaixo de suas pálpebras

rosadas, e alguma coisa triste, alguma coisa Jane Birkin. Ela tem um bracelete de ferro preso ao pulso, um objeto *cheap*, e *kitsch*, feito de grossos elos e seu nome gravado, eu digo a mim mesmo que alguém que a amava encomendara a pulseira para ela e lhe deu de presente, e pergunto-me o que é que ela busca exatamente para preferir estar aqui, na minha cama, comigo que não deseja nada de bom para ela.

Eu me estico ao seu lado, e fecho os olhos, sabendo muito bem que não dormirei. Faz muito tempo que não durmo mais, e receio a noite como uma verdade que machuca. Não existe alternância entre alegria e sofrimento, apenas o sofrimento existe, e a alegria é simples estado de graça. Passo o dia inteiro tomando picadas do mundo, das mulhereças, das aparências, são como a morfina que aplaca a dor, mas não a doença, depois seus efeitos se dissipam, é a noite, não consigo dormir, ou estou maaaaaaal.

— Monsieur Delano?

— Monsieur Delano?

— Derek, enfim, faça um esforço, estão olhando para você.

Eu levanto usando meu cotovelo direito, sobre o qual me apoiara originalmente apenas um instante, apenas para aliviar um pouco meu pescoço de ter que suportar minha cabeça enorme e, como a gente podia ter imaginado, considerando a hora matutina — será que é possível estar de pé às nove horas, e ainda por cima limpo, de terno, barbeado, em forma, o que implica além do mais estar lá, em horas de preparativos e café-da-manhã reforçado —, eu evidentemente dormi, e sei que tenho o aspecto de uma espécie de poça de lama, da qual sobressaem apenas meu nariz e meu relógio Panerai. Abro o olho direito e, após um esforço sobre-humano, o esquerdo, e, ao ver aquelas quinze caras indignadas, só tenho uma vontade, que é me deixar

remergulhar no mundo afortunado dos pesadelos, e tenho alguns segundos de angústia durante os quais fico sem saber se não estou por acaso bem no meio de um e, se em vez de despertar, acabara de adormecer, mas meu Panerai é bem real: eu não poderia ter inventado seu número de série e, de qualquer modo, estou pouco ligando. De forma que me constranjo, segurando a mesa com o que sobrara das minhas magras forças, a me recompor no assento e a inventar qualquer coisa.

— Hum...

— Monsieur Delano?

— Já vou falar. Um momento, por favor.

— ...

— Para começar — digo eu —, faço questão de dizer a vocês que não estava dormindo, mas que estava refletindo. Cada um tem suas pequenas manias, não é mesmo, acontece que tenho a mania de pensar com os olhos fechados e hum... a boca... aberta. É melhor para hum... a concentração.

— Bom, Derek, neste caso o que vamos fazer?

Foi Oscar quem falou, olho seus grandes olhos castanhos e descubro neles, alucinado, que esse cara confia em mim.

Ele espera direitinho o veredicto do mestre — eu sou o mestre. E, quando o veredicto for pronunciado, ele o executará, basta-me dizer uma só palavra. Oscar veste um terno de corte um pouco antiquado, um velho terno Arnys, não está usando óculos hoje, será que os substituiu por lentes de contato, "muito mais confortáveis, muito mais estéticas", e eu espero... espero que sua horrível gravata seja um presente de um dos três pirralhos dele, pois tenho um pouco de dificuldade em imaginar quem quer que seja entrando numa loja de gravatas, ou até numa butique ordinária de *prêt-à-porter* e ficando embasbacado diante desta gravata batendo palminhas e berrando: "É esta aqui!

É esta aqui que eu quero! Eu vou usá-la durante as assembleias extraordinárias de acionistas para provocar náuseas no meu chefe que está viajando de ácido no momento em que lhe é dada a palavra!". De forma que um moleque pouco escrupuloso descola a primeira gravata com figurinhas de Tintin que vê, provavelmente para não chegar de mãos vazias a festa do Dia dos Pais e, acima de tudo, não sair de mãos vazias. Oscar é tão humildemente simpático, suas meias brancas me comovem a ponto de chorar.

— Monsieur Delano.

— Sim, sim. Hum. Meu pai comprou o mundo e me deu de presente. Os senhores, eu, nós, não passamos de grãos de poeira hum miseráveis se comparados à obra gigantesca realizada pelo meu pai hum Javier Delano, que transformou uma, digamos, pequena empresa familiar no maior grupo petrolero da hum história do grupo petrolero, história sulfurosa e movimentada, cujas raízes se perdem nos...

— Nos pobres fazendeiros analfabetos dos confins da Venezuela que venderam de graça suas terras, você fala de uma obra gigantesca.

Ele falou baixinho, mas escutei, aquela bichona careca metida no seu terno Hedi Slimane pour Dior, de riscadinho, três botões.

— Eu pediria ao senhor que permanecesse calado, o senhor aí com a calvície, o senhor insulta a memória de um homem que faleceu em meio a sofrimentos atrozes.

Dizendo em seguida por entre os dentes: "Bichona...", prossigo.

— Como disponho de cinquenta e um por cento desta empresa, entre outras, e como sou muito, muito mais rico e poderoso que os senhores, gostaria que não questionassem minha decisão, e que ela seja executada imediatamente...

— Monsieur Delano, George Bush na linha 2! — anuncia Mira, a telefonista-chefe virgem.

Eu berro:

— Qual dos dois?

— Aquele que é presidente dos Estados Unidos. Agora.

— Mais tarde — urro eu.

E é claro que não é George que está na linha; eu preparei esta pequena maquinação com a colaboração de meu amigo Mirko, e seu sotaque de fazendeiro texano, para impressionar meus acionistas, porque estou de saco cheio de eles ficarem achando que sou um fracassado. Isso provocou, de qualquer forma, um pequeno efeito. Quinze pares de olhos se fixaram em mim — cálculo rápido: um total de trinta olhos fixados em mim, e tenho de reconhecer que no fundo é uma puta responsabilidade, com uma margem de erro de nove zeros.

— Nós devemos...

Silencio dos silêncios. Deglutições. Gotas de suor nas testas exauridas. Um velho bonitão num terno Medi Slimane feito sob medida leva ao nariz um frasco de *soi-disant* Ventoline, mas que, sem dúvida, é um tranquilizante para animais.

Ouçõ o clique de uma câmara fotográfica e, ao mesmo tempo que concludo, tento identificar a origem.

— ...fazer...

Eu reforço as palavras.

— ...aquilo que meu pai teria feito se ainda estivesse neste mundo.

Franzir geral de cenhos.

— E não tolerarei nenhuma objeção.

Estados de choque. Eu me despeço.

— Senhores... Levanto-me.

— Mas Derek...

Oscar me é completamente simpático, mas que não pense que pode abusar e me encher o saco, porque isso poderia muito bem entornar o caldo para cima dele. Acontece de eu apreciar as pessoas, mas isso dentro de limites a serem respeitados.

— Oscar, você sabe, entre a gente, nunca haverá mais nada do que uma morna afeição.

— Como assim, Derek? Eu queria dizer... O que foi que você decidiu, então, Total Fina Elf ou Texaco?

— Infelizmente acontece assim na maioria dos relacionamentos humanos, Oscar; a mornidão, a mornidão, a mornidão, qualquer coisa no lugar de um investimento afetivo arriscado... como? Ah, hum, Total ou Texaco? O que você acha, Oscar?

— Hum, Texaco?

— Até que enfim! A linguagem das grandes decisões é às vezes enigmática, o seu trabalho é decifrá-la para torná-la vulgarmente acessível.

E eu vou embora, e todo mundo pode constatar que estou usando um *jeans* furado e que, escrito em preto no branco sobre a minha camiseta desenhada especialmente para a ocasião, Stephano Gabbana bordou com suas mãozinhas artisticamente manicuradas "ET EN PLUS JE VOUS EM MERDE". Eu sei, é pueril, mas sou malvado e cruel, o que posso fazer?

Depois de um almoço *chez Ducasse*, no Plaza, constituído essencialmente de uma mousse de caranguejo, *foie gras* com trufas brancas, e purê com caviar, inundado de Cristal rosé, sem café, sem sobremesa, um pouco de disciplina para uma vida mais saudável, com Leonardo puto da vida porque tem de participar de três promoções ao mesmo tempo, quando só tem vontade de ficar horas a fio na suíte dele com seus amiguinhos pulando em cima da cama

enquanto olham os jogos de basquete no canal a cabo americano, estou livre enfim de minhas responsabilidades de produtor de *blockbusters* e de Mestre do Mundo, e quero me dedicar ao meu novo capricho: a operação destruição de um ser inocente.

Foi às duas horas e meia em ponto que determinei a Georges II estar exatamente no cruzamento Montaigne-François I, com o objetivo.

Vou estar lá esperando, incógnito, sentado num classe S vidro fumê, que eu mesmo dirijo. O objetivo está usando seu vestido de ontem, e seria um eufemismo dizer que os transeuntes se viram para olhar, é preciso dizer que seu vestido é seriamente decotado, e que Manon — uma vez que seu nome é Manon — tem uma maneira única de dar suas passadas na calçada. Ela entra na Chanel, e eu escorrego atrás dela, irreconhecível debaixo de uma capa Burberry bem tradicional, estou com meu rosto escondido atrás de um par de Yves Saint Laurent, uma verdadeira máscara que cobre a maior parte da minha cara. As vendedoras, avisadas esta manhã mesmo por Mirko, e Livros em Milão, mas sempre eficaz, correm atrás dela; é preciso dizer mesmo assim que a nossa descrição foi bastante precisa: jovem, vulgar e de vermelho, e que nós escondemos na donzela nada menos que vinte mil euros em notas graúdas. Foi então, sob as melhores circunstâncias possíveis, que Manon entrou na primeira parte do jogo: o "*relooking*" e pude constatar por trás do meu jornal russo que o hábito faz o monge: Manon, dando piruetas metida nos mais variados vestidos de puta, recebendo o aplauso venal das vendedoras esnobes, parecia uma herdeira, ou talvez uma jovem estrela italiana. Manon enrubesceu, Manon disse:

— Minha mãe falava o tempo todo de Chanel.

— Ah, é preciso que ela venha nos visitar.

— Ela... está morta.

— Não faz mal, nós lhe daremos trinta por cento.

Por pouco não meti a mão na cara dessa vendedora, mas comovi-me com o espetáculo de Manon, cuja felicidade se deve a *priori* a alguns vestidos chamativos. Eu terminei meu copo térmico de café que um contrarregra tira das minhas mãos, informando-me que vai jogá-lo no lixo e me suplica para tirar os óculos escuros, e fico me perguntando primeiro o que faz ali um contrarregra, depois, por que me chamou de monsieur Delano e, por fim, só vou tirar os meus óculos quando decidir que sim. Em seguida, como acho realmente esquisito, levanto-me com um pulo e começo a perseguir este contrarregra insolente.

O sol do lado de fora queima como se nós não estivéssemos bem no meio de fevereiro, e eu perco o animal de vista. Depois não reconheço a avenida Montaigne, o cenário familiar não me é mais familiar, não tem viva alma, nem um automóvel e, na varanda do Avenue, os clientes, cuja semelhança com os clientes do Avenue é apenas aproximativa, estão calados, e percebo, não sem angústia, que todos os pratos parecem conter a mesma coisa. Estou sozinho diante da Chanel, desamparado, de rapa, e alguma coisa no fundo de mim pede socorro, mas ninguém responde.

— Catorze e trinta, numa avenida de escol no *VIIIème arrondissement* de Paris, Derek Delano e sua namoradinha estão entregues a uma arrebatadora sessão de *shopping*: preço da tarde: vários milhares de euros.

— Ei, cocota, são só vinte mil! Quem está falando?

— Mas isso é apenas uma gota d'água no mar em comparação com a fortuna imensa que Derek herdou de seu pai, Javier Delano. Este argentino de boa família, ex-campeão de pólo, enriqueceu de início fornecendo armas para os rebeldes da América do Sul, África e Europa

Oriental, seguiu-se a compra fraudulenta, nos anos 70, de inúmeros poços de petróleo na Venezuela que alçaram este jovem aventureiro à condição de um dos homens mais ricos do mundo... mas a história não termina aí...

A Voz vem de uma camionete branca e, no momento em que chego aonde ela está, a Voz se cala, as portas batem e a perua já arrancou e, como não gosto nem um pouco disso, pulo dentro do classe S e parto em perseguição, fulo da vida comigo mesmo de não ter vindo com a Ferrari. Estou a cento e vinte na contramão, a perua está apenas trinta metros na minha frente e, então, me dou conta de que a rua tem uma cancela quase chegando ao Rond-Point, eu penso "pronto, está no papo", mas eles passam como num passe de mágica e desaparecem em meio a um caos de buzinas, insultos e um bando de carros imbricados um em cima dos outros. Eu tento segui-los quando o policial corta o meu caminho.

— Monsieur. O senhor não pode passar.

— Como assim? Por quê? Que zona é essa?

— O senhor não pode passar, dê meia-volta.

— Dê meia-volta.

— Meia-volta, monsieur.

Eu desisto.

Manon estava me esperando no hotel, sentada no braço de um canapé, como uma visita. Os embrulhos estavam dispostos bem no meio da sala. Ela continuava usando aquele vestido vermelho, e pareceu-me estranhamente familiar, como se houvesse saído de um pesadelo. As pernas cruzadas, uma mão descansando em cima da coxa, o outro braço levantado, o ombro saliente no qual ela escondia seu rosto, olhando para o assoalho, ar de supliciada.

EU: Tudo bem?

ELA: Tudo.

EU: Não parece.

ELA: Na verdade...

EU: Sim?

ELA: Não, está tudo mal.

EU: Ah.

ELA: O quê?

EU: É isso.

ELA: O que é que você quer, Derek?

— O que você quer... dizer?

— Quero dizer... O que existe entre nós?

— Digamos, dois metros e hum... seu vestido.

— Não é isso que quero dizer.

— É preciso ser mais clara, cocota.

— Precisamente, eu-não-sou-uma-cocota.

— Ah é?

— Esta manhã, você tinha saído quando acordei, uma arrumadeira entrou, com uma bandeja de *croissants*, e suco de laranja, e até ovos com bacon, ela disse para eu engolir rápido...

— Ah, cocota, por favor, não diga "engolir".

— Pouco importa, de qualquer jeito, não consegui comer absolutamente nada.

— Porque você não gosta de ovos com bacon?

— Depois, disseram que era para eu tomar uma ducha e me vestir, porque às duas horas seu... motorista estaria me esperando embaixo para me levar para um banho de loja, e eu fui, como uma idiota...

— Você não é idiota, cocota.

— Não, não sou idiota, e entretanto não estou entendendo nada. Seu motorista...

— Georges. É Georges. Um pouco de respeito.

— Ele nem me deixou ir trabalhar...

— Trabalhar. Que palavra feia, cocota. Ela suspira.

— Existem belas palavras? — pergunta com uma espécie de exasperação resignada que me lembra de alguma forma Julie.

— Manon. Manon é uma delas.

— Estou completamente confusa, Derek.

— Você não precisa mais trabalhar, cocota. De agora em diante você está comigo.

— O que você quer, Derek?

— Estou apaixonado por você, cocota. Não é culpa minha, ontem à noite, você entrou no meu campo visual no momento em que irradiavam *Carmina Burana*.

Ela está cética e percebo que preciso mostrar-me mais convincente.

— De noite — começo, sem saber eu mesmo aonde quero chegar —, eu não durmo. Você não faz ideia do que é isso: a solidão, o silêncio, o calor úmido dos travesseiros cem vezes revirados, espreitar um barulho na rua, um barulho de motor, um grito, o clarão de um farol, as torturas do passado, o medo do futuro, que seja igual ao passado, e depois a madrugada embranquecida através das cortinas, e essas merdas de passarinhos que começam a cantar, poder finalmente fechar os olhos e esquecer... que existe alguma coisa faltando em mim. Os aeroportos na alvorada, óculos escuros e café nojento, chegadas, partidas, partidas, chegadas, para esquecer que não vou a lugar nenhum, a ordem insustentável dos quartos de hotel, com suas mensagens de acolhida na televisão, os chocolates e os pequenos frascos de xampu e condicionador, as coberturas

de papel em cima dos copos de suco de laranja, todas essas passagens pelos bares, essa gente toda que passa e eu... eu fico.

Então, também partir, as estradas, contar os marcos de quilometragem, as fronteiras e as linhas brancas, mudar de disco, *surf music*, Leonard Cohen e Marilyn Manson em Los Angeles, seleções de música local em Ibiza, na Cote d'Azur, Mancini, Sinatra, Legrand, em Paris, somente Chopin, mas é sempre a mesma música, e existe algo que faz falta em mim. O sorriso *standard* das modelos crianças, as mesmas babaquices ditas com sotaques diferentes, no ano passado era preciso que o lábio superior ficasse levemente arreganhado sobre os dois dentes da frente, como Estella Warren, e eu só beijava garotas que usassem aparelhos, Nobu inventou os sushis de tempura, mas não passam de tempuras dentro dos sushis, e foi preciso fazer Nobu Next Door porque todo mundo em Nova York queria, e porque toda Nova York não cabe num único Nobu, tentei tocar piano, depois desisti, era tarde demais, eu não sei quando passei do cedo demais para o tarde demais, antigamente era cedo demais para ir ao cassino, e agora é tarde demais para aprender piano, o que foi que aconteceu neste entretempo? Meu pai morreu, eu herdei, fiz vinte e um anos, fui ao cassino e perdi alguns milhões, teria preferido o piano, mas em vez disso aprendi a enrolar baseados perfeitos e a aplicar meus próprios picos com Julie. Era a época em que todo mundo morava na avenida Foch em Paris e no *uptown* em Nova York, ainda se podia fumar nos voos internacionais, o *Nevermind* tinha sido lançado, o Nirvana estava na moda antes de virar uma piada, para depois ser cultuado, e todo mundo queria morrer cedo demais, para se tornar uma lenda, eu dizia que odiava meu pai, Julie tinha um penteado igual ao do Uma Thurman em *Pulp Fiction*, os sushis e os celulares eram reservados para uma elite, à qual tínhamos orgulho de pertencer, naquela

época havia nas fotos luz nos nossos olhos, eu já tinha dificuldade para dormir, mas ia para as boates, e tomava ácido e Stilnox, e via doze Julies na minha cama, em vez de uma só, e o apresentador do *The Twilight Zone* saía da televisão, e talvez fosse feliz. De fato, tinha vinte anos. E depois Julie virou uma lenda. Naquele ano, o preto estava na moda, e tinha uma multidão imensa no enterro dela, e todos ficaram trocando números de telefone enquanto eu esperava por um milagre, mas não houve milagre.

"Desde então, aonde quer que eu vá, só olho os velhos, e nos olhos deles também não há luz; é porque eles sabem. E eu tenho vinte e nove anos, e é como se fosse velho."

Manon se aproxima de mim e me abraça.

— O que é que falta em você, Derek?

E, na voz dela, não existe mais sinal de defensiva, só existe compaixão, e talvez algo mais. Eu então olho para ela, e ela também olha para mim, direto nos olhos, e aguardo que ela tenha encontrado a resposta que ela esperava para me beijar.

7 Grandeza

MANON - Vocês sabem quem sou eu? Vocês sabem quem sou eu, uma puta? Não? Seu pastel, você serve para que, diga pra mim, se não sabe quem sou eu? Para que serve um *physio*, bem? *Phy-sio*! O que isso quer dizer, segundo você? Isso é grego, babaca, e quer dizer literalmente um cara que sabe quem sou eu! Porque eu SOU! Eu sou, porra! Eu sou uma estrela. E todos me olham quando ando na rua. E você está me perguntando se eu tenho um convite, um convite, pelo amor de Deus. Mas será que você faz ideia de quantos convites eu recebo, você deve achar que eu os abro, você acha talvez que eu não tenho porra nenhuma de outra coisa para fazer? Você acha que eu preciso de um convite para ir aonde quiser? Ele está na minha cara, meu convite! Você vê televisão? Você lê os jornais? Você sabe ler? Você vai ao cinema de vez em quando? Você sai de casa? Porque isso não é possível, sacou. ISTO NÃO É POSSÍVEL, VIVER NA FRANÇA NO SÉCULO VINTE E UM E NÃO SABER QUEM EU SOU!

— Ponha essa doida na rua.

Eu poderia matá-lo, tirar o berro que Derek me deu no caso de eu ter algum problema, enfiá-lo na garganta e explodir os miolos dele, de tal forma fiquei desvairada. Porra de Festival de Cannes. No caso de eu ter um problema? Eu estou com uma merda de problema. Começo a revolver na minha bolsa, enquanto os leões-de-chácara hesitam, eles devem ter me reconhecido, aqueles lá, mas eles não têm coragem de contradizer este babaca de merda de fisionomista tapado. Sinto o cano gelado entre dois maços de dinheiro — Derek depois se vira para abafar o escândalo,

o berro, de qualquer jeito, é *dele* —, eu consigo pegá-lo entre dois dedos e o estou puxando para fora...

— Manon!

Derek. Com os lacaios, Georges II, o diretor, e o lacaio pessoal dele. Eles estão correndo na minha direção. Fazem bem. Eu largo o objeto. Ninguém viu nada. A multidão se afasta enquanto Derek solta o cordão de isolamento e me segura pela mão e me leva para o outro lado. Eu fulmino com o olhar o calhorda fisionomista.

— Realmente, você não a re-co-nhe-ceu?

O calhorda tartamudeia.

Derek dá de ombros. Ele me leva e eu vomito:

— Mato você na próxima vez.

Eu falo sério. Deu um branco, tenho os olhos mergulhados no vazio à minha frente, olhando para o desconhecido, câmara lenta de cem imagens por segundo para jogar meus cabelos para trás, então arranco com grandes passadas de salto alto. Sinto todos aqueles pares de olhos tetanizados pelo escândalo espetando as minhas costas. Mas, bem no meio das minhas omoplatas, está impresso "*Fuck you*" na minha camiseta sem mangas e decotada. Murmúrios. A rotina.

Eu desço para a boate quase surtando. Na escada, Derek me deixa tonta com perguntas: "Chérie, o que é que você está fazendo aqui? Chérie? Você estava dormindo, meu bem, você tomou o seu Stilnox, o que você está fazendo aqui? Hein? Você não devia ter vindo. Volte para o hotel."

Eu arranco minha mão da dele e mando que ele vá se foder, não, mas onde já se viu, vir para cá, essa noite, sem nem mesmo me avisar, para esta festa onde toda Cannes está presente, e eu, então? Será que ele pensa de vez em quando em mim, em mim e na minha imagem? Em que isso pode prejudicar-me, a mim, mais uma noitada, com todos

esses *has been* com a língua de fora que lambem a sola da minha bota, enquanto eu nem sequer posso beber champanhe porque esperam que eu esteja pesando quarenta e cinco quilos daqui a três semanas, tudo isso por causa de uma campanha infeliz de cosméticos japoneses. E se eu não tivesse vindo, hein? Se eu houvesse deixado Derek aqui, sozinho? Não que eu vá ter um chilique se ele descolar uma gatinha; ele é louco por mim, o coitado. Não, não quero saber de fuxico, só isso; que comecem a falar em tudo quanto é canto que a gente brigou, nos separamos, ou simplesmente que ele me larga no Eden Roc para ir paquerar as garotas, eu, ficar com cara de tacho: não obrigada!

A menor vontade de acabar virando uma nota maldosa numa revista safada semana que vem, sugerindo que tentei suicídio, ou que estou em cana, ou desintoxicando, vai ver grávida, mas que o milionário Derek Delano, apesar da péssima atitude da sua companheira, a *top model* Manon D., não desistiu de frequentar a sociedade, e apareceu sorridente, ainda que solteiro, na festa de lançamento do...

— O que é que estamos lançando esta noite?

— O último Samsung. Eu comprei a Samsung.

...do último Samsung onde foi visto, alegremente, na companhia de Kate Moss, ou não sei que princesa italiana, ou aquela fulana que faz a publicidade da Guess.

— Ele tira fotos, é claro, filma e grava DVDs.

— Ah, cale a boca, Derek.

Eu arranco o vidrinho de pó das mãos daquele imbecil do Mirko, e dou pelo menos três cafungadas porque vejo o batalhão alvoroçado desses *pentelhos* de fotógrafos surgir no horizonte, e sei que, em menos de dez segundos, será preciso sorrir, e só a ideia disso me faz cafungar de novo e de novo até esvaziar o que sobrou.

— Devolva o meu pó! — geme Mirko.

— Ah, vê se não enche e vá tocar punheta assistindo às suas fitas de *ultimate fighting*!

— Chérie, enfim, você não devia usar cocaína, você já está completamente ansiolítica — me diz Derek, protetor e aflito.

— E também tomando euforizantes, e olha que não me sinto nem um pouco eufórica diante da ideia, do jeito que estou branca que nem um cadáver e sem ter ido ao cabeleireiro, de ser metralhada por este bando de cafajestes!

— Você tem alguma ideia do significado da palavra "sacerdócio"?

— Puta que o pariu, Manon, meu pó!

— Segure — digo eu alegremente, enquanto jogo o vidrinho na cara dele —, não sobrou nada de qualquer jeito.

— Putz! Ela está escrotérrima, você vai ficar trincada e quicando que nem um cachorro raivoso, e, quanto a mim, estou tomando quetamine esta noite.

Os fotógrafos se aglutinam diante de nós.

— Por favor, Derek!

— Derek, desse lado, por favor!

— Derek, por favor!

— O que é quetamine? — perguntei a Mirko, afastado, mas próximo o bastante para me escutar.

— Tranquilizante de cavalo.

— O quê?

— Derek, por favor?

— Tranquilizante para cavalo?

— É isso aí.

— Por favor, Derek!

— Eu quero. Me dê agora.

— Não.

— Mirko, você está esquecendo com quem está falando.

Estou com os dentes cerrados, já que sobretudo não posso parar de sorrir, e é nessa hora que percebo que não conheço nenhum dos fotógrafos presentes e se, *a priori*, uma coisa leva a outra, nenhum dos fotógrafos presentes me conhece, visto que já faz um minuto que o pipocar começou e ninguém me chama, ninguém enche o meu saco com os "por favor, Manon, desse lado, nhanhã", eu começo a detestar este festival e, quando eles largam a gente porque aquela nanica metida da Miss França aparece com sua coroa ridícula ao lado da Madame de Fontenay, eu dou um beliscão no braço de Derek e pergunto para ele o que está acontecendo.

— Mas, meu bem, eu sei como você detesta estar em evidência, de forma que pedi a todo mundo que deixasse você em paz.

— Diga a verdade, diga que você está de saco cheio de ficar obscuro ao meu lado, seu grandíssimo egoísta.

— A sua paranóia, Manon, começa a ficar cansativa. Pare de achar que você é Johnny Hallyday.

— E você pare de *gaguejar*.

Descendo as escadas e a multidão está tão compacta em terreno neutro, como no bar e no bufê, o que significa que só tem fodido esta noite e também que ainda não aconteceu a distribuição de celulares. É alucinante a velocidade com que um lugar se esvazia quando os presentes são distribuídos: 23h48, seiscentas e oitenta e sete pessoas, 23h49, distribuição de telefones, relógios, *scooters*, felinos enjaulados, não importa, 23h51, são só quarenta e duas pessoas, meia-noite, fim do *open bar*, 00h02, deserção completa do lugar, 00h10, chegada dos fodidos entre os fodidos, os bostas que não foram convidados para o jantar e que fazem presença no lugar na

hora em que a festa não é mais reservada. Fugir de qualquer jeito.

Fugir, de uma maneira geral, de tudo que não é reservado.

Enquanto Derek se recusa a ser entrevistado por já não sei qual tevê a cabo, eu faço a conta das pessoas famosas e constato aliviada que têm muito poucos franceses — os franceses são tão *cheap* —, fora aquela nanica da Miss França e sua mãe cafetina enchapelada, e alguns arrivistas abandonados de todos, embasbacados num canto, e, para elevar o nível, Joey Starr sem Béatrice Dalle, ou será Béatrice Dalle sem Joey Starr, como estou sem óculos, não consigo enxergar três metros à frente. Derek fica me devorando com os olhos de uma maneira tão insistente que me irrita profundamente, eu o faço entender através de sinais que é melhor me deixar em paz, senão eu me mando, como todo mundo, com o Colin Farrell. Nesse exato momento, Werner Schreyer passa a vinte centímetros de mim e não me cumprimenta, apesar de ele ter me *visto muito bem*, seguiu o braço dele e dou um beliscão com toda a força, ele se vira, furioso, e me chama de maluca e, ainda por cima, em inglês. Então, pergunto a ele, em francês — uma vez que nós sempre falamos em francês um com o outro e não vejo razão para isso mudar —, se ele está gozando com a minha cara. Ele olha para o outro lado e vai embora sem dizer palavra. Eu parto como uma fúria para cima de Derek, que está recusando uma entrevista para o Canal+, e berro:

— Werner Schreyer não falou comigo!

— Vocês se conhecem?

Sempre desligado, esse pobre Derek.

— Sim. Derek, a gente se conhece, nós gravamos duas campanhas juntos e você estava *lá!*

— Ah, é sim...

Ele ainda está gaguejando, isso me deixa louca.

— Derek — digo eu — aquele *não* é Werner Schreyer. Mas um impostor. Um tarado perigoso.

— Claro que é — recomeça ele vagarosamente, simplesmente... —, você não sabia que ele, hum, sofre do mal de Alzheimer?

— O quê?

— Sim, é um caso de pesquisa, um caso, hum, único, muito precoce, o coitado, aos vinte e nove anos, você se dá conta?

Pela primeira vez em semanas, eu sinto qualquer coisa, e acho que é compaixão, maravilhada de experimentar um sentimento, viro-me para ele que é o objeto, mas perco a pose quando percebo que ele está "trocando olhares agradáveis" com Dannii Minogue.

— De qualquer forma, o Alzheimer dele parece que não inclui a putinha.

— Quem sabe ele não a está confundindo com a irmã dele?

— Derek. Você é um idiota.

— Não, meu bem, é um caso de Alzheimer bastante conhecido, um Alzheimer seletivo. Ele reconhece algumas pessoas, outras não, olhe, meu bem, a princípio o Alzheimer dele não inclui também a Britney Spears.

— É — digo, rangendo os dentes ao ver Britney Spears dar um beijo tão afetuoso em Werner que deixa o chiclete colado na bochecha dele.

É claro que este tinha de ser o momento escolhido por Dannii Minogue para se chegar, tremelicando seu traseiro lipoaspirado perto da gente, ela cumprimenta Derek fazendo caras e bocas, e tenho vontade de meter a mão na cara dos dois quando Derek elogia o corte de cabelo dela,

uma espécie de franja horrível que desce até seu lábio superior.

— Sabe — responde ela em inglês, e com um ar de quem entende das coisas —, os cabelos de uma mulher são um pouco a memória de tudo o que ela viveu.

Em seguida, some para conversar sobre Botox e bisturi com um velho inglês de cara com *lifting*, que tem alguma ligação com o *rock'n roll* dos anos 70.

Logo depois, ele se manda para apresentar o diretor da Samsung a Mouna Ayoub, me dizendo que nós vamos poder ir embora logo em seguida, mas não tenho a menor vontade de partir, e derramo meu suco de cenoura dietético em cima de Dannii Minogue fingindo confusão, percebo Derek dizer algumas palavras ao Werner Schreyer, que olha para o outro lado estupefato, fazendo não com a cabeça, a princípio ele não se lembra de Derek também, apesar de terem tantos amigos em comum em Nova York, pobre Werner Schreyer, que horror esse negócio de Alzheimer, depois passo na frente de todo mundo no bufê, furando a fila para pegar uma ou duas espetadas de mero, as pessoas me cobrem é claro de insultos, aos quais retruco que, pelo amor de Deus, um pouco de *savoir-vivre*, a anfitriã sou eu, afinal. Duas ideias me ocorrem depois de ter obtido ganho de causa, enquanto mastigo esta guloseima extraordinária: as espetadas de mero; a primeira é de que estou de saco cheio das noitadas onde têm mais fotógrafos que gente para ser fotografada, a segunda, de que estou enojada com as pessoas que comem sempre de tudo no bufê — bem, isso pode ser nojento, mas é de graça. E, se é gratuito, pode muito bem ser nojento.

— Manon? É você?

Eu me viro furibunda sem saber bem por que e caio das nuvens ao perceber este fantasma da Sissi, Sissi num

vestido Galliano do ano passado, olhando para mim como se eu fosse não sei o quê, um encontro do terceiro grau.

— O que você está fazendo aqui?

Fazemos juntas a mesma pergunta uma à outra exatamente na mesma hora, e tenho agora uma boa razão para estar furibunda. Sorrio, incrédula.

— Você está brincando?

— Não — responde ela —, você desapareceu assim, da noite para o dia, é isso, foi na manhã seguinte à *avant-première* de *Superstars*...

Ela franze a sobrancelha.

—... por falar nisso — continua —, eu espero que você esteja com o meu vestido, achei que você tinha morrido, ou algo no gênero, e disse pra mim mesma que não iria vê-la nunca mais, o que era uma pena porque gostava bastante daquele vestido, mas já que você está aí...

— Sissi — interrompi —, você está gozando com a minha cara?

— Você me desculpe, Manon, mas é você quem está gozando com a minha cara. Você desaparece assim, sem dar notícias e com o MEU vestido, e só vou me encontrar contigo um ano depois de barato em Cannes com um corte de cabelo esquisito e você ainda dá uma de bacana? Por falar nisso, como foi que você entrou aqui, é uma festa hiper fechada, a Britney Spears veio...

— Sissi... esta festa é hiperfechada porque eu estou aqui, e Derek está aqui, OK?

— Ah, tudo bem, você está muito louca, endoidou de vez. Derek aqui? Derek Delano, você está querendo que eu acredite que você tem alguma coisa a ver com Derek Delano, o cara mais inacessível do planeta?

— Você não lê mais os mexericos dos ricos e famosos, não é, minha pobre Sissi?

— Sim, exatamente por isso, você sabe que ele foi capa do *Cannes-Matin* todos os dias, com uns aviões que não são você...

— Quem é você, você aí?

Mirko acaba de segurar Sissi pelos dois ombros, e começa a estrangulá-la.

— Algum problema, Manon? — Mirko me pergunta.

— É isso aí, um problemão, ponha essa babaca na rua e procure o Derek pra mim.

— Mas que merda é essa — berra Sissi, me deixe em paz, eu conheço o cara que é o dono da festa!

— Eu sou o dono da festa — responde Mirko, que faz em seguida um sinal no ar e dois leões-de-chácara chegam na hora, pegam a Sissi, que se debate como uma possuída, e a levam para jogá-la no meio da rua, e eu espero que dêem uma sova nesta anã impertinente.

Esvazio duas taças de champanhe e remexo na minha bolsa, onde encontro uns comprimidos de sei lá o quê, os quais engulo de qualquer jeito simplesmente por causa do efeito psicológico, e me acalmo, sou obrigada a me acalmar porque estão me olhando...

— *Hi, Manon, do you remember me?*

Werner Schreyer. Em estado terminal de Alzheimer.

— *Of course, I do. How do you do? Oh, I am sorry, I know about your... problem and... maybe you don't wanna talk about this?*

— *What?*

— Sinto muito (isto é uma tradução literal), Derek me contou e... enfim, de qualquer forma você tem todo o meu apoio.

— Eu não estou entendendo o que você quer dizer. Que diabo é esta bosta de touro?

Sempre na tradução literal. De fato, ele só disse, mas num ótimo vernáculo: que merda é essa, porra? E estou quase dizendo para ele que, mesmo assim, ele sofre de uma porra de doença grave (*a fucking serious disease*), e que o mundo não vai acabar se todo mundo ficar sabendo (*you don't give a shit if everybody knows*), mas me interrompo ao me dar conta de que o Alzheimer dele pode muito bem fazer com que ele esqueça o Alzheimer dele e, constrangida, tento avaliar os estragos provocados na memória dele, perguntando se ficou contente com as fotos que fizemos juntos e ele olha para mim, completamente pasmo, e diz: "What?", o que quer dizer "O quê?" ou "Hein?", e sinto uma pena danada dele, não sei o que dizer, só consigo abraçá-lo e lhe dar uns tapinhas nas costas. Felizmente, para interromper essa situação constrangedora, os dançarinos cossacos e os cuspidores de fogo atacam a pista e monopolizam a atenção, como se as pessoas já não estivessem suficientemente apertadas, e como se nós já não disputássemos o bastante a atenção entre nós, Werner aproveita para se afastar, e:

— A dança flamenga, adoro isso!

Quem fala é Victoria Beckham, ex-Adams, a propósito dos cossacos; preciso cheirar uma fileira. Procuo por Derek, a quem desejo fazer umas perguntinhas, mas ele está se recusando a dar uma entrevista para o Frédéric Taddéi da *Paris Dernière*. Desço, então, uma escada, talvez para aproximar-me da fonte de *Don't cry* dos Guns n' Roses, que parece vir de baixo, talvez simplesmente para me esconder e chorar sem que ninguém me veja, considerando que este tipo de noitada acaba com os meus nervos e que me deixa surtando no fim, bastando para isso que eu tenha esquecido o meu lítio ou algum substituto, e, quando chego às privadas, está tudo ocupado, da porta mais próxima, ouço alguém urrar-. "*We are having a great time all together, and I will remembpr it until the day I die*". Depois escuto

sucessivas cafungadas e fico me perguntando quantos são, lá dentro. A porta se abre, e aquele moreno bonito, Benoît, é espirrado para fora fungando, seguido daquela babacona insuportável da Virginie, seguida daquela babacona insuportável da Lolita, é claro, e por último Quentin Tarantino: "*You can't write poetry on a computer, baby*", e acho isso muito bonito, e todo mundo funga ao passar na minha frente, como se eu não existisse, antes de desaparecerem na escada. Então faço o que tenho de fazer e é a minha vez de subir e é como se nada tivesse acontecido.

Estão todos desembulhando seus celulares, Joey Starr — ou será Béatrice Dalle? — dá um tapa na Britney Spears, que se agarra desesperada no diadema Harry Winston de Mouna Ayoub, no fundo, o que ela quer são os diamantes de Mouna Ayoub, o que deixa indignado o presidente coreano da Samsung, que está ele mesmo muito a fim de Mouna Ayoub, Colin Farrel se manda com a tal fulana, aquela que fez um anúncio da Guess, Victoria Beckham valsa de braço dado com um cossaco, mas provavelmente imagina estar dançando a giga com um escocês esnobe, a Audioslave improvisa um concerto privado, um arrivista se suicida num canto, e todo mundo está se lixando, Derek se recusa a dar uma entrevista para um sujeito que só estava pedindo um cigarro, Werner Schreyer está enviando torpedos para Nicole Kidman, Miss França faz Madame de Fontenay comer seu chapéu, antes de arrancar a echarpe idiota dela, a qual rasga com os dentes, e a obriga a comer também, o mesmo acontecendo com seu vestido boboca, que ela tirou mostrando um corpete de vinil vermelho do gênero coelhinha da *Playboy*, os guarda-costas dos outros intervêm, e a noitada se transforma numa enorme zona. Derek segura a minha mão e nós fugimos dali, cruzando de passagem, nas escadas, com Sissi em plena atividade com

o velho roqueiro que me lembra realmente alguém, então pergunto a Derek:

— Quem é esse cara com a putinha?

— David Bowie.

David Bowie... David Bowie...?

— Não conheço. Quem é?

— Ah... ninguém... Um cantor...

8 Nova York

DEREK - Nós fomos embora para Nova York, desta vez não foi para pilhar a Bergdorf e as galerias do Village, nem para fuçar a fundo Alphabet City atrás de raríssimos discos de vinil ou ainda DVDs piratas das antigas e geniais séries B que nunca foram editadas, nem sequer para trabalhar, eu parei de trabalhar, não fazia porra nenhuma, transformara-me num mestre na arte de delegar e meus negócios estavam indo muito bem sem mim, também não foi para assistir à *avant-première* de *X-Men 2*, ou simplesmente passar um tempinho numa cidade civilizada onde tinha ar-condicionado em tudo quanto é canto, onde os restaurantes faziam suas entregas em quinze minutos, onde os jovens iam à escola, onde qualquer um tinha um porteiro. Nós partimos para Nova York porque suspeitávamos que Manon havia piorado, e minha própria paranóia atingira seu ponto culminante, tinha a impressão permanente de estar sendo seguido, espionado, manipulado, eu estava pirando, Manon estava pirando, nós fomos embora assim, porque deu na veneta, quase fugindo.

No avião, Manon, esta estrela internacional em recuperação, não ousou sequer beber uma gota de champanhe, ela folheava *Gala* se queixando de já ter visto *Minority Report*, que não tinha a menor vontade de ver de novo, e ainda por cima sem legenda, não conseguia dormir, também não tinha vontade de ler: "Ler", disse ela para mim num tom peremptório, "é ainda mais entediante que o próprio tédio."

— Hum — respondi, mergulhando de novo na *Crítica da razão pura* —, engano seu, ler é interessante e enriquecedor.

— É sobre o que, o seu livro? — perguntou.

— Hum — respondi. — Tome uma melatonina.

— A melatonina é uma substância tóxica.

— Menos tóxica que os seus comprimidos de anfetamina para tirar a fome.

— A melatonina não faz mais nenhum efeito em mim.

— É — digo, num tom professoral — porque você se mitridatizou.

— O quê?

— Mitrídates era um grego meio paranóico...

— Acho que vou transar com um comissário no banheiro, isso vai me distrair.

— Hum — digo eu, desconfortável, mas divertido.

— Olhe aquele borrão — diz ela me mostrando o borrão à nossa frente —, não chega a ser horrível. Também não é bonito. Não é absolutamente nada. Não foi pintado para chamar a atenção, nem provocar repugnância de dormir neste avião. Ele foi feito simplesmente para passar despercebido, pendurado lá, naquela parede, sem transtornar ninguém.

— Estou sonhando, ou você acaba de enunciar um pensamento original?

— Eu gostaria de saber quem foi que pintou este borrão. Gostaria de saber se ele o pintou sabendo muito bem que estaria destinado a ser... um secador de cabelo de hotel.

— Por que — digo eu —, você gostaria de encomendar um quadro a ele para o seu quarto?

— Eu gostaria simplesmente de saber qual é o tipo de sujeito que pinta esses borrões para decorar as primeiras classes dos vôos de longa-distância.

— Por favor, pare de ficar repetindo borrão, que palavra feia.

— Mademoiselle, por favor, eu gostaria de saber quem fez este borrão.

A aeromoça, uma morena até que gostosa, contrai os ombros e não se vira.

— Mademoiselle, por favor!

A aeromoça se vira precipitadamente dizendo: "Não faço ideia, madame" e tenta sumir na cabine, mas eu tive tempo de reconhecer essa morena cara de fuinha de óculos, de forma que seguro seu braço e pergunto baixinho para não provocar tumulto no avião:

— Diga-me, qual é o seu problema comigo?

— Nenhum, monsieur, queira largar o meu braço, senhor, ou eu chamo a segurança.

— A senhora vai ver o que eu vou fazer com a sua segurança — berra Mirko na fileira de trás.

— Olhe só — digo, —, já acabou o *Minority Report*? Então, o que você achou?

— Acho que gostei... Ele é realmente bom, esse Spielberg.

— Você sabia que ele era muito amigo de papai?

— É mesmo?

— Bom, o senhor vai me largar ou não?

— Só se você me explicar por que está me seguindo.

— Eu não o estou seguindo, senhor.

— Então o que é que você está fazendo aqui?

— Eu sou uma aeromoça, caso o senhor não tenha percebido.

— Tudo bem — responde Mirko —, eu também posso enfiar um uniforme e sacudir os braços na frente de um colete salva-vidas com ar idiota e todo mundo vai achar que sou uma aeromoça.

— Neste caso — digo eu, ignorando a alegação sem pé nem cabeça do meu guarda-costas e amigo Mirko —, o que é que você estava fazendo quando enchia a cara de pó com aquelas suas amiguinhas manecas desmioladas no meu jantar na Market há exatamente um ano e meio?

— Minha irmã é modelo. E ela não é desmiolada: está terminando um mestrado em ciências humanas. E ela saiu com o senhor.

— Ah, é? Como ela se chama?

— Melinda.

— Melinda... Melinda. Não conheço.

— Quem é essa Melinda, Derek? — pergunta Manon, jogando a *Gala* dela no chão com um grande suspiro.

— Vamos admitir — continuo eu —, a irmã modelo com quem eu transei, mas isso não explica o que você estava fazendo três meses depois no Ritz às quatro horas da manhã numa suíte que, por acaso, ficava em frente à minha.

— Eu estava com a minha irmã. A gente... a gente esteve numa festa com uns sauditas, no terceiro andar.

— Ah, sim — digo eu, soltando o braço dela —, tinha um bocado de gente lá?

— Nem tanto — diz ela com os olhos cabisbaixos —, Natasha Kadysheva. Robert Downey Jr., que não, hum, assumia estar completamente desvairado. A gente se mandou.

— Nada mau esse pessoal da United — diz Mirko.

— Ok — termino —, por esta vez, vou tentar acreditar que tudo isso é apenas uma... coincidência — limpo a garganta —, mas — continuo —, se eu voltar a vê-la mais uma vez nos meus calcanhares... será meu amigo daqui de trás quem vai fazer as perguntas.

— Está bem, está bem — responde ela —, agora tente ficar calmo, senhor, nós já vamos começar nossa aterrissagem em Nova York.

— Está bem, está bem — diz Manon —, favor voltarem para os seus assentos e apertarem seus cintos de segurança até que o aviso seja apagado, a gente conhece, obrigada.

Nós ficamos quietos até a aterrissagem e, antes de descer, Manon pegou no chão sua *Gala*, que me mostrou dizendo:

— Olhe isso, é engraçado.

Natasha estava na capa com seu último coroa, embaixo a legenda: *Natasha Kadysheva, uma vez puta, sempre puta*, estava escrito em enormes letras brancas: *Robert Downey Jr: Não, não sou um drogado*.

Aquela sacana já havia saído do avião, corri como um louco atrás dela no túnel, e só consegui ter tempo de vê-la desaparecer na imensidão do JFK antes de ser parado pela imigração.

A gente ficou hospedado na esquina de Park Avenue com a Lincoln, e afasto os olhos quando passamos em frente à mansão dos pais de Julie e Manon me diz:

— Julie, hein?

E eu digo para ela me deixar em paz, e ela suspira e puxa ainda mais um pouco o casaco de peles contra si, apoia a cabeça no vidro e olha fixamente a chuva que escorre na janela, sombria, com um ar ao mesmo tempo altivo e distante.

— Não adianta ficar com essa cara altiva e distante — digo eu —, você não está posando para a *Vogue* tendo por tema "charmosa e desesperada no Park".

— Não estou desesperada — responde ela.

— Não? — digo eu com um ar matreiro.

— Quem está desesperado é você.

Ela tem razão, e chegamos neste instante à frente do Pierre e, por uma vez, ela não se queixa de não ficarmos no Mercer, não espera que venha alguém lhe abrir a porta, abrindo-a sozinha, e quando sai do carro, em meio a um jato de fumaça branca, se apressa simplesmente para entrar no hotel, em vez de ficar se pavoneando na frente dos passantes, dizendo de passagem ao *boy*: "Cuidado com a Vuitton pequena, está com todos os meus produtos de beleza", para dar entediada uma gorjeta, enquanto o porteiro se afasta respeitosamente para lhe dar passagem e eu digo a mim mesmo que fiz um trabalho excelente.

Depois de avisar a recepção para não deixar passar nenhuma ligação, sobretudo da Paris Hilton: "Se Paris me ligar, diga que faleci num acidente de helicóptero", sigo Manon, alguns passos atrás dela, com o olhar fixo nos seus saltos agulha que ela arrasta silenciosamente sobre o tapete, e pego no chão em frente à porta o casaco de peles que ela deixou escorregar dos ombros.

— Hum — digo eu, fechando a porta —, zibelina?

— É.

— Fendi?

— Revillon.

— Está com fome?

— Estou com sono.

— Quer dormir? São só oito horas.

— Derek?

— Sim.

— Você se importa de dormir esta noite no outro quarto?

Fico alguns minutos em silêncio, sem dúvida porque estou surpreso, certamente não foi por estar decepcionado,

ou magoado, ou porque o ambiente familiar do meu quarto em Nova York, no qual estudei, trepei, chorei, onde morei mais do que em qualquer outro, onde morei com Julie, acaba de se transformar em terra hostil e estrangeira, ou porque subitamente não ouço mais nada, nem a sirene da polícia passando ao longe indo para o Norte, nem os passos apressados daqueles que saem, ou entram, ou riem, nem o trote dos cavalos cansados de puxar turistas apaixonados, nem os motores que aceleram quando o sinal fica verde, ou porque o Plaza acaba de se apagar, e o Central Park de desaparecer, e eu de me afogar na hora em que menos esperava, no meu quarto de Nova York, porque Manon, a quem não amo, que nunca amei, acaba de me perguntar se não me incomodo de dormir esta noite no outro quarto, Derek.

— Não — respondo —, nem um pouco, qual é a importância que você acha que isso tem para mim?

Ela simplesmente inclina a cabeça e pega sua pele da minha mão, vai até o armário e abre as duas portas com dificuldade, como se as portas do armário fossem pesadas demais para ela, e arruma a estola com cuidado. Depois vai para o banheiro, claudicando nas suas botas negras, que larga na entrada, deixando deslizar lentamente seu vestido, e seu sutiã, no chão, entrando no banheiro sem fechar a porta para que eu a veja se olhar longamente no espelho, sempre com esse ar distante e altivo, ignorando meu reflexo, para depois soltar suas meias das ligas, sentada no canto da banheira, abrir a torneira de água quente no máximo e, enquanto a banheira enche, veste um robe e volta, me pede um cigarro, o qual acendo instintivamente, buscando seu olhar que se perde na distância, e quando vai se apoiar na janela, parecendo que vai quebrar o vidro e voar para longe, eu me levanto sem saber muito bem o que vou dizer, e é o momento em que tocam a campainha e Manon me diz apenas: "Você cuida das bagagens" e me dá

o cigarro dela, e eu escuto, quando vou abrir, a porta do banheiro batendo e a chave virando na fechadura.

À uma da madrugada, Cipriani Downtown está cheio demais, faz uns bons quinze minutos que estou esperando Stanislas, e tento por todos os meios disfarçar minha chateação: perguntei ao gerente como iam as coisas, além das novidades sobre seus parentes, amigos, filhos, mas ele não tinha filhos e acaba me plantando ali, sozinho, na melhor mesa, quer dizer, a mesa para a qual todo mundo está sempre olhando, e, por falar nisso, todo mundo tem um olho em cima de mim, tomando um Bellini atrás do outro, porque não posso fumar um cigarro atrás do outro, o cenho fechado, olho para um ponto qualquer fingindo uma grande concentração, acabo descolando um garçom ao qual peço com sotaque francês exagerado que me explique a composição de um Bellini, junto com a história dele se segue uma leve bebedeira aparente, e percebo Kurt Cobain na calçada defronte debaixo de uma manta escocesa pedindo esmola, e penso primeiramente que deve ser um delírio, considerando o fato indiscutível de que já faz quase dez anos que Kurt Cobain não está mais neste mundo, sem contar que, caso ainda estivesse vivo, ele certamente não estaria pedindo esmola na West Broadway, considerando a montanha de dinheiro que ele receberia dos *royalties*, e depois de ter conseguido meu garçom de volta e perguntar: "Você está vendo aquele cara ali, ele de fato está lá, não é, de verdade, não é?", e ter conseguido uma resposta afirmativa, concluí que aquele cara deve ser simplesmente uma espécie de sócia, e tranquilizado abro o *Wall Street Journal* mas, talvez porque sejam pequenas demais, talvez porque minha mente esteja distante, as letras pretas no fundo branco se confundem diante dos meus olhos e me dão a impressão inquietante de que não fazem *nenhum sentido*, e isso me deixa apavorado, quando consigo afinal acender um cigarro, dizendo a mim mesmo que não

ousariam me pôr na rua, mas todos sem exceção se viram para mim, horrorizados e asfixiados, enquanto finjo que nada vi, desaparecendo atrás do jornal cabalístico, quando escuto:

— Sinto muito, preso no escritório. Trânsito doido. Hora do *rush*. Impossível conseguir um táxi. Fiquei preso entre duas antas na Times Square. O *cab driver* era um paquistanês eufórico. Tinha acabado de ter gêmeos. E como se não fosse o bastante... O que é que você está fazendo com esse jornal?

— Hum — digo eu —, estou lendo uma matéria interessantíssima sobre a fabricação ilícita de uma bomba A em Pyongyang, Coréia do Norte.

— Derek, você está segurando o jornal *de cabeça para baixo*,

— Sem dúvida, sem dúvida. Ginástica ocular recomendada por uma junta médica. Você quer um Bellini?

— Hum! — suspira ele ao se deixar cair na cadeira em frente a mim —, sim, obrigado.

— Hei — digo eu —, mais um!

— Estou contente de ver você, meu velho — diz Stanislas.

— Eu também, cocota, mas vamos parar por aqui com as efusões, senão acabo ficando vermelho e as pessoas à nossa volta vão achar que estamos tendo um caso.

— Então — pergunta Stanislas —, quando foi que você chegou?

— Ontem à noite. Me diz uma coisa, estou delirando ou não tem uma só estrela neste restaurante?

— Não, não, fique calmo, você não está delirando.

— Nem mesmo Robert de Niro escondido num canto? Gwyneth? Bret Easton Ellis? Alguém da série *Friends*? Jackie Chan? Alguma cantora?

— É claro que sim, a Emma Bunton está lá embaixo — diz ele.

— Quem é Emma Bunton?

— Uma ex-Spice Girl.

— Eu não conheço mais Nova York — suspiro.

— Quando foi a última vez que veio?

— Faz três semanas — suspiro uma segunda vez.

— Pare de suspirar.

— Desculpe.

— Então — pergunta Stanislas —, que história é essa desta fusão com a Texaco?

— Que fusão?

— A *sua* fusão com a Texaco.

— Quem é mesmo Texaco?

— Pare com isso Derek, você está gozando com a minha cara?

Ele pega o *Wall Street Journal* esfrega na minha cara, descubro estupefato na primeira página que houve realmente uma fusão da Texaco comigo, e a primeira coisa que me ocorre é de que o conselho de administração está certamente tentando assumir o controle das minhas empresas, envio então um bilhete licenciando Oscar, cujo teor literalmente é: "Estou me fundindo, estou me fundindo, e ninguém me diz nada. Você está demitido", depois peço desculpas a Stanislas por esta interrupção no nosso almoço, devido ao estado de alerta permanente que minhas pesadas responsabilidades me impõem.

— Eu gosto muito desta música — diz ele fazendo de propósito uma digressão, o que me irrita um pouco —, o que é?

— Nada mais que uma seleção do Café del Mar feita há dois anos. E esta música é precisamente... *Travellers* de

Talvin Singh.

— A sua cultura... alternativa vai sempre me surpreender.

— Obrigado — respondo.

— E então — me pergunta Stanislas —, você continua sem trabalhar?

— Ali — mudo de assunto —, você viu... você viu Kurt Cobain lá fora, ele está pedindo esmola sentado numa manta escocesa que não tem uma ruga desde que morreu.

— Os senhores já escolheram? — pergunta o garçom.

— Sim — diz Stanislas —, uns antepastos, você divide comigo uns antepastos? Divide? Então uns antepastos, para dois, e depois *penne al arrabiata*, nada de cabelo-de-anjo de massa fresca, não, *penne al arrabiata*, é isso, *penne al arrabiata*, por favor.

— Você está nervoso? — pergunto.

— Não.

— Este cardápio é esquisito — digo.

— Como assim?

— Ele é... normal. Não vejo em lugar nenhum nada com coentro, e os nomes dos pratos cabem numa linha só. Você não acha isso esquisito?

— Você não acabou de dizer que ele é normal?

— Aquilo que ontem era a norma, hoje é extravagante, e ninguém sabe como será o amanhã.

— ...?

— Olhe só a moda — acrescento, sem que isso pareça trazer alguma luz para ele.

— O seu exemplo não esclarece nada para mim. O que você vai querer?

— Eu gostaria de um pedaço de parmesão, por favor, um bom pedaço.

— O garçom toma nota e se retira.

— Pare um pouco com essas baboseiras, Derek.

— Quer saber de uma coisa, cocota, dizer baboseira neste mundo, onde todo mundo tem pensamentos profundos, é a única maneira de provar que a gente tem um pensamento livre e independente.

"Boris Vian", acrescento.

Stanislas ignora. Ele prefere mudar de assunto.

— Sabe que comecei com o piano — diz ele —, como você?

— Ah é?

— Tive algumas aulas, e já estou levando jeito.

— O que é que você já está arranhando?

— *Berlin*. Lou Reed.

— Hum, não vai me dizer que você está cantando?

— Estou.

— Ah — digo.

Um silêncio.

— Afora isso — digo —, você anda transando com alguém ultimamente?

— Mais ou menos.

— Com que frequência exatamente? — pergunto, franzindo os olhos.

— Semanal, digamos.

— Hein? — exclamo, sinceramente chocado.

— O quê? — exclama ele, por sua vez sinceramente irritado.

— Nada — respondo, isso me parece bobagem, e troco um olhar com Kurt, lá fora, na rua, e Kurt parece ser mais chegado ao meu ponto de vista.

— E você, retruca ele —, sempre com as polonesas menores de idade?

— Não. Acabei com isso tudo — digo eu, vangloriando-me —, já faz seis meses que transo com a mesma pessoa numa frequência cotidiana.

— Presumo que isso significa que você está tendo um caso sério com alguém.

— Sem dúvida.

— Garota ou garoto?

— Garota, ora — digo, sinceramente chocado.

— Você continua sempre bem hetero, hein?

— Sim, sempre fui. Exceto por uma vez na universidade, e foi um erro.

— Quer dizer que você se arrependeu?

— Não. Foi com um iugoslavo. Cabelos longos. Com apenas dezesseis primaveras. Eu tinha bebido. Confundi-o com a sua irmã... na verdade era o seu irmão, mas se parecia mais com Adrien Brody do que com a sua irmã.

Deu um branco na conversa.

— Você sabe — digo —, a gente manteve contato.

Re-silêncio.

— Este silêncio permite que eu constate o mutismo vexatório do meu celular.

— O que quer dizer?

Eu limpo a garganta.

— Que não tenho amigos.

Ele limpa a garganta.

— Ah, afora você, cocota, é claro, e você é meu único amigo, apesar de tudo.

— Hum — diz ele —, é claro, apesar de tudo.

— Sabe, você foi a única pessoa que me desejou felicidades no meu aniversário este ano, você e meu vendedor no Dolce em Milão, além do meu piloto de avião.

Re-silêncio.

— Qual é o gênero da sua amiguinha, família fim de raça, degenerada listada na *Challenges* entre a sexagésima e a centésima quarta posição na França, clepto, ninfo, psico, com as obras completas de William Burroughs na mesinha-de-cabeceira?

— Não. Nada a ver com Julie.

— Modelo poliglota? Bonequinha de luxo generosa?

— Não e não. Ela se chama Manon, tem vinte e um anos. Nasceu num vilarejo no Sul da França. Eu a peguei na *avant-première* de *Superstars*. Ela estava tentando paquerar o Leonardo.

— Uma atriz de restaurante? Modelo fracassada?

— Algo mais ou menos assim.

— Ela está contigo por quê? Por causa da grana?

— O que você acha?

— Ups — diz ele —, isso não o afeta em nada?

— Não — digo —, de que forma você acha que isso poderia me afetar?

— Ela é uma puta, meu velho.

— Você acha? É só um ser humano que tenta realizar seu sonho.

— Eu conheço você, Derek, você está escondendo alguma coisa de mim.

Stanislas é, apesar de tudo, de longe, a pessoa do mundo — que ainda está neste mundo — que melhor me conhece, e não consigo continuar a mentir para este homem em relação a quem sinto um laço súbito de sincera afeição por vê-lo aqui, defronte de mim, perturbado com cacoetes e

taciturno, a fronte maculada pela sua experiência amarga da vida, a vida feia *tal qual ela é* e — digamos — as grandes bofetadas que ela lhe deu (falência do pai, amor não correspondido por Julie, fealdade congênita), mexendo aflito no miolo do pão se perguntando por que — por que —, desde a infância, faço tudo melhor do que ele, se perguntando por que ele será a vida inteira o amigo meio chato de Derek Delano, esse milionário bacana, sumamente inteligente, incrivelmente sensível, que todo mundo adora, que todo mundo respeita, diante de quem todo mundo se prosterna e... não, estou exagerando um pouquinho... vá lá, então, enquanto sou bombardeado com minúsculas bolinhas de miolo de pão, aparentemente sem querer e cada vez mais rápido, por este titica, este eterno perdedor, este fracassado a quem amo desde a primeira vez que foi derrotado por mim com meu avião telecomandado que ia, é claro, muito mais rápido que a sua pobre réplica de Hellcat, conto, sem realmente escutar o que estou dizendo, porque apanhei Manon, porque tolero sua difícil presença, que, diga-se de passagem, está começando a me dar levemente nos nervos, e qual a maldade atrocíssima que estou preparando para fazer a esta criança inocente — nem tão inocente assim, ela me expulsou do meu ninho, do *meu* ninho, ontem à noite, a sacana — um dejetto, um destroço parecido com gente, e o interesse psicológico que tenho por esta experiência insólita, da forma que o delicioso arrepio de arriscar muito mais de mim mesmo nessa história do que imaginava de início, mas ele adivinha, e eu adivinho que ele adivinha, que isso não é mais do que um falso pretexto para a minha loucura destrutiva e sanguinária e que só estou fazendo isso porque estou simplesmente MALUCO.

— Você está simplesmente maluco, Derek.

Pronto, eu sabia.

— Pode ser, mas, acredite, desde que esse jogo começou, não fiquei nem uma só vez enfadado.

— Isso não é um jogo.

— Ah, escute, tudo bem, cocota, isso não é nenhum filme de David Fincher e você não é o personagem redentor que põe todo mundo no bom caminho.

— Derek, pela primeira vez na minha vida estou com pena de você.

— Ah é, ah é, e como é sentir pena?

— Babaca.

"É você" fica na ponta da língua, mas custou algum esforço, eu consigo me controlar.

— Eh, por favor Stanislas, em nome de nossa velha amizade, eu rogo a você que não me venha com esse tipo de epíteto, hein, fico profundamente envergonhado com o que você acabou de dizer, olhe só como estou arrepiado, ufa, vou chorar daqui a dois segundos, David Fincher diria: Corta!

— Os senhores gostariam de sobremesa?

— NÃO! — urramos juntos, o grito sai de nossas entranhas como uma espécie de vômito, o garçom fica assustado e se manda, enquanto enfrentamos um ao outro, olhos nos olhos, sobrancelhas franzidas, o ódio brilhando nos olhos fixos, cara a cara, ele muito feio, eu muito bonito debaixo do meu boné Dolce.

— Eu gostava muito de você, Derek, quando éramos pequenos, apesar do seu aeromodelo mais rápido que o meu Hellcat, visto que você nunca compreendeu que o meu Hellcat era mais bonito que a sua merda zumbidora japonesa. Eu gostava muito de você, mesmo se o seu pai transava com a minha mãe, porque achava que você devia ser tão infeliz quanto eu.

— Você me desculpe, por favor, meu avião era muito mais bonito que o seu Hellcat, perdão, mas a verdade é essa.

— O bom gosto nunca foi o seu forte, não é?

— Hum... como você é malvado! Hoje em dia, cocota, eu tenho dois aviões de verdade que voam, já você, você continua com aquela reles réplica exibida no alto de uma estante marca Liaigre no seu dois-quartos vagabundo, que nem tem vista para o Park, ao passo que eu só tenho uma coisa para dizer a você, aqui, ó!

— Está bem, está bem — gagueja ele, transpirando gordas gotas de suor —, mas eu talvez tivesse aviões de verdade que voam se seu pai não tivesse batido a carteira do meu como um legítimo filho da puta abjeto.

— Não fale mal de um homem que morreu em meio a sofrimentos atrozes.

— Eu talvez tivesse uma mansão na Fifth Avenue, e um apê na avenida Montaigne, e um barraco na Cotê, um vale no Marrocos e um chalé em Aspen, trocasse todo ano de Ferrari, não fosse obrigado a ter este trabalho de cachorro ganancioso durante dez anos, Julie se apaixonasse por mim, e tivesse tido filhos com ela, seria eu no lugar dos picos nas veias, e talvez desse o nome de Derek para um deles, e a gente tivesse convidado você para padrinho e você o teria presenteado com o aeromodelo quando fizesse cinco anos e ele enchesse o meu saco o dia inteiro com a merda do zumbido, mas isso não seria um problema porque eu seria feliz, eu não estaria sozinho, eu não seria este fracassado, este eterno segundo lugar, este pobre coitado fodido, amargo, este doente, que passa seu tempo a amaldiçoar todos os dias o mundo inteiro, e eu pensava no meu pai e na sua depressão, na minha mãe que se mandou, meu pai ficando aos poucos maluco, meu pai andando de um lado para o outro na sala durante a noite, buscando os meios de sair do vermelho, suas negociatas lamentáveis que sempre davam errado, e as mudanças, as mudanças quando vendíamos o passado para poder comer, e ele ficando cada vez mais maluco, e a gente ficando cada vez mais duro,

mas era preciso manter sigilo, sobretudo de vocês, seu pai, sua mãe, os Delano, os filhos da puta dos Delano, e tudo era fingido com relógios, ternos, carros, enquanto a gente vivia amontoado uns em cima dos outros naquele dois-quartos vagabundo que nem vista para o Park tinha, e Julie, Julie na universidade com sua corte de cachorrinhos andando atrás dela nos corredores, eu também andava atrás dela, mas você não, você nunca, e o que a gente não sabia, nós os cachorrinhos, era que, ao seguir os calcanhares de Julie, era você quem nós seguíamos, merda, eu amaldiçoei você e o seu pai, e à noite, ao me olhar no espelho, dizia a mim mesmo que um dia, um dia, você iria pagar por isso... Não teria sido preciso que eu vendesse a minha alma ao diabo, não estaria fazendo o que faço agora, algo que enjoa, e ainda por cima trabalhando para você, pela grana, essa grana suja, essa grana suja nojenta que torna nojento tudo que nela encosta, e da qual não teria necessidade sem o filho da puta do seu genitor, e ainda bem que ele teve a decência de falecer antes que eu atingisse a idade adulta, caso contrário o teria estrangulado com minhas próprias mãos aquela pústula de filho da puta de hematófago mundano.

— Cocota, vários pontos, em primeiro lugar o seu pequeno monólogo não é de todo mau, mas teria ganhado mais convicção na boca de um cara como Ed Norton, além disso, péssima finalização, a finalização deveria me derrubar, mas não estou nem um pouco derrubado, mais uma coisinha em que você fracassou, depois, veja se pára de sonhar com a minha vida, em seguida, deixe meu falecido pai em paz, e, por último, se Julie houvesse tido um filho com o nome de Derek, sinto muito decepcioná-lo, mas ele seria Derek Júnior. Julie sempre foi apaixonada por mim, não tinha nada a ver com grana, ela poderia sustentar cem iguais a mim, além da mansão na Fifth, do chalé em Aspen, do latifúndio na Lua etc. Ela simplesmente o achava feio,

repelente, grotesco e, na intimidade, sempre se referia a você como cara de minhoca, e confesso que existe realmente alguma semelhança, mas não é essa a questão, a questão é: que negócio infame é este que você é obrigado a fazer? Você anda dando por dinheiro?

Virou assassino de velhas senhoras ricas do Upper West Side e esvazia as suas bolsas depois? Você vende crack para crianças? Virou cobaia humana, anda testando cosméticos suspeitos no seu corpo de atleta? Hein?

— Logo, logo, você vai saber.

— Ah, as grandes palavras, ameaças, estou paralisado, estou com o corpo todo tremendo, e não é por causa do café!

— Até logo, Derek.

Ele se levanta e joga umas notas de vinte dólares em cima da mesa, de uma maneira que pensa ser desenvolta, capaz de ferir como uma bofetada, ou seja, com classe, e eu caço dizendo:

— É isso aí, até logo, e cuidado ao atravessar a rua, a gente nunca sabe quando vai ser atropelado por um babaca de cara cheia.

Ele vai embora, passa pela porta e se afasta me deixando só, completamente só, no Cipriani Downtown, com meus nove copos vazios e a conta paga por Stanislas, o homem cuja vida foi destruída por mim, e uma vontade danada de fumar. Então me levanto, visto meu casaco e percebo que o garçom está apontando o dedo para mim cochichando para o gerente não sei o quê, não tem mais ninguém no restaurante. Eu saio nesse frio virulento, dou alguns passos, ajeito minha gola e arrumo a minha echarpe, meu reflexo na vitrine da Ralph Lauren se funde exatamente com um manequim que usa as mesmas roupas que eu, acendo um cigarro antes de vestir minhas luvas e parece até que o manequim está fumando, animando-se, e aparenta estar

com frio. Sinto alguém tocar meu ombro de leve, Kurt Cobain aparece um pouco atrás nesta vitrine e escuto: "Eh, dá pra descolar um cigarro pra mim?", eu me viro e estou muito mais bêbado do que acho, e graças a ou apesar do meu estado, no momento em que dou um Davidoff ao mendigo, tenho uma ideia de gênio que me faz esquecer até a última palavra dita por Stanislav, até o seu ar categórico quando me disse até logo e seu ar demolidor ao partir, e digo para o mendigo:

— Ei, Kurt, eu tenho muito mais que um cigarro para você... Ei, Kurt, você conhece a Europa? Ei, Kurt, largue esse cobertor puído, meu carro tem aquecimento.

9 Lembranças

MANON - *De início, eu não queria acreditar. Não faz muito tempo, pouco tempo, quase nada, imperceptível, alguns minutos, eu servia café no Trying So Hard a umas nulidades que não tinham o menor interesse. Eu morava numa espelunca num IXème abandonado. E era para mim um vidão.*

Hoje, faz exatamente nove meses que eu completei vinte e um anos. Eu os comemorei com meu pai na sala dos fundos do café-tabac de Terminus, Departamento de Hérault, bebendo um espumante ruim numa taça de plástico.

Isso não são lembranças, já quase não me lembro, isso é quase irreal; é como um pesadelo antigo e não faz muito que acordei, levanto, ponho um roupão, chamo o serviço de quarto, abro mecanicamente os jornais de Derek, olho a praça Vendôme, ou o Central Park, ou o Mediterrâneo, bebendo meu café, e as lembranças são como um tapa na cara na hora que estou enchendo a banheira, são nacos, impressões, aparecem em flashes, minha vida de antes. E a vaga certeza de que só existo em trânsito, e a angústia.

Eu meço 1,72 m por 46 kg, 88 de busto, 62 de cintura, 88 de quadril, cabelos castanhos, olhos azuis. É o que está escrito no verso do meu portfolio, mas sou um pouco mais baixa e tenho dois quilos a mais, as fotos foram tiradas por Inez Van Lamsweerd e seu assistente bonitinho que era a cara de Guillaume Canet, foi no Pierre, onde durmo com Derek toda vez que vamos a Nova York, eu fui vestida por Dolce&Gabbana.

No grande retrato, frente e verso, faço uma careta e fui totalmente retocada. Não há nenhuma sobra no meu rosto,

é como se acabasse de nascer. E acredito que foi naquele dia que nasci. Se a gente olha mais de perto, o reflexo da objetiva aparece nos meus olhos, como uma mancha de luz.

Aquela foi minha primeira capa, na Vogue italiana.

Logo se seguiram muitas outras, e campanhas publicitárias de automóveis, cosméticos, perfumes, um aparelho de fotografia digital, cremes solares, Coca-Cola com gengibre, jeans, Vuitton. Eu aprendi meus ângulos e meus perfis, os prenomes exóticos das top models, e aqueles suntuosos e terrificantes dos fotógrafos estrelas, que soam como títulos de novelas de rádio, sei que somos todas anoréxicas e que, como em todo lugar, todo mundo dorme com todo mundo, e nega depois. Eu me entreguei a Elle, Vogue e Numéro, perdi dez quilos me alimentando exclusivamente de nutrientes líquidos, desde então tenho convulsões. Parece que foram as anfetaminas. Eu me lembro desses pátios rateados, com a grama brotando entre os paralelepípedos que levavam a estúdios brancos com cheiro de pintura. O amanhecer brilhava como nunca neles por entre os tetos de vidro, tomava milhares de xícaras de café vestindo um roupão e era malcriada com as maquiadoras, que por sua vez eram malcriadas comigo, eu me queixava do jet lag e da grosseria dos fotógrafos, tomava uma quantidade de comprimidos soltando enormes suspiros, dizia que ser maquiadora era uma boa profissão e que se não fosse bonita o bastante para ser modelo, seria sem dúvida maquiadora, depois me perguntavam se estava pronta e eu ia rolar no chão, encostar-me na parede, sob o chicote dos ventiladores, os cliques e os flashes, e esperava passar. Fiquei viciada em espelho e em ansiolíticos. Pintaram os meus cabelos, do castanho ao platinado, do platinado ao violeta, trançaram apliques, e perucas, uso uma franja nos dias pares e os cabelos enrolados em coque nos dias ímpares, estou com as pálpebras em carne viva devido aos cílios postiços, e tenho perda de visão por causa

da dieta, às vezes minhas têmporas são puxadas para trás para esticar meus olhos, fui lambuzada com óleo da cabeça aos pés, até dentro da boca, subi em árvores usando sapatos de salto agulha, sufocada por um espartilho, nadei em poças de lama, corri na beira das estradas de Los Angeles, em pleno mês de agosto, horas a fio, e o asfalto derretia com o calor e meus pés descalços ficavam pegajosos de piche, percorri quilômetros de praias fazendo quinze graus abaixo de zero, de biquíni, sorrindo para a água congelada, eu torci as mãos, as pernas, o corpo inteiro, fui desmembrada, deslocada, esquartejada, tudo para me transformar num sonho de fotógrafo.

Foi a Vanity que ligou para mim. Um dia, no começo da primavera, estava em Portofino, ou em Porto Cervo, ou em Marbella, ou talvez em Saint-Tropez. Lembro-me simplesmente de que eram seis da tarde defronte ao mar, do barulho das ondas, do sol laranja que fundia no horizonte, da suavidade do roupão sobre minha pele salgada, do gosto de um Bellini. Só fazia dez dias que estava com Derek e, na época, não ousava sequer assinar as contas no hotel. Meu velho celular tocou. E ambos demos um pulo, era a primeira vez em dez dias que eu recebia um telefonema. Derek fechou seu livro, um ensaio americano sobre a traição nos filmes de Scorsese, e olhou-me com um ar esquisito; uma expressão de arrependimento.

— Alô?

— A senhora é Manon?

— Sim.

— Bom dia, aqui é da agência Vanity.

— ...

— Não estamos incomodando, estamos?

— Não.

— Hum... A senhora poderia vir na próxima segunda-feira, para os testes?

— Vocês estão me ligando a mando de quem? Do Georges?

— Não, mademoiselle, Georges não trabalha mais aqui. A agência mudou de dono.

— Ah, é? Faz quanto tempo?

Constrangimento. Pigarro.

— Desde ontem.

— E como foi que vocês conseguiram meu telefone?

— Eu disse para a senhora que nos falaram a seu respeito.

— Mas quem?

— Segunda-feira às onze na agência?

— Quem falou com vocês a meu respeito? Não consigo imaginar quem possa ter falado a meu respeito.

— Segunda às onze?

— Sim. Sim, segunda-feira às onze. Mas me responda. Quem... quem falou com vocês a meu respeito?

— Certamente... alguém que lhe quer bem.

Ela desligou. Virei-me para Derek, que olhava fixamente para o meu celular, o qual eu deixara cair no chão.

— Derek? Eu tenho hora marcada segunda-feira na Vanity, para os testes.

— Eu preciso realmente... comprar um novo celular para você.

— A garota estava esquisita no telefone.

— Porque este que você tem é uma piada.

— Eu o achei atrás de uma divisória, no restaurante.

— Isso, cocota, eu poderia apostar.

— Você acha que eu vou virar modelo?

Derek desvia o olhar e não responde. Até que o silêncio fica tão pesado que ele é obrigado a rompê-lo.

— Como a gente assina contas de hotel — disse ele, assinando a nota imediatamente.

— Você não se importa? — perguntei.

— Você consegue imaginar que Martin Scorsese assistiu a mais de vinte mil filmes?

Desisti.

Na segunda-feira, fui à Vanity e fiz os meus testes, e todo mundo me tratava com respeito e até mesmo um pouco de receio. Depois tudo se desencadeou muito rapidamente, eu não tinha portfolio e já havia filmado uma publicidade e fotografado duas campanhas. A gente viajava o tempo todo, seja para os negócios de Derek, seja para as férias de Derek, Derek precisava de férias e, cada vez que chegava a algum lugar, tinha alguém lá que queria trabalhar comigo. Todo mundo queria trabalhar comigo. Em algumas semanas, meu book se transformou em anuário e as cidades do mundo inteiro desapareciam atrás do meu rosto. Eu comecei a beber bastante, para aguentar o ritmo. Era reconhecida na rua. De início, ficava emocionada. Mas depois comecei a ficar cansada. E hoje em dia isso me deixa doente. Para Derek, tanto faz. Nada para ele tem importância. Contudo, ele cuidou bastante de mim. Ele fazia com que meus contratos fossem revistos por seus advogados, até eu ter os meus próprios advogados. Ele me aconselhava, até que não precisei mais de seus conselhos. Esse era o tipo de conselho que ele me dava: "Você vai acabar batendo as botas, como todo mundo, não se esqueça de que olham para você".

Não sei bem por que, ele proibia que eu fizesse amizade com as outras modelos. Ele sentia uma curiosa aversão

pelas modelos — então, eu perguntava, o que estava fazendo comigo? Não me respondia. Eu não tinha sequer o direito de falar com as outras garotas. Nem com os modelos masculinos. Ele me acompanhava nas sessões de foto sempre que a agenda dele permitia, ficava lá, perto da porta, com a sua eterna capa preta, com a gola levantada por causa dos ventiladores, as mãos nos bolsos, com vontade evidente de se mandar. Mas, mesmo assim, ficava, com seu boné idiota cobrindo as orelhas. Escutava, na época, sem parar, The Gathering, e ficava horas falando a respeito, "esta alternância entre uma tristeza ora aguda, ora sublime". O cara é doente. Eu lhe dizia que era antissocial, esse walkman eterno. Ele respondia que isso evitava que escutasse um sem-número de babaquices, que só desejava ver a vida através de uma realidade transcendental e que, de qualquer forma, sabia fazer leitura labial, "cocota". Eu sugeri que fizesse um implante, seria mais discreto. Ele respondia que já havia pensado nisso, mas que felizmente ainda sobrava alguma coisa para a qual seu dinheiro não bastava. Perguntei se era tão caro assim. Ele caçoou respondendo que não, cocota, isso simplesmente não foi inventado. E gaguejou em seguida algo a respeito da sua Julie que se suicidou, com quem passara tantos momentos formidáveis, sentado ao seu lado, cada um com seu walkman nas respectivas orelhas, trocando beijos musicais. Acho que foi quando comecei a detestá-lo. A última vez que fomos a Nova York, minha cama lhe foi proibida, sem que ele desse a menor importância, e isso me enlouquecia. Ficava me perguntando o que ele estava fazendo comigo, meu Deus, porque, ainda que não desse a mínima para mim, como não dava a mínima para a paz no mundo, não me largava por um instante sequer.

Ele me acompanhava o todos os meus encontros, a todas as minhas sessões de foto, e eu insistia para que o pusessem na rua, mas ninguém queria colocá-lo no olho da

rua. Ele me acompanhava no tour das boutiques e, quando estava realmente de saco cheio, ou porque precisava trabalhar — Derek trabalhar —, ou porque ia montar a cavalo no seu haras na Normandia, ele me mandava Mirko, ou o motorista, e eu tinha de aturar noite e dia esse débil mental do Mirko, que botava música russa a todo volume no carro, e berrava "Kalinkakalinkakalinkamaia", batendo palmas, e só abaixava o som para me encher o saco com histórias das suas primeiras ultimate fights quando era jovem e forte e todos os golpes eram permitidos, mesmo no saco, e nas costas, e aquela vez em que comeu a orelha de um sumô, ele a comeu, mastigou, engoliu e digeriu, não é de se estranhar que eu tenha ficado meio biruta na companhia deste canibal disfarçado de guarda-costas.

E depois, um dia, minha agente explodiu. Estávamos sentadas no seu escritório, ela me falava sobre aquele filme de Karénine, Adrien Brody sugerido para o principal papel masculino, uma adaptação de Tchekhov — eu ignorava quem era Tchekhov —, um projeto de qualquer forma muito cabeça em que se falava de uma peça dentro de uma peça, e o diretor pensava em mim desde aquela publicidade que fiz para a Coca-Cola gengibre — o primeiro take pornô já filmado na publicidade —, trinta segundos de um tórrido chupão com Werner ao luar, no chão, nos confins da tundra siberiana, e aquele slogan genial: "Ginger coke, qual dos dois lhe dá mais sede?". Um escândalo. Karénine gostava de escândalos. Enfim, era o que me contava a minha agente, e, porque ele gostava de escândalos e daqueles que os provocavam, me queria de qualquer jeito para o papel, tinha adaptada a peça com a minha foto na tela do computador, e fiquei então com os olhos cheios d'água, porque não importa que eu tivesse me tornado uma escrota, uma escrota sacana megalomaníaca e corrompida, este era o meu último sonho, o cinema, na verdade meu único sonho, e iria se realizar, e realmente comecei a chorar

de alegria, e ela começou a chorar, também, dizendo que não aguentava mais isso, que isso era demais, além das suas forças, que não podia mais continuar, e saiu da sala. Fiquei perplexa, e Derek também. Disse que não entendia o que deu nela. Derek respondeu que ela talvez quisesse também fazer cinema, mas que infelizmente para ela o espaço era relativamente restrito às obesas, ou então estava grávida. Ela pediria demissão no dia seguinte, eu consegui o filme, e foi outra agente que cuidou de mim. Reconheci pela voz a garota que falou comigo pelo telefone seis meses antes, a qual havia me convocado para os testes na Vanity. Mas eu devia estar enganada, uma vez que ela afirmava que não foi ela. De qualquer forma, eram tantas as coisas que eu não entendia: às vezes pensava que estava maluca, esquizofrênica, e Derek me mandou para o psicanalista dele, que receitou antidepressivos e soníferos, recomendando intensamente não misturá-los com álcool ou cocaína. E então fiz este filme: A gaivota. Meu personagem se chamava Nina e queria ser atriz. Filmamos num único cenário, sobre uma plataforma, no estúdio mais escondido da Cinecittà. Um gênio de cenógrafo, chamado Charlie, de quem todo mundo falava, mas que ninguém nunca via, havia reconstituído uma fazenda russa do final do século XIX. Derek ficou com os olhos cheios d'água quando viu o cenário pela primeira vez. Era ele quem produzia o filme. A equipe era diminuta, e ninguém falava francês. Exceto Derek e Adrien Brody, com quem Karénine proibiu que eu falasse para não estragar o clima. De qualquer forma, a gente não tinha muita coisa para se dizer. Karénine estava completamente doido.

Ele era um desses diretores torturados e megalômanos que consideram os atores como seus objetos pessoais, e dão forma a seus corpos e almas com golpes de martelo. Fiquei seis semanas sem lavar a cabeça. Calcei sapatos furados. "Tchekhov teria ficado contente", repetia o tempo

todo Karénine. Ele chamava Adrien o tempo todo de Constantin, e toda a equipe também o chamava de Constantin. Era o prenome do personagem dele. A mim, chamavam de Manon, e achei que isso fosse um tratamento especial.

Karénine fazia ele mesmo a repetição das minhas falas em inglês e, quanto à atuação, eu não tinha um segundo sequer de descanso. Eu tinha de "ser" o personagem e toda a equipe tinha a orientação de me humilhar, me maltratar e me empurrar para aumentar ao máximo este rompimento que havia em mim, o qual me permitia "transcender" diante da câmera, e eu, bem, eu estava de saco cheio dessa palavra "transcender". Karénine me insultava em russo. Ele quebrava tudo na plataforma. Ele ficava escutando os Noturnos de Chopin para se acalmar, e dizia que, se fosse uma peça musical, desejaria ter sido o Opus 72 n° 1 em sol menor. Era um doido.

Derek traduzia os insultos e comentava a destruição do material:

— Agora, ele acabou de chamar você de prostituta escrota maluca.

"Agora, ele acabou de jogar o seu megafone no chão."

— Obrigada, eu vi.

Derek discordava a respeito do Opus 72 n° 1, dizendo que ele teria preferido Opus 48 n° 1 em mi menor, e os dois mergulhavam numa polêmica sem fim, quanto a mim, eu me retirava da plataforma assim que Karénine virava as costas, para ir encher a cara com a minha cabeleireira no bar do hotel, ela enrolava algumas palavras em francês, mas de qualquer jeito, depois de alguns copos, isso não tinha a menor importância, já que a língua da vodca era universal. Todas as noites, eu me queixava com Derek dos maus-tratos de Karénine, e Derek respondia: "Você não

queria ser atriz? Você não queria ser atriz? Você não queria ser atriz?". Nós nunca conseguíamos dormir.

No final de duas semanas, tinha tamanhas olheiras que pedi para atuar de óculos escuros. É claro que não me deixaram. Mal tinha o direito de fazer pipi. A maquiadora tinha de acentuar minhas olheiras e deixar meu rosto mais cavado. Tinha um ar bastante convincente de cadáver. Derek ia para as putas em Roma, e voltava. Eu fazia uma cena para ele, que negava tudo, dizendo que tinha ido visitar a capela Sistina. Dormíamos em Posta-Vecchia, e o contraste entre o luxo do hotel e a imundície da plataforma se tornava insuportável. À noite, no terraço que dava para o mar, eu me sentava sozinha, meus cabelos nojentos escondidos dentro de um lenço Gucci, visto que, apenas consciente, completamente embriagada com Bellini, escutava as ondas quebrarem na muralha, debaixo dos meus pés, para refluir em seguida, todo mundo olhava para mim cochichando, e, então, eu dizia com meus botões que minha vida não era desprovida de uma certa poesia, e que, se Derek fosse outra pessoa, eu certamente seria feliz. Gostava de levantar-me às seis e devorar meu café-da-manhã, sabendo que juntava forças para fazer aquilo de que gostava: representar, eu amava a câmara, a agitação da plataforma, gostava até mesmo de ensaiar vinte vezes a mesma tomada, estava melhor ali do que em Terminus, e, mesmo não suportando Karénine, sabia que ele era um dos maiores, e que a glória se aproximava.

Tinha dobrado as doses de antidepressivos.

E depois essa filmagem que não acabava mais parou de repente, tão de repente como o filme deveria acabar. Eu provocava o suicídio de Adrien e este era o fim. Fizemos as malas, levei uma claquete de lembrança e Derek caçoou de mim. À espera do fim da montagem do filme, partimos para Nova York. Depois Tóquio. Depois Istambul. Depois Dubai. Depois Londres. Depois Mônaco, para descansar, para

descansar de quê?, antes desses quatro dias apocalípticos em Saint-Tropez. Foi em Mônaco que percebi que estava tendo o que chamam uma depressão, depressão que se tornaria simplesmente meu estado normal: sentia-me curiosamente esvaziada. Esperava impaciente pela divulgação, seguida do lançamento do filme. O único pensamento que me fazia aguentar era a minha arte, era mostrar meu trabalho na face da terra, estava cansada de ser apenas uma top model, tinha vontade de dizer: "Olhem, sou também uma artista." Eu enganei Derek com um jogador de pólo argentino. Contei na mesma noite para ele. Ele praticamente não reagiu: —Ah, é, por quê? — me perguntou.

— Não sei... talvez porque gostasse bastante do Murcielago dele.

— Hum — respondeu-me —, uma locação!

Em seguida, ele me contou a história deste touro, Murcielago, este touro tão belo e tão valente que o toureiro não conseguiu se decidir pela sua morte, e eu perguntei a ele:

— Por que você está me contando essa história idiota, estou cagando para o seu touro, me deixe em paz com essas suas historinhas de babaca, você enche o meu saco.

E ele respondeu muito calmo:

— Talvez este touro seja você, cocota.

E, em todos os nossos jantares, ninguém falava francês. Mônaco me matava de tédio, e era com um sentimento de intensa amargura que eu errava pelos corredores do Hotel de Paris. Acontecia frequentemente de eu almoçar sozinha, e precisava repetir três vezes meu pedido antes de ser compreendida, tão baixo eu falava. Passava meus dias sem fim à beira da piscina do hotel, imaginando a fortuna dos outros, e os alto-falantes transmitiam músicas de tango que me davam a impressão de voar na direção do horizonte,

quanto a mim, eu permanecia colada na minha espreguiçadeira. Estava tão queimada de sol que não podia mais me bronzear. Olhavam muito para o meu relógio de diamantes. Olhavam muito para mim. Um dia, eu fugi dali. Foram me encontrar na Chanel, escondida num provador de roupas. No dia seguinte, estava em todos os jornais. Derek me acordou jogando-os na minha cara e repetindo, quase colérico: — Dignidade, cocota, dignidade, você sabe o que quer dizer?

Eu disse para ele que estava em depressão, Derek me chamou de caprichosa. Eu achava que estavam trocando os meus remédios. Derek me chamou de paranóica. Ele ficava o tempo todo colado no telefone e desligava quando eu entrava. A vida estava longe de ser divertida. Íamos a muitas festas, nas quais encontrávamos sempre a mesma gente. Éramos fotografados juntos. As fotos estavam nas revistas na semana seguinte. Estava bebendo quase a mesma quantidade que Derek. A gente não se suportava mais. Decidi cortar meus cabelos e pintá-los de louro platinado. Tatuei o contorno dos meus lábios. Acrescentei colágeno. Levei uma bronca do meu relações-públicas. Eu o pus no olho da rua. Estava eternamente de dieta. Falava com um sotaque ítalo-russo. Dizia que era um mimetismo. Na verdade, era gênero. Não suportava mais o mundo. Mandava fechar as butikues, experimentava todas as roupas, virava meu café em cima das vendedoras e ia embora sem comprar nada. Tinha roupas demais. Jogava tudo fora quando acabava a estação. Todas as pessoas que a gente via ou eram bonitas, ou ricas, ou famosas, às vezes as três coisas, e, entretanto, havia em tudo algo de patético. Tinha medo do patético como de uma doença contagiosa. Não tinha amigos. O mundo, com Derek, era pequeno demais, nisso a gente concordava. Derek num roupão do "Ritz". Derek num roupão do "Hôtel de Paris". Derek num roupão do "Il Pelicano". Derek num roupão do

"Príncipe di Savoia". Derek num roupão do "San-Regis". Derek num roupão "Delano ", se sentindo ridículo. Derek num roupão do "Château de la Messardière". Derek num roupão do "The Dorchester", Derek num roupão do "Hilton" no aeroporto de Dubai (numa escala um pouco longa), Derek num roupão do "Château Marmont", depois Derek num roupão bordado com seu monograma, na casa dele em Saint-Tropez. Lindo de tirar o fôlego, charuto na boca, sobrancelhas franzidas, sempre com uma boa razão para estar nas últimas. Eu me perguntava de vez em quando por que o odiava tanto. Talvez porque eu odiasse a mim mesma.

Talvez também porque ele fizesse de tudo para ser odiado por mim. Já não tinha, de qualquer jeito, mais forças para odiá-lo como gostaria.

Estava simplesmente exausta.

Retornamos a Paris para preparar o lançamento.

10 Summertime

DEREK - Da varanda onde me instalei sozinho e sem nada, nem livro, nem companhia, nem sequer telefone, olho para o sol cansado das sete horas da noitinha, e o vejo laranja através dos meus óculos, quase ocre, cor de *Bagdad Café*, e cujo reflexo se perde no mar infinito, o mar que não consigo deixar de descobrir cintilante, apesar do clichê, me dá a estranha impressão de ondular ao ritmo daquele velho disco de Janis Joplin que acabo de encontrar no fundo de uma gaveta no quarto de minha mãe e, certamente porque estou um pouco doidão de tudo e qualquer coisa (vinho, maconha, alguns comprimidos de Temesta), estou absolutamente convencido de que tudo o que vejo é esta música, sejam as rosas, as mimosas e todas as flores que se agitam, cujos nomes não sei, ou este colchão fosforescente esquecido na superfície da piscina, sacudido pelo sopro do mistral, ou uma toalha Hermès que voa e some, os rochedos escurecidos, apanhando das ondas, sobretudo as ondas, a fumaça do meu charuto, e minha sombra alongada no muro branco, e o horizonte, o horizonte, o horizonte, e mais do que a convicção de que era um clipe ruim, mais do que esta visão que me enche de entusiasmo, de um entusiasmo um pouco amargo, porque está faltando algo de humano, mais do que esta música pretérita, há a sombra de minha mãe, bela e sutil, como num super-8, com seus Wayfarer e o maiô Missoni, arrumando com um gesto impaciente as mechas que escaparam de seu turbante, em precário equilíbrio nesses mesmos penhascos, me chamando, me chamando para que eu saia da canoa: "Derek, Derek", me chamando para entrarmos na casa. E é preciso que o sol se esconda finalmente por trás do morro em frente para que o encantamento se rompa, para que tudo passe do ocre ao

cinza-azulado para que eu tire meus óculos escuros dos quais já não mais preciso, para enfim perceber que estou chorando.

Manon passa neste instante, e ela me vê. Interrompe o passo por uma fração de segundo, viu o rosto, as lágrimas, e a velocidade com que repus os óculos de sol, e a maneira como evito seu olhar. Ela desvia o seu e passa.

Ela também usa óculos escuros, quando já é quase noite fechada. Ela está agora platinada, os cabelos curtos, cortados logo acima do pômulo. É pele e osso. Está com os lábios tão inchados que parece ter levado uma surra. Não pára de escutar no seu *walkman* a última música de Shaggy, que se chama *Salopes*. Ela continua com um gosto de merda. Rebola em câmera lenta, como uma putinha de cinco euros. Pelo seu andar vacilante, sei que acabou de vomitar. Sei também tudo o que se poderia descobrir caso se fizesse um exame de sangue nela. Sei que ela se odeia. Sei que me odeia também. Melhor assim, alivia minha consciência.

Na luz irreal desse videoclipe, ela se parece com um ícone morto.

Ela desaparece na *pool house*, e vou juntar-me a ela para transar.

Sua semelhança com Julie crescia todos os dias, junto a isso crescia meu mal-estar. Julie era uma aristocrata de rosto esculpido, voz cristalina, impossível de ficar despenteada, mesmo no mar. Manon não tinha seu porte, isso ela nunca vai ter. Mas se parecia com Julie de uma maneira estranha e apavorante, com uma Julie corroída, encolhida, degradada, que houvesse sido arrancada de sua prisão dourada e espancada até a morte. Ela se parecia com o destroço que talvez fosse Julie caso houvesse sobrevivido. E, na minha perturbação, começo a dizer a mim mesmo que ainda bem que ela não sobreviveu.

Eu me dizia isso quando, por exemplo, acordava primeiro e via Manon deitada de bruços, na diagonal, sua inocência perdida redescoberta num sonho e irradiando-se pelos seus traços, isso antes de ela por sua vez acordar para retomar a consciência e a pose diante de mim, antes de disparar para dentro do banheiro e se lambuzar com sua maquiagem de puta, eu pensava nisso ao olhar suas primeiras fotos, suas faces cheias, seus cabelos castanhos, cacheados, seu ar de gratidão, faz apenas quatro dias que pensei a mesma coisa, na estrada, vindo para cá, mas já não sei hoje o que pensar, acho que estou entregando os pontos.

Saímos de Mônaco depois daquela noite insone delirante que passamos sem fazer estritamente nada, fora ficar andando de um lado para o outro fumando milhões de cigarros, e tomando um Stilnox atrás do outro, sem saber de onde vinha esta angústia e, sobretudo, sem dizer palavra um ao outro, *The 25th Hour*, aquela música de matadouro, selecionada no menu, que começava, parava e recomeçava, sem que a gente soubesse por que, pedíamos qualquer coisa ao serviço de quarto, chá, coquetéis, ovos mexidos com trufas, cigarros mentolados, mas a vontade sumia quando chegavam, de forma que devolvíamos tudo para a cozinha, para fazer um novo pedido cinco minutos depois. Tentamos jogar gamão, mas Manon queria roubar o tempo todo, tentamos assistir ao filme, mas tinha gente demais nos telefonando com convites para jantares oficiais ou não, no cassino, no Jimmy'z. Para o Bono, que queria tomar um drinque comigo no Sass, respondi que aquela noite minha vontade era cair morto no chão, e Manon agarrou o telefone berrando que não tinha nada para vestir e desligou em seguida o aparelho na cara dele. Acho que estava preocupada com a última capa que fez, para a *GQ* inglesa, que não fora segundo ela suficientemente retocada, dizia que estava com uma cara de sapatão gótica por causa das

orelhas, do *kohl* e das maçãs do rosto, e não parava de repetir: "Você viu minha cara na *GQ*?", "Toda a Inglaterra já deve estar gozando com a minha cara: sem maquiagem, fico igual a Kylie Minogue, não, a Victoria Beckham antes da plástica, não, a Lara Flynn Boyle na *Vanity Fair* da semana passada!", e, enquanto faço um registro mental para escolher melhor a próxima foto, respondo a ela: "Sim, mas Kylie, Victoria e Lara não estão ao meu lado", o que a deixa completamente fora de si (mas tudo o que digo a deixa completamente fora de si), e ela berra: "Eu não quero ser porra nenhuma de namoradinha!", e eu retruco: "Eh, nisso você se engana, cocota, isso porque conheço muita gente, um bando de gostosas que gostariam de ser namoradinha", e, ao perceber que ela está se virando com todas as garras de fora, pronta para me dilacerar a cara, eu acrescento: "E das melhores!", felizmente, a irrupção de uma enorme vespa mutante, que começou a perambular no rosto tumeficado de Ed Norton, salvou-me de uma morte atroz ao provocar aquilo que se chama no jargão militar de "ação diversionária", Manon escamoteou suas garras, pulando no ar, agitada como uma possessa, urrando: "Mata, mata, mata essa escrota", o que fiz, corajosamente, com a *GQ* incriminada e, quando todo perigo havia sido afastado, Manon encolheu-se nos meus braços murmurando bem baixinho: "Ela está morta?", eu lhe mostro a *GQ* com o cadáver da vespa incrustado no meio das sobrancelhas da lésbica gótica e ela caiu em pranto gemendo: "Era tudo o que eu merecia!", e foi com alívio que nos demos conta de que o sol nascia.

Fomos embora acelerados e imundos porque não tínhamos vontade de tomar banho, pegamos apenas os discos de Nina Simone, The Gathering e Counting Crows, dos quais só escutamos, sem parar, uma única música, que era *Don't let me be misunderstood*, porque com o sol que subia, e subia numa velocidade vertiginosa sobre as

estradinhas à beira-mar, o cheiro do café, o vento nos nossos cabelos e essa música nos davam, ainda que tivéssemos passado dias sem dormir, a impressão de renascer, e eu olhava para Manon de *jeans* e uma blusa branca sem mangas manchada de café, com seus enormes óculos de estrela de cinema, com os pés descalços apoiados no para-brisa, escutando-a cantar a plenos pulmões, e rir ao me escutar fazendo o refrão, foi então que vi distintamente, mesmo sabendo que era a mais completa alucinação devido ao Stilnox, ao estado de destruição avançada do meu cérebro, ou simplesmente ao cansaço, o rosto de Julie, imaculado e sereno, triste como um adeus, erguer-se acima de mim e explodir como uma bolha de sabão, e, logo em seguida, Manon apertou minha mão no volante para chamar minha atenção para uma nuvem que se parecia com ela, e piscou os olhos franzindo as sobrancelhas perguntando "quando é que a gente chega?", depois bocejou e apoiou a cabeça no meu ombro e eu disse com os meus botões: "puta que o pariu, como estou feliz".

Seguimos a estrada até Saint-Tropez, onde herdei esta casa de meus pais, na qual passei um tempão com minha mãe. Meu pai nunca mais voltou ali depois que ela morreu, até ele se casar com aquela escrota da Anka, que não podia imaginar o final do mês de julho em outro lugar que não Saint-Trop, ou em outra casa a não ser a minha, isso porque ela enjoava, detestava o Byblos e não havia nenhum outro quatro estrelas de luxo em Saint-Tropez. De forma que meu pai reabriu a casa, descobriu os móveis, retirou o retrato de minha mãe, e trancou seu quarto, proibindo a entrada.

Anka, com esse bom gosto, essa delicadeza e essa discrição que lhe são característicos, decidiu "redecorar", e a casa deixou de ser bem sixties para ficar bem ordinária e uma ostentação do tipo Costa Oeste que é simplesmente insuportável: essa mulher não podia viver sem couro

branco, mármore rosa e jacuzzis em todos os quartos, além de colunas e torreados, ela arrancara o mosaico azul-escuro do fundo da piscina para pintar esta última de turquesa "Mares do Sul", e derrubou o muro de arrimo feito com pedras antigas que minha mãe levou tantos anos transformando num jardim de flores que cercava a piscina, para aumentá-la e fazer com que transbordasse no mar, e arrasou o rosciral para dar lugar a um heliporto, deforma que a casa de minha infância, tão "dolce vita", tão "riviera", tão Tender is the night, tinha doravante um charme igual ao de uma velhota californiana de cara esticada em lifting.

Eu tinha na época catorze anos e a mera evocação de minha mãe bastava para me deixar tonto, eu odiei aquelazinha por quem de início sentira uma vaga antipatia e um desprezo de circunstância. Perguntei a ela:

— Ei cocota, me diga uma coisa, quando você vai a Las Vegas é para admirar as jóias de arquitetura?

— Não — retorquiu —, é para ir ao cassino esbanjar a grana do seu velho pai.

— Ah, e quando você recolhe suas fichas, será que lembra, nostálgica, do seu passado de puta a três copeques se dizendo como está orgulhosa do caminho percorrido?

— Derek — zombou ela —, por que você nunca me chama de maman?

— Porque... você não passa de uma Ivana Trump fracassada.

— Seu merdinha, vou fazer com que seja deserdado!

— Acho que o conceito de "filho único" escapa a você.

— E você acha que o seu pai compreende o conceito de "filho único heroinômano"?

— Eu nunca me piquei, e você sabe muito bem disso.

— O importante não é o que eu sei, o importante é o que eu digo a ele... E, depois, você vai chegar lá, Derek, acredite

em mim, você chega lá...

— *Ah, é, e por que... por que faria algo assim?*

— *Por causa do tédio.*

Manon entrou na casa com o ar *blasé* de alguém que ascendera, na verdade com o meu próprio ar *blasé*, ela me gratificou com um "Oh, é muito bonito", tão pouco convincente e, buscando dissimuladamente algum defeito, atravessou a sala até a varanda, de onde, ao avistar a casa de hóspedes, me perguntou a razão de os vizinhos estarem tão próximos de nós. Eu respondi que, depois de acabar a pintura das janelas, o nosso dinheiro acabou e não deu para construir um muro divisório, ao que se seguiu um silêncio constrangedor. Eram oito horas da manhã, estávamos um ao lado do outro na varanda, como numa ilha, com o mar aos nossos pés, e uma sensação tão intensa de liberdade que era quase insuportável, eu aspirava grandes golfadas de vento, dizendo a mim mesmo que ela era a única pessoa que queria ao meu lado, depois virei a cabeça para lhe dizer isso: ela tinha ido embora dormir.

Passamos quatro dias fugindo um do outro, e eu me sentia um babaca, tão babaca quanto Pigmalião, um Pigmalião usando camiseta Dolce, um pouco *trash* e degradingolado, que, em vez de ficar esculpindo estátuas, as destruía com golpes de martelo para se dar conta depois, ao sair de um grande sono de drogas, que havia se apaixonado pelos escombros.

Manon estava fodida. Não importa o que eu fizesse, ela estava despedaçada. Eu deixei a estátua doidona. Não havia mais nada que pudesse fazer por ela. Mesmo se eu parasse com tudo... Parar com tudo, era isso, de qualquer forma, que estava previsto para terminar o trabalho. Parar com tudo seria perdê-la. Perdê-la e deixá-la demente, devolvendo-a à sua vidinha de merda depois de ter exaurido

seus sonhos babacas. Dizer-lhe a verdade seria perdê-la, destruindo seus sonhos babacas. Tudo o que eu podia fazer era exaurir de uma vez por todas os seus sonhos babacas. Mas ela me abandonaria. Um dia, ela me disse: "Vou deixá-lo, assim que puder viver sem você". Eu lhe havia perguntado, sinceramente comovido naquele momento, pronto para qualquer coisa: "Você pode viver sem mim, cocota?".

Ela riu, com aquele seu riso atroz, e respondeu: "Quero dizer, quando for bastante famosa e bastante rica.". Foi a minha vez de rir dela, de mim mesmo e desta situação inextricável, e concluí: "Então você nunca vai poder viver sem mim, cocota".

Fiquei esses quatro dias sem ligar para ninguém e sem abrir os jornais. O telefone não parava de tocar, de forma que o tirei da tomada. Sentia-me espionado e profundamente infeliz. Escutava *The Gathering* mesmo dormindo. Pegava todos os dias pela manhã um *jet ski* para dar uma volta. Através dos meus óculos escuros cobertos de manchas de sal, o mar estava azul-escuro, quase negro, e tinha um gosto amargo na minha boca. Não havia uma onda sequer. Eu ia atrás das marolas dos barcos para poder cortá-las. Apostei uma corrida com Puff Daddy que queria comprar minha casa. Os *paparazzi* nos perseguiram. Eu passava por muitos conhecidos, e conhecidos do meu pai. Não cumprimentava ninguém.

Manon acordava por volta do meio-dia. Ela pedia qualquer coisa e tomava seu café no terraço em frente ao mar, o qual olhava fixamente com ar pasmo. Para se estender, em seguida, numa espreguiçadeira na beira da piscina e passar o dia ali. Eu a seguia de vez em quando, e ficávamos os dois enfiados cara a cara até o cair da noite e, no meu espírito entorpecido pelo calor e a inatividade, uma única ideia, ameaçadora, onipresente: sem retorno, sem retorno, era só nisso que pensava, era só isso que eu

via, debaixo deste céu de rosas, a superfície imutável da água da piscina, as lajotas brancas crestadas pelo sol, Manon lânguida, com um maiô preto, sua pele cor de caramelo, seus cabelos besuntados de óleo, seus olhos tão azuis quanto a piscina naquele seu rosto bronzeado em excesso, olhando-me fixamente, para desviar os olhos assim que voltava meu olhar para ela, e o barulho mouco dos seus passos sobre a pedra abrasadora quando, morta de calor, ela vai se jogar na piscina, o marulho da água, sua respiração mais curta, sua voz neutra ao agradecer o empregado que lhe trouxe uma bebida, o estalido das páginas do romance que ela fingia ler, o clique do seu isqueiro quando acendia um cigarro, o canto estúpido das cigarras, o sussurro do mistral, tudo parecia cochichar no meu ouvido para me enlouquecer: "sem retorno, sem retorno". Desses dias *flous* em Saint-Tropez, lembro-me apenas de minha errância, da canícula esmagadora, deste jogo glacial de olhares, da água azul da piscina, de uma melodia de Janis Joplin.

No La Voile Rouge, onde a levo para almoçar no terceiro dia, numa dessas tentativas desajeitadas de aproximação que resultavam num afastamento ainda mais diferenciado, Manon veste um vestido Pucci bem folgado e curto, um chapéu combinando, óculos combinando e o meu Daytona, seu aspecto é ao mesmo tempo elegante e exibido, original e banal, simples e sofisticado, o que faz com que um observador imparcial tenha, sem dúvida alguma, muita dificuldade em determinar se é a minha jovem esposa, uma prostituta de luxo de origem estrangeira ou minha irmã mais nova, de qualquer forma, todos a olham, olham nós dois, e grande silêncio se faz quando descemos do barco descalços, o que nos dá um ar chique, e entramos no restaurante junto com os primeiros acordes da música do *Mépris*. Felicíssimo em me ver, o garçom maluco comete

uma gafe antes mesmo de a gente sentar, ao virar-se para Manon:

— Olá, Julie, como estou contente de ver você, achei que você havia morrido, mas só está um pouco sorumbática.

— Eu poderia ter um pouco mais de borrifador de água, por favor, cocota, estou sufocando — digo para o empregado doidão com um evidente objetivo diversionista para que Manon não lhe quebre a cara com golpes de uma garrafa de Beautieu —, ah, arrume melhor esta mesa, prefiro ter a vista para o mar do que para o George Clooney.

— Eu prefiro a vista para o George Clooney.

— Você não entende patavina das maravilhas da natureza, é só uma tiete desfrutável e, de qualquer forma, sou eu quem está pagando e sou eu quem decide.

— George Clooney é uma maravilha da natureza.

— Deixe o George em paz, cocota, Saint-Tropez inteira já está atrás dele. Olá, George — digo eu para George, que se aproximou para me cumprimentar calorosamente, aperto a mão dele —, bravo pelo filme — acrescento.

— Bonita camisa — responde ele antes de ir embora paquerar a dançarina que custa mil euros por noite.

— O que foi que ele lhe disse, o que foi, o que foi?

— Ele disse que estava transando com a rainha da Inglaterra.

— Vocês escolheram? — pergunta o garçom doidão cada vez mais louco.

— Sim — digo eu, com uma ponta de irritação —, uma mesa com vista para o mar.

— Coração de alface sem molho.

— Cristal rosé, e não aquele para embebedar turista.

— O telefone de George Clooney.

— Eu tenho o número, idiota, mas não vou lhe dar. O que quer beber?

— *Ice tea*.

— Não tem — responde o empregado, seriamente doidão.

— Escute aqui — digo eu —, não é porque eu trato mal esta safada que divide a vida dela comigo, que isto lhe dá o direito de fazer o mesmo.

— E ainda por cima eu sou uma estrela, merda — acrescenta Manon.

— Está em falta, está em falta, o que você quer que eu faça?

— Que você diga: está em falta, madame.

— Está em falta, madame.

— A senhora vai beber então champanhe Cristal e comer espagete com lagosta comigo, caso contrário volta nadando. *Capiche*, cocota?

— *Capiche*, seu babaca, mas eu vou provocar o vômito e você odeia isso — responde Manon.

— O que você faz com a sua saúde não me interessa, mas, quando eu como, todo mundo come, e basta.

O empregado doidão se afasta e durante quarenta segundos, nós ficamos absolutamente sem dizer uma palavra.

— Qual é essa música idiota? — pergunta Manon.

— É *Le Mépris*.

— O que é *Le Mépris*?

— Jean-Luc Godard, quer dizer alguma coisa para você?

— O que é *Le Mépris*?

Eu desisto.

— É o sentimento que sinto por você neste momento, desprezo.

Faz-se um silêncio mortal e observo a precisão do barulho das ondas, tamanha precisão que começo a suspeitar de a gerência estar transmitindo uma gravação, o que não seria surpreendente neste mundo onde nada é realmente real.

— Derek?

— Sim, cocota?

— Você viu o copião? Karénine não quis me mostrar o copião. Ele quer que eu espere a montagem do filme.

— É isso aí, eu vi— minto —, eu vi o copião...

— E então?

— Então o quê? Não tem som, não tem música, não tem cores, não é cinema, é feio que nem a vida.

— Mas e eu, com que cara estou?

— A mesma que agora, sem óculos e menos bronzeada.

— Mas... eu estou bem?

— Ah cocota, isso a está torturando tanto assim?

— É o meu sonho mais precioso, o cinema, ora Derek, já faz um ano que estamos juntos e você nem isso sabe?

Um novo silêncio mortal, o La Voile está fervilhando hoje de silêncios mortais. O garçom doidão chegou trazendo o champanhe e as taças, George Clooney, em ótima forma, está em cima da mesa com a dançarina de mil euros por noite. Eu limpo a garganta.

— Hum — digo —, e você nem sabe quem é Jean-Luc Godard.

— Isso não tem nada a ver, Derek.

— Mas acho que tem... Stanley Kubrick, por exemplo, diz alguma coisa para você?

— Ele era... um diretor?

— Manon, você caga e anda para cinema. Você sabe de cor as comédias românticas com Hugh Grant, você achava que Karénine era um ditador comunista do início de século XX e John Wayne um presidente dos Estados Unidos, você dorme na frente de um filme em preto-e-branco, você acha Nicholas Ray ordinário, você assistiu a *Taxi Driver* em versão dublada, você acha que Almodóvar é italiano, que Mel Gibson é um gigante, que Woody Allen é um pica-pau, que *O último tango em Paris* é apenas um dos títulos do Gotan Project, você prefere Pierce Brosnan a Steve McQueen, Jude Law a Maurice Ronet, o hotel tem dois mil duzentos e cinquenta e três DVDs e você assiste há vinte e quatro horas *La Boum*...

— Mas eu gosto de *La Boum*, *La Boum* é genial, queria que a vida fosse *La Boum*... — defende-se ela, parecendo levemente arrasada.

— Manon — digo, segurando suas mãos numa espécie de impulso que não faz nem um pouco meu gênero —, se o filme que você fez não ficar exatamente o que você espera, se você não trabalhar no cinema, se você não ficar famosa...

— Mas eu sou famosa... — murmura ela, quase chorando.

— Vamos dizer que sim. Mas, se você parasse com tudo, fosse esquecida pelos outros, se as pessoas parassem até mesmo de parar você na rua para pedir autógrafos, você mesmo assim viveria comigo, você teria tudo o que quisesse, e todo o resto, todo o resto iria aos poucos desaparecer da memória, você iria me perdoar, nós tentaríamos ser felizes, quero dizer, o menos infelizes possível, e todo o resto seria apenas uma má lembrança... sobre a qual nunca mais falaríamos a respeito.

— Perdoar você de quê, Derek? — gagueja ela, tentando acender um cigarro apesar do vento e do tremor dos seus dedos.

— Me perdoar por ser... esquisito. De ter sido esquisito desde o início, e eu prometo a você que nunca mais vou ser esquisito se apenas, se apenas...

— Se apenas o quê? Se apenas eu interrompesse a minha carreira para que a gente ficasse exatamente no mesmo ponto, você e eu, para compartilhar... o fracasso de sua vida?

— Carreira, cocota, é uma palavra bastante grande, da mesma forma que fracasso. E, acalme-se, estão olhando para você — digo eu, mais uma vez na defensiva.

— Eu deveria perdôá-lo por ter sido... esquisito? Por me tratar como se eu fosse um dos seus automóveis...

— Isso é um clichê, cocota.

— ... me rebaixar todo dia, me tratar como idiota, me olhar sem me ver, denegrir minha profissão...

— Que profissão?

— Derek, desde que estou contigo, eu nunca me senti tão porcaria na minha vida.

— Você talvez se sentisse melhor quando limpava as mesas do Trying So Hard?

— Pronto, pronto, isso é uma coisa que nunca vou perdoar. E o que não perdo de jeito nenhum é ser hoje igual a você. Sou tão inconsistente, tão superficial, tão egocêntrica, tão fria, tão presunçosa, tão má...

— Eu não sou superficial.

— Derek, o seu passatempo predileto é ficar contando as suas ex na Fashion TV.

— O seu passatempo predileto é ficar olhando quem engordou na Fashion TV

— Você usa óculos escuros até para tomar banho.

— Você faz uma escova antes de ir para a praia.

— Você finge para os seus acionistas que George Bush telefona para você na sua linha particular.

— Você roubou o número do celular de Leonardo para ficar passando trote.

— Você me deixou maluca, Derek — explode ela e todo La Voile Rouge se vira para nós, deixando de lado por alguns segundos George Clooney, que está fazendo um *striptease* no bar —, você me deixou maluca, eu estou maluca: todas as manhãs quando acordo levo quinze minutos para me lembrar do meu nome, tomo antidepressivos, soníferos, euforizantes, ansiolíticos, tranquilizantes, EU NÃO TENHO MAIS UM ESTADO NORMAL!

— Você está se esquecendo da cocaína, das anfetaminas e da melanina, sabe, aquele negócio que tem nos seus comprimidos de gel bronzeador.

— Eu sou uma caricatura dos destroços de uma modelo drogada, se eu não estivesse com você, tenho certeza de que ninguém daria a mínima para mim.

— Isso é a primeira incursão no domínio daquilo que chamamos comumente de "bom senso" nesta conversa.

— Você me transformou num monstro.

Eu me calo, porque é a verdade e me dou conta de que o mecanismo já funciona sozinho e bem demais para que eu possa fazer o que quer que seja para pará-lo, e vou dar a ela uma última chance já que fiquei comovido por tudo o que me disse, afinal, e, se sua resposta for um sim a esta última pergunta que vou fazer, confessarei tudo a ela, pedirei mais uma vez que me perdoe, e se ela me perdoar, se ela me perdoar de verdade, realizarei seus sonhos idiotas, mas os realizarei desta vez de verdade, de forma que, se ela quiser me largar, dane-se, pior para mim, melhor para ela, e poderei enfim dormir.

— Manon, você está apaixonada por mim, não está?

— Não...

Sáímos do restaurante e fomos para casa, onde tomamos todo o cuidado para não nos vermos até o último coito na *pool house*, durante o qual não trocamos palavra, apenas comandos e porradas, depois retornamos a Paris para preparar o lançamento.

11 Apenas quinze minutos de glória

MANON - Paris e a monotonia em menos tempo do que eu levo para dizer esta linha, ainda ontem estava em Saint-Tropez em plena paranóia estival, meu único contato com o real sendo as elucubrações de Derek, não é de se estranhar que eu tenha caído na real, e sinto vertigem quando me lembro de ontem à tarde, enquanto ele choramingava como um veadinho na varanda, remoendo não sei o quê, as lembranças da mamãezinha querida, ou do seu querido pai, ou da queridinha da Julie e que eu mal me aguentava em pé sobre a balaustrada acima do vazio, estranhamente atraída pelo fundo, o mar rompendo sobre as rochas, a ideia de acabar. Aterrissamos às onze da noite e encontramos a chuva para nos receber, uma chuva quente e pesada, e eu estava com uma aparência ridícula, com meu vestido aberto nas costas e meus cabelos cheios de óleo, ao lado de Derek de jeans e capa de chuva, eu me embrulhei no meu *pashmina*, acendi um cigarro no último aeroporto de fumantes no mundo, Georges II empurrava o carrinho coberto de malas Vuitton, como de hábito, todo mundo nos olhava, e eu tive a sensação de estar voltando para casa, para minha casa, enfim, Paris.

Foi ao sair da perimetral na Porte Maillot que eu vi pela primeira vez o cartaz. Estávamos na 600, íamos tão rápido quanto a música, *Bullet with the butterfly wing*, com a chuva escorrendo nos vidros fumês, Derek colado no telefone, latindo não sei que insultos em russo, e a gente não morre por uma questão de centímetros, numa curva muito fechada, a Mercedes derrapa fora de controle, Derek segura o meu braço, cobre o aparelho e sussurra para mim: "Eu amava você, sabia?" e recomeça a berrar "Dasvitania, dasvitania" no celular, a gente não enxerga nada debaixo

do temporal, apenas as luzes assustadas dos faróis e o resplendor do Palácio des Congrès, Georges II freia com toda a força, o cantar dos pneus, penso em meu pai, com quem faz mais de ano que não falo e que nunca mais vou rever, e o carro para bruscamente, nós estamos vivos: "Foi um milagre!", grita Derek, e depois "Obrigado. Mercedes!", e depois "Passe Moscou de volta para cá", e ali, fluorescente debaixo do poste com luz de néon, meu rosto ampliado dez vezes, pálido e hiper-retocado surge de lugar nenhum, com todas as letras do meu nome, e o título em caixa-alta, e aconteceu, o velho sonho se realizou, liso e brilhante numa parede de abrigo de ponto de ônibus, posso vê-lo e tocá-lo, tão real que a gente quase que se encaixa dentro dele, tão real, o velho sonho, que ele quase nos mata. Eu prendi o fôlego e não consigo deixar de rir, tomada de um sentimento estranho, uma satisfação intensa, uma felicidade fulgurante, até me virar e ver a expressão consternada que domina os traços de Derek, seu celular no chão, seu cigarro que treme na mão dele, de tal forma sua mão está tremendo, e digo: "Vamos, Georges, para o hotel, e vê se não mata a gente desta vez", e seguimos em silêncio pela avenida de la Grande Armée, depois pelos Champs-Élysées, seguindo pela rua du Faubourg-Saint-Honoré, o as ruas estão desertas, desertas, e meu rosto em todo lugar, mas não tem um passante para vê-lo, e Paris a mim pertence, é toda minha, depois digo a mim mesma que vou me habituar com esta ideia, de uma longa vida semelhante a este passeio por Paris coberta de mim, como uma marcha triunfal e silenciosa, sinto-me de novo eufórica, e nada poderá estragar de novo meu prazer, nem mesmo Derek, que faz cara feia num canto, porque sei qual é a vida que me espera, e é aquela que escolhi.

Na vida que escolhi, todos os dias são ensolarados. No quarto com vista para a praça Vendôme, com suas grandes janelas guarnecidas de tafetá cor de âmbar que permitiam a

entrada de apenas a quantidade de sol desejada para um suave despertar, deitada em diagonal na cama imensa, eu me espreguiçava sem parar, amarrotando o cetim dos lençóis entre minhas pernas doloridas, apertando um atrás do outro os travesseiros intactos em busca de algum frescor, meu relógio na mesinha-de-cabeceira marcava nove horas, Derek já havia saído.

Na vida que escolhi, as perguntas seriam sempre as mesmas, já os cumprimentos, sempre outros, eu teria "a beleza de uma assaltante de banco", eu seria "a antielegância, mas tão moderna, tão início do século", nos entendemos bem, monsieur Karénine e eu, eu mentia: "sim", teria eu sucumbido ao charme de Adrien Brody, eu não mentia: "não", teria eu me entendido direito com a equipe do filme, eu mentia: "sim", estaria eu no sétimo céu com o meu trabalho, eu estava no sétimo céu com o meu trabalho, mas, para deixá-los contentes, dizia que era uma perfeccionista, uma eterna insatisfeita, qual era o meu segredo para ser tão magra? "Devo ter nascido assim, posso comer de tudo e não engordo, sou naturalmente assim", fora a minha resposta acompanhada do meu mais encantador sorriso embaraçado diante desta gorda jornalista feminista, doida dentro da sua saia apertada tamanho 38. Eu sabia minha fala de cor, cada vírgula no seu lugar, visto que todos os jornalistas, não satisfeitos de perguntarem todos a mesma coisa, faziam as perguntas exatamente na mesma ordem, e, às vezes, ficava distraída, olhando por exemplo a Fashion TV atrás da cabeça deles, no caso de um modelo ter passado despercebido, mas era bruscamente chamada de volta à realidade com uma cotovelada de Emma, a peste da minha relações-públicas, fazendo com que eu respondesse a essas perguntas sem pé nem cabeça e tão cortesmente formuladas como: "Você está com Derek Delano por causa do dinheiro dele?".

Eu respondia: "Não". "Você está com Derek Delano para chegar ao estrelato na profissão?". Eu respondia: "Não". Emma não me deixava pôr esses bundas-moles no olho da rua, alegando que podia prejudicar a minha imagem, e isso era importante, a minha imagem. Às vezes tentavam me pegar desprevenida: "Você está com Derek Delano por causa do dinheiro dele e para chegar ao estrelato na profissão?". E eu escapava admiravelmente da armadilha respondendo; "Nem uma coisa, nem outra". Às vezes, entre duas perguntas idiotas: "Qual é o seu filme predileto?", "*La Boum*", e "Quais são os segredos da sua beleza?", "Uma vida saudável e os produtos da Harvey Nichols", tentavam me dar uma rasteira: "Você transou com Adrien Brody durante as filmagens?", e respondo indignada: "NÃO!", e, já de saída, o sujeito se virou para mim, tirou um papel do bolso, e me disse: "Me diga uma coisa, o que é que você gostaria de presente de aniversário?" e eu respondo: "Uma *jacuzzi* Lascala, como uma tela de plasma acoplada, até logo", batendo em seguida a porta na cara dele enquanto ele escrevia. Eu não entendia nada. Os jornalistas eram malucos, pelo menos tão malucos quanto Derek.

— Se você não gosta de jornalista, mude de profissão — disse-me Emma.

— Se você não calar essa boca, não sei se vai mudar de profissão, mas de patroa, ah, isso vai.

Era uma época estranha, uma nova era, minha própria era: eu era onipresente. "Seus quinze minutos de glória, era isso que você queria", me dizia Derek. Naquela época, as multidões só se preocupavam com duas coisas, a primeira era eu mesma e a segunda era a ressurreição de Kurt, reencontrado errante nas ruas de Nova York por um ator de marionetes desempregado, Kurt estava tuberculoso, amnésico, encolhido, ele não tinha mais condição de tocar uma guitarra, mas era ele mesmo, Kurt Cobain, meu velho ídolo, e eu tinha o número do seu celular.

Aparecíamos lado a lado na televisão, compartilhávamos as capas e as páginas centrais das revistas, as bancas de jornal estavam cobertas com as nossas caras, a gente almoçava junto no Costes e no Plaza, onde ele dormia, as pessoas nos olhavam de uma maneira bastante esquisita, ele me fazia confidências. O início das investigações revelou que sua morte não fora nada mais que uma encenação da mulher dele para meter a mão no tesouro, ele bebia muito uísque, se entendia bem com Derek, meu inglês melhorava a olhos vistos.

Naquela época, toda vez que atravessava Paris, ficava tonta com os cartazes. Aquele rosto que era o meu, esta parte de mim que havia abandonado, todos esses olhares que fugiam ao meu controle. Isso quase me amedrontava. Eram sobretudo os meus olhos que me assustavam no cartaz, meus olhos empapados de *kohl*, retocados, quase transparentes, direto na objetiva, e que seguiam a gente aonde quer que fosse, onde quer que estivesse. O dia inteiro, durante os engarrafamentos, meus próprios olhos olhavam fixamente para mim em todos os pontos de ônibus, de todos os cinemas, de todos os *outdoors* de Paris, enquanto eu me escondia no carro, óculos escuros, chapéu e vidro fumê, tentando escapar do olhar dos pedestres, tentando escapar do meu próprio olhar lá em cima, em plena luz do dia, eu não podia mais me excluir, abaixava os olhos e via a capa da *Elle*, encontrava a capa da *Studio*, caía na capa da *Match*, na minha publicidade para *Vuitton*, no catálogo *Vuitton*, nos montes de *releases*, nas fotos amadoras de Derek e eu no 55 em Saint-Tropez, nas provas fotográficas antigas, no meu *book* aberto, e levantava a cabeça, havia anoitecido, e aquilo que enxergava confusamente através do vidro verde-escuro, quase negro, era o meu reflexo, essa coisa grotesca e aflita com seus óculos de sol na escuridão, era o meu reflexo que já não pertencia a mim.

Com frequência era seguida, seguiam o carro e, quando acontecia de simplesmente sair porque estava sufocada, para tomar ar, para ir comprar eu mesma meus cigarros, o importuno descia da sua lambreta e apressava o passo, ele me interpelava nas minhas costas, saltitando para vislumbrar meu perfil, para verificar que sim, que era realmente eu, e me dizia: "Ah, ah, é você, hein?", eu respondia: "Não, o senhor deve estar enganado", e outros passantes se viravam e me reconheciam, e era geralmente nesta hora que me via cara a cara comigo mesmo num abrigo de parada de ônibus, e o importuno, com a maior cara-de-pau, começava a caçoar: "Eu sabia, vi você na tevê", e eu dizia: "É isso aí, sou eu, e meta-se com a sua vida", e o sujeito respondia: "Ah, é assim que você trata o seu público, sua filha da puta?", então eu voltava depressa para o carro e pedia a Mirko para comprar meus cigarros no próximo quiosque. Eu fugia da rua e das multidões, mas a coisa não melhorava no hotel. Ah, não, ninguém pulava em cima de mim, mas de fato era pior, esses olhares de soslaio, fixos, os comentários que se davam ao trabalho de fazer em voz baixa.

— Ih, você viu como ela é magra!

— Está doidona.

— Anoréxica.

— Doente.

— Não liga não, cocota.

— Derek? Você já reparou que as pessoas só se dão o direito de apontar com o dedo os objetos, os cachorros e as pessoas famosas?

— Você está se esquecendo dos criminosos de guerra, meu bem.

— E daí? É ou não é porque eles são conhecidos?

Derek já estava habituado. Eu não. E, contudo, não posso dizer que estava infeliz. De vez em quando, pensava em Terminus, nas minhas noites em claro na janela, quando contemplava a praça do vilarejo, inerte sob a iluminação amarela com a fome que mordía a minha barriga. Escutava como que sonhando aquela melodia de Legrand que eu escutava sem parar, com a voz que desafinava nos trechos onde a fita estava gasta, o piano agudo, tão baixinho, que eu praticamente adivinhava em vez de escutar.

Eu via a mim mesma como se fosse outra pessoa, como se fosse um filme, via minha silhueta, meu rosto que nunca vira maquiagem, ainda era morena na época, tinha um rosto humano, e não esses lábios hiperinchados e essas faces macilentas de doente, tinha os olhos iluminados de ilusões. Grande primeiro plano no meu rosto, eu jogo meu cigarro, primeiríssimo plano no cigarro que explode no chão num feixe de faíscas avermelhadas e cambiantes, a câmera volta para mim, para em seguida se afastar, apenas minha silhueta enquadrada numa janela é visível, o *travelling* para trás continua, toda a minha velha cabana pode ser vista agora, e continuo lá, apenas uma sombra recortada, e que vai ficando cada vez mais diminuta, o céu entra no plano, estou imperceptível, infinitesimal, na minha janela idiota: apenas uma babaca sonhando debaixo das estrelas. ESCURO.

Sequência seguinte, não há mais estrelas e a babacona parou de sonhar. Ela se entope de comprimidos no banco de trás de uma Mercedes. É ela, a pequena de Terminus, a pequena caipira de que todo mundo caçoava, que perdia o cabaço nas piscinas para veranistas efeminados débeis mentais, os quais se davam ao luxo de largá-la por umas putinhas esnobes ainda por cima, a caipira que roía as unhas assistindo a Saga, que tinha inveja de tudo e todos, até das babacas da Star Academy, havia dias em que ela não tinha grana para comprar cigarro, então fumava as

guimbas com cara de nojo, ela fumava suas guimbas até o filtro, é ela, a empregadinha do Trying So Hard que limpava as privadas, que estragava as mãos com água sanitária, para quem olhavam de cima, do alto de uma cadeira mesmo ela estando em pé, que era insultada quando estava muito calor, muito frio, ou muito lento, a quem deixavam por piedade alguns euros infelizes de esmola, mas ela nunca mais vai se levantar, a empregadinha, nunca mais vai ficar em pé para ninguém, e ela caga e anda para o mundo inteiro, do alto de tudo que ela ganhou, com suas montanhas de grana e todo o desejo que desperta, ela vai à sua entrevista coletiva, a pequena mendiga, a pequena caipira, a pequena garçonete, na sua limusine com ar-condicionado, a qual nem precisa dirigir, enquanto sua assistente lixa suas unhas e um sujeito do tamanho de um armário fica vigiando de cara feia os erotomaníacos em potencial, ela olha para o seu rosto do tamanho de um prédio, translúcido como um ideal, de ambos os lados da estrada, e então bebe que nem um ralo, para esquecer que se enganara de sonho.

— Ande logo, ande logo com essa sua porcaria! Ande logo, merda, eu vou me atrasar! Ande, seu babaca marselhês! A preferência é minha à direita! Dê uma porrada nesse calhambeque, Georges, Derek paga o prejuízo! Georges, meta o carro em cima dele, merda, que se dane, o carro é blindado! Assassine este velho retardado, merda! Já faz quinze minutos que ele está obstruindo a estrada!

— Não vai dar, madame.

— E a merda da preferência à direita? Será que alguém nessa porra deste carro pode me dizer *quem* escreveu esta porra de código de trânsito babaca? Hein? Porque eu vou cuspir na sepultura dele logo que sair daqui!

— Está congestionado, madame, temos que fazer meia-volta.

— Ninguém vai dar meia-volta, nin-guém-vai-dar-meia-volta! Eu tenho de estar em Saint-Germain dentro de... dentro de... Eu tinha que ter estado em Saint-Germain já faz mais de meia hora, todos os jornalistas desta cidade estão me esperando, da mesma forma que monsieur Adrien Brody, monsieur Karénine e monsieur Derek Delano, o *patrão* de vocês todos, tenho responsabilidades, ponham isso na cabeça, tenho um filme para promover, não saí para fazer visitas! De forma que nada de meia-volta, vamos dar um pontapé neste energúmeno e mandá-lo para a lata de lixo e a gente se manda pela via exclusiva dos ônibus, senão é rua para todo mundo, está claro?

— Eu não quero acabar na prisão, madame.

— E *eu*, eu não quero chegar *atrasada*!

— Têm policiais em todo lugar, madame!

— Eu também estou em todo lugar. Georges! Olhe, estou em tudo quanto é canto! E estou enchendo o saco do mundo, estou?

Mostro para ele o cartaz no abrigo de ônibus à esquerda, no *outdoor* em frente à Assemblée Nationale, na banca de jornais, na capa da *Studio*, meu rosto por Richard Avedon na *Elle* que seguro na mão e também no ônibus que passa a toda, ele, na via expressa prevista para isso e grito:

— Siga aquele ônibus!

— Nós não estamos num filme vagabundo de perseguição hollywoodiano — retruca Derek, e eu fico em pânico porque Derek *não* está aqui neste carro, ele está à minha espera em Saint-Germain, com Karénine, Adrien Brody e os jornalistas irritados.

— Minha vida é um filme vagabundo hollywoodiano — digo eu —, e Derek, onde você se escondeu, eu escuto você, mas não consigo vê-lo.

— Manon, você está doidona.

— Não estou.

— Está.

— Não.

— Se você não estivesse doidona, teria se lembrado desta invenção revolucionária: o telefone. E desta outra invenção revolucionária: o alto-falante. Grandessíssima idiota.

Estou sonhando, ou escutei a minha relações-públicas prender o riso.

— Derek, querido, Emma está gozando com a minha cara, é preciso demiti-la.

Estendo uma garrafa de champanhe para que Mirko a abra, já que sinto que meus nervos vão explodir num instante.

— Ninguém está demitido — berra Derek —, você já gastou todo o crédito que tinha para demitir relações-públicas. Cale a boca e ande logo, a gente está esperando!

— Como você é mandão, meu bem — digo eu, estendendo minha taça de champanhe para Mirko.

— Estou sonhando ou escutei o pipocar de uma rolha de champanhe?

— Nada disso, foi Mirko. Ele acaba de atirar num cana que lhe pediu os documentos.

— Manon, eu avisei a você: nada mais de álcool antes das coletivas de imprensa, senão na semana que vem você vai fazer Paris-Nova York em vôo *charter* sentada numa saída de emergência, junto das obesas e das mulheres grávidas, *capiche?*

— Derek, seu escroto. Você faz alguma ideia da tensão que estou suportando? Não posso nem mesmo me olhar mais no espelho, de tal forma não aguento mais minha cara. Tenho quarenta entrevistas por dia, minha vida sexual exposta para quem quiser ver...

— Lembre-se de que é a *minha* vida sexual também e que foi você quem soltou a língua para a *Vogue* porque confundiu os seus calmantes com Stilnox.

— Tudo bem, mas você também é viciado em Stilnox!

— É isso aí, cocota, só que comigo isso faz dormir, em você ele dá uma vontade irresistível de militar a favor dos consolos de borracha para a liberação sexual dos relacionamentos.

— O meu público tem o direito de saber!

— É claro, o que não impede que ontem à noite, durante a exibição para a imprensa, dezessete pessoas tenham me perguntado se eu gostava de ser enrabado e o Stéphane B. ficou me olhando de uma maneira esquisita...

— Ora, Derek, basta você parar de convidar esse indivíduo sinistro para as suas projeções, o que é que você quer que eu diga?

— Manon, a única coisa que peço a você é para não esquecer seu nome quando chegar à sala da coletiva.

— Só preciso para isso... abrir os jornais!

— Isso, vá bancando a espertinha. Pobre coitada. Faz uma porcaria de longa-metragem e já está se achando uma estrela do rock. Eu não dou um copeque pela sua carreira futura. Valérie Kaprisky significa alguma coisa para você?

— Quem é essa Valérie Kaprisky?

— Deixa essa pinguça — intervém Mirko —, deixe que tome a mamadeira dela para parar de encher nosso saco!

— Você tem razão — responde Derek.

— Está demitido — digo num gemido.

— Ninguém está demitido — diz Derek.

— Manon, telefone — interrompe Emma, é a Paris-Match, eles querem fazer algumas perguntas a você.

— E daí, mande que eles comprem a *Elle* desta semana e copiem o artigo! Ou a *Vogue*, ou a *Gala* ou a *GQ* portuguesa, ou *Inrocks*, ou *Rolling Stone* ou *Esquire* ou a *Vanity Fair*! Mas que me deixem em paz!

— Manon, pare um pouco de boicotar a Paris-Match. Responda à Paris-Match. Por favor.

— Eles publicaram uma foto minha em que estou barriguda! Hein, o que você diz disso, não é intolerável? Eu não tenho de aguentar isso, e não vou aguentar!

— Manon, você vai atender a *Match* e responder às perguntas deles, mas ai de você se pronunciar a palavra consolo, senão é o *charter* da United.

— Nada feito! Estou de saco cheio das perguntas! A filmagem foi boa? Você teve um bom relacionamento com toda a equipe? Qual é a sensação de ter sido dirigida por Karénine? Você se identificou com sua personagem? Você faz ideia de quantas vezes eu tive de repetir isso, hein, faz?

— A senhora poderia tirar suas unhas do meu braço, madame, estou dirigindo, e é um pouco incômodo para passar as marchas.

— Insolente! Você está demitido!

— Ninguém está demitido — repete Derek —, e para de machucar Georges, ele está dirigindo.

— Derek, você precisa internar essa maluca e usar o *knut* nela.

— Obrigado, Mirko, mas por ora não é necessário.

— O que é um *knut*?

— É a chibata russa usada para castigar os criminosos — responde Derek, sempre prestativo quando se trata de dar uma informação.

— Ah — digo, antes de esvaziar o conteúdo de minha taça no terno branco de Mirko —, seu filho da puta!

— Sua escrota berra ele —, você iria provar o pão que o diabo amassou se não estivesse sodomizando meu patrão com um consolo de borracha...

— Mirko, você está demitido — diz Derek.

— Ninguém está demitido — retruco eu —, Mirko tem razão.

— Mirko tem simplesmente vontade de acabar com você.

— Manon, Réservoir Prod na linha!

— Estou cagando para o Réservoir Prod, eles que vão se foder!

— Manon D. caga para o senhor, monsieur, vá então se foder — repete fielmente Emma.

— Eu arranco o celular da mão dela.

— Alô, é Manon D. quem está falando, peço desculpas pela grosseria da minha relações-públicas, ela está lidando muito mal com a sua mudança de sexo.

— Mas o que é que ela está fazendo agora — geme Derek —, sinto muito, Emma.

— Desta vez eu pego meu boné — exacerba-se Emma —, em quinze anos de profissão já vi passar muitas filhas da puta, mas igual a essa, nunca.

— O *knut*, estou dizendo! Ela merece o *knut*.

— Bem, agora chega, vocês dois, esta mulher poderá um dia ser a mãe dos meus filhos, de forma que moderem o linguajar.

— Sim, sim — continuo —, há apenas quinze dias, ela se chamava Roberto e se apaixonou loucamente por um trapezista... É isso, o grande clássico do acrobata de colante... Precisava ver, a Emma, em cima da sua Harley, com seu pega-rapaz... Emma salta do carro em movimento.

— Pronto, é isso que eu chamo de um bom serviço, essa babaca não vai mais encher o saco de ninguém — digo,

enquanto desligo o celular na cara do estagiário no momento em que chegamos defronte ao hotel de Karénine com exatamente cinquenta e três minutos de atraso.

Essa maldita coletiva começou sem que eu tivesse tempo nem para engolir um café, Derek, Karénine e Adrien foram de um profissionalismo a toda prova, e eu de uma porralouquice revolucionária, Derek tinha vontade de me matar e a recíproca era verdadeira. À pergunta: "Para o seu primeiro papel no cinema, a senhora teve a chance de trabalhar com Karénine, a senhora tem consciência dessa sorte?", eu respondi: "Para o meu primeiro papel no cinema esperava coisa melhor do que ser insultada o dia inteiro em cima de uma plataforma imunda por uma velho brocha, cujo sonho é reencarnar numa nota musical", à pergunta "O que a senhora acha de Tchekhov?", respondi; "Nada, simplesmente nada, que ele morreu e não vai mais encher o saco de ninguém com seu teatro cabeça", à pergunta "A senhora se identificou com sua personagem", respondi: "Existem três diferenças manifestas entre mim e Nina: primeira, não sou uma atriz fracassada, a prova está aqui. Segunda, estou cheia da grana. Terceira, eu lavo a cabeça". À pergunta se eu me relacionei bem com a equipe, respondi que a maquiadora batia em mim, Karénine levantou-se em seguida à beira de um infarto e, enquanto toda a imprensa brigava para fotografar a sua saída furiosa e minha própria pessoa era sacudida por uma gargalhada de júbilo, eu peguei o microfone e berrei: "Não se esqueçam de registrar que eu sou uma alcóolatra e que fiz toda a filmagem de porre, não se esqueçam de registrar que esse doido do Karénine despedaçou cento e catorze megafones em oito semanas, que o produtor ia ao bordel em Roma todas as noites e sobretudo, sobretudo, não esqueçam de registrar que este filme é uma merda, o filme mais nulo que já foi feito, a maior merda que já foi filmada, e sobretudo,

sobretudo, não se esqueçam de irem todos tomar no cu, bando de focas!"

Depois disso, fui abandonada, da mesma forma que a sala, e essa coletiva acabou, e, enquanto Mirko me arrastava para fora, eu não conseguia parar de rir, eu ria tanto e tão alto que dava a impressão de que urrava, eu ria de chorar, mais do que lágrimas, parecia um rio, um chafariz de lágrimas, de tanto que eu ria, e os meus soluços pareciam lamentos, e era tão engraçado, tão engraçado, que Derek precisou me dar um tabefe para eu parar, e mesmo assim isso não funcionou, todo o meu corpo gargalhava, e eu estava estendida no chão, e meus braços e pernas estremeciam de agitação, e eu era sacudida, sacudida, não sabia nem mais por que ria. Derek segurava meu braço e Mirko minhas pernas, e escutei não sei quem, talvez Georges, chamar a ambulância, e tinha sangue no chão, lá onde eu caí, e eu não conseguia mais respirar e, depois, mais nada.

12 Intervalo

DEREK - O mundo era bastante escuro. Eu não saía mais de casa. Tornara-me um pouco parecido com Michael Jackson.

Continuava ainda mergulhado na revolta, em plena pós-adolescência exaltada. Tornara-me um pouco parecido com Eminem.

Isolava-me lá em cima, na minha torre de marfim. Tornara-me um pouco parecido com um poeta maldito.

Naquele mundo, as novas fontes de beleza foram esgotadas. A gente vivia das sobras. Eu só lia os mortos, só escutava os mortos, ou os moribundos. Alguns dentre eles acreditavam gozar de ótima saúde, ignoravam seu estado agonizante. Visto que, afinal de contas, eles existiam apenas através do olhar dos outros. E estes outros preferiam assistir à televisão. Mas nada de programação de filmes autorais.

Neste mundo de milhões de seres, relativamente normais, de forma que bastante frios e bastante estúpidos, como quer a norma, eles reivindicam seu direito de mostrar sua feiura e sua estupidez a milhões de outros seres feios e estúpidos, ignorando que a tela é na verdade um espelho. A gente pagaria o espelho em vinte e quatro prestações e, para evitar ficar muito apertado, a gente levantaria um empréstimo para cobrir o crédito, e outro empréstimo para pagar o primeiro. Depois, quando os oficiais de justiça ficarem no nosso pé, a gente só tem de passar para o outro lado do espelho para dar depoimentos.

Os depoimentos estão entre os males deste século. A gente dá depoimentos contra a sociedade, porque é verdade, afinal de contas, que é inadmissível que esta

sociedade, responsável por quase todos os males contemporâneos, venha cobrar aquilo que emprestou. Que ela venha despojar famílias de trabalhadores honestos, tendo que cuidar de não sei quantos joões-ninguém, QUE ELA VENHA ROUBAR O HOME THEATRE DELES! Uuuhhh para a sociedade!

Parece que alguns escolhem não escovar os dentes mais do que uma ou duas vezes por mês. Outros aprendem incríveis verdades metafísicas da própria boca do seus animais de estimação. Os gatos e cachorros deles falam com eles, mas para o senhor, senhor apresentador, eles nada dirão, eles não o conhecem, eles estão intimidados com todo este barulho, os técnicos, o público, há alguns momentos nos camarins, Lulu ficou tão descontraída que contou a uma maquiadora como sofreu naquele dia em que a mãe dela foi morta por um caçador numa verde pradaria normanda. Leia o seu livro, ela o escreveu quando ainda era uma cachorrinha, foi a maneira que encontrou para trabalhar psicanaliticamente este acontecimento tão triste... Não, não foi ela quem escreveu pessoalmente no seu I-Book com tela de treze polegadas, ela ditou para mim, pois a gente se comunica por telepatia...

O apresentador faz suas perguntas com grande seriedade. Por um lado, tem o público dele que importa, por outro, não é a primeira vez que viu este tipo de iluminado. Ele vai guardar suas gargalhadas para a edição. É um sujeito abjeto, mas que está, de certa forma, do lado dos vencedores, a gente não pode gozar com a cara dele. A questão que se impõe é a seguinte. Num mundo em que o olhar cala mais fundo que tudo o mais, por que se suicidar?

Naquele mundo, a gente se suicida todos os dias. A gente vai lá contar seu estupro, mostrar os seios dilacerados por um cirurgião plástico inescrupuloso, vender um produto. Os rostos vaporosos saíram de moda. A gente decidiu operar os peitos para ficar um pouco mais parecida com uma

criaturinha vulgar de videoclipe, a gente é estuprada porque se parece um pouco demais com uma criaturinha vulgar de videoclipe. Era a televisão que fabricava o babaca, ou o babaca que fabricava a televisão? A gente podia testar nosso casamento no almoço, e a nossa incultura no jantar. Gurias de oito anos queriam ser sexy. Outras não encontraram nada mais para chamar a atenção do que ir para o colégio de véu.

No final, o véu foi pura e simplesmente proibido no colégio, e o fio-dental também. Era uma espécie de problema, digamos, de identidade. Os jovens estavam pirados e tudo era uma babaquice. Trabalhar era uma babaquice. Usar uma calça na cintura era uma babaquice, era preciso arrastar os pés e mostrar a barriga. Era uma babaquice ir ao colégio. E ainda por cima era uma chatice, e os professores eram uns escrotos. Sempre que podiam, os jovens iam se manifestar contra o ensino público, eles não sabiam ao certo por que se manifestavam e quais eram as reivindicações almeçadas, mas se manifestavam, A autoridade paterna vivia, é claro, tempos bem difíceis, uma vez que ela era a própria encarnação da babaquice. E quando esses dois pobres coitados ultrapassados pelos acontecimentos que eram os pais tentavam fazer com que sua prole ouvisse a Voz da razão (razão — babaquice), por intermédio de uma admoestação de bom senso cujo tema diz respeito ao futuro e à dificuldade do mercado de trabalho para os jovens sem diploma com as calças arrastando no chão e a mente meio débil devido ao abuso de marijuana, o jovem, com um boné com a figura de Che Guevara (ele ignorava quem foi exatamente o Che Guevara, mas o Che Guevara era *cool*), o jovem, então, latia um: "estou de saco cheio dessa merda toda", e ia se trancar no seu quarto, uma vez que o Big Brother já estava começando.

O início de século XXI assistiu ao nascimento de uma nova utopia, a utopia do: "Você também pode fazer", derivado ruim do conceito da meritocracia, a meritocracia que postula que só os méritos de um indivíduo podem determinar suas chances de sucesso num mundo em que todos têm a possibilidade de ir à escola e a obrigação de pagar impostos etc. Disto, a utopia do "Você também pode fazer" conservou a ideia de que todos os indivíduos têm as mesmas chances na vida, mas eliminou a ideia do mérito. Leve esquecimento. O jovem, de qualquer forma, não tinha a menor vontade de ir ao colégio.

E também não tinha intenção de pagar seus impostos.

Ele também podia fazer, mas o que é que ele, o jovem, quer fazer?

Ele queria cantar.

Naquela época, uma questão insidiosa torturava já fazia um bom tempo os altos dirigentes da indústria do disco: "Por que nos matamos para fazer direito, quando a gente pode muito bem fabricar merda?".

A música era uma arte, uma arte magnífica, a mais imediata, a mais acessível.

A arte era complicada, ela precisava de talento e investimentos. A arte era uma busca perdida. Ela implicava sofrimento, raiva, ódio. Ela implicava artistas, essa raça maldita. No século passado, os artistas quebravam tudo nos quartos de hotel e se suicidavam por razões obscuras. No século anterior, eles se automutilavam. Eles estavam sempre metendo o bedelho no negócio dos outros, a política, por exemplo. Eles tomavam drogas. Os artistas eram uns criadores de caso. A gente não podia fazer nada a respeito: era o que fazia deles artistas que fazia que fossem criadores de caso.

A gente tinha de aguentá-los, tolerá-los, elogiá-los, consolá-los e lidar com eles, eles eram o tempo todo

"incertos", depois de três resultados infelizes, eles não conseguiam fazer mais nada, as mulheres deles se mandavam, a gente tinha de ir atrás delas etc. E, se pelo menos eles mostrassem realmente quanto valem, se uma vez lançados, lançados para sempre, uma vez lucrativos, lucrativos para sempre? Mas os artistas não se satisfaziam somente em ser criadores de caso, eles também eram irregulares. O gênio às vezes se esgota, e, uma vez esgotado, o público o renega. O público renega, não entende por que, reclama, manifesta sua decepção boicotando os discos, e acaba indo procurar em outro lugar.

A gente não habitua impunemente o público com qualidade. Quando a qualidade decai: o público se manda. E o gênio incompreendido se vinga no mobiliário da sua suíte, e isto custa caro, e não adianta nada. E ainda é preciso que ele tenha gênio. Eles não andam dando sopa na rua, os gênios, sobretudo ultimamente.

E o gênio, ou digamos o talento, nunca teve o mérito de agradar todo mundo, Ele rima com crítica, controvérsia, até rejeição. A arte é subjetiva, a merda, universal.

Foi então decidido, de comum acordo, generalizar o fabrico da merda. Em primeiro lugar, foi decidido que os autores seriam evitados: os autores encham o saco, eram obcecados pela ideia de transmitir recados sobre os quais todo mundo cagava a respeito. A produção foi setorizada: você compõe, você, aí, escreve, você canta, você... você vai dançar: e rua para o primeiro que tentar qualquer coisa. Nos escritórios parisienses que se parecem com usinas, os letristas que se parecem com amanuenses escrevem canções que não se parecem com nada.

A palavra de ordem era banalidade. A palavra de ordem era indigência. A palavra de ordem era identificação. Nada podia ousar. Ninguém deveria se distanciar do rebanho. As cantoras deveriam ser sem graça e retardadas, as criaturas dos videoclipes deviam ser vulgares e retardadas. Elas pelo

menos mostravam a cara do lado de fora. Os cantores deveriam se parecer com as cantoras e serem retardados. De uma maneira geral, todo mundo deveria ser retardado, isso tornava mais fácil o relacionamento humano.

Conseguiu-se uma merda de uma nulidade alegre. O objetivo foi atingido sem dificuldade, embrutecendo ao mesmo tempo três gerações de consumidores. As garotas entre seis e doze anos foram as mais gravemente prejudicadas, seguindo-se os adolescentes de ambos os sexos, depois as moças na flor da idade cuja capacidade mental era limitada. Era bom, mas não era o bastante.

A imprensa, a *intelligentsia*, as pessoas de bom gosto, cuja raça não estava totalmente extinta, bradavam. Eles criavam um rebuliço, mas não compravam discos.

A gente diz que todo julgamento é comparativo. Decidiu-se então por aniquilar a comparação. Fora com qualquer elemento comparativo, mais nenhum julgamento. Fora com qualquer julgamento: a unanimidade.

A música clássica foi retirada do mercado. A música clássica estava fora de moda, hermética, chata. As lojas foram esvaziadas. Os estoques, reciclados. Os conservatórios, incendiados. Os pianistas, assassinados. Os estoques de particulares foram comprados a preço de ouro, e os particulares se desfizeram dos seus discos. Eles também foram reciclados.

Depois foi a vez do *rock*, do *jazz* e das trilhas sonoras originais dos filmes.

Depois, como as trilhas sonoras originais dos filmes foram suprimidas, decidiu-se pela eliminação também dos filmes. O cinema era uma arte: era uma usina de criadores de caso. Ele atingia um público louco, e certos filmes tinham, às vezes, o dom insuportável de reviver certos conceitos, entre os quais o conceito de beleza, que foi tão difícil de embotar nos espíritos. Felizmente, era a televisão

quem pagava por isso, e a televisão estava do nosso lado. A televisão mandou o cinema junto com seu bando de encrenqueiros ao diabo. No lugar dos filmes, os cinemas passaram a projetar videocliques, publicidades, novelas e transmissões do Big Brother. Os DVDs foram retirados das locadoras. Os estoques, reciclados. Os atores que não quiseram se converter em cantores retardados foram eliminados. Os diretores que não quiseram gravar novelas foram eliminados. Os estoques dos particulares de videocassete e DVD foram comprados a preço de ouro, e os particulares se desfizeram das suas coleções de videocassete e DVD. Eles também foram reciclados.

Os museus foram fechados.

Os livros foram deixados em paz: já fazia um tempão que ninguém lia mais nada.

Ganhou-se muita, muita, muita grana. Fez-se mais que ganhar dinheiro: o mundo foi pacificado. Nada de filmes violentos: nada de violência. Nada de filmes tristes: nada de tristeza. Nada de *rock'n rol'*: nada de drogas. Em vez disso, os jovens queriam cantar. Como isso ora bonitinho. A vocação de toda uma geração fora despertada. Éramos quase profetas. O mundo estava feliz, parou até de fumar.

Foi o momento que os jovens escolheram para desertar das escolas. Eles foram para as ruas. Eles queriam cantar, porra. E se essas cantoras sem graça e retardadas podiam cantar bobagens desse jeito e encherem os bolsos de grana e ainda por cima aparecendo na televisão, por que não eles também? Eles queriam cantar, droga, como todo mundo. Então começaram a cantar. Eles cantavam na rua, o microfone na mão e o amplificador no ombro, eles cantavam o mais alto possível para silenciar a voz do vizinho. As prostitutas se juntaram a eles, em seguida as esteticistas, as cabeleireiras, as garçonetes, as balconistas, as secretárias, as vendedoras, as floristas, as jornalistas feministas. Elas também queriam cantar. Depois foi a vez

dos garagistas, dos operários, dos quitandeiros, dos advogados, dos taberneiros, dos empresários, dos jogadores de futebol, dos médicos, dos toureiros, dos *barmen*, dos farmacêuticos, dos carteiros, dos agricultores e, sobretudo, dos mendigos. Eles também queriam cantar, porra. Eles cantavam nas ruas, o microfone na mão, o amplificador no ombro, tentando cantar mais alto que o vizinho. Os microfones eram vendidos em todo lugar. A gente comprava facilmente um. Eles foram proibidos. Mas a população não se deu por vencida. Foi criado um verdadeiro mercado negro do microfone. Começaram as guerras entre as gangues rivais pelo monopólio do tráfico de microfones. Nas ruas, ninguém mais cantava: para fazer com que o cara perto de você se calasse, e vice-versa, os manifestantes foram às vias de fato, mais que às vias de fato: aos amplificadores: os manifestantes derrubavam-se uns aos outros com golpes de amplificador. Houve mortos. O mundo era só violência. Tinham-no imbecilizado demais com novelas, videocliques e variedades de merda.

A merda estava resumida a emoções fáceis. "A gente não vai conseguir nada de bom inundando o mundo com emoções fáceis, quando o mundo precisa de emoções fortes", havia gemido um manifestante antes de morrer apedrejado com golpes de amplificadores. Mais tarde, foi descoberto que este homem era um dos principais líderes de um grupelho obstinado que morava nos esgotos e cuja atividade principal consistia em furtar os armazéns onde foram escondidos os últimos exemplares restantes dos discos e filmes proibidos, para depois escamoteá-los debaixo do casaco e redistribuí-los. Os revolucionários marcharam para a sede social de uma rádio nacional, que tomaram de assalto. Durante alguns minutos, antes de serem controlados pelas forças competentes, e depois exterminados, tiveram tempo de piratear as ondas e fazer uma transmissão integral da *Sinfonia n°6* de Ludwig van

Beethoven. Sem realmente entender por que, o mundo inteiro começou a chorar ao lado do seu rádio. Havia razões de sobra: mais ninguém tinha o que comer, visto que os agricultores cantavam, os transportes não funcionavam mais, visto que os motoristas cantavam, o comércio estava fechado, visto que os comerciantes cantavam. A gripe era mortal, visto que não havia mais ninguém para tratá-la. O dinheiro se desvalorizou. O escambo também perdera o sentido, visto que não havia mais nada para trocar. A violência redobrou: não era mais o problema das canções, era uma questão de sobrevivência. Nas ruas cobertas de fogo e sangue, logo não havia mais ninguém para cantar. Os derradeiros vestígios da civilização, a televisão e o rádio, pararam de transmitir: o mundo acabou num chiado.

13 E se tudo isso...

MANON - "Acorde, senhora! Acorde, senhora!"

Eu estou com a cabeça explodindo, como se houvesse bebido demais, e estou vendo tudo embaçado, como se meus olhos estivessem cheios d'água, estou no meu quarto do Ritz, deve ser meio-dia, e tudo parece mais ou menos normal — acordar tarde, ressaca, vontade de quebrar tudo, como sempre que acordo tarde ou estou de ressaca —, tudo parece quase normal, digo eu, se não fosse esse sujeito de libré me sacudindo como se eu fosse um objeto, e ainda por cima berrando, como se não soubesse que eu solto os cachorros por muito menos que isso.

— Acorde, senhora! Hei! A senhora está me escutando, mademoiselle?

— Ei, tire essas patas imundas de cima de mim, idiota, quem foi que deixou você entrar? Estou dormindo!

— Quem permitiu que a *senhora* entrasse?

— O quê?

— É isso aí, quem permitiu que a senhora entrasse aqui? A senhora está me entendendo? Isto aqui é um hotel, mademoiselle, e não acasa da sogra!

— Ah, é? Verdade? Engraçado, eu podia jurar que você era a minha sogra, ainda por cima com a sua combinação.

— Combinação... a senhora... acha que estou de combinação...?

— Mas é claro que sim, seu babaca. Agora dê o fora daqui e me deixe dormir.

— Mas mademoiselle...

— O que é ainda? Não fique nervoso, eu não vou apresentar queixa do seu excesso de zelo ao diretor, não tenho a menor vontade de ficar com a consciência pesada com outra demissão de pai de família. Se manda.

— Sinto muito, mademoiselle... Deve ter havido um mal-entendido. George Clooney e a *top model* que ele está namorando cuja identidade não posso revelar, vão chegar às quinze horas em ponto. A senhora está na suíte *deles*. A senhora não tem o que fazer aqui. A arrumadeira avisou-me da presença de mademoiselle. Fui encarregado de fazer com que saia. Se a senhora resistir...

— Hein? Que babaquice é essa? Se a rainha da Inglaterra é *top model*, eu sou a rainha da Inglaterra.

— ... me disseram para empregar... a força física.

— O quê? Se isso é uma brincadeira, só pode ser de muito mau gosto.

— Sinto muito, mademoiselle.

— Você sabe com quem está falando?

— Lamento, mas não tive a honra de...

— Onde está Derek?

— Quem...? Não sei de quem a senhora está falando.

— Derek Delano, imbecil. Vire-se. Vire-se!

Procuro meu roupão, que sempre deixo embolado no pé da cama. Ele não está lá.

— Qual é o seu nome? — pergunto ao empregado.

— Ernest.

— Ernest, e se você fosse buscar um roupão para mim no banheiro?

— Sim, madame, a senhora só vai se vestir para ir embora, não é?

— Isto é sem dúvida uma piada de mau gosto inventada por aquele imbecil do Derek, que não sabe mais o que fazer

para que o casamento não caia na rotina, e, pela sua cara perplexa e constrangida, esse pobre e inocente criado responsável pelo andar não faz a menor ideia da brincadeira. Ele acha realmente que eu sou uma espécie de prostituta maluca sem domicílio fixo, por pouco não me oferece hospedagem na casa dele até eu descolar um emprego e um abrigo da prefeitura.

— Aqui está, senhora.

Eu me envolvo no roupão e vou para o quarto de vestir.

—Venha cá, só para ver se este não é o meu quarto. Todas as minhas roupas estão neste *closet*.

Eu entro no *closet* e ele está mais vazio do que a cidade num domingo, nem um vestido, nem um sapato, e os ternos de Derek no quarto ao lado também fizeram as malas. Não tem mais nada, apenas os cabides com as iniciais do Ritz que balançam fazendo gangorra no deserto.

— Bem, Ernest, vamos agora até o banheiro.

— Lá no banheiro também não tem nada, madame, acabo de dar uma olhada.

— Meus cremes La Prairie — exclamo, e corro para o banheiro, não há nada lá também; nem meus cremes La Prairie, nem meu estojo de toalete com produtos Harvey Nichols, o qual nunca usei, nem o barbeador de Derek, nem pente, nem escova, nem sequer meu secador de cabelo, nem meu estojo de maquiagem, nada, nem sequer um cabelo na *jacuzzi*, uma mancha no espelho, um gel de banho aberto, tudo está deserto, deserto, completamente vazio, como um banheiro de hotel. Quando saio, saio tonta para ir revistar todos os cômodos da suíte, com o idiota nos meus calcanhares, e todos os cômodos da suíte estão tão vazios quanto o meu quarto e o banheiro: o som B&O desapareceu, a tela de *vídeo theatre*, os DVDs, os discos laser, os *buffers* gigantes, as partituras sobre o piano, as fotos de Derek, as minhas fotos, o cartaz do filme

emoldurado na entrada, os carregadores de celular nas tomadas perto da cama, toda a zona, aliás, que nós acumulamos durante um ano e meio de vida em comum, de compras compulsivas, de idas e voltas, de acumulação compensatória: "ninguém mora aqui", digo com os meus botões, "ninguém mora aqui", e eu me agarro à minha última esperança, o cofre, digito o segredo pensando que vou encontrar uma carta de Derek lá dentro, talvez um bilhete de adeus, de suicídio, ou simplesmente uma explicação: "Eu peguei você direitinho, venha se encontrar comigo no Península em Hong-Kong, tem um carro esperando você na frente do hotel, aqui tem dinheiro para as gorjetas, vista alguma coisa, as noites são frias nos aviões", mas não preciso esperar muito tempo, bastou uns vinte segundos, o tempo de digitar três vezes a sequência da combinação do cofre, e me dou conta, no momento em que continua bloqueado, de que se não abre é simplesmente porque não tenho a combinação certa e, ao lançar um último olhar ao quarto deserto, à cara constrangida do empregado, a este cofre trancado, tenho uma vertigem, como se um precipício acabasse de se abrir debaixo dos meus pés nus, neste quarto do Ritz que, ao que tudo indica, não é a minha suíte, que talvez nunca tenha sido.

— Mademoiselle, a senhora precisa sair agora, aqui... aqui está sua roupa.

Minha vista se embaça como numa crise de hipoglicemia, e seguro sem ver o pedaço de seda vermelha que ele me estende, esfrego os olhos e levo o negócio até a luz. À primeira vista, é um vestido de qualidade e corte duvidosos, talvez um Ungaro, um antigo modelo Ungaro, tão fora de moda que Michelle Pfeiffer poderia muito bem ter vestido em *Scarface*, só que, é isso, *Scarface* é do início dos anos 80.

— E tem uma botas junto...

Eu não consigo sequer dar uma olhadela nas botas, não aguento mais.

— Mademoiselle, não chore, nós vamos fazer de tudo para ajudar a senhora...

Eu choro.

— Ernest, você... o senhor não espera mesmo assim que... eu vista isto?

— A senhora precisa descer, mademoiselle, e tudo o que pertence à senhora aqui é este vestido, estas botas e este chaveiro.

— Eu prefiro, se você não se importa, descer de roupão. Hein? Eu prefiro sair na rua de roupão, eu prefiro sair à cata de Derek pelada na rua, do que vestir essa coisa velha. O que é que os meus fãs vão dizer, hein? Você não pode fazer isso comigo. Devolva as minhas roupas, minhas jóias, meu relógio, meus cremes La Prairie. Faça este cofre funcionar de novo. Me deixe ligar para o Derek. Eu não sei por que ele está fazendo isso comigo. Eu não fiz nada de mau. É verdade que andei um pouco estafada ultimamente, mas vou ficar melhor, vou voltar a ser boazinha, logo que esta pressão diminuir um pouco... nós vamos partir para a Côte, para descansar. Isso vai nos fazer bem, descansar um pouco. Nós temos uma casa muito linda lá, o senhor deveria vir conosco descansar, o senhor e a sua família. O senhor é gentil. O senhor não é o responsável por isso. Foi o Derek. Tudo é culpa do Derek. Vamos descansar na Côte, tem uma bela piscina e uma vista belíssima. Vamos andar do barco. O senhor já entrou num Riva? O senhor vai ver, é muito bonito, muito confortável. Tudo é muito bonito. Nós temos uma vida de sonho, o senhor vai ver. A gente pode ir para lá esta tarde, hein?

Tem um voo de hora em hora. Fica só a uma horinha daqui. Quem sabe vamos no jatinho dele, se avisarmos

agora. Deixe eu só tomar uma chuveirada e me arrumar, fazer minhas malas...

— Ponha isto, mademoiselle, já é uma hora.

E se tudo isso...

— Queira se virar, Ernest, por favor.

Ele se vira e eu enfio o vestido e as botas. Depois eu o sigo — a sensação de caminhar para o patíbulo —, um gosto metálico na boca, e sinto algo dentro da minha bota direita e, no momento em que a porta da suíte se fecha, eu deslizo minha mão lá dentro e pesco uma nota de quinhentos euros — sou capaz de reconhecê-la pelo tato, com Derek, a gente brincava de "quanto tem na minha mão", os olhos vendados — eu tiro um maço da minha bota, tem vinte notas: dez mil euros. Derek, de novo. E então me lembro deste vestido, foi a Sissi que me emprestou, Pavillon des Champs, *Superstars*, a inveja de Sissi, aquela *avant-première* onde estava todo mundo, onde estava Derek, onde tudo começou. Eu usava este vestido e tinha aquele cara com Leonardo que me chamou de *Lady in Red*, e fez com que eu bebesse até capotar, meu primeiro porre, o salão que rodava, eu me perdera de Sissi na multidão e, melhor assim, Derek me trouxe para este quarto, nosso quarto, de onde nunca mais fui embora, de onde hoje vou embora. No mesmo vestido. Com minhas botas esfoladas. E tudo o que tenho dentro delas. Chaves cujo endereço desconheço e um maço de notas arroxeadas com o número de série em sequência. Ao sair do elevador, procuro por um rosto familiar: na recepção, todos desconhecidos com um ar de hostilidade.

Dirijo-me a eles.

— Bom dia, Lucien, por favor?

Atrás de mim, Ernest me cobre com um olhar de comiseração.

— Qual é o número do quarto dele? — me pergunta o sujeito, quase insolente.

— É o *concierge* — digo, cerrando os punhos.

— Eu sou o *concierge*, madame.

— Pare com essa tolice digo eu —, já faz um ano e meio que moro aqui e o senhor não é o *concierge* deste hotel. Onde está Lucien?

— Aqui não tem nenhum Lucien, madame, e eu pediria à senhora que mantivesse a calma.

— Bom — recomeço —, eu gostaria de ver o diretor.

— O diretor está ocupado, madame, o que a senhora deseja?

— O que eu desejo, o que eu desejo...

Eu estou desabando, sinto minhas unhas penetrando nas palmas das mãos, estou com a mandíbula dolorida de tanto cerrar os dentes, vontade de chorar, fico pensando: perseguição, sanha, conspiração, eu vou estrangular este filho da puta, estou à beira de uma crise de nervos.

— Acho que a senhora conseguiu o que queria, não é verdade, madame? — faz sinal para mim o filho da puta apontando para o maço de notas que faz um momento estou amarrotando, na verdade, desde que saí do elevador, e percebo de repente essa gente toda à minha volta, me olhando de cima, e com desprezo, e com nojo, sem aquele pequeno clarão, aquele pequeno clarão de curiosidade e fascínio que aprendi a discernir nos olhos de todos aqueles que me reconheciam. Mas, naquela hora, ninguém no saguão do Ritz me reconhecia e, no espelho em frente, a garota de vestido vermelho com aquela grana amarrotada na mão aparecendo entre os dedos parece a maior puta que eu já vi.

— Ernest vai acompanhá-la.

— Não — berro —, agora chega, estou de saco cheio, vamos acabar agora com esta brincadeira, quero a verdade,

por favor, seu filho da puta, diga a verdade para mim, onde está Derek, eu quero o Derek!

"Derek", eu urro para quem quiser ouvir, "Derek! Onde está você? Apareça, seu monstro, faça esse pesadelo acabar! Derek!"

Eu ando sem rumo no saguão do Ritz, chamando: "Derek, Derek!" e minha voz ecoa cavernosa, destoante neste *hall* acolchoado, cortês, onde deve fazer uma eternidade desde que alguém levantou a voz, vou abrindo todas as portas, paro os passantes para encará-los, estou quase correndo, na verdade, estou correndo no mesmo lugar, uma vez que não sei para onde ir, e tropeço no tapete e me agarro numa coluna, minhas cédulas caem no chão e se espalham, e eu estou pouco ligando, quero Derek, Derek conhece a verdade. Sei que ele está de tocaia era algum lugar, talvez neste bar, talvez no Hemingway, ou no longo corredor, no terraço, num quartinho para despistar, do lado de fora atrás de uma coluna, disfarçado de manobrista, e, quando encontrá-lo, ele vai começar a caçoar, como faz sempre que eu o pego aprontando, dizendo: "Então, cocota, até que não foi tão ruim assim a minha pequena surpresa?", e eu não sei se iria rir de alívio ou se o mataria. Me seguram na entrada do restaurante. O cara escroto da recepção agarra meu braço. — Se não calar a boca agora, eu chamo a polícia!

Ele põe a mão na minha boca, e eu tento me debater, e esse veadinho chama os caras da segurança, gente que eu nunca vi, e, enquanto caio de boca no chão, vejo o sangue escorrer do meu nariz, mas não sinto nenhuma dor, e observo apenas como o pé-direito é alto.

— O que é que está acontecendo aqui? — diz uma voz atrás de mim, e eu tento me virar, mas o escroto me segura firmemente.

— Nada, senhor diretor, apenas uma puta doidona que está fazendo um escândalo, nós a estávamos pondo na rua.

— Já para a minha sala — diz o senhor diretor, e me arrastam atrás dele pelos limbos do hotel, e eu examino o perfil dele nos espelhos das paredes, perda de tempo, ele também é um impostor, como todos aqui, menos eu, e cuspo em vez de urrar aos leões-de-chácara que me seguram, diante do olhar de desprezo dos clientes bem-vestidos: "Eu não sou nenhuma puta doidona! Eu não sou nenhuma puta doidona!"

— Eu não sou nenhuma puta doidona — murmuro entre soluços para o diretor que, atrás da mesa dele, me encara com desdém.

— Foi a senhora que se esgueirou esta noite para dentro da Vendôme, não é verdade?

— Eu não me esgueirei para lugar nenhum, aquela era a minha suíte.

— É claro gostaria apenas de saber quem foi que lhe abriu a porta e com quem a senhora passou a noite.

— Eu abri *minha* porta, do *meu* quarto, com *minha* chave — berro.

— É claro...

— E eu não sou nenhuma puta doidona.

— Mademoiselle, a vida de todos nós ficaria mais fácil se a senhora consentisse em dizer a verdade.

— Eu estou dizendo a verdade, são vocês que estão mentindo, você não é o diretor do hotel, você faz parte deste complô.

— Mas a senhora está falando de que, afinal de contas? É a emergência psiquiátrica de Saint-Anne que temos de chamar, não a polícia — diz ele para o cara escroto.

— O complô de Derek. Derek Delano. É uma boa sacanagem que ele está aprontando comigo, e que está aprontando com vocês também, e eu garanto que vocês

vão ficar com cara de babaca quando *souberem*, suponho que ignoram, com quem estão lidando.

O *name-dropping* faz o efeito esperado e, com a menção do nome Delano os dois trocam um longo olhar imbecil, e retomo minha coragem: a justiça logo será feita. — Derek Delano?

— Sim. Exatamente, Delano. E eu... eu sou Manon D., e posso garantir aos senhores que, quando tudo for posto no seu devido lugar, vocês dois vão ficar com o cu na mão devido a este comportamento ignóbil.

— Manon o quê? — perguntam os dois em coro, com o mesmo ar incrédulo.

— É isso aí, Debi e Lóide — digo, porque não sei o que dizer —, é isso aí, é isso aí.

— E qual seria a relação de monsieur Delano com esta história?

— Monsieur Delano está viajando, já faz seis meses que não o vemos, ele está nos Estados Unidos, acho eu. A senhora o conhece?

— Eu sou a mulher dele! — dou um berro. — Sua mulher? — A mulher de...? E os dois caem na gargalhada, como se eu houvesse dito, sei lá, que Tom Cruise gosta de mulher, eles caem na gargalhada, uma gargalhada malvada, convencida, sincera, de tal forma o que eu acabei de dizer lhes parece absurdo, grotesco, louco. E, subitamente, pergunto a mim mesma se o que acabei de dizer *não* é absurdo, grotesco, louco.

— Me deixem dar um telefonema. Apenas um telefonema.

Ao ser expulsa do Ritz por esses dois leões-de-chácara que nunca vi mais gordos, vejo que o sol está a pino e percebo, um pouco fora do contexto, que ainda é verão:

"Ora essa, é verdade que ainda estamos no verão", o Lacrimosa do *Réquiem* de Mozart me vem à cabeça, e eu titubeio defronte ao hotel, tomada de repugnância e do que posso chamar, sem exageros, de desespero, é evidente que não sei para onde ir, é evidente que estou doidona, doidona, doida varrida, talvez, dormindo, talvez, e logo vou despertar com os beijos de Derek e ele rirá gentilmente do meu pesadelo, e dirá, fazendo um esforço para não parecer muito sério: "Está vendo como você não pode viver sem mim?", e eu direi que não, mas o sol que me cega é bastante real, e o cheiro apimentado do Ritz, que se esfuma à medida que me afasto dali, é também bastante real, e todo mundo me olha de cima — eu, estão olhando para mim de cima —, e acho que isso, este olhar com o qual não estou mais acostumada, é o que há de pior e mais real.

E se tudo isso...

Duas putinhas de rosa, ainda cheirando a pipi, passam por mim, e não sei qual das duas diz:

— Eu vou pedir um Jaeger, ou talvez um Président, ou talvez um Jaeger. Ou um Président. Ou um Jaeger. E você, o que acha, descolo um Président ou um Jaeger?

Eu seguro uma das babaconas pelo braço e pergunto:

— Você está me reconhecendo?

E a garota se solta com cara de nojo e diz:

— Está maluca, é?

E, depois, enquanto se afasta: "O que foi que deu naquela puta doidona?"

Eu fico em dúvida se corro atrás dela para lhe dar uns tabefes e sou quase pisoteada por um rebanho de americanos de *shorts*, exuberantes, alguém assovia para um táxi, e o assovio fura os meus tímpanos, acho que vou desmaiar diante da coluna Vendôme que me acalentara o ano inteiro, uma bichona apressada usando bolsa, e com

bastante presença para uma bichona, dá um encontrão em mim e deixa cair um par de óculos escuros bem na minha frente, eu os pego e grito:

— Ei! Você aí usando bolsa, quando isso não se faz! Ei, você, os óculos!

Mas a bichona não se vira e apressa o passo, para desaparecer em seguida na direção da rua Saint-Honoré e eu examino os óculos, são um modelo dos anos 50, negros, que eu havia encomendado semana passada, e eu prefiro dizer a mim mesma: "coincidência", e eu os ponho, e me sinto um pouco melhor, e o fato de usar óculos escuros me lembra, entre outras coisas, que sou famosa debaixo deste céu azul da cor de uma tela de televisão, então, de repente, este mundo despedaçado se anima, pois agora sei aonde ir. Saio correndo pela praça Vendôme e todos aqueles que passam por mim me seguem com os olhos e eu corro cada vez mais rápido, porque sei que, assim que chegar à esquina da rua Saint-Honore, vou encontrar aquele meu *outdoor* de publicidade que serve de apoio para a minha cara, imensa, imutável, familiar, e, assim que vir o meu rosto e o meu nome, meu pesadelo chegará ao fim, e tudo isso será apenas uma má lembrança, mesmo meu olho roxo voltará milagrosamente ao normal, e o gosto acre na minha boca desaparecerá e até mesmo Derek, talvez, estará me esperando no carro e, sei lá, os produtores desta brincadeira de mau gosto, e não posso esquecer que, aonde quer que eu vá, estão sempre me olhando, tudo isso será apenas uma má lembrança, e a verdade surgirá tão tangível e evidente quanto o título do filme e vou entender tudo, tudo, e este mundo tornará a ser o meu mundo, o mundo real, como se numa me houvesse traído.

Chego à esquina da rua e, no momento em que levanto os olhos para minha redenção, escuto ao longe, por uma mínima fração de segundo, a trilha sonora de *O expresso da meia-noite*, que diminui ao mesmo tempo que cresce, antes

de explodir, o rugir do motor de uma Maranello e penso: "Derek" e não sei por que "Tudo entrou pelo cano", e esta convicção se confunde com a percepção imediata do rosto de Natasha Kadysheva fotografado sei lá por quem para esse novo perfume da Chanel: Dignité, e esse *slogan*, "É o que sobra, tudo o que resta, quando tudo se foi", e a minha cara não está em lugar nenhum, exceto debaixo dos meus dedos febris que a machucam e eu contemplo Natasha, pasmada, e caio de joelhos diante do cartaz: "Dignité, dignidade é o que sobra, tudo o que resta, quando tudo se foi", e não consigo dar mais um só passo, não quero dar mais um só passo, eu poderia morrer aqui, eu poderia morrer, já que estou doida, doida de pedra, e que tudo perdi.

Alguém me dá um tapinha no ombro, e a esperança no vazio do estômago, eu me volto e largo a esperança, é apenas Ernest, ainda com dó, que me devolve meu dinheiro. Sim, ainda me sobra isso, e fico me perguntando em que foda cocainada eu me meti na noite passada, e com que coroa moribundo, rico e repugnante, uma vez que me largaram esta grana toda, mas pego mesmo assim o dinheiro e grito para um táxi, sem sequer dizer obrigado, e o táxi freia instantâneo cantando pneus e, antes de entrar sem saber aonde ir, seguro a porta aberta e interrogo Ernest sem muita certeza:

— Ernest, você já me viu antes em algum lugar?

— Não.

— Aquele cartaz, "Dignité", faz muito tempo que está ali?

— Já faz tanto tempo que nem me lembro do que tinha antes.

— O que você acha que está acontecendo comigo?

Ele hesita antes de responder, está com uma cara tão compungida por mim, este pobre empregado de hotel, ele lamenta de todo o coração, do alto da sua mente sã.

— Eu não sei, madame.

Eu bato a porta do táxi:

— Ande.

— Para onde?

— Siga em frente, não sei. Estou me lixando.

Ele me olha esquisito pelo retrovisor e pergunta.

— Até onde?

E eu dou uma das notas arroxeadas e respondo:

— Até quinhentos paus.

Atravessamos Paris em todos os sentidos e paramos diante de cada *outdoor*, diante de cada parada de ônibus, diante de cada cinema, e eu não estava em lugar nenhum. Paramos em todas as bancas de jornais, e eu comprava: *Elle*, *Gala*, *VSD*, *Match*, *Vogue*, *Studio*, *Première*, *Numéro*, *Blast*, *Max*, *Rolling Stone*, *Dazed and Confused*, e todos os *GQ* possíveis, e eu não aparecia em lugar nenhum. Pedi os números antigos. Disseram-me que precisava encomendar por carta. Eu vou encomendá-los por carta. Eu examinava todos os passantes. Os passantes me examinavam de volta e seguiam adiante. Comprei um sanduíche. O sanduíche estava seco. Eu o comi mesmo assim. Anoitecia. Num café na praça de la Bastille, o sujeito atrás do balcão me fitou com aquela luz especial nos olhos. Ele me disse: "Conheço você". Meu coração começou a bater. Sorri. Ele continuou: "Você é a pequena Manon, a garota do bistrô, em Terminus, não é? Então, você também acabou vindo para Paris? Como vai o seu velho?"

Quando saí do café, chovia a cântaros, bastou o tempo de correr até o carro para eu ficar ensopada até os ossos. Eu tiritava no meu vestido de baile rasgado. Ao meu lado, no banco de trás, havia mais de cinquenta revistas. Agora, já estava bem escuro e, com a febre que tomava conta de mim, cada *outdoor* desfigurado pela chuva que o fustigava,

as trevas e o balé caprichosos dos faróis, me dava a impressão de que era eu.

O motorista de táxi me observava pelo retrovisor.

— Volte para casa, a senhora vai pegar uma pneumonia.

— Não — respondi —, eu preciso telefonar.

Fazia um frio terrível naquela cabine de telefone em que parei, na avenida de la Grande-Armée. A chuva jorrava nas paredes de vidro e me isolava do resto do mundo. Antes de ligar sem muita fé para o número de Derek, preendi por um segundo a respiração, apoiada no aparelho, sem pensar em nada. Eu olhava as pessoas, as pessoas apressadas, com suas echarpes, seus casacões compridos, se debatendo contra o vento, agarrando seus guarda-chuvas, tentando proteger a baguete que escapulia de dentro do saco, as pessoas estavam com pressa na avenida de la Grande-Armée, elas mergulhavam no metrô, apertavam-se umas contra as outras trocando olhares desconfiados, nos abrigos dos pontos de ônibus, elas corriam para seus carros estacionados nas transversais, faziam sinal para os táxis livres, que quase as atropelavam ao lhes darem um banho de água suja, e as pessoas xingavam, berravam no vazio atrás dos táxis, algumas iam a pé, quase correndo, outras fumavam cigarros, não tendo com isso evidentemente nenhum prazer, e as volutas de fumaça cinzenta se misturavam à fumaça dos canos de descarga e ao bafo embranquecido de centenas de pessoas voltando para casa.

Digitei o número do celular francês de Derek.

Era um número desligado.

Digitei o número do celular suíço.

Era um número desligado.

Digitei o número do celular inglês.

Era um número desligado.

Digitei o número do celular de Nova York.

Levou um tempo enorme até a ligação se completar, e então começou a tocar. Depois de tocar vinte vezes, alguém atendeu. Escutei a respiração do outro lado da linha, uma sirene de polícia e a trilha de *O expresso da meia-noite*, tão baixinho que só podia ser uma alucinação. Em seguida, a linha caiu. E, na minha cabeça, continuava a escutar a música de *O expresso da meia-noite*, como se viesse de muito longe.

Apoiei as duas mãos de cada lado da minha cabeça, nas têmporas, e apertei com muita força, como se quisesse arrancar a verdade. E se tudo isso nunca... Liguei para o Plaza. Eu precisava falar com Kurt. Kurt era incorruptível. Kurt não gostava muito do Derek. Kurt me diria a verdade. Pedi para falar, para falar com ele. "Kurt o quê?", perguntaram para mim. "Kurt Cobain", respondi. "É uma gozação?", perguntaram. Então me lembrei de que ele se registrara com um nome falso. "Ele está registrado sob o nome de Travis Bickle".

— Mademoiselle — berrou o sujeito —, eu tenho mais o que fazer, de forma que pode ir com seus trotes...

— Eu sei que ele não quer ser incomodado — disse —, mas é um dos meus melhores amigos, diga para ele... diga para ele que é Manon D. quem quer falar com ele, é muito importante.

Fez-se silêncio do outro lado da linha.

— Mademoiselle, *faz dez anos que Kurt Cobain está morto*. E o sujeito desligou na minha cara.

O taxímetro marcava trezentos euros. Já fazia pelo menos quatro horas que a gente rodava, o eu só encontrava as respostas erradas. Estava com frio, tanto frio, e nenhum lugar para ir. Passei de novo pela praça Vendôme e vi a luz acesa nas janelas da minha suíte. E depois, remexendo no monte de publicações, peguei o chaveiro. Eu sabia muito bem o que elas abriam, essas chaves. Sabia desde o início,

e dei o endereço para o motorista. A gare de Saint-Lazare não ficava muito longe da praça Vendôme. E no entanto... A noite avermelhava-se à medida que virávamos as costas ao meu exuberante passado, nós nos afundávamos em Paris, eu mordida meu punho. Lembrava-me do trajeto, das ruas na contramão. Deixei o troco com o motorista. O segredo não havia mudado. A escada continuava rangendo. Virei a chave na fechadura. Entrei.

O apartamento estava mais ou menos arrumado, tudo no lugar. Fedia a cigarro apagado e a solidão, como se eu houvesse saído dali na véspera. Tinha uma xícara de café cheia pela metade largada na mesa. Um cinzeiro, uma guimba. Louça suja na pia.

Latas de conserva no armário. Minha cama malfeita. Tinha roupa secando no radiador. Havia um livro aberto no vão que ficava no meio do canapé. Olhei o título do livrinho, era *A gaivota*, de Tchekhov. Nem sequer tive forças para suspirar. Encontrei no banheiro um vidro de tingimento barato.

A secretária eletrônica piscava ao lado do telefone: apertei mecanicamente no botão:

— Manon! É a Sissi! O que deu em você, porra? Se chegar de novo atrasada o Nojento vai massacrar você! Corra! Por falar nisso, como é que está a sua cabeça? Achei que você fosse morrer de hemorragia ontem à noite, quando acertei você com a minha bandeja? Bem, se manda!

Hoje, às quinze horas e trinta e cinco minutos.

— Manon! Idiota! A gente ficou o dia inteiro esperando você! As garotas ficaram atoladas de trabalho no almoço! Servimos duzentos pratos! Isso com quatro garotas! Se não puder vir, avise! Está doente, avise! E é bom descolar desta vez um atestado médico! Senão, eu vou dar um jeito nessa sua carinha que os seus testes de filme agora só vão servir

para filme de terror! E é bom que se mande rapidinho para servir o jantar. Pastel!

Hoje, às dezenove horas e doze...

Desliguei a secretária e tirei meu vestido. Só tinha uma vontade, era dormir ou morrer. Não tinha nem mesmo mais forças para um banho. Ia dormir, depois, amanhã... Amanhã, talvez encontre uma solução para tudo isso. Amanhã, tudo vai se resolver. Quase sorri pensando no amanhã, já que tudo ia se resolver.

Acendi a luz do quarto: na parede em cima da cama tinha umas fotos de que não me lembrava de haver colado. Me aproximei. Não eram fotos. Eram páginas de revistas, arrancadas de qualquer jeito.

Era Derek.

Derek na capa da *Fortune*. Derek na primeira página do *Le Monde*, algo a respeito daquela fusão com a Texaco. Uma longa entrevista com Derek, numa revista de decoração, posando na casa dele em Saint-Tropez. Derek na capa da *Paris Match*. Com Natasha Kadysheva. Derek no Central Park correndo ao lado de Natasha. Derek rolando na grama com Natasha. Derek na *avant-première* de *X-Men 2* com Hugh Jackman, Anna Pakin e aquela fulana que faz a publicidade da Guess. Derek em seu barco ao largo de Mônaco, a fulana que faz a publicidade da Guess está passando óleo nas costas dele. Ela faz uma careta. Ela usa um Rolex, um vestido Pucci, que combina com o chapéu e os óculos escuros. Mirko mostra a bunda para a câmera. E Derek e Natasha de novo no baile das estrelas. Derek e Natasha vomitando juntos na frente do VIP no Champs-Élysées enquanto amanhece o dia. E, no meio de tudo, enfiado entre os outros, um retrato muito bonito em preto-e-branco de Derek com o que deve ser Natasha, na pista da Caves em Saint-Tropez, mas a gente não vê o rosto de

Natasha, porque eu coleí uma outra foto era cima. Uma foto minha.

Eu era doida varrida.

Tudo aquilo nunca existiu.

E em algum lugar, sem dúvida no fundo de mim mesma, esse eu abissal, do qual tudo ignorava até agora, continuava a ressoar, como que vindo de muito longe, esta maldita música do *Expresso da meia-noite*.

14 Noturno op. 48, n° I em mi menor

DEREK - Estou com este piano debaixo dos meus dedos, e não consigo tirar nada dele. Estou tremendo como um possesso, devido a todo este mal que existe em mim, e que não consigo exprimir. Alguma coisa me falta, não sei o quê. Faço um acorde em menor. São bonitos, os acordes dos outros. Engraçado, mas há pouco nesta boate estavam me olhando com inveja. As notas voam para longe dos meus dedos, preparo um uísque para aguentar, o dia hesita, não quero dormir. A noite é de um azul-marinho, quase negro, e, no verniz do piano, estou com uma cara de merda. Um ar desvairado. Lá fora, o dia hesita. A esta hora, não se consegue esconder muita coisa. As consciências em paz repousam e, eu, eu choramingo sobre o meu destino com toques hostis intermitentes. Um ar de Chopin, um Noturno de que eu gosto, porque evoca em mim uma marcha fúnebre. No verniz negro, vejo também minha suíte inanimada, minha cama vazia, o lustre maior do que eu, o brilho implacável do assoalho encerado demais, minhas costas inclinadas no reflexo infinito entre dois espelhos, a lareira fria e a coluna Vendôme, e sinto vontade de vomitar. Vejo tudo em que fracassei. A alvorada. Rostos. Pouca coisa, na verdade. A música é luminosa, indizível, e eu, sombrio e ébrio, vou tocar até capotar. O infinito flutua no ar, estendo as mãos para tocá-lo, a música se cala, ele se apaga. Não quero que a música se cale. Ela irradia a claridade do paraíso perdido, o azul das lembranças, e fecho meus olhos, e divago, e me embalo ao ritmo lento de tudo que destruí. Fico me perguntando onde estão todos aqueles que amei, e olho o assoalho. Pergunto a mim mesmo quando tudo cessará, e os anos que me restam aparentemente são —

porque nunca se sabe ao certo — menos numerosos que as teclas deste piano. E eu poderia quase que me regozijar.

15 Decadência

MANON - *Tenho um diadema sobre a cabeça e esta luz toda me cega. Morro de calor. Digo: "Obrigada por terem vindo". Digo: "Obrigada a todos". Seguro o objeto entre meus braços. Digo: "Não gosto de discursos". Falo das relações entre a França e os Estados Unidos, digo que a arte e a cultura são universais, digo que somos uma grande família, a grande família do cinema. Evoco a paz no mundo, a satisfação de ter podido trabalhar com monsieur Karénine. Minha mãe que, lá de cima, deve estar tão orgulhosa. Digo: "Obrigada por este Oscar". E então começo a chorar e deixo cair a vassoura da privada. Afasto os olhos dos néons, em volta do espelho do banheiro... Digo: "Obrigada, obrigada" num soluço, e dou um pulo. Vejo meu reflexo. Na minha cabeça, os diamantes são falsos, mas brilham mesmo assim. Dois rastros de kohl percorrem minhas faces fundas. Os cabelos platinados até os ombros, melados nas têmporas e as raízes pretas... faz pouco tempo, no restaurante, o Nojento me disse para dar um jeito nos cabelos. "Pega mal", acrescentou, "faz gênero puta de subúrbio, apavora a clientela, imagem a respeitar, segunda você está morena, ou é rua, você acha que vai descolar um papel com essa cara de junkie?"*

Conto quanto descolei esta noite. Pouco. Três notas de dez, cinco de cinco e a droga das moedas. Amanhã vou ao cabeleireiro. Não tenho forças para tirar a maquiagem. Tomo dois Stilnox para capotar direito.

Parece que a gente se acostuma com tudo, talvez até com a ideia de ser louca. Lisa, uma das garçonetes do Trying, tinha estudado dois anos de psicologia. Ela largou

para se dedicar a uma carreira de modelo. Na verdade, sua carreira de modelo se resumia a dois catálogos de liquidações, um anúncio de complemento vitamínico para televisão e alguns folhetos. Ela trabalhava no Trying para "completar a renda no fim do mês". Era o que ela dizia, mas não havia nada para completar e no final do mês ela só podia contar com seu salário de merda. Era um caso clássico.

Eu fiz as perguntas com habilidade. Quer dizer, contei a minha história como se fosse a de "uma amiga". Eu não tinha nenhuma amiga, e minha história não colava de jeito nenhum, mas não foi por acaso que Lisa largou a psicologia para ser modelo. Ela respondia às minhas perguntas com toda a boa vontade do mundo, se não fosse por um detalhe evidente, ela não duvidou por um só instante que era com a esquizofrênica erotomaníaca, "completamente louca, doida varrida, camisa-de-força, solitária, eletrochoques e todo o resto", que ela dividia o trabalho.

Eu era então uma erotomaníaca, havia desenvolvido em relação a Derek, a figura de Derek, uma espécie de paixão que acreditava ser compartilhada. Era também uma esquizofrênica, e não sei em que fragmento oculto da minha mente doente havia sonhado com esta vida, a nossa vida, e minha loucura se devia simplesmente a uma coisa: eu não sabia distinguir a fantasia da realidade. Isso não tinha de qualquer forma a menor importância, preferia ser doida a corcunda. Neste mundo, ser doida era quase ter classe. Estava pouco me lixando de ser um caso de internação, isso enquanto eu pesar menos de quarenta e cinco quilos. Não, se doravante passava minhas noites sozinha e idiota no meu canto, escutando a *Sonata ao luar*, passando carinhosamente uma gilete nas veias saltadas dos meus punhos: "Corto? Não corto?", era não por desespero de me saber "incapaz de distinguir a fantasia da realidade", mas sim para escapar dela, desta realidade escrota.

A realidade era, em primeiro lugar, o exílio, meu exílio no meio de Paris, tudo aquilo que Paris significava para mim me era proibido, eu era uma estrangeira na minha cidade, havia perdido suas chaves. Eu só conhecia de Paris a hostilidade das ruas e rostos anônimos, somente este restaurante odiado onde ganhava minha vida, somente alguns cafés esverdeados com bancos rasgados, meu buraco debaixo do telhado.

E via de relance Montaigne e os Champs-Élysées, a praça Vendôme, a rua Saint-Honoré, invocando minhas lembranças diante de cada fachada, de cada vitrine, de cada porta trancada, suplicando a não sei que divina entidade que me restitua o acesso a tudo isso, que devolva a minha vida. Eu era como uma atriz acabada que retorna ao teatro, compra seu lugar na galeria e assiste obscura, impotente e frustrada a uma peça na qual já havia representado o papel principal. Ela sussurra as falas em *playback*, imagina atrás dos movimentos da cortina a discreta efervescência dos bastidores, ela os conhece de cor, os bastidores e o cheiro acre e quente das noites de estreia, lembrando-se do seu camarim, o espelho, as homenagens, o cagaço e as flores, mas é o nome de uma outra que está escrito na porta, e um vigia que ela não conhece a impediu há pouco de usar a entrada dos artistas.

Faz quase quarenta anos, contudo, que este vigia está lá, ele nasceu ali, e morrerá ali, e ele não a reconheceu. E esta peça, que ela tem a impressão de conhecer de cor, acaba de ser escrita, e esta noite é a sua estreia. Quanto ao camarim da atriz, é engraçado, ninguém nunca vira seu nome, seu próprio nome, o da velha atriz, escrito na porta, teriam se lembrado. Trata-se, na verdade, de uma velha maluca, e ela nunca pisara a cena. Ela está achando que é Gena Rowlands em *Openig night*, ela é esquizo, histérica, demente, esconde-se atrás de seu *foulard* quando não tem nada o que esconder, passara sua vida na obscuridade e,

agora que não tem mais nada a perder, que seus dias estão contados, ela pode pirar de vez.

Ela não é uma exilada, não é uma *has been*, ela simplesmente nunca foi.

Eu também não.

E depois tem o Derek, e nisso eu preferia nem pensar.

A realidade é a fome recuperada. Pior do que tudo, pior que em Terminus, pior que a fome já conhecida de sempre: é o jejum que se segue à orgia. Imaginária, ou não, a orgia aconteceu, ela parecera eterna, e ela acabou, e não havia mais nada para comer.

A realidade era o meu buraco debaixo do telhado, praticamente sem aquecimento, imundo, vagabundo, com seu teto baixo, sua pintura encardida, quase preta em alguns cantos, suas janelas nuas, seus lençóis rotos, a água gelada, a privada no vão da escada e entrando pela parede, o cheiro da cozinha barata dos lares pobres da vizinhança. Era acordar com a alvorada, no frio, e a angústia do emprego escroto que esperava por mim, e a angustia de saber que era apenas isto que me esperava, o trabalho escroto, ingrato, humilhante, penoso, para o restante dos meus dias, acordar de madrugada e gelar no chuveiro, e beber um café infecto em meio ao cheiro de cigarro apagado o mofo, além do ranço no metrô na hora do *rush* e de ser apenas uma transeunte na qual se esbarra sem cerimônia, que é vista sem ser vista, e depois caminhar bocejando até aquele restaurante de merda, e servir uns babacas, sob a vigilância perversa do Nojento, levar bronca pelo purê frio e o champanhe tépido, e se só fosse isso, mas a realidade era meter as mãos na água suja entre o almoço e o jantar, e as pilhas de pratos que não acabavam mais, lavar a louça repugnante, ao lado do paquistanês clandestino contente com seu destino e feliz da vida, era limpar as privadas, e enfiar o nariz na merda dos outros

ajoelhada no mármore, grotesca no meu vestido curto de alta-costura, já que esse dinheiro duvidoso, os dez mil euros recuperados no Ritz naquela manhã fatídica: foram detonados em duas horas de compras, uma vez que decidi não usar roupas sem marca e pulôveres que coçam, e eu limpava privada num vestido Chanel, e manchava meus *cashmeres* com água sanitária, e não tinha mais um puto por causa dessas babaquices, e passada uma semana, aquilo que eu chamava D+7 do fim do meu coma, tinha de fuçar o fundo da gaveta em roupão de rendas para comprar meus cigarros, e a angústia do aluguel, aquela angústia de sobreviver que havia esquecido, comer os restos, fazer a faxina e só receber contas pelo correio, me dar finalmente por feliz de ser humilhada, porque toda humilhação significa remuneração, e essa remuneração era tudo o que me restava, esse salário de fome, e todo dia suava para ganhá-lo, e os dias passavam sem alento, apenas a gentalha do dia-a-dia, me exaurir para sobreviver e sobreviver sem razão e, depois da humilhação, era a corrida desenfreada para pegar o último metrô, as plataformas desertas ou mal frequentadas, e os vagões cheios de mijo de onde os ratos fugiam, ou, se o perdia, voltar a pé com quinze graus abaixo de zero, para economizar os dez euros miseráveis do táxi e acabar esticando as canelas. E, de volta ao buraco, enfiar a chave, abrir a porta e jogar meu casaco no chão, esvaziar os cinzeiros, me servir uma bebida, andar de um lado para o outro, vagar sem saber o que fazer, a realidade eram cinco canais de televisão, e faltar dez paus para comprar um DVD, a realidade era passar a noite debruçada na janela, agasalhada no edredom furado, e torcer o pescoço para tentar alcançar no ar algumas notas de música do pianista defronte. E a beleza roubada da *Sonata ao luar*, a única a que tinha acesso, lembrança dolorosa de um mundo que havia esquecido, aquele dos sentimentos, dos sonhos, das ilusões, e o abandono durante alguns segundos, volto a ter de novo vinte e dois anos, e a sonata continua a me

acalantar, para diminuir e se extinguir, e reabro os olhos para o silêncio e o frio, para a rua d'Amsterdam que está aos meus pés, para a realidade, e sinto vontade de pular.

Sissi agarrava-se à minha decadência de todo o coração. Ver que eu afundava cada dia mais enchia seu coração de tamanha alegria que isso deve ter lhe provocado algum tipo de culpa, o que fez com que ela enfiasse na cabeça, não me tirar dali, não tinha poderes para tanto e sobretudo vontade, mas amenizar meus males arejando minhas ideias. Ela decidiu me fazer sair. Eu já não representava nenhum perigo para ela: eu era um dejetos.

Nenhuma necessidade de saber mais a meu respeito, bastava olhar para as marcas no meu rosto em ruínas. Eu não tinha mais expressão, mais idade, as faces fundas, os dentes amarelos, os cabelos estragados e os olhos empapados, a dobra direita do meu lábio superior ficou lisa, retorcendo meu sorriso num curioso *rictus mortis*. Estava pele e osso. Para Sissi, eu era agora alguém com quem sair.

E saía todas as noites. A gente ia de bar em bar, vestida como piranhas, cobertas de bijuterias, para encher a cara de uísque *on the rocks* espreitando a transa de uma noite. A gente encontrava os amigos de Sissi, velhos amigos, que ela só encontrava durante a noite, um bando de frustrados rancorosos que, dizia ela, iam me entender, compreender a minha história. Eles não entendiam nada, mas pagavam a conta. Era a única coisa, de qualquer forma, que esperava deles. Às vezes, um deles tinha uma queda por mim, sentava do meu lado e passava a noite inteira me entupindo de tequila gelada, de cocaína fajuta e cumprimentos surrados. E eu dava para ele, visto que tinha de dar. E eu dava nos banheiros, onde tinha a qualidade de ser rápido, ou nos carros emprestados. Ou nos quartos de empregada. Passava assim a madrugada, aquela hora bastarda na qual já não se espera mais nada da noite, na qual o próprio leito

se torna assustador. Eles estavam normalmente meio brochas, e eu não conseguia nem enfiar uma camisinha direito, a gente trepava mal, apenas pelo hábito, escutando o esporro das latas de lixo sendo esvaziadas.

E, no dia seguinte, a gente se via de novo, se sentava na mesma mesa. Eles resvalavam nos meus lábios me dando um beijo, soltando risadinhas, os maxilares crispados, um pouco constrangidos. Eu, nada.

Eram um bando fantástico de fracassados, sopa no mel para a gente. Havia uma dezena de elementos permanentes e outra dezena de ocasionais. Junto com Sissi, fazíamos parte dos elementos permanentes. Sissi era uma fodedora de primeira de gente famosa, atriz fracassada, imbecil feliz.

Eu também era uma atriz fracassada, para dizer o mínimo, eu saía do esgoto, era esquizofrênica. Essas eram as nossas credenciais, sem o que não teríamos sido aceitas por esses fracassados anônimos, a mais vagabunda das terapias de grupo. Paul tinha quarenta anos, era dono de um teatro pornô e passava a maior parte do tempo escrevendo cartas para o Ministério da Cultura pedindo o reconhecimento desta arte desconsiderada, Rick, aliás Ricardo, tinha a sorte de ter um papel recorrente de *junkie* numa série policial na M6, não era um papel fixo. Robert, cujo grande drama não era o fato de ele se chamar Robert, ainda que ele tenha nascido na segunda metade dos anos 70. Robert era roteirista e maldito, roteirista porque havia decidido assim e maldito já que fazia quase dez anos que, cada vez que colocava o ponto final na enésima versão do "roteiro do século", não demorava uma semana e outra pessoa escrevia exatamente o mesmo filme: mesmo argumento, mesmo desenvolvimento, mesmo título, até os mesmos prenomes dos personagens e as cidades nas quais viviam. E o roteiro do século ia para a lata de lixo, juntamente com a moral do autor, até que ele tivesse uma nova ideia do século, que sofreria de qualquer forma o

mesmo destino. E, depois de uma certa hora, Robert era pura amargura e revolta contra esta derrota cuja culpa não era dele, uma vez que tinha de aturar, ainda por cima, o ressentimento do próprio irmão, aspirante a cineasta, de quem se esperava uma obra-prima, e que vegetava enquanto isso: o último cheque que recebeu fora assinado por uma cadeia de restaurantes de beira de estrada para qual havia realizado o filme institucional.

Tinha também o Lucas, que acumulava as funções de cronista social de um jornal falido, redator de meio expediente de projetos para a televisão, que raramente passavam para a fase de realização, e amigo das estrelas. Tinha a Claire, uma sobrevivente de *sitcoms*, ex-musa dos adolescentes, que nunca se recuperou da sua capa na *Ok Podium* e de sua aparição em *Jet-Set*, Claire e seu *status* privilegiado, uma vez que era a única entre nós a ser reconhecida de vez em quando na rua. Sua melhor amiga era: "Bérénice, boa noite, cantora", ela cantava com a língua presa, atacava os *castings* de tevê-realidade, transou com a totalidade do time do France e dublava as Models, e enfim Nicolas, que lambuzava estômagos num fundo colorido e chamava a isso de arte, e ainda havia outros, cujos rostos, os prenomes e os fracassos eu confundia, garotas e rapazes de beleza ordinária, já cansados, com físicos banais, prenomes banais, destinos banais.

Éramos desabridos e alcoólatras, mesquinhos e patéticos. Nem sequer artistas malditos nós éramos, a gente não era artista. Tentamos corromper a arte em nosso benefício: a gente queria a glória e a grana. A gente não vira uma estrela com más intenções. A gente não tinha ideias para defender, nem ideais, nem paixão, nem talento, nem sequer uma alma. Na verdade, isso era justo, era bem-feito. Nós éramos arrivistas malditos. Não nos incomodaríamos nem um pouco de fazer uma merda, contanto que puxem o nosso saco e que uma multidão em

delírio berre os nossos nomes famosos na frente das casas de *show*.

Teríamos respondido as babaquices consensuais dos jornalistas, teríamos nos prostituído na televisão, e ainda por cima dizendo obrigado, teríamos mandado para a puta que os pariu os *paparazzi*, visto que não precisaríamos deles, teríamos contribuído para causas humanitárias perdidas para que falem bem a nosso respeito, tomado roupas emprestadas aos grandes costureiros, teríamos viajado, representado a França no estrangeiro, teríamos processado *Voici* disfarçando nossa cupidez ao fingir que era em defesa de nossa vida privada, teríamos esvaziado os *open bars* e limpado as noites de lançamento, emitiríamos opiniões politicamente corretas, iríamos, em princípio, nos esconder, no inverno, em Saint-Barth e, no verão, na Córsega, faríamos palestras nos colégios sublinhando bem que nem todos podem ser iguais à gente, ficaríamos *name-dropping* até morrer, iríamos fingir que não éramos cê-dê-efes e que éramos iguais aos outros, não iríamos pensar uma única palavra, acabaríamos morando no XVIème em Paris, já que Los Angeles não quer saber da gente, iríamos envelhecer mal, e iríamos negar nossas operações plásticas, teríamos nos casado com um colega, teríamos nos divorciado, teríamos uma crise no horário nobre pedindo que parem com toda essa publicidade, teríamos talvez atravessado o deserto e fingiríamos que faz bem se afastar assim deste mundo sujo e podre do *show business* teríamos nos prostituído no primeiro telefonema, casaríamos de novo com outros colegas, negaríamos as novas operações plásticas, teríamos filhos que claudicariam atrás dos nossos passos prestigiosos e nos fariam responsáveis por seus fracassos: "muita pressão", diriam, e ainda por cima para a imprensa, seríamos ricos até dizer chega, sorriríamos amarelo para os programas de televisão quando mostrarem nossos filmes da juventude, iríamos acabar falecendo de

exaustão, e toda Paris iria se dar cotoveladas nos nossos funerais cobertos por *Paris-Match*, e *Paris-Match* nos dedicaria uma ou duas, ou talvez várias capas, que iriam esgotar, ou talvez apenas uma página dupla com fotos em preto-e-branco e os depoimentos chorosos dos íntimos em prantos, ou talvez, e era isso que corria o risco de nos acontecer, uma releitura menção necrológica que não interessaria a ninguém, isso só porque sobrou um chapa nosso na redação.

Não é que nossa vida fosse ruim, a gente vivia em Paris, a gente esvaziava os bares. A gente juntava as migalhas, as migalhas nos bastavam. A gente era o lusco-fusco, nem de todo *in*, nem de todo *out*, nem tanto *out* assim para que isso estragasse a vida da gente. A gente era Tântalo, a gente morria de sede numa banheira de água fresca. A gente era o pano de fundo, os fora de cena, tolerados no limite dos bastidores. A gente conhecia todo mundo, e ninguém conhecia a gente. Éramos os mensageiros de balelas nas quais a gente não tomava parte, a gente decifrava as entrevistas, a gente penetrava em jantares formais e a gente ficava olhando em pé, sem nenhum constrangimento, os outros jantarem. A gente era o papagaio de pirata ao lado de fulano nas fotos dos *vips*, alguns dos nossos nomes apareciam de vez em quando em letras minúsculas nos créditos gerais dos filmes, a gente tinha três páginas na Internet, éramos meio-expectadores, meio-figurantes, éramos substitutos de figurantes sem fala, ou tínhamos lugares de cortesia: a gente conhecia as bilheteiras, a gente conhecia o DJ, a gente era o pano de fundo, a gentilha mundana, à beira da estrada, a tangente do círculo, um saco de gatos na soleira da porta, entre a rua e o salão, a gente não queria sair, mas não conseguia entrar. Não é que tivessem pena da gente, não havia razão para tanto: não tinham pena, mas também não invejavam a gente. A gente era insignificante, insosso, banal, num mundo em que a

insignificância era a degeneração mais séria. Não éramos ninguém, e era este o drama.

De forma que todas as noites iam acabar no mesmo bar, ficávamos ébrios de álcool destilado e de histórias repetidas uma centena de vezes de nossos feitos malsucedidos, a gente corrigia o mundo, um mundo melhor em que cada um de nós teria seu lugar, porque só assim conseguiríamos o lugar, isso certamente não era culpa nossa, era o mundo que estava errado, e nossas asas de gigante nos impediam de caminhar, e o som transmitia suavemente *Mr. Georgina*, de Ferré, que a gente não escutava, mas que ouvíamos mesmo assim, e todas as nossas frases começavam por um "se" e eram conjugadas no imperfeito do subjuntivo.

Eu, eu não estava mais só, e substituíra definitivamente meu vagar naquele buraco sem pé-direito pela pândega sôfrega, em vez de Beethoven, a algaravia e a variedade da lamúria francesa, do deserto sentimental, passei à fartura aviltada, da convicção de que meu destino tinha, ao menos, na sua miséria, algo de único e trágico, passei a ser mais uma degenerada entre os degenerados, uma malograda entre os malogrados, troquei a raiva pelo esquecimento letárgico, pela minha imagem no espelho, a de um triste palhaço com o rímel borrado, uma velha de porre no banco do bar, com tendências suicidas, simplesmente no deixa rolar.

Derek entrou no bar com duas garotas maquiadas, sentou-se recuado, tirou o sobretudo, pediu uma bebida. Passou, em seguida, os olhos distraído pelas outras mesas e seu olhar pousou em mim e Claire disse: "Ei, é o Derek Delano, é o Derek Delano, vocês viram como ele está *me* olhando!". Ele me fitou por alguns segundos como se nunca houvesse me visto, e aliás ele nunca me vira, para depois desviar o olhar, e daí, o que eu tenho com isso?

16 Não-cinema

DEREK - Eu, na verdade, inventei o não-cinema. Era um gênero novo, um gênero que se encaixava perfeitamente na época niilista, um gênero que ilustrava de maneira significativa a degenerescência deste fim de século do qual fora o *enfant terrible* — fim da citação. Um não-filme era antes de mais nada um *budget* — sem dinheiro, nada de filme e, por conseguinte, nada de não-filme, depois um roteiro, o qual fora imaginado por mim, a criação de uma realidade paralela, com cenários, naturais, é claro, mas mesmo assim cenários, um verdadeiro exército de figurantes, um marechal: um diretor, eu era o diretor e Mirko, aquele crápula, era meu primeiro assistente, e uma atriz, bela, boa e oral, e esta atriz era Manon.

Aqui acabava a correlação com o cinema, uma vez que a característica do não-filme é ele ser feito sem câmeras.

Os não-filmes não custavam muito caro, visto que não havia nem equipe, nem equipamento, eles não eram muito caros, mas não rendiam absolutamente nada, já que não foram feitos para serem vistos. O não-cinema não era uma questão de dinheiro, era arte pura.

Os não-filmes não deixavam nenhum vestígio atrás deles, eles eram voláteis como o éter, implacáveis como a vida. A gente comprometia nosso destino neles, e não havia sequer uma *avant-première*. Os não-filmes acabavam mal.

Este aqui recebeu de mim o título de *Bubble gum*, porque tudo nele parecia oco, rosa e pegajoso: cenários, argumentos, emoções, até os próprios personagens, inclusive eu, eram ocos, rosa e pegajosos, à beira de estourar, e aquilo que perseguiam, a sacrossanta redenção, a sacrossanta celebridade, se tornava, durante as

pseudofilmagens do não-filme, tão oco, rosa, banal e breve como uma pequenina bola de chiclete, a qual acabaria inexoravelmente explodindo na sua cara.

Era a sua bola cor-de-rosa que Manon queria, era o que Manon buscava, foi por isso que numa noite, há quase dois anos, ela me vendeu sua alma.

Esta fora a primeira sequência, a cena de abertura, o começo do fim. Eu tinha encontrado a garota, ou melhor, a matéria, e me propus a comprar sua alma ao som de *Paint in black*, dos Stones.

Eu a levei para onde eu moro, e dei uma má trepada com ela. Eu me mandei antes que ela acordasse porque já não a suportava mais. Música: *Roxanne*, do Police.

No dia seguinte, eu a mandei à Chanel com meu cartão para as compras e meu motorista para sequestrá-la. Ela voltou para o hotel com suas roupas novas e seus escrúpulos baratos. Monólogo. Trepada.

Música: *Souvenirs*, do The Gathering (trilha sonora do não-filme). Fim do prólogo.

Em seguida, comprei a agência Vanity, que estava à beira da falência. Comprei-a e pus todo mundo na rua. Eu fiz o *book* de Manon e iniciei o *casting*. Precisava de sócias, muitos sócias. Em Paris, Nova York, Moscou, Milão, Londres, abri ou tomei conta de agências, soltei os caçadores, coloquei anúncios. Cinquenta pessoas recebendo em tempo integral reviravam sem trégua as ruas, os bares, as boates, as agências de modelos, os parques, as saídas do colégio e os *shoppings* à procura de sócias. A partir do argumento inicial do não-filme eu havia estabelecido uma lista exaustiva dos sócias de que precisava. Recusei quatro cópias do Werner Schreyer antes de encontrar o que servia rodando bolsinha num bar homossexual em Montreal. Encontrei a irmã gêmea de Natasha Kadysheva na própria agência de Natasha, a coitadinha era polonesa e não

conseguia vender uma foto, apesar, ou por causa, de sua semelhança com a *top model*. Eu precisava de cópias idênticas de toda a fauna mundana, da moda, televisão, cinema. Eu precisava de modelos e de figurantes. Após ter reunido um número suficiente de elenco, eu os mandei para uma velha pensão suíça, reformada sob meus cuidados, onde Mirko, ajudado por uma antiga professora de dança aposentada e um estilista heroinômano expulso do Balenciaga devido aos seus problemas de cheiração, os informava "daquilo que precisavam saber" para terem o ar perfeito de criaturas de clipe. No programa: *relooking*, os rapazes aprendiam o uso do gel desestruturação e a se vestir como uma vítima da moda sem ficar com cara de babaca, as garotas a rebolar e a arte do "*fuck-me-look*", havia aulas de dialeto: o falar nova-iorquino, aulas de postura — os sócias tinham de adquirir um ar completamente descontraído em todas as circunstâncias, a gente precisava então ensiná-los como segurar um garfo e uma faca satisfatoriamente —, havia também sessões artificiais de fotografia, aulas de *name-dropping*, muitos testes de literatura: comentar esta frase de Bret Easton Ellis: "Quanto mais magnífica você fica, mais lúcida você está", aulas magistrais de cultura geral: casais de estrelas, quem fode quem em Hollywood, os dez fotógrafos com quem vocês deveriam ter trabalhado, a obra de David Lynch, de Larry Clark, de Gregg Araki, com historinhas de cocheira e apreciações generalizantes a respeito do cinema *underground*, os hotéis na Rússia, os prós e os contras da guerra no Iraque, os prós e os contras dos Beckham, a isso se seguindo aulas práticas de conversa de salão, e sobretudo, sobretudo, a matéria principal intitulada: "As mil e uma sacanagens a serem feitas com Manon". Os animaizinhos aprendiam rápido, e fornicavam admiravelmente nos dormitórios, todos eram entusiastas, assíduos, felizes de estarem lá, todos estavam convencidos de que também estavam sendo filmados e era tudo o que

queriam. Sem problemas. Eles eram muito bem recompensados e haviam assinado contratos confidenciais pétreos. Durante três meses, receberam todos uma forma o acabada de decadência, safadezas de todo tipo, perfeitos animaizinhos adestrados: eu podia então começar o grande jogo.

Sequência 4, Nova York, última primavera. Interna, dia — suíte presidencial do Pierre (minha suíte): Manon realiza a sua primeira sessão de fotos artificial. Atrás da câmera, uma vaga imita o de Inez Van Lamsweerd, recentemente saída da minha Escola, assistida por um dos meus piores recrutas, inutilizável em outro contexto, um sósia presunçoso de Guillaume Canet. Cobrindo o assoalho, a totalidade da nova cole o outono-inverno de Dolce&Gabbana. Tr s ventiladores gigantes funcionam na velocidade máxima, ameaçando colocar o prédio abaixo. A falsa Inez perde um pouco as estribeiras. Manon faz pose e acha que vai morrer. O que   engraçado. Eu dou uma saída para comer um escalope   milanesa no Nello.

A única foto passível obtida durante essa zona de *shooting* serviu para que eu produzisse uma falsa *Vogue* italiana. Eu comprara uma gráfica fechada na beira de uma auto-estrada no Sul, onde enfiei um falsário aposentado, uma antiga, digamos, rela o profissional de Mirko, de qualquer jeito, um cara genial, c nico e inspirado que faria formidáveis capas de revistas falsas.

Durante quase um ano, eu repeti a opera o uma vez por semana, sem que Manon suspeitasse do que quer que seja. Ela nem sequer observava que, em seus momentos desagradáveis, quando usava a desculpa de enxaquecas para se esquivar de consumir nossa união, sua agente (uma excelente aluna da Escola) a evitava e quase não atendia seus telefonemas e, quando respondia, a mandava perder mais cinco quilos, dizendo que, caso contrário, iria cancelar o contrato, por outro lado, quando ela era doce

comigo, aceitando afetosamente o emprego na cama de diversos brinquedos eróticos (consolos, chicotes e algemas), além da presença de estranhos, ou melhor, estranhas, a sua agente saía no dia seguinte em perseguição, lhe propondo histericamente diversas campanhas, Ginger Coke ou até Vuitton, fotografadas por Avedon, na companhia prestigiosa de Werner Schreyer, um dos meus sócios mais bem-acabados.

O falso Avedon fotografava, o falso Werner posava, a equipe de maquiadores soltava risadinhas gentis, enquanto Manon bancava a lambisgóia se queixando do excesso de demanda. Eu mandava as provas para o laboratório, que as mandava para o retoque, e tudo isso acabava na gráfica do falsário, que me enviava logo em seguida pilhas de falsas *Elle*, falsas *Vogue*, falsas *GQ*, cheias de falsas campanhas de publicidade hiper-realistas, nas quais, tenho de reconhecer, Manon não estava nada má. Campanhas de publicidade que ele forjava também em forma de cartazes piratas, e um pessoal, contratado por mim, era incumbido de afixar o rosto de Manon em nossos possíveis trajetos, em todas as cidades onde ficávamos, para arrancar tudo em seguida, enquanto outra equipe fazia o mesmo serviço a cem metros dali, e assim por diante, e assim por diante, e Manon avançava no cenário, sem suspeitar que o cenário avançava com ela.

O tempo passava e Manon ia pirando cada dia mais. Ela vivia numa não-realidade que só existia para os seus olhos, junto com seus olhos e através dos seus olhos, sequestrada num castelo de *papier mâché* que ela acreditava ser de ouro e mármore. Ela era fotografada, as fotos saíam mês seguinte nas revistas, quando andava na rua, as paredes estavam cobertas com seu rosto, ela frequentava bares e boates alugadas por mim para a noitada, ia a *avant-premières* de filmes lançados há meses, lançamentos de revistas barrocas cuja tiragem era de dois exemplares, um

para ela, um para mim, aniversários de estrelas mundiais que eram reles imitações, ela recusava entrevistas para o Canal 5, Nulle Part Ailleurs e Khalifa TV, ela jantava com modelos fracassadas disfarçadas de *top models* que a cobriam de lisonjas porque obedeciam as minhas ordens, paquerava Robbie Williams que não era Robbie Williams, mandava demitir Laetitia Casta, que estava aparecendo demais, segundo ela, mas esta também não era Laetitia Casta, é quase um exagero dizer que os *sushis* nos pratos eram reais, quanto a mim, eu me alegrava de assistir Manon se afogar no seu ego desmedido, convencido, doidona de pó e de homenagens encomendadas, a não-personagem dos não-personagens, debaixo do pipocar dos *flashes* dos não-fotógrafos, no mais absoluto dos não-sentidos.

Isto não era sem riscos. Eu vivia com o receio permanente e, no começo, terrivelmente excitante de que uma gafe acidental de um sócia ou, ainda pior, uma traição pudessem despertar suas dúvidas, e temia sobretudo, uma vez que a farsa era mantida pela imersão absoluta de Manon na não-realidade, que houvesse uma interferência do exterior, a menor confrontação entre Manon, sua certeza de ser alguém, e a realidade em que ela não era ninguém.

Próxima sequência: Festival de Cannes, me aproveito da concentração de estrelas americanas para lançar com fanfarra meu último brinquedo, uma última noitada, cujos convidados seriam *reais*. Tomei o cuidado de marcar para Manon uma não-sessão de fotos no dia seguinte às oito horas da manhã, e a entupi de Stilnox e vodca: a lógica levaria a crer que ela capotasse como uma pedra, mas isto seria subestimar sua resistência ao álcool e às bolinhas, resistência trabalhada meses a fio através da absorção recorrente e em copiosas quantidades de todos os tipos possíveis de porcarias, e, às onze horas daquela noite, Manon aparece histérica em plena realidade, numa boate

superlotada com os originais de seus sócias, e realiza o feito de não perceber absolutamente nada, revelando assim até que ponto meu projeto foi bem-sucedido. Manon estava pronta para acreditar em qualquer coisa, ela tinha seus olhos, mas não enxergava nada, uma vez que nada queria ver. Ela conversa alguns minutos com o verdadeiro Werner, que supostamente fotografara uma campanha inteira ao seu lado, que, é claro, não a reconhece, já que nunca a vira antes, mas conclui imediatamente, não que houvesse algo de esquisito com ela, mas, sim, que o impostor era Werner.

E, se a assembleia inteira a houvesse apedrejado aos urros de: "Se manda, sua bruxa, você não é uma de nós!", Manon teria chegado com certeza à conclusão de que estavam com inveja, ou de que eram pagos por Laetitia Casta, ou, ainda pior, teria tomado o insulto por homenagem, as pedras por rosas, e faria uma reverência para eles, a testa sangrando, o lábio ferido, urinando sangue sem nada sentir, dizendo: "Obrigada, obrigada. Eu achei um grande barato aquela noitada.

Manon apodrecia lentamente, satisfazia um capricho atrás do outro, bebia demais, caía em depressão, surtava. Ela dizia que estava de saco cheio de ser apenas uma *top model*, que queria ser reconhecida pelo que era de verdade: uma artista, uma artista! Ela queria fazer cinema, este era o seu sonho mais caro, você entende, Derek, seu sonho, seu único sonho o cinema, blablablá.

Eu, então, encontrei uma maneira de ela fazer cinema. A minha gata tinha um sonho, o mínimo que eu podia fazer era realizá-lo. Era ao mesmo tempo divertido e vertiginoso, O não-filme no não-filme, a não-direção no abismo, a nesta plataforma afastada dos estúdios da Cinecittà, na varanda manca de uma fazenda de cartolina, uma não-atriz mergulhada no lítio declamava Tchekhov sobre um fundo de pano pintado, diante de uma câmera na qual não havia filme.

Como maestro, caindo de porre, o irmão mais velho de Karénine solta a franga martirizando na equipe sua frustração da vida inteira, a de ser o irmão fracassado de um gênio. Eu me encontrara com ele durante as filmagens de *Superstars*, em algum lugar na Mulholland Drive. Confundi-o com Karénine, o verdadeiro: a mesma carranca, mesma cabeça, mesma barba, ele fazia uma merda na plataforma se aproveitando de sua perturbadora semelhança com o irmão, para ir aos bastidores e desmentir as instruções do outro. Ele nos fez perder um dia de filmagem ao preço de trezentos mil dólares. Era um completo idiota. Consegui gentilmente que ele saísse da plataforma e fomos beber no bar de um hotel fajuto na Sunset, acabamos por passar a noite sentados na calçada diante do hotel de onde fomos expulsos por tabagismo em público. Ele era, assim como eu, um pianista sem talento e, naquela noite, criamos um vínculo perpetuo ao tocarmos a quatro mãos um Prelúdio de Bach numa marimba de improvisado que fabricamos com velhas garrafas vazias. Ao que parece, segundo uma puta melômana que passava por ali, nossa interpretação não passou de uma cacofonia sem nome. Mas não foi assim que a ouvimos: o Prelúdio pertencia a nós. A polícia local sugeriu que cada um voltasse para a sua respectiva casa. Nós já havíamos dado nosso concerto e levamos a puta conosco, foi uma noitada excelente.

Karénine II ficou totalmente entusiasmado com a ideia de não-adaptar *A gaivota* de Tchekhov. Ele se identificava com a peça e, sobretudo, com a ideia de tirar um não-filme dali, via nisso uma alegoria do absurdo de sua vida, a reprodução fatal de uma proposta, uma nova razão, terminada a não-filmagem, para olhar atrás de si e dizer: "O que fiz da minha vida?" para responder: "Nada."

Eu tinha o meu não-diretor, precisava agora formar uma equipe. Recuperei a lista negra da minha empresa de

produção e chamei todos os técnicos delinquentes que estavam nela: ladrões de câmeras, destruidores de películas, erotômanos e todo tipo de pretensiosos, até um diretor traficante de pó que se mostrara de preciosa utilidade durante as não-filmagens. Eu os tirei da mendicância ou da prisão, enviei-os para a Escola e um treinamento rápido, mandando-os em seguida de volta para a Cinecittà. Eles conheciam o trabalho deles, e eram dotados de um cinismo a toda prova que fazia com que achassem muito divertido a sacanagem que estava sendo feita com Manon, e eu tive de dar-lhes uma bronca para que parassem de cair em coro na gargalhada a cada "Rodando".

Faltava encontrar o não-ator principal. Precisava de uma cara famosa, do tipo de cara que faria Manon dizer toda noite se admirando no espelho antes de dormir: "Putá que pariu, estou filmando com Fulano, o meu nome ao lado do de Fulano, eu sou uma estrela de verdade como Fulano". E depois não era o caso de uma não-festa mundana que, de tão escura, a gente não enxerga três passos diante do nariz, em que tudo é uma questão de maquiagem, nem de uma falsa sessão de fotos, em que tudo é uma questão de estilismos e barrigas, Manon iria ficar lado a lado, noite e dia com o sócia de Fulano, sob a luz crua dos estúdios, ela faria a réplica nos diálogos, iria dar em cima dele durante a maquiagem, iriam dividir um sanduíche nos intervalos, iriam se cruzar no *spa* do hotel, teriam que decorar as falas, o entrosamento dos atores, mesmo no suicídio do final. Eu não poderia confiar tamanha responsabilidade a qualquer um, e não seria certamente um babaca de sócia contratado de qualquer jeito na sua favela natal, ou no seu bar de bichas no interior, recebendo como única formação de celebridade os ensinamentos da minha duvidosa Escola suíça. Eu precisava de um cara de verdade, um verdadeiro sócia, mas com alguma coisa a mais, como era o caso de Karénine II, cuja semelhança com o irmão não passava de um detalhe

sem importância ao lado da loucura furiosa de artista maldito que habitava nele, que o tornava mais autêntico que o verdadeiro. Estava neste estágio da minha reflexão quando me lembrei de minha primeira e, aliás, única experiência homossexual, da qual guardava uma lembrança pálida, porém agradável, com Constantin, o irmão são de espírito de Stanislas, aquele monstro de olhos verdes. Constantin estava na penúria, era baixista de um grupo de *heavy metal* étnico e vivia em Londres numa casa invadida, havia renegado sua educação de filhinho de *jet set*, sua faculdade de economia e todos os seus códigos sociais.

Ele era omnissexual e citava com prazer Oscar Wilde. Apesar de sua louridão eslava, era o sócia perfeito de Adrien Brody, tanto assim que pensei, uma vez em Cannes, há três anos, que fosse Constantin disfarçado com uma nova identidade. A coincidência aumentava à medida que o personagem tinha o nome de Constantin, e o bisavô deste conhecera de fato Stanislavski em algum lugar da Europa Oriental por volta de 1870. Por todas estas razões, Costa aceitou representar o papel escroto, ele não tinha, de qualquer forma, a menor noção do que era o bem e o mal, uma vez que isso lhe permitia não ignorar a moral, mas condená-la por seus atos com conhecimento de causa. Em todo caso, foi isso que ele me explicou no Harry's Bar, antes de enfiar a mão na cara de um senhor idoso e elegante. Considerando o fato de que esta era a orientação cabal nas letras do seu grupo, o qual respondia pelo nome apropriado de "*And then what?*", que a música que aguentava tudo isso juntava aparência com conteúdo, acrescentou ele, era possível dizer qualquer coisa, menos que o fato do "*And then what?*" continuar batalhando por um disco fosse uma surpresa, e eu acho, aliás, que minha promessa de lhe financiar um disco solo contou de alguma forma na sua decisão final de se aliar à minha causa. Marcamos hora então no John Nollet para dar um jeito nesta louridão

suspeita, e fui eu mesmo, como amigo de infância, futuro produtor, ex-caso etc., quem se encarregou de preparar o prodígio para seu papel de Adrien Brody, além do seu papel no papel de Treplev, em cuja pele não foi difícil para ele entrar.

O que havia de bom com Tchekhov é que, de alguma forma, todo mundo acabava por se identificar com ele. Todo mundo, menos Manon, que, durante toda a não-filmagem, ficou longe de suspeitar da alusão. Não, longe disso, Manon tomava suas bolinhas que permitiam que suportasse com estoicismo a perseguição geral da qual era a vítima, ela representava mal, bebia demais, brigava com Karénine II, que não a suportava.

Eu... eu começava a ficar de saco cheio das aparências e da submissão de Manon. Karénine quebrava um megafone na cabeça dela? Ela ficava satisfeita se ele pedisse desculpas. Eu a proibia de falar com os técnicos e Costa; ela se dobrava e pedia choramingando se podia pelo menos ter a permissão para conversar com a sua maquiadora... Todas as noites nós assistíamos futebol, o bando de canalhas, Costa, eu e Karénine II nos fechávamos a sete chaves na suíte deste último e ficávamos fumando baseados, eu dizia a Manon que estávamos vendo o copião. Ela choramingava: "Posso ir?". Eu respondia; "Impossível, Karénine não suporta você". Não existia copião. Ela fazia malcriação e jantava sozinha, ou com a maquiadora, no terraço do hotel, enchendo a cara com Bellinis. Karénine II, capaz de imaginar uma sacanagem por dia, proibiu que ela lavasse a cabeça. Ela não lavava mais os cabelos. Ela tinha de aturar as cenas de histeria em que supostamente tinha de urrar, sapatear, babar; ela babava com toda a vontade. A gente a insultava. Ela não fedia nem cheirava. Foi durante a não-filmagem que ela começou a murchar, ela já não era capaz de sentir grande coisa, passava suas horas de descanso com os olhos arregalados olhando para o vazio, um ar

ligeiramente assombrado, era apenas a sombra de si mesma. Como previsto. A coisa era simples demais, e, quando sentia em mim o peso do absurdo disso tudo, eu deixava a plataforma e ia a Roma visitar a capela Sistina. E depois Manon provocou o suicídio de Costa sem perceber nisso qualquer presságio. Fomos embora da Itália.

Durante os meses da pretensa montagem que se seguiram, eu trabalhei incessantemente nos preparativos da não-divulgação. Em Nova York, aonde fui grafitar o prédio onde vivia Stanislas, em Tóquio, onde tomei uma *overdose* de *sushis* e de Budas (Manon queria tudo visitar, como uma velha matrona americana), em Dubai, em Los Angeles, em Istambul, em Londres, na Cotê, eu fiquei o tempo todo no telefone organizando nos mais ínfimos detalhes os não-cartazes, a não-imprensa, a não-televisão, eu desenhei o cartaz do filme do qual fiz uma tiragem de mil exemplares — meu falsário teve de contratar dez empregados para ajudá-lo —, comprei os ônibus, os *outdoors* e os cinemas e, quanto àqueles que não podia comprar, entrei em contato com o pessoal dos cartazes piratas para que ficassem de prontidão, treinei figurantes para que seguissem Manon na rua e a assediassem com pedidos de autógrafos, redigi todas as não-entrevistas sob medida para cada não-jornalista, contratei vinte *freelancers* com a barriga vazia, profissionais cassados, estudantes inescrupulosos que eram preparados num estágio de verão na Escola com o meu sócia de Ardisson, para quem eu comprei um terno preto e mandei construir um estúdio igual ao seu num hangar da Plaine-Saint-Denis, reservei salões de conferência, suei para tentar enfiar alguns acordes de guitarra na cachola do meu providencial Kurt Cobain, mas havia uma espécie de curto-circuito entre o cérebro dele e as extremidades nervosas dos seus dedos, apesar de ele ficar repetindo incessantemente, como para me deixar maluco: "*I can play, I can play, I can play*", decidi que ele seria um amnésico,

para depois obrigá-lo a decorar suas biografias espúrias, refiz seu visual instalei-o no Plaza, mostrei como funcionava a *jacuzzi*, chamei uma manicure para ele, não sentei o rabo durante dois meses, e Manon tornava-se literalmente insuportável, quando estávamos juntos eu punha *Bullet with the butterfly wings* no volume máximo, para não ter de escutar mais a voz dela, para esquecer que respirava o seu oxigênio, a gente precisava o tempo todo de um Smashing Pumpkins entre nós, e aquilo que fora de início apenas uma experiência antropológica, apenas um pacto que havia feito comigo mesmo, apenas a vontade de um artista de levar a cabo uma obra: meu não-filme virava um ajuste de contas e eu tinha cada vez mais dificuldade em assistir ao seu desenlace sem um banho de sangue, e se eu me virava dessa turma para organizar a não-divulgação do século, é porque sabia que, quanto mais alto eu a levasse, essa babaca, maior seria sua queda, e esta queda tinha de ser implacável, longa, vertiginosa, abissal, mortal.

Voltamos para casa para deslanchar essa promoção e Manon acreditava a fundo. Ela acreditava a fundo quando atravessava Paris e via sua fuça ampliada em tudo quanto é canto, acreditava a fundo durante as entrevistas, demitia seus relações-públicas, ela mandava passear os caras que pediam seu autógrafo na rua, sentia-se de tal forma única, tão privilegiada, ela tinha a sensação de compartilhar o segredo da criação do mundo, ela se deliciava ao mesmo tempo que fazia gênero se queixando de não ter mais privacidade, seu ego não conhecia mais limites. Estava dopada com sua não-celebridade, loura platinada, eufórica, agenda cheia e, enquanto isso, eu preparava sutilmente a retirada do cenário.

Manon vivia reclusa no seu não-espço, um cenário de teatro, um castelo de *papier mâché*. Para tirar tudo dela precisava fazer uma única coisa; libertá-la. Se libertasse Manon, Manon estaria acabada.

Trabalhei durante a noite, com uma equipe reduzida, apenas Sissi e Mirko. Enquanto Manon, entupida de calmantes, ia se recuperando lentamente da crise de nervos que pontuou sua última coletiva de imprensa, fui checar todos os *outdoors*, todos os cinemas, todos os pontos de ônibus, para me assegurar de que não havia mais nenhum sinal dos seus cartazes, e todos os ônibus foram levados para o ferro-velho, eu mandei embora todos os figurantes, todos os meus sócias, Karénine II, Costa, Emma, de férias para Bangkok, dando em seguida minhas instruções ao pessoal do hotel, cancelei todas as minhas linhas de telefone, fui até a rua de Rome, à casa de Manon, perto da estação Saínt-Lazare, e não senti nenhum remorso sequer ao constatar a miséria para qual ia mandá-la de volta. Eu tomara o cuidado de pagar todos os meses seu aluguel, e o apartamento estava igualzinho como estaria se ela houvesse saído na véspera. Apaguei cigarros nos cinzeiros. Esvaziei sua geladeira. Mandei Mirko comprar os substitutos necessários. Mudei os lençóis da cama, para desarrumá-los em seguida. Sujei um pouco de louça, que deixei na pia. Seguindo uma sugestão de Sissi, peguei algumas roupas no armário e deixei em cima do radiador como se elas estivessem secando.

Deixei displicentemente um exemplar d'A *gaivota* em cima da mesa. Esvaziei um vidro de tintura vagabunda de cabelo levado por Sissi e joguei no chão do banheiro. Depois coleí as fotos acima da cama, não era Natasha quem estava nas fotos, mas uma das minhas sócias. Eu havia posado com ela para a câmara de Mirko, que fora um *paparazzo* na outra vida: no Central Park, Saint-Tropez, no barco, no Champs. Eu a havia vestido com as roupas de Manon. Mandei as fotos para *Voici* e *Paris-Match*, *Voici* e *Match* as publicaram. A verdadeira Natasha os ameaçou com um processo. Eu também fingi que estava indignado. Havia

arrancado as páginas e depois as guardara. Eu me adiantara, fui inventivo e genial.

Misturei as fotos de *Voici* com a minha capa na *Fortune*, minha capa na *Match*, uma publicidade de Dior que fizera havia muito tempo para me divertir. E, como golpe de misericórdia, coleí uma foto de Manon, uma foto ruim feita por Sissi, em cima de um retrato amador da não-Natasha comigo na Caves em Saint-Tropez.

Comi a Sissi no corredor e caímos fora deste buraco infame. Só falta agora dizer adeus. Fui para o hotel encontrar-me com Manon pela última vez, e Mirko deixou a Sissi, que, acho eu, comeu no carro. Eram quatro horas da manhã quando passei pela porta, é engraçado, mas foi com uma tristeza infinita que observei o balé das arrumadeiras limpando nosso passado. Tinha a impressão de assistir à nossa história em *rewind*, e, à medida que desaparecia até o pensamento de que estivemos juntos, pensava comigo mesmo que esta história que estava sendo destruída não fora de todo má, e, enquanto o quarto descarnava e readquiria sua forma original de quarto de hotel, onde se está sempre de passagem, eu vagava como um babaca por entre as arrumadeiras, parando nos lugares onde nós quase demos certo: o lugar do primeiro beijo, a janela onde ela ficava horas olhando a rua, imaginando se lá fora era melhor, o banheiro e este espelho que testemunhara tantas vezes nossas insônias, nossas brigas, nossos olhares satisfeitos lado a lado antes de sairmos, eu apalpava objetos sem saber muito bem por que, apalpava sua maquiagem e os discos que escutávamos juntos, colocando-os com um suspiro no lugar, respirava seu perfume antes de o levarem embora, assistia a seu armário ser esvaziado das suas roupas, olhava as fotos desaparecerem, nossas lembranças se desagregarem, e tive, por um só instante, vontade de chamar de volta as arrumadeiras para recolocar tudo no lugar como se nada tivesse ocorrido, como se tudo

continuasse igual, indo me deitar ao lado de Manon, que dormia como um bebê (um bebê com Valium), sem suspeitar de que sua vida estava desmoronando, mas em vez disso fui mecanicamente até o cofre, porque isto já fora havia muito pensado que seria assim, inexorável, porque o decidira, tirei as botas e o vestido vermelho da primeira noite, e larguei tudo descuidadamente no local onde, dois anos atrás, foram por mim arrancados, escondi dinheiro e as chaves do buraco nas botas, mudei o segredo e as arrumadeiras foram embora em silêncio, e fiquei sozinho com Manon, pela última vez sozinho com ela, sentando-me ao seu lado e, porque não sabia o que fazer, fiquei olhando-a dormir, e talvez só desejasse uma coisa, que ela acordasse, que me olhasse, compreendesse e perdoasse, mas ela não acordou e eu lá fiquei, talvez durante horas, talvez por alguns segundos, até a aurora chegar para me lembrar da hora de partir, como se isto estivesse escrito, porque fui eu quem escreveu, e a beijei pela última vez, e deixei o quarto.

Hoje em dia, Manon está só como no passado, ela amaldiçoa sua sorte e sua loucura, voltou a ser uma criada e detesta sua vida, é uma alcoólatra e uma quase prostituta. Parece que todas as noites ela assombra este bar aonde vou de vez em quando, contra a minha vontade, apenas para avistá-la. Vejo uns destroços desfigurados pelo desespero e desvio o olhar como se não a conhecesse. Como se não tivesse nada com isso. Para me sentir bem, digo que meu projeto foi um sucesso e que deveria estar orgulhoso, mas os olhos apagados de Manon, seus movimentos titubeantes, sua voz rouca me perseguem até nos meus pesadelos. E foi num pesadelo que encontrei o meu não-fim: Manon precisava morrer.

17 No trottoir

MANON - Até que chupar um pau não é tão nojento assim. Não é íntimo. Os corpos mal se tocam. Basta não olhar. No meu caso, eu fecho os olhos. Basta não escutar. Eu me concentro a fundo numa música de Nina Simone que a gente escutava junto. E eu a ouço na minha cabeça, em vez dos xingamentos. O cara é um velho, e gordo, e feio, e não fui eu quem o escolheu. Eu seguro o pau dele com a mão direita, os dedos crispados que sobem e depois descem, não aperto muito, senão iria doer, firme o bastante para que ele esteja à minha mercê. Acelero o vaivém e ele endurece na minha boca. Tomo cuidado para não encostar na barriga proeminente dele. Eu isolo sua pica do resto do seu corpo asqueroso e ela vira apenas uma pica e não estou fazendo nada de mau. Na primeira vez, eu fiquei com os olhos cheios d'água com os insultos. E o cara gostou disso. Agora, nada de lágrimas, nem insultos, e tudo isso perdeu o sentido para mim. É apenas um gestual, e a consciência do serviço bem-feito. Dentro e fora, dentro e fora, dentro e fora, mais rápido, mais forte, mais suavemente, mais lentamente, mudar de velocidade, variar a pressão, a boca em harmonia com as mãos, eu engulo seu caralho até o saco e não ouço seu grito abafado; parece até que estou dançando, no ritmo do meu *jazz*, não vejo sua cara contorcida pelas primeiras pulsações do orgasmo; debaixo das minhas pálpebras fechadas, desfilam lembranças e imagens de felicidade por vir e é quase um momento de plena beleza. Mas existe um quase, e é este cheiro do qual não consigo escapar, o cheiro da minha vergonha, o cheiro do meu malogro: um fedor de gozos imundos, passados, presentes, ou por vir, que emporcalham os bancos, os rostos e os muros. O cheiro do meu cadáver. O jato lambuza

a minha cara e eu deveria gostar disso, faço o impossível para continuar sorrindo, e minha pele queima lá onde ela foi emporcalhada e eu me levanto para cumprimentar e existem pessoas para me aplaudir, e finalmente pisei em cena.

No fundo da sala. Paul faz o sinal da vitória para mim. A cortina se fecha antes que eu possa responder e eu volto com passos lentos para o meu camarim. Apago os néons em volta do espelho antes de ir lavar a cara. Paul bate na porta e me pergunta se eu gostaria de ir tomar uma bebida. Eu não quero ir tomar uma bebida. Não tenho vontade de sair do teatro. Só queria que já fosse logo amanhã à noite, para eu fremir de excitação nos bastidores e dar, no palco, o melhor de mim para ser ainda mais aplaudida. Só queria que me aplaudissem mais ainda.

Eu era leiloada toda noite. Era jovem, bonita, quase ainda viçosa, nem tão aviltada que pudesse ser contagiosa, mas o bastante para topar. Eles eram feios, velhos e usavam, na maioria das vezes, máscaras, subiam no palco em troca de uma grana bastante alta e podiam se recusar a tirar a roupa. Eles exumavam para mim de dentro de suas braguilhas antiquadas uns caralhos sem rosto que eu chupava o melhor que podia, como se isto me desse prazer, enquanto tentava dizer a mim mesma: "É o preço da glória", mas era o preço exorbitante do meu malogro. Eles eram feios, velhos, mascarados e acariciavam minha cabeça com as costas da mão. Quanto a mim, eu sentia dores nos rins de tanto me curvar, dores de cabeça de não pensar e dores na mandíbula que ficava deslocada às duas horas da manhã. Quanto a mim, eu fechava os olhos diante desta visão de horror e os ouvidos para não escutar as músicas lentas xaroposas escritas para o baile dos amores novos, cujo eco se perdia nas poltronas vazias. Eu imaginava uma multidão delirante, imaginava meus fãs prontos a venderem suas almas a um sinal de minha mão, imaginava-me como

uma estrela, altruísta e adulada, capaz de descer do meu pedestal e escolher um anônimo para receber seus quinze minutos de reciprocidade. Eu me via... Eu não me via ali. Para além do meu *jazz*, escutava apenas as mãos que batiam umas nas outras, as vozes gritando meu nome: "Manon, Manon!" e apenas imaginando que aplaudiam algo mais que a destreza dos meus maxilares, minhas curvas e minha bunda. E depois saía do teatro, voltando a pé pelas ruas de Pigalle. Como podia fazer frio, como Paris é bonita, eu tinha vontade de pintá-la, mas me satisfazia em fazer seus *trottoirs*. E Nina Simone continuava a me assombrar, e o asfalto molhado da praça Blanche refletia a vida dos outros, e minha fuga. Eu fugia ao longo das calçadas sem que ninguém me oferecesse o braço, tinha todos aqueles néons e os anúncios piscando para anunciar a festa lúgubre de *backrooms* mal-afamados, neologismos capengas, nomes de mulheres exóticas, nomes comuns amputados, que a gente lia ao acaso das lâmpadas queimadas, havia luz demais em Pigalle para os meus traços cansados, um excesso de casais *blasés* de passagem, de carros com os faróis altos, de decadência assumida, de solidão asquerosa. As calçadas desfilavam, acompanhando meu *jazz* como num clipe, e havia nesta música a volúpia fatal do *laisser-aller*, a que existe no meu destino contra o qual perdi a vontade de lutar, as calçadas se duplicavam diante dos meus olhos vidrados, eu, na verdade, estava chorando, chorava como um escombros, chorava sem ter nada vivido, sem luto e sem drama, apenas a minha mediocridade, e as calçadas que não acabavam nunca. Eu andava sem rumo, não havia rumo na minha volta para casa, eu andava sem ter lugar algum para ir, e estava pouco ligando se meus passos me levavam para aquele lugar onde há uma cama, onde pago um aluguel, meu buraco debaixo do telhado, ou se fosse traída pelas minhas pernas e acabasse morrendo na calçada entre o teatro e a rua d'Amsterdam, aqui onde minhas forças me abandonaram.

Tinha vezes que entrava num bistrô vagabundo, sob a luz amarela que contamina todos os refúgios abertos 24 horas, e tomava uma bebida no bar para me aquecer olhando de soslaio a transmissão de um velho filme de Melville, apoiada nos cotovelos, exaurida, debaixo de um olhar comiserador de um *barman* sonolento que já viu outras, recebendo os cumprimentos antiquados dos pinguços eruditos, e escutava uma *junkie* com os cabelos pintados de vermelho contar para a parede que se apaixonara por um traficante quando tinha quinze anos, que ela ligava todos os dias para ele usando um ou dois gramas como pretexto, que ele acabou em cana, que ela acabou fissurada, e eu resolvia tomar um táxi.

Todo mundo tinha a impressão, naquela época, de já ter me conhecido, e eu tentava me convencer de que era essencial, quando na verdade era simplesmente banal. Eu era banal. Ia trabalhar no restaurante, arrasada pela minha noite de foda remunerada, chegava atrasada, quebrava a louça, confundia os pedidos e não conseguia mais, mesmo ao preço de um esforço sobre-humano, sorrir para os clientes. O Nojento me dava esporros e eu não respondia. Sissi fingia que me defendia e me fitava com um olhar de nojo, o qual eu certamente merecia, visto que havia chegado a tal ponto de abjeção que ultrapassava até mesmo o dela. Eu era então a última das últimas, e daí? Sissi fez queixa de mim para o Nojento, e o Nojento me pôs na rua, visto que eu maculava a imagem do estabelecimento. Tive vontade de dizer que simplesmente havia assumido o caráter de puteiro do lugar e que serviria perfeitamente para ser a mascote dali, mas preferi me calar e peguei minhas coisas, não me despedi de ninguém e tampouco bati a porta. Não havia nem uma sombra na rua quando saí e, ao levantar os olhos para o céu esbranquiçado, um céu de tragédia, só vi janelas fechadas. Um *cameraman* andando de costas me filmou durante todo

o percurso da avenida Montaigne, e eu andava rápido só mostrando o meu pior ângulo, já que esse *cameraman* certamente não existia.

Tinha um vento que varria as folhas mortas e um rumor surdo de fim do mundo, estava mais uma vez só e sentia frio, e não ficaria nem um pouco surpresa se de repente os prédios de pedra clara simplesmente desabassem, como uma rendição. Passou, em seguida, um sujeito correndo que me deu um encontrão que me fez cair na calçada, e, quando me levantei, surgiu um ônibus de lugar nenhum que parou na minha frente. Subi e o ônibus não tinha aquecimento, mas havia vida ali e senti-me reconfortada. Sentei-me depois num banco, na frente de uma mulher velha e de um trabalhador, e a velha e o cara me fitaram, e os dois se levantaram de um pulo para irem se refugiar no fundo do ônibus, e, pouco a pouco, todas as pessoas ali começaram a se agitar, enquanto eu ia escutando, mais alto que o ruído do motor, um murmúrio inquietante, do qual só pescava umas frases; insultos truncados e reclamações, enquanto apontavam para mim um dedo desprezível, até que só estava eu sentada naquele ônibus diante de um bando hostil, acabei descendo quando a velha jogou alguma coisa na minha cabeça. Eu me vi na rua d'Amsterdam a duzentos metros da minha casa, e comecei a subir a rua, com um caroço na garganta e meus olhos que se embaçavam, certamente por causa do vento, e um grupo de cafajestes me seguiu, e um deles tentou me agarrar pela cintura e enfiou a mão no meio das minhas pernas, e eu o empurrei, mas eles me cercaram e me chamaram de piranha, para depois cuspirem na minha cara, e se juntaram os quatro para me derrubar, eu comi poeira, e a minha bolsa virou na sarjeta, e estava de joelhos tentando recuperar as minhas chaves e o meu dinheiro, mas alguém me empurrou de novo, e pisaram na minha mão, e dez pessoas tinham me cercado berrando insultos que eu não

compreendia, e jogavam moedas e pedaços de não sei o que, então saí correndo, e corri o mais rápido possível pela rua d'Amsterdam e cada pessoa que passava me dava um encontrão ou me xingava, e a multidão que me perseguia ia aumentando a cada segundo e eu estava com medo, passei a correr então sem olhar para onde ia e quase fui atropelada por um carro, e arrancaram o meu casaco, e se agarraram nos meus cabelos, e junto com o medo veio a dor, e eu cheguei em frente à minha porta, e digitei o meu segredo sem olhar, empurrando a porta com toda a força, e me apoiei nela para respirar, mas escutava a multidão que batia e berrava atrás, e subi as escadas, arfando a cada degrau, só reparando nas pichações quando estava no quarto andar, tinham desenhado obscenidades nas paredes junto com "PUTA" em grandes letras maiúsculas, com setas apontando para o meu apartamento, e a porta estava aberta, e meu apartamento tinha sido arrasado, de forma que pensei ter sido assaltada, mas não levaram nada, nem a televisão, cuja tela tinha sido estilhaçada, nem minhas roupas dilaceradas nos cabides que cobriam o chão ensopado por uma chuva grossa que eu não percebi do lado de fora, mas que fazia crepitar os fios desencapados, todos os armários tinham as portas arrombadas e o cinza das paredes sumira debaixo de insultos e obscenidades, tinham escrito "PUTA" de novo, além de "CASA DO CARALHO" e "A CULPA É SUA", e escutei, em seguida aquela música que não vinha de lugar algum e aumentava a cada passo meu, e as setas apontavam para um jornal preso com fita adesiva na parede em frente, e eu aproximei, e o adágio ia crescendo a ponto de furar os meus tímpanos, e eu vi a fotografia do meu pai na primeira página rasgada, e o adágio explodiu exatamente no momento em que adivinhei o título, e reli "A CULPA É SUA" nas paredes, e vi o berro bem no meio da mesa e um segundo depois estava com a arma na mão e a pus na minha boca, o gatilho estava duro, mas cedia com a pressão dos meus dedos e me virei apenas

para o céu, mas entre minhas duas janelas eu vi o anúncio dizendo "FIM". E o telefone tocou.

Eu dei um pulo, abaixei a arma em câmera lenta, e a música de súbito parou. Fiquei embasbacada, sem esboçar movimento, durante alguns segundos, alguns minutos ou algumas horas, e a campainha continuava, estridente, no meio do deserto. Eu não atendi. A campainha parava, para recomeçar. A chuva tinha parado. Acendi um cigarro. Não queria pensar. Atendi.

— Alô.

— Alô, Manon?

Era uma voz que não me dizia nada, um cara que não devia ser muito velho com um sotaque da Europa Oriental.

— Sim, sou eu.

— As provas... A senhora deve vir fazê-las agora. Um carro está lhe esperando embaixo, ele vai trazê-la até aqui.

— Que provas? Do que é que o senhor está falando? Quem é o senhor?

— Nós selecionamos sua foto. A senhora deve vir fazer os testes agora. Um carro está lhe esperando embaixo, ele vai...

— Eu não mandei fotografia nenhuma.

— A senhora acha realmente que está em condição de discutir? A senhora faz alguma ideia do sentido da expressão "mais nada a perder"?

— Meu pai morreu — respondi, para ver se ele me deixava em paz.

— Mentira, tudo é mentira! — exclamou ele, com um acento quase indignado, antes de desligar.

Havia realmente um carro na porta do meu prédio, uma Mercedes negra, do tipo inquietador. Eu não fiquei inquieta,

já que, por um lado, segundo a Voz, eu não tinha mais nada a perder e, por outro, levei o berro comigo. A possante rodava na direção do Champs-Élysées e eu mexia e remexia na porra deste anúncio de "FIM", e ruminava sem parar a afirmação da Voz: "Mentira, tudo é mentira". Eu não tinha mais uma gota de dignidade, de esperança, nem sequer um apartamento. Um carro bizarro me levava para não sei aonde, eram oito horas da noite, não havia engarrafamentos. Acabara de escapar de um suicídio teleguiado. De qualquer forma, nada mais me surpreendia desde aquela fatídica manhã no Ritz em que saí de um coma de dois anos, em que entendi que, de uma maneira ou de outra, meu cérebro estava seriamente prejudicado.

Perguntei-me o que estava fazendo ali, naquele carro de aluguel, exceto pela redescoberta do prazer de ser conduzida por alguém, eu que não esperava mais nada deste mundo, que não queria mais nada esperar. E foi então que entendi que estava buscando simplesmente as respostas, e o carro parou diante de um grande portão negro de ferro batido, no meio do *boulevard* Haussmarm.

O sujeito que dirigia saiu ao mesmo tempo que eu. Ele se encostou à porta do carro para fumar um cigarro.

— No fundo do pátio — disse para mim, me encarando com impertinência.

O portão estava aberto e eu entrei no prédio.

— Ah — disse o sujeito —, eu vou ficar aqui esperando.

— Obrigada — respondi.

— Eu a levarei aonde a senhora quiser.

Atravessei o pátio. O chão era revestido de lajes, os postes estavam quase caindo, havia um cheiro de madeira úmida no ar e alguém, em algum lugar no andar de cima, tocava no piano um trecho de Lou Reed, *Berlin*, e cantava desafinado.

Só havia uma porta e finos raios de luz eram filtrados pelas venezianas que obstruíam as janelas de grades. "Toque a campainha e entre." Eu não toquei a campainha e entrei.

Era uma firma, que lembrava nos mínimos detalhes uma firma. Tinha uma recepção, com um telefone e uma morena vulgar que lixava as unhas. Um canapé de couro preto. Uma mesinha de centro com revistas em cima. Uma máquina de café. Um corredor sombrio que levava a portas fechadas.

— A senhora é a Manon? — perguntou-me a garota da recepção.

— Sou.

— Ele já vai recebê-la, daqui a alguns minutos. Sente-se.

A garota colocou os óculos e vestiu o casaco. Tive a sensação de conhecê-la.

— Posso tomar um café? — perguntei, quando ela já estava com a mão na maçaneta da porta.

— É claro.

Ela foi até a máquina e introduziu nela uma chave, depois uma moeda e, como não saía nada, deu umas batidinhas de lado, com as costas da mão, e as batidas ressoavam estranhamente na firma vazia.

— Isso acontece o tempo todo — disse ela para mim com um sorriso embaraçado.

— Não tem problema — respondi, e ela já tinha ido embora.

Fiquei dando voltas por alguns minutos. Fumei um cigarro.

Examinei meu aspecto no espelho. Tinha uma câmera de vigilância no alto da recepção, o que me dissuadiu de ir xeretar. Fiquei uma meia hora esperando, sem realmente saber se alguma coisa, ou alguém, iria pôr um fim a esta espera. Mesmo assim esperei, esperei porque buscava

respostas. No primeiro andar, o cara que tocava *Berlin* tinha melhorado um pouquinho. Dei uma olhadela na mesinha: só tinha revistas de economia em inglês, até que me dei por uma felizarda ao descolar um exemplar velho da *Match* do ano passado. Eu o folheei e me lembrei de já tê-lo visto. Como estava entediada, resolvi relê-lo. Reli o perfil de um velho cantor, a resenha de um *best-seller* esquecido, a publicidade de uma exposição de Modigliani que eu havia perdido, os prognósticos a respeito de uma guerra que aconteceu, e que em seguida assisti ao fim, e, enquanto olhava o tempo todo a hora no relógio da parede, eu vi, na verdade foi mais uma percepção, meu rosto na última página.

Ainda era morena, os cabelos despenteados, ar irritado. Estou usando um bustier preto com laço, e sei imediatamente que foi comprado na Dolce, e Derek faz pose do meu lado com um sorriso crispado. Derek faz pose ao meu lado, e, em princípio, a noite tinha tudo para ter sido um sucesso, uma vez que reconheço Britney Spears. Werner Schreyer, Miss France, Joey Starr e Dannii Minogue, com cara de porre e doidona nos quadradinhos. "Derek Delano e uma amiga", diz a legenda debaixo da nossa foto, e leio na coluna de texto didática e demagógica: "*O coração do melhor partido da Europa não está mais disponível? O Milionário Derek Delano, já difícil de se ver nos últimos meses, finalmente apareceu, sorridente e muito bem acompanhado, na noite de lançamento do seu último gadget, um alucinante telefone celular e gravador de DVD. Indagado a respeito da garota misteriosa colada no seu braço, ele graceja quando ouve falar em noivado e corta com uma resposta seca: 'Ela é de alguma forma minha não-musa'.*" Joguei a revista dentro da minha bolsa, junto com o revólver e o anúncio "FIM", desisti de saber se havia ou não ainda alguém nessa firma esquisita, dane-se, eu procurava respostas, eu as tinha encontrado.

— Mude de profissão — berrei no pátio para o sujeito que massacrava Lou Reed e corri para a saída.

Eu tinha encontrado as respostas, quase todas as que eu queria, mesmo as respostas para perguntas que eu havia desistido de fazer, mas restava uma, a mais importante, que permanecia, e para esta questão eu iria encontrar de qualquer jeito a resposta, e esta questão era: "Por quê?"

O cara estava esmagando uma guimba na calçada, ele continuava lá, esperava por mim. Enfiei-me no carro e bati a porta:

— Para o Ritz.

18 E a música se cala

DEREK - Eu estou sozinho na minha suíte, e ela está num estado daqueles. Eu também.

Fico me perguntando qual é o tipo de pastel que decide o número de garrafinhas de uísque que o minibar de uma suíte de hotel de luxo, cuja diária custa sei lá quanto, deve conter, e posso garantir que o cara é um grande pastel. Será que levam era consideração que seria melhor evitar encher o bar acima da dose estatisticamente tolerável por um alcoólatra mediano? Será que, por acaso, receiam os estragos que um alcoólatra mediano é capaz de fazer ao mobiliário bastando estar um pouquinho de porre? Tão preocupados com a porra do mobiliário, não é? Era o que dizia minha mãe, e minha mãe tinha sempre razão: "A desvantagem de viver num hotel é que a gente não pode destruir tudo." É por isso que é preciso ser o dono. Quando a gente é o dono de alguma coisa, não tem que dar satisfação a ninguém no dia em que decide jogar tudo no chão, pular em cima de pés juntos e acabar com tudo dando golpes com a tampa da lata de lixo.

Ah, a doçura de um lar... Quando você mora num hotel, se a sua mulher o engana, o abandona, bate em você, se os seus olhos se prostituem, tomam pico, atuam em *snuff films*, morrem de doenças venéreas incuráveis, ou de acidentes de helicóptero, ou de septicemia pós-abortamento, ou de uma improvável combustão espontânea, ou assistem apenas à televisão em horas de grande silêncio, você simplesmente não tem os meios para tomar um porre para esquecer, não, nem mesmo este consolo lhe é permitido: você está na pior, perdido, viúvo, drogado, a vida perdeu todos os seus encantos, os mais

sanguinários dos atentados evocam em você *La petite maison dans la prairie* se comparados com o drama que acabou de arruinar sua existência que já não era grande coisa, você fica andando que nem um maluco, buscando desesperadamente escapar da aflição que o devora, e o que é que lhe oferecem, onde pode encontrar alívio, qual é o seu último e derradeiro recurso?

Uma garrafinha de Jack Daniels.

Porque, se dessem a você a possibilidade de capotar com dignidade, você chegaria, talvez, a extremos de vandalismo, como, por exemplo, estropiar cadeiras e consoles armado de um canivete suíço para conseguir lenha e fazer uma fogueira no meio do salão. E por que não? Você acabou de perder toda a sua família numa epidemia de peste bubônica, ou num acidente aéreo, você está assassinando neste exato momento a sacana pela qual você está, à sua maneira, que não é a dos outros, quase apaixonado, isso porque você nunca levantou a vida inteira um dedinho sequer, o que, aos trinta anos, começa a gerar uma espécie de complexo, e você se considera, mesmo assim, com direito a uma pequena diversão? Ah, nada disso. São garrafinhas. Umas porras de garrafinhas. Não dá nem para uma dar um pileque numa *groupie*. De forma que o alcoólatra mediano que você é pode sempre descolar um *pay-per-view* pornô na *jacuzzi* enquanto espera, sei lá, uma manifestação divina? Você não tem família, nem lar, você mora sozinho no Ritz, como um infeliz, e quando lhe pesa a solidão: não tem jeito, tem de ajoelhar e rezar, é o pornô e a punheta.

E, se pintar uma vontade de encher a cara, o único jeito é chamar o serviço de quarto. Para que o serviço de quarto constate a fogueira, constate a minha pequena instalação, e o estado do piano, e me expulse do hotel como uma estrela de cinema ordinária para ir acabar na rua com um bando de garotos. Nada mau. Eu não vou chamar o serviço de quarto.

De qualquer jeito, já joguei o telefone pela janela. Estou cagando, estou cheio de pó. Eu usei a coca para desenhar um rosto na mesa de centro graças ao recorte de um belo *pochoir* que eu tinha. Por enquanto, eu só cheirei a sobancelha direita e a testa. Há pouco, o fogo se espalhou um pouquinho dos lados, eu arranquei as cortinas e apaguei tudo. Só resta um montinho lamentável de cinzas com uma auréola negra no meio do salão.

Fico andando em volta, minha garrafinha na mão, e sei que vou acabar quebrando a cara antes de o dia amanhecer, porque, quando a gente está só, pior do que não ter ninguém para amar, a gente não tem ninguém para dar porrada. Fico dando voltas, e escuto Mozart. Porque Mozart é belo! É belo, mas não é o suficiente. De maneira que, além do *Requiem*, que é de qualquer forma de circunstância, escuto também *Satellite of Love*, de Lou Reed, e *Ne me quitte pas* regravado, e com sotaque, por Nina Simone, e ainda por cima eu canto imitando, porque eu sou um cara engraçado, além de *Souvenirs* do The Gathering e *My girl* do Nirvana e uma ópera de Puccini e *Creep* do Radiohead e o Coro do Exército Vermelho. *The unforgiven* do Metallica, e *The future* de Leonard Cohen e *Don't cry* do Guns, e o Noturno 48, e a trilha de *O expresso da meia-noite*, porque não valho mais do que isso, e o *Adagio para cordas* de Samuel Barber, o último álbum inteiro do White Stripes e já não sei o quê de Marylin Manson, além da trilha *Kill Bill*, *Tainted love* do Softcell, *A cavalgada das valquírias* de Wagner, e, de Gainsbourg, eu escuto *Manon*. Manon, Manon, Manon. Manon morrendo e mais alto do que o resto, porque este é o meu estado de espírito neste exato momento.

Dou umas voltas, a garrafinha na mão e minha suíte se parece com os bastidores de *Woodstock*, ou um acampamento de escoteiros doidões. Estou com vinte e três sons ligados no salão, a gama de volume indo do mais baixo

ao mais alto, e o mesmo número de caixas acústicas que urram estourando os meus tímpanos, e o que é divertido, muito divertido, é que todos esses gênios não se parecem com mais nada, com absolutamente nada, ou, pelo contrário, esta cacofonia, visto que há uma evidente cacofonia, é a expressão precisa, digo a mim mesmo, a expressão precisa e exacerbada do que estou sentindo neste momento.

Eu sou uma cacofonia, eu sou esta zona, eu sou uma suíte devastada, eu a devastei à minha imagem como o perfeito não-artista que sou e espero, a qualquer momento, que Mirko, este pássaro de mau agouro, venha me trazer a notícia da morte de Manon, a qual está levando definitivamente mais tempo do que o previsto para se suicidar — eu não a tinha imaginado tão resistente. E neste estado terrivelmente deleitoso de fusão psíquica com o meu ambiente externo e de expectativa — a expectativa sendo a única manifestação admitida por mim de uma ideia extravagante de felicidade —, sou uma sombra, uma sombra, uma simples e pequena sombra no quadro, isto porque não posso contribuir para a suruba. Suruba auditiva, quero dizer. Estou dizendo suruba? É mais um *gang-bang* auditivo. E, se é um *gang-bang* e eu não estou coberto de suor com o caralho na mão prestes a saltar no meio da zona para foder a minha primeira vítima, é porque a vítima sou eu. Eu sou a vítima: estou com as pernas abertas, os nervos fervendo e a cabeça quase estourando, e o meu piano bateu as botas. Sim, o meu piano bateu as botas, senão eu me jogaria em cima dele para favorecer a suruba cacofônica, mas não faz quinze minutos que eu o fiz em pedaços com golpes de extintor de incêndio. Ele agora jaz num canto, o coitado do piano, como um monte de bosta, e é quase uma alegria para mim vê-lo assim, fora de uso, massacrado, deplorável, para sempre mudo, e digo:

— Então, traidor, alcaguete, porcaria, parou agora de me sacanear, parou?

E, quando acerto uns pontapés nele, só para unir o gesto à fala, ele geme lamentavelmente, como que pedindo que tenha dó, ele geme notas falsas e eu corto a música para melhor escutá-lo agonizante.

— Você é a maior das merdas, o dejetto mais pestilento, a pior das pústulas, animal o mais abjetamente putrefato e escroto que jamais vomitou seu óxido de carbono neste planeta de malogro que chamamos Terra.

É o fantasma de Manon que acabou de entrar pela porta.

— Você é uma alucinação devido a todos os líquidos compostos de álcool a 40° que acabei de absorver e você vai desaparecer assim que os efeitos cessarem.

— É isso, filho da puta, diga se é uma alucinação? Recebo o soco dela no meio da cara e, no momento em que meu olho explode, antes mesmo de ver as trinta e seis velinhas, eu sei que alguma coisa deve ter dado errado e que, não somente ela está viva, ainda por cima deve ter descoberto não sei o quê, porque está com um ar ligeiramente exasperado, e ainda por cima armada.

— Minha não-musa, não é? Eu vou lhe mostrar as não-musas, filho da puta, canalha, escroto!

— Chérie, fique calma, a violência nunca foi urna solução para o que quer que seja. A violência em excesso leva geralmente a atos irremediáveis, dos quais passamos a vida inteira nos arrependendo. Abaixo, então, esse revólver e vamos conversar com calma como dois seres civilizados, contentes de se encontrarem de novo, ainda que não tenham muita coisa em comum.

— Eu não estou *contente*! — berra Manon antes de dar um tiro no espelho em cima da lareira.

— Manon, querida, este espelho não era meu, ele pertencia ao hotel Ritz. De forma que estou pouco ligando se ele foi estilhaçado, o que você acabou de fazer prejudica um hotel inocente que nunca lhe fez nada, foi portanto um ato gratuito e mesquinho, e para evitar outros atos gratuitos e mesquinhos eu aconselho você a baixar esta arma.

— Ah, é? E o diretor que me chamou de puta drogada e que mandou dois leões-de-chácara me porem no olho da rua no dia em que você covardemente me abandonou?

— Eles eram figurantes, chérie, figurantes que eu paguei e treinei para que a tratassem de puta drogada e a pusessem na rua.

— Então, foi assim? Foi assim? — sussurra ela em estado de choque.

— E lembre-se que eles não machucaram nem um pouco você quando a expulsaram, e isto se deve unicamente às minhas recomendações.

— Então, foi você quem tramou tudo isso? Desde o início? Desde sempre? — ela continuava a sussurrar com a arma na mão.

— Sim — respondo com simplicidade.

— Vanity? — pergunta.

— A Vanity pertence a mim.

— Os *shootings* de fotos? Nova York? A *Vogue* italiana?

— Ora, querida, você pode imaginar que não é tão complicado assim comprar duas grandes câmeras fotográficas, umas roupas idiotas e três ventiladores.

— Mas a *Vogue*?

— Um falsário, uma gráfica e um pouco de astúcia.

— Minhas publicidades?

— Idem.

— Werner Schreyer?

— Um sósia.

— Os *outdoors*?

— Não é difícil colar um cartaz.

— Hum — fez ela —, eu gostaria muito de ver você colando cartazes com o seu balde de cola e o seu pincel, Derek, meu coitadinho.

Eu não respondi, visto que ela tinha razão.

— E as festas — continuou —, todas as festas a que íamos juntos?

— Eram sócias, chérie, eu acabei de dizer isso a você.

— Eram todos sócias? Todos? E... você fez com que eles acreditassem a mesma coisa que eu, que eu era uma estrela, uma *top model*, e o resto?

— É claro que não.

— Mas... eles ficavam puxando o meu saco... Eles conversavam comigo sobre... Gregg Araki?

— Eles tinham um texto, ora Manon, eu não sou idiota, pensei em tudo.

— Mas e o filme?

— O irmão de Karénine. Um sósia de Adrien Brody — um ex meu, diga-se de passagem —, um bom rapaz, esse Costa.

— Cinecittà?

— Dez mil dólares por dia.

— A equipe?

— Um bando de delinquentes desempregados.

— Tchekhov?

— Já faz muito tempo que morreu.

— Mas esse filme, deve estar em algum lugar, é claro que existe um copião!

— Ora, minha pobre criança, não havia película na câmera.

— Não tinha película?

— As câmeras estavam vazias. Elas funcionavam sem filme, como você.

— E a divulgação? Os jornalistas?

— Figurantes.

— Então, naquela manhã... quando acordei, eu não havia sonhado...

— É claro que não.

— E aquele cartaz, aquele cartaz: *Dignité*, era você, ainda você?

— Sim, era uma espécie de conselho de despedida. O mínimo que se pode dizer, aliás, é que você não deu muita importância para ele.

— E as fotos na minha casa? A zona? As guimbas de cigarro nos cinzeiros?

— Eu coleí as fotos, fiz um pouco de bagunça e fumei uns cigarros.

— O restaurante? Sissi? O Nojento?

— Figurantes de primeiro time, três mil euros por mês.

— E eu que achava que estava esquizo...

— É normal, chérie, se isto lhe serve de consolo, qualquer ser humano de constituição normal, por muito menos, teria se sentido assim.

— E o teatro?

— Neste caso, eu não tenho nada com isso, você se meteu sozinha no seu negócio pornô. Cada qual conforme seu natural.

— E agora há pouco? As pessoas na rua? O ônibus? Os insultos? As pichações? A arma?

— Que arma? — digo eu.

Ela me esfrega o revólver no nariz, me ameaçando:

— Esta aqui, seu escroto!

— Tudo bem — murmuro, tentando simplesmente descontraír o ambiente.

— E o meu pai? Onde está meu pai?

— Seu pai, seu pai, sei lá onde está o seu pai, e, a propósito, durante os dois anos de vida boa comigo e, sobretudo, por minha conta, o mínimo que se pode dizer é que a menor das suas preocupações era o seu pai.

— Eu quase estouro os miolos, porra! Derek!

— Era este o objetivo, a princípio, mas alguma coisa deu errado. O que foi que deu errado? Não consigo entender, pensei em tudo. Um mês de preparativos para esta cena, um crescendo sutil na fustigação moral, a música, a falsa chuva, o pai falecido... Perfeito, genial, inspirado. Hein? O que foi que deu errado?

— Por que, Derek?

— Por que o quê?

— Por que você fez isto comigo?

— Era o roteiro. Eu segui o roteiro.

— Que roteiro?

— O não-roteiro, o do não-filme. Sabe, Manon, você não saiu durante dois anos com um fracassado, saiba que eu inventei uma arte. Eu inventei o não-cinema e você era de fato a minha não-musa, como disse para a *Match*. Não era brincadeira.

— Derek, você está maluco — diz ela num sussurro.

— Pode acontecer, é verdade, que o gênio se perca nas franjas da loucura...

— Você é mais do que maluco, você está pronto para a camisa-de-força... — acrescenta ela, um pouco mais alto.

— E você já se viu?

— Gente como você precisa ser internada — continua ela, e tenho a impressão de que está se repetindo, e falando cada vez mais alto.

"Grandessíssimo maníaco de merda! Você arruinou a minha vida!"

— Não vamos exagerar.

— Por quê? Por que, Derek?

Ela atira ao acaso e totalmente fora de propósito, e o vaso de cocaína é feito aos pedaços.

— Por que não? — respondo.

— Por que, Derek?

Ela me segura pelos cotovelos e seus olhos brilhantes me suplicam, e subitamente torno-me sério.

— Por causa... do tédio.

— Por causa do tédio... Foi por causa do tédio que você arruinou a minha vida?

Ela está literalmente urrando, e penso em chamar a segurança, mas, em vez disso, eu me jogo aos seus pés.

— Eu sei, chérie, mas eu queria... só um pouquinho... de cinema na minha vida... e, depois, se você me houvesse amado, tudo teria sido diferente.

— Ah, porque agora, ainda por cima, a culpa é minha!

— Eu queria destruir alguém... assim, só para ver. Eu achava isso... recreativo...

— Recreativo.

— Então, escolhi você. E o não-filme começou.

— Pare de me beijar os joelhos, você me enjoa.

— E eu me apaixonei por você, e quis parar com tudo, mas era tarde demais, já tinha escrito o roteiro. O roteiro era perfeito, não podia mais alterá-lo.

— Pare de me beijar os joelhos, já disse.

— Tudo o que fiz foi seguir o roteiro.

— Você me enoja — sussurra ela.

— Manon, eu estou implorando, me perdoe, me dê mais uma chance, a gente só precisa recomeçar tudo desde o início, como se nada houvesse acontecido: vou levá-la até a Chanel. Você vai ter o papel principal no próximo filme de Karénine, o verdadeiro, vamos nos casar em Las Vegas, vamos ter filhos formidáveis, vamos ser felizes e famosos!

— Vá se foder.

— Vou fazer com que você viva num clipe... Que tal, chérie, você vai viver num videoclipe como sempre sonhou.

— Vá se foder, já disse.

Ela me solta uma joelhada no queixo e eu caio em cheio em cima do controle remoto que religa os vinte e três sons de *hi-fi* ao mesmo tempo, e eles voltam a todo volume, e a cacofonia recomeça. Manon dá um pulo e eu me levanto do jeito que posso, e limpo o sangue que escorre da minha boca e lhe digo que ela só tem aquilo que merece.

— O quê? — pergunta ela.

— Exatamente, você só teve o que mereceu. O que você acha, Manon? Que eu fui a pior coisa que podia acontecer com você?

— Desligue essa música!

— Não! — eu berro —, não, você não vai sair desta assim — eu berro me levantando —, você não vai me deixar com culpa no cartório! Você chega aqui com essa cara arrasada, com seis tiros na mão e esse ressentimento babaca! Você atira nos espelhos e nos vasos! Você destrói objetos! Você me joga o pai na cara! A sua vida arruinada! Você devia ter ficado na sua roça, cocota! Eu que não teria ido lá encontrar você.

— Desligue a porra dessa música, Derek!

— Você queria ser uma estrela! Você queria a vida de bacana! Essa vida de bacana que eu dei para você, mas o mundo não queria saber de você. Então, eu transformei o mundo. Que tal, não é bonito isso? E eu gostaria que você me citasse uma pessoa...

— Desligue essa música!

— Cale a boca. Não me interrompa quando eu estou falando, eu detesto ser interrompido por você quando estou falando, você está sempre me interrompendo quando eu falo, uma vez só, cale essa boca! Eu dizia, então, que gostaria que você me citasse uma pessoa sobre esta terra que teria feito isso por você! Eu criei um mundo para você, Manon, para que você se sentisse bem! E você diz que eu arruinei a sua vida! Mas, cocota, eu só estraguei a sua vida no dia em que decidi sair dela. E, se você me houvesse amado, eu nunca teria saído dela.

— Me dê o controle remoto,

— Não, é o *meu* controle remoto. A verdade, Manon, é que você não passa de uma criaturazinha vagabunda de clipe.

— É mentira!

Ela atira numa caixa de som e o *Réquiem* emudece.

— Você não passa de uma safadinha tarada, uma safadinha deslumbrada capaz de qualquer coisa! Você mataria pai e mãe para estreiar numa novela! Você daria para o Homem Elefante se o Homem Elefante fosse um diretor que valesse a pena! Você jogaria ácido sulfúrico na cara da sua irmã se ela descolasse um papel no seu lugar!

— Eu não tenho irmã.

Ela atira em outra caixa e as *Valquírias* param de cavalgar.

— O seu argentino foi uma boa foda, sua puta?

— O quê?

— O seu argentino, o seu jogador de pólo que comeu você que nem uma puta no banco de trás daquela Lamborghini alugada dele.

— Sim, foi uma boa foda, uma ótima foda, a melhor foda da minha vida, eu urrei naquela noite, Derek, acordei Mônaco inteira!

— Ah, foi? — digo eu, e minha ação diversionária funcionou uma vez que, enquanto berrava os insultos, consegui chegar até a minha poltrona, onde está a minha capa, e no bolso de dentro da minha capa está a minha arma. — Ah, é? Repita isso para mim — peço, enquanto tiro o objeto.

— Eu tive três orgasmos vaginais!

— Três?

— Três.

— É mentira — urro —, você é frígida!

Eu atiro numa caixa e Lou Reed se cala.

— Eu não sou frígida — responde ela, e atira numa outra caixa e Kurt Cobain se cala.

— Pare de ficar atirando nas caixas! — é a minha vez de urrar antes de atirar eu mesmo, por reflexo, naquela que ampliava o som dos Guns, e os Guns se calam.

— Não — diz ela, fazendo do verbo ação, e o Coro do Exército Vermelho se cala e, como agora o barulho diminuiu bastante, eu posso falar sem berrar.

— Sabe, eu sofri muito quando soube a respeito do argentino.

Ela suspira.

— Você teria um pouquinho de pó?

— Sim, está em cima da mesa, sobrou uma sobancelha. A esquerda.

Ela se ajoelha diante da mesa e levanta os cabelos antes de tirar uma nota gasta de pouco valor do bolso do *jeans*. Ela enrola a cédula, os olhos abaixados, e seu gesto está impregnado de lassidão e eu sinto, de repente, um tristeza infinita.

— Você quer uma nota de quinhentos? Estou cheio delas.

— Não, assim está bom, é muito gentileza, obrigada — responde ela antes de cheirar a boca, o nariz e os dois olhos.

— Puxa, você tem um fôlego danado, agora — digo eu com admiração.

— Obrigada — responde ela modestamente —, é o hábito. Você tem alguma coisa para beber?

Eu passo para ela a minha garrafinha quase vazia.

— Ah, essas porras de miniaturas — diz ela —, eu gostaria de saber quem é a porra do pastel que as inventou.

Em seguida, ela bebe no gargalo e, ao descansar a garrafinha, me olha com um ar estranho, e eu percebo que está chorando.

— Por que você está chorando? — pergunto.

— Derek, você tem alguma ideia do significado da palavra "desperdício"?

Eu tento me lembrar, mas, apesar de todos os meus esforços, não faço a menor ideia.

— Não faço a menor ideia.

— Irreversível?

— Um filme bastante genial.

— Derek... você continua bancando o babaca?

Como não sei o que dizer, me contento em me ajoelhar ao seu lado e pegar o canudo na mão dela e cheiro a quase totalidade dos cabelos. O pó bateu e, um pouco antes de implodir, eu acaricio os cabelos de Manon, e nós trocamos

um olhar, um olhar simples, lento, luminoso, eterno, e neste simples olhar está nosso primeiro encontro, e a inocência dele, e todos os fantasmas que há entre nós, nele está o sapateado de salto alto no assoalho que emudeceu, nele está o significado da palavra "desperdício" e o significado ainda mais claramente insuportável da palavra "irreversível", nele está o que não há no roteiro, sobre o qual, finalmente, estou me lixando, nele há minha sonata inacabada e o cadáver de um piano, nele está nossa história inacabada e um cadáver com os olhos fluorescentes, nele existe até um nevoeiro de lágrimas e, mais ainda do que aquilo que vivemos juntos, aquilo que não vivemos.

Ela leva a mão ao rosto e limpa os restos de cocaína como se estivesse enxugando uma lágrima, e existe um não sei quê de definitivo no seu gesto — ela, agora, era uma mulher — e, como eu odeio cair em prantos diante de uma mulher, ponho de novo os óculos escuros, e Manon me olha incrédula, antes de se afastar bruscamente de mim e se levantar, cansada como uma velha prostituta, ela bate o pé no mesmo lugar e olha para cima, as mãos juntas na arma como se estivesse rezando — o quê? O lustre? E depois os tiros começam, e eu acho que estou morto, que ela também, é melhor assim, mas reabro os olhos, e ela simplesmente atirara ao acaso, sem dúvida para descontrair, e tem motivo de sobra, e é em câmera lenta que vejo a porta de um armário se soltar da dobradiça e cair no chão com um estrondo, e o armário entupido a mais não poder começa a derramar lentamente seu conteúdo, e eu digo comigo mesmo: "puta que pariu" e começa a chover fotografias ao redor da gente arremessadas de um ventilador para o outro, e uma dentre elas vem voando — é claro — até cair nas mãos de Manon, e eu reconheço a foto da *Vogue* italiana, a primeira, e Manon a pega, e olha para ela como se a estivesse vendo pela primeira vez para depois amassá-la com as mãos, melhor dizendo, socá-la,

com uma cara malvada e eu não gostaria de ser aquela fotografia. E depois Manon, que está se achando realmente um derivado de Lara Croft, atira no outro armário, e nos armários que estão em frente, e três portas vêm ao chão, uma atrás da outra, e as fotos voam, chovem, rodopiam, e o ar fica saturado, o assoalho juncado, e eu havia me esquecido que havia tamanha quantidade, e Manon volteja para alcançá-las, parecida com uma menina debaixo da neve tentando inutilmente pegar os flocos que se derretem em suas mãos, ou melhor, uma louca perdida, mas o plano não é nada mau.

E então Manon se vira para mim, com um movimento preciso, milimétrico, estroboscópico, e ocupa a tela inteira, e com um gesto preciso, milimétrico, estica o braço na direção da música, e dá mais uns tiros, e *Souvenirs* se cala, e ela atira, e Leonard Cohen se cala, e ela atira, e os White Stripes se calam, e o *Adagio* se cala, e Gainsbourg se cala, e Marilyn Manson se cala, e *Expresso da meia-noite*, Softcell, Metallica, Puccini, Radiohead, Nirvana e Chopin, todo mundo se cala, e depois do massacre a música quase acabou, quase porque sobrou Nina Simone, que está cantando *Don't let me be misunderstood*, mais do que Nina Simone, Manon e eu somos incompreendidos.

E, num gesto preciso e milimétrico, Manon toma conta do controle remoto e aumenta o som no máximo, sem dúvida porque, depois de todas aquelas detonações, ela não deve realmente, realmente, estar escutando mais nada, para em seguida apontar a arma para mim e me mandar recuar.

— Para trás — diz ela.

— Ei — respondo —, você parece estar se esquecendo de um pequeno detalhe, que eu também estou armado.

— Para trás — diz ela.

— Aliás — observo —, a minha máquina é melhor que a sua.

— Para trás — diz ela, e o que me gela o sangue em seguida é o fato de ela acrescentar com um cinismo do qual não a sabia capaz: "Estou enquadrando. Recue".

E eu recuo.

— Você só queria um pouquinho de cinema na sua vida, não é Derek? — pergunta.

— Na verdade, eu...

— Você queria cinema? — grita ela.

— É isso aí — digo —, é isso aí.

— O cenário lhe é conveniente? A iluminação? A música? Tudo bem? Você está se sentindo à vontade?

— Eu... eu não estou maquiado.

— Então, câmera! — ela urra. — Ação!

Ela se aproxima de mim.

— Olhe para a câmera!

— Que câmera? — pergunto.

— Isto é a câmera!

Ela aponta a arma no meio da minha cara.

— Ah, tudo bem — digo eu —, OK, entendi.

— E, agora, sofrimento!

— O quê? — pergunto.

— Sofrimento! Você está interpretando alguém que sofre. O seu personagem manipulou um ser humano inocente, o ser humano inocente voltou-se contra ele. Daqui a alguns segundos, o seu personagem será torturado e executado. O seu personagem está vivendo seus últimos instantes. Você deve, portanto, tremer, gemer, urrar, suplicar, pedir perdão. Vamos lá. E um pouco de autenticidade, por favor.

— Ah, entendi — digo —, tudo bem, entendi, aiaiai-iiiii!

— Isto foi uma droga — diz ela, como se fosse capaz de fazer melhor.

— Hum, sabe, eu, de improvi...

— NÃO SE MANIPULA SERES INOCENTES IMPUNEMENTE!

— Hã?

— SOFREENDO!

— Ah!— digo. — Ah, hã, me poupe, Manon!

— VOCÊ É UMA DROGA! UMA DROGA! — Hum, bem, eu avisei.

— Que tal assim?

Ela atira na minha perna e eu solto um urro.

— Nada mau. Melhorou. Está vendo, basta um pouco de direção positiva para mostrar do quanta você é capaz.

Eu berro:

— Está maluca, é? Ficou doida?

— Isto não está no roteiro, Derek, obedeça um pouquinho o roteiro. Na sua fala você não me pergunta se estou maluca: eu disse para você gemer, urrar, chorar, suplicar. De forma que FAÇA ISTO!

E ela atira na minha outra perna e eu urro mais forte ainda e vejo o sangue se espalhar em cima de mim, sem conseguir imaginar que se trata do meu próprio sangue.

— Ótimo, genial, você incorporou o personagem, viu como consegue? Agora chora, eu quero um grande primeiro plano da sua cara escrota cheia de lágrimas com esses seus óculos escuros ridículos! Chora! CHORA, BABACA!

E ela atira no meu joelho. Agora, eu atiro de volta, e a bala passa de raspão no seu ombro, e vejo um pouco de sangue espirrar, e ela cai na gargalhada e diz:

— Errou!

Ela atira no meu braço, e no outro joelho, e esta merda de sangue que não é meu escorre aos borbotões, e eu junto todas as minhas forças que sobraram para agradecer os meus anjos da guarda de terem me feito cheirar bastante

pó para aguentar cinco merdas de balas na pele, e sinto vontade de vomitar e atiro nela, errando de novo, e atiro mais uma vez, e outra vez, e outra, e outra, até descarregar a minha arma, antes de gritar, e acho que acertei nela, mas ela continua a rir e não enxergo mais grande coisa, e não sinto mais grande coisa, apenas o meu dedo apertando o gatilho da arma descarregada, apenas Manon que se aproxima com um anúncio na mão que me joga na cara berrando: "Volte para o criador, babacão!", e acho que além disso estou cheio de anfetamina e tenho essa ideia "sobreviver", que desaparece imediatamente, levada pela música, a qual escuto ainda, ouço Nina Simone, e já não estou mais aqui, estou na Côte em pleno passado, e piso no acelerador, o sol amanhecendo e passei a noite em branco, e respiro Dolce Vita, o perfume de Manon, carregado de cheiro de cigarro e transpiração noturna, misturado ao do café, e é o odor mais doce do mundo, e digo a mim mesmo que vou ficar com queimaduras horríveis de sol se dirigir até Saint-Tropez, num conversível nesta camiseta de manga curta com esse sol forte, e seu brilho arranha o meu rosto quando abaixo os óculos escuros para melhor contemplar as cores da manhã no rosto de Manon, e a gente segue a toda velocidade, através dos pinheiros e viadutos, soltos, planando, e o motor ruge quando reduzo a marcha para acender um cigarro que Manon arranca da minha mão, e o mar aparece crestado no retrovisor, e nós somos tão jovens e tão belos e Nina Simone canta, e Manon também canta, porra, como estou feliz, mas não, Manon não está cantando, Manon berra, Manon geme e é noite, e eu estou desesperadamente imóvel, nunca estive tão imóvel e tento também não me mexer, e tento não chorar, Manon berra:

"E agora morra", e eu não sei muito bem em que ordem eu escuto sucessivamente três detonações, sinto também a dor nos tímpanos, ao mesmo tempo que no pulmão, e a cartolina insolente no meu peito se mancha com um sangue

que não é o meu. até que a palavra "FIM" fique afogada, e eu acho que fui eu quem a escreveu, até que a minha garganta também está afogada e respirar se torna um suplício, e tudo é um suplício, mas não por muito tempo, digo com os meus botões, não há mais sol, nem música, nem velocidade, a súbita parada, o que está acontecendo, os meus dedos crispados no volante se soltam e caem, o retrovisor se inunda com uma maré de sangue, está escuro, eu sofro, e a música se cala, o silêncio, o negrume, o sofrimento, silêncio negrume... negrume... mais nada, apenas Manon, e eu não consigo entender como cheguei a dizer neste estado, tão clara e precisamente:

— Prefiro morrer pelas suas mãos a viver sem você... E francamente, cocota, você me liberta de um peso enorme.

19 Cortina, bravo!

MANON - De início, a única coisa que escutei foi uma vibração surda, semelhante ao barulho que a gente escuta debaixo d'água ou quando os vidros tremem à passagem de um carro rompendo o silêncio das ruas desertas de madrugada. Acreditei que os meus sentidos estavam me pregando uma peça, depois de todas aquelas detonações, depois do que eu acabara de fazer. A vibração, em seguida, foi se transformando num alvoroço familiar que não percebi na hora, devido ao choque. Eu parei de correr. Não havia ninguém no corredor. Eram aplausos.

O alvoroço cresceu, se propagou, até se transformar numa algazarra, e escutei alguém assoviar, logo seguido dos outros, e depois dispararam um bravo, e um outro, e mais um, e os aplausos dobraram de intensidade. Pelo menos cinquenta pessoas, em alguma parte deste hotel, sapateavam, urravam e batiam palmas a ponto de doer. Abre-se uma porta, e a seguinte, e todas as portas do andar, de onde sai uma multidão, todas as pessoas aplaudindo, e a multidão forma um círculo à minha volta, e todos me olham e acho que sou eu que eles aplaudem. Um sujeito com um microfone brandiu uma garrafa de champanhe, eu escutei a rolha pipocar e a multidão se juntou em volta, e todos tinham um microfone, ou um áudio, fone de ouvido, ou algum aparelho qualquer, e todos seguravam uma taça de plástico. E o sujeito com a garrafa avançou na minha direção e me estendeu um copo. Ele era feio, insignificante, bem-vestido, mais bem-vestido que os outros, quanto a mim, eu tinha ainda a arma na mão. O sujeito me disse "*Bon soir*", e ele arranhava os "r" como um cafetão moscovita, acrescentando em seguida "Venha, eu quero mostrar uma coisa para você", e ele me segurou pela

cintura, a multidão se abriu para nos dar passagem e entramos na suíte defronte.

A entrada era igualzinha àquela que eu costumava atravessar toda noite naquela época distante em que vivia com Derek, com o grande espelho em cima da cômoda onde jogava com violência a minha bolsa, uma vez que, naquela época, eu tinha sempre uma razão ruim para ser violenta, e foi no espelho que vi o Derek.

Achei que fosse morrer de susto, eu me virei e dei alguns passos na direção dele. Não era Derek, é claro. Derek esfriava tranquilamente a duas ou três paredes dali, e não voltaria mais, a não ser para me assombrar em meus pesadelos. Não, aquilo era a sua efígie de papelão, tamanho natural, num terno preto, com aquele ar babaca que ele assumia sempre que queria cortar secamente uma conversa que o incomodava. Derek de pé, um charuto de papelão na sua boca de papelão, e, atrás da ampliação, fechando as janelas, enchendo a sala, havia cerca de trinta, talvez cinquenta Dereks, cinquenta Dereks congelados. Derek de capa de chuva, mal barbeado num café vagabundo, o rosto alterado, segurando seu copo de conhaque com dois dedos, como se estivesse em não sei que clube. Derek, ao que parece, na Market, cercado de piranhas, acendendo um charuto com uma nota de quinhentos, Derek diante da tela de plasma assistindo a *O matador* com as legendas dos surdos-mudos em cantonês, cafungando um pouco de pó sem muita convicção. E eu também apareço com a imagem congelada. Morena e estática, com aquele maldito vestido vermelho que eu preciso jogar na fogueira um desses dias, na *avant-première* de *Superstars*, estou congelada beijando Derek, estou congelada transando com Derek, estou congelada tirando a maquiagem, estou congelada me bronzeando no barco com o meu maiô Pucci, estou congelada andando na Madison, com Mirko nos meus calcanhares carregando minhas compras, estou congelada

declamando *A gaivota* com, no plano de fundo, aquele canalha de Karénine II gozando, ainda por cima, com a minha cara, estou congelada dormindo, estou chorando congelada.

Tinha cinquenta porras de telas de televisão naquela sala, e uma tonelada de guimbas de cigarro apagadas em copinhos com café frio, sanduíches comidos pela metade largados nas poltronas, e um delirante painel de controle informatizado.

E, sem saber de onde veio, escutei minha voz berrar: "E agora morra!" e as três detonações sucessivas. E na quinquagésima tela, a única que estava funcionando, assisti a Derek agonizar, com seus óculos escuros e o anúncio "FIM", e eu murmurei: "Parem com isso".

E o sujeito no painel de controle se virou dizendo: "Ah, não, ela não!" e eu reconheci Mirko.

E a garota no painel de controle se virou dizendo: "Stanislas, você não vai me apresentar?"

E eu reconheci a morena de óculos que me descolou uma garrafa inteira de champanhe à socapa no avião para Nova York.

E eu vi, numa das telas, Derek no escuro, sentado no seu piano, débil e prostrado, com uma foto minha no lugar da partitura.

20 Derek, o bilionário

MANON - Era um projeto gigantesco. Stanislas Vojnikodjakovic, o produtor, teve a ideia há quase dez anos quando ainda estava na universidade, no mesmo departamento que Derek. Os dois se conheciam desde pequenos e tinham sido muito próximos. As razões pelas quais eles se afastaram? Stanislas preferiu não as revelar para mim.

No final dos anos 90, com o surgimento do fenômeno da tevê-realidade, Stanislas, que trabalhava, na época, num banco de negócios nova-iorquino especializado na especulação na área das mídias e entretenimento, apresentou sem muita esperança seu velho projeto a um dos diretores de uma rede de televisão americana. Seduzido pelo aspecto cínico e visionário da ideia de Stanislas e pressionado pela crescente necessidade de verba para tirar sua rede do aperto de capital, este homem, que prefere guardar o anonimato, comprou a ideia de Stanislas por uma quantia cuja cifra ignoro, mas que, segundo as especulações da imprensa econômica, fora de várias dezenas de milhões de dólares, à condição de que Stanislas conseguisse obter uma autorização para transmitir assinada por Derek de próprio punho, ou de seus herdeiros em caso de sinistro.

Sem esta autorização, Stanislas estava obrigada a devolver a totalidade do adiantamento, sem contar o pagamento pelos prejuízos substanciais e interesses da rede.

Interesses da rede.

Ele arriscava alto, a rede também.

O projeto foi orçado em trinta milhões de dólares — fora o pagamento de Stanislas, até que não era tanto assim. Ainda por cima sendo co-produzido pela França, onde a maior parte do programa aconteceria. Reino Unido, Hong-Kong, Japão, Alemanha e Venezuela, onde a família de Derek angariou muitos inimigos. Stanislas, que soube convencer os investidores com a sua determinação e capacidade, teve carta branca. Os trinta milhões foram destinadas oficialmente ao aluguel do equipamento, ao salário dos técnicos e a divulgação. Oficiosamente, uma grande parte do budget foi usada para corromper a comitiva de Derek:

Mirko, o seu primeiro escudeiro, em particular. Além de câmeras de vídeo de alta definição, microfones de longo alcance foram dispostos na suíte de Derek: atrás dos espelhos, nos balcões, substituindo câmeras de segurança, da mesma forma que nas vinte e seis automóveis de Derek, na sua casa de Saint-Tropez e até no salão de conferências das empresas aonde ele nunca ia, e isto apesar da resistência dos acionistas que receavam a eventualidade de uma espionagem industrial. Derek, felizmente, gostava dos cômodos bem iluminados. Cada vez que Derek precisava viajar, Mirko, que acumulava as funções de lacaio, traficante, proxeneta, agente de viagem encarregado de reservar os hotéis, os aviões, ou ainda deixar o jatinho pronto (o piloto do jatinho, é claro, fazia parte da armação), Mirko, então, avisava Stanislas com bastante antecedência para que este pudesse preparar a equipe. No caso de uma partida imprevista, os dois cameramen que seguiam Derek vinte e quatro horas tinham instruções de não perdê-lo de jeito nenhum, mesmo no fim do mundo. Todas as pessoas suscetíveis de se encontrar com Derek, ou de falar com ele, tinham que usar permanentemente microfones. A cabeceira de todas as camas onde Derek supostamente dormiria neste mundo estavam grampeados. Graças a isso, eu pude

escutar a mim mesma transando. Era divertido. Graças a isso, soube que Derek nunca me havia sido infiel.

A gravação começou há dois anos, numa tarde de outono, num café vagabundo perto da Ópera, mantido por um casal de dois antigos mambembes: Albert e Lullaby. Aquilo que só deveria ter sido um ensaio, apenas um piloto, mostrou-se tão contundente que a gravação fora escolhida para abrir o primeiro episódio na montagem final. O último episódio termina com as últimas palavras de Derek depois de eu ter dado cabo dele naquela noite.

Depois de dois anos, dois anos de gravações, cuja maior parte do copião se mostrou imprestável, Stanislas só conseguiu editar três filmes de cento e vinte minutos cada, destinados a serem projetados primeiro em cinemas, para serem em seguida divididos em dezoito episódios de vinte minutos a serem agora transmitidos no final da tarde de domingo, com exclusividade, nos Estados Unidos, depois na França e, finalmente, nos países associados, com o título de DEREK, O BILIONÁRIO.

Originalmente, foi o desejo louvável de Stanislas de restituir no conceito de tevê-realidade sua carga inicial de verdade que o levou a lutar pela realização do projeto, uma verdade da qual todos os derivados desse tipo de gênero se afastavam cada vez mais, vendendo como autênticas e espontâneas as reações de indivíduos que estavam cansadas de saber que estavam sendo filmados. Derek e eu ignorávamos que estávamos sendo filmados, e foi o que conferiu ao programa toda a sua honestidade, além de um enorme valor documentário através das esferas em que circulávamos e da vida fora do comum que levávamos.

Além desse desafio, que implicava o risco nem um pouco desprezível de uma recusa nossa de autorizar a transmissão, juntamente com a perda categórica de trinta milhões de dólares, Stanislas fez questão de que DEREK, O BILIONÁRIO fosse, na medida do possível, um verdadeiro

longa-metragem para o cinema com as qualidades técnicas e recursos de roteiro que isso significa. Entregue aos melhores técnicos, dotados do melhor equipamento possível, a trilogia pôde ser montada nas melhores condições possíveis. A aposta foi coberta: graças a uma montagem planejada, a versão final daquilo que fora de saída um simples segmento da vida privada, não ficou devendo nada às produções mais sofisticadas de Hollywood. Quanto às suas qualidades visuais e sonoras, apesar de não terem pretensão de concorrer com aquelas usualmente encontradas nas grandes produções, ficaram de qualquer forma bem acima daquilo que se podia esperar de uma produção televisiva.

Uma divulgação delirante está para começar nesses dias, prevendo a estréia nos cinemas. Ela será bancada, é claro, por Stanislas, além de Mirko e eu mesma. O plano de mídia do meu lançamento é digno de uma estrela mundial de primeiro time, estou com a agenda cheia para os próximos três anos. Karénine, o verdadeiro, em consideração a Derek, fez um contato com o relações-públicas da televisão para me oferecer abertamente um papel no seu próximo filme. Uma grande marca de cosméticos gostaria que emprestasse meu rosto para os produtos. Eu tenho uma dúzia de sites na Internet. E acho que se pode dizer que estou aguentando bem.

Só uma coisa me inquieta, não que isso seja capaz de tirar o meu sono, fico, simplesmente, me perguntando: quando foi que Derek assinou esta famosa autorização liberando a transmissão? Perguntei a Stanislas, ele me enrolou com não sei o que a respeito de notas de hotel que a gente assina sempre sem ver. Stanislas e eu, nós nos entendemos bem. Eu lhe sou grata por ele ter me salvado a vida. Foi ele quem me telefonou na hora em que, manipulada por aquele escroto do Derek, estava prestes a estourar os miolos. Sem ele, nunca teria descoberto o que

aconteceu. E ainda por cima — estava esquecendo — ele me salvou dos canas. Ele podia ter facilmente me denunciado para a polícia, não fui eu, afinal de contas, quem despachou o Derek a sangue frio?

Quando ele me explicou o projeto, e me avisou que eu seria uma estrela, eu lhe disse que iria mostrar para o mundo inteiro um filme de fatos reais em que estava assassinando um homem. Ele me respondeu que não, que fora legítima defesa e que Derek também havia atirado em mim. Eu respondi que fora a primeira a atirar, mas ele respondeu: "Não faz mal, a gente vai cortar isso na montagem."

E foi então que compreendi que nada mais poderia me impedir de ser uma estrela. Eu seria uma estrela.

21 Nasce uma estrela

MANON - O tilintar da prataria balançando na bandeja do café-da-manhã foi o bastante para me acordar. O despertar foi fácil, abro os olhos sem esforço, tinha dormido bem. Visto um roupão e me sento a mesa de tampo giratório. Bebo primeiro meu suco de laranja, servindo-me depois de uma xícara de chá. Pego um *croissant* antes de assinar a nota, enquanto o rapaz do serviço de quarto abre as cortinas. O sol invade o quarto, com o clamor de Paris. O garçom vai embora, eu abro os jornais, passo os olhos um pouco rapidamente. Estamos numa segunda-feira, e a revista *Elle* está enfiada debaixo dos jornais. Descubro com naturalidade meu rosto na capa. E, logo abaixo do meu nome profissional, em grandes tipos em caixa-alta, a gente pode ler: "NASCE UMA ESTRELA".

Eu tenho um sorriso e, antes de ligar para o jornalista e agradecer, afasto a bandeja e abro um maço de Marlboro Light. Acendo um cigarro, aspiro uma tragada, depois outra, e mais uma, avidamente até o filtro, e não sinto absolutamente nada, nada além de um gosto asqueroso.

Meus agradecimentos a Manuel Carcassonne, Elsa Gribinski, Élodie Deglaire.

Agradeço a Amélie Beigbeder por ter sido minha primeira leitora e a Frédéric Beigbeder por tudo.

Agradeço a Virginie de Clausade e Benoît, em memória do 6 de novembro de 2003.

Agradeço a Audrey Diwan por ser Audrey Diwan.
